

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Tempo e Linguagem na Psicose da Criança

Candidato: Christian Ingo Lenz Dunker

Orientador: Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Doutor em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia Experimental

SÃO PAULO
1996

Para Mathias

Agradecimentos:

A Cris, que dividiu comigo este desafio e ajudou a torná-lo também um ato de amor.

A minha mãe, minhas irmãs e Benê pela paciência, incentivo e generosidade.

A Omma Ruth e Auntie Marion pelo auxílio filológico, gramatical e semântico e a meu avô pelo apoio nos percursos da psicologia e do pensamento.

A João e Lu pela tolerância e auxílio direto nos momentos de desespero e à pequena Zoé e seu uso admirável da linguagem de onde tirei algumas idéias para esta pesquisa.

A Michele e Ana Laura pela leitura e comentário “crítico” das versões, pré-versões e contra-versões do texto.

A Emma Otta pela coragem, carinho e generosidade com que soube me apontar um novo caminho.

Ao Luís Cláudio pelo acolhimento e risco assumido.

A Marcos e Ciça pela contribuição informática decisiva.

A Tatiana Assad e Deise Spindola pelo inestimável auxílio na coleta de dados.

Ao grupo das quartas-feiras e a meus alunos

Às instituições que me receberam e às crianças de quem aqui falei.

Ao CNPq pelo financiamento que tornou possível a realização desta pesquisa.

A meu pai, **in memoriam**.

Índice:

1. Introdução	01
2. Aspectos Clínico-Descritivos da Psicose na Criança	13
3. Considerações sobre a Epistemologia da Psicanálise	26
4. Sobre a Relação entre Clínica e Teoria na Psicanálise	41
5. Freud e o Modelo da Multiestratificação Linguística	52
6. As Origens do Tema da Linguagem em Lacan: a Tese de 32	71
7. A Origem do Ego: Espaço Imaginário e Tempo Simbólico	81
8. O Sujeito entre a Dialética e a Estrutura	92
9. Etiologia e Diagnóstico de Freud a Lacan	115
9.1. A Etiologia das Psiconeuroses em Freud	115
9.2. As Estruturas Clínicas em Lacan	119
10. A Psicose na Criança	134
11. A Linguagem na Psicose da Criança	146
12. Aspectos de Filosofia da Linguagem: Lacan e a Descrição	153
13. A Temporalidade como Condição de Tradução	174
14. Tempo e Espaço nas Descrições Psicanalíticas	188
15. A Agressão como Metonímia	203
16. A Brincadeira Turbulenta como Metáfora	208
17. O Olhar: Prazer, Satisfação e Gozo	215
18. O Sujeito e o Ato	223
19. Signo, Significante, Som	228
20. Conclusão	232
21. Bibliografia	237

RESUMO

Abordou-se o tema da psicose na criança a partir da teoria psicanalítica de Freud e de seu prolongamento em Lacan. Aspectos metodológicos do uso de descrições clínicas e seu fundamento numa dada concepção de linguagem foram tratados de forma a circunscrever o tempo como condição básica da construção clínica. Propõe-se uma perspectiva de leitura para algumas frações da metapsicologia das psicoses que visa tornar compatível a idéia de tempo como condição descritiva com a idéia da linguagem como modelo do aparelho psíquico. Denominamos tal perspectiva de multiestratificação linguística do psiquismo. Nela, procura-se ampliar a concepção de linguagem inicialmente suposta por Lacan (o estruturalismo saussureano), de modo a acolher algumas teses da filosofia da linguagem bem como valorizar a vertente da linguística da enunciação. O exame de alguns fragmentos descritivos, tendo em vista tal modelo, mostrou que a criança psicótica, entre 7 e 12 anos, mostra grande instabilidade em sustentar simultaneidades de significação. A brincadeira turbulenta foi usada como contexto exemplificador neste caso. A agressividade desta criança pode ser considerada em função da desarticulação da temporalidade. As relações entre satisfação, prazer e gozo encontram-se alteradas em relação a neurose, o que se poderia constatar pela irreversibilidade das montagens pulsionais. Na esfera da fala e do ato de linguagem, o plano do significante, da proposição (frase) e da enunciação não se articulam em formações intermediárias. Sugere-se a valorização da prosódia, do ritmo e da temporalidade da enunciação como caminhos de eventual interesse terapêutico.

ABSTRACT

The subject of a child psychosis was examined based on Freud's psychoanalytical theory and Lacan further studies on the matter. Methodological aspects regarding the use of clinical descriptions and their fundamental procedure according to a given conception of language were dealt in order to circumscribe the time as a basic condition of the description as a clinical construction. A reading perspective is proposed for some aspects of the metapsychology of the psychosis which intended to make compatible the idea of time as a descriptive connection with the idea of the language as model of the psychic apparatus. Such a perspective is denominated linguistic estratification of the psychic. In this they seek amplify the initial conception of language presumed by Lacan (the structural conception derived from Saussure) in order to include some thesis of the philosophy of language as well as to valorize the side of the linguistic of enunciation. The examination of some descriptive fragments, considering such a model, showed that a psychotic child presents great instability in sustaining simultaneous meanings contexts. The rough-and-tumble play was used as sample context. His aggressiveness was considered as temporally unarticulated. The relation among "**jouissance**", satisfaction and pleasure become altered in relation to neurosis which could be verified by irreversibility of the grammar of the drive (**Trieb**). Finally, in the sphere of talking and of the speech acts the plan of significant, the proposition and the enunciation do not connect in intermediate formations. The value of the tone, the rythm and the temporal enunciation was suggested as the route to eventual therapeutic interest.

RÉSUMÉ

Le thème de la psychose chez l'enfant fut abordé à partir de la théorie psychoanalytique de Freud et son prolongement chez Lacan. Les aspects méthodologiques au sujet de son utilité dans les descriptions cliniques, et sa fondation dans une certaine conception du langage furent traitées de manière à circonscrire le temps comme une condition base de description dans la construction clinique. En conséquence, on propose une perspective de lecture portant sur quelques aspects de métapsychologie du psychisme qui visent à rendre l'idée du temps compatible comme condition descriptive avec l'idée du langage comme un modèle d'appareil psychique. Nous dénomons cette perspective de multi-stratification linguistique du psychisme. On cherche à développer en elle la conception initiale du langage supposée être par Lacan (le structuralisme saussurean) de manière à recevoir quelques thèses de philosophie du langage, bien comme valoriser la ramification du linguistique de l'annonce. L'analyse de quelques fragments descriptifs ayant en vue ce modèle, démontra que l'enfant psychotique qui démontre une grande instabilité à soutenir simultanément la signification (le jeu turbulent fut utilisé comme un contexte exemplaire). Son agressivité fut considérée comme provenant d'une humeur désarticulée. Les relations entre la "jouissance", la satisfaction et le plaisir furent trouvées changées en relation à la neurose, où pourrait constater par l'irréversibilité de la grammaire de la pulsion. Finalement, dans le cercle de la parole et de l'acte du langage, au plan de signification de la proposition et de l'annonce on observe aucune articulation en formation intermédiaire. On suggère la valorisation de la prosodie, du rythme et de la température de l'annonce comme des chemins pour un futur et éventuel intérêt thérapeutique.

Nota sobre a Bibliografia

Os artigos e livros de Freud e Lacan serão referidos em português e indicados no texto a partir da data provável de sua redação ou pronunciamento. No caso dos Seminários, será indicado o número do livro correspondente de acordo com a ordem e titulação estabelecida por Jacques-Alain Miller. Recorremos a tal procedimento, uma vez que pareceu-nos importante preservar a ordem de acontecimento dos textos no interior das respectivas obras, sem tornar a citação demasiadamente extensa no corpo do trabalho. As demais referências indicam sempre a data da edição ou reimpressão sobre a qual trabalhamos.

1. Introdução

A origem de meu interesse pelo tema da psicose na criança merece ser colocada. Em 1988, freqüentava o quarto ano do curso de psicologia e inscrevi-me numa disciplina cujo objetivo era introduzir o aluno à prática da pesquisa. Sob orientação da Profa. Emma Otta, passei a estudar uma forma de comportamento que vinha recebendo um interesse crescente de etólogos em várias partes do mundo: a brincadeira turbulenta. Essa espécie de imitação lúdica da agressão estava presente em muitas culturas, em diversas espécies de animais e aparecia espontaneamente no início da vida dos indivíduos - três indicações que faziam supor a relevância filogenética deste comportamento.

Nossa primeira pesquisa, de cunho observacional, procurou investigar as variações que poderiam existir na brincadeira turbulenta, comparando sua incidência entre crianças de escolas da classe alta de São Paulo e crianças que freqüentavam instituições públicas da periferia desta mesma cidade. As crianças deste último grupo pareciam muito mais hábeis em interpretar o limiar entre a brincadeira e a agressão efetiva (Otta, 1988). Essa modulação “cultural” de um comportamento, suposto como “biologicamente determinado”, combinava com o que, na época, o campo teórico da etologia chamava de ponto de vista interacionista; isto é, a concorrência de aspectos da ontogênese e da filogênese no entendimento de um comportamento ou de um sistema desenvolvimental.

Continuamos engajados nesta pesquisa após o encerramento oficial da disciplina e levamos os seus resultados a congressos específicos. No entanto, neste mesmo período, uma outra perspectiva passou a ocupar minha atenção: a psicanálise. A esta altura, estava em análise e me engajara em mecanismos de formação extra-universitários. O pensamento de Jacques Lacan passava por uma disseminação editorial, institucional e universitária em São Paulo. Dediquei-me então ao estudo de seus textos. O que conseguia ter acesso, e decifrar, revelava a presença clara de um elemento não inteiramente desconhecido para mim: a etologia. Esta fora o ponto de partida para a noção de estádio do espelho e aparecia referida em várias partes dos primeiros Seminários e ainda nos **Écrits**. Lacan fazia menção aos estudos de Lorenz, Tinbergen, Bolck, à teoria da recapitulação, ao caráter prematuro do bebê humano e suas conseqüências; autores e concepções que de uma maneira ou de outra ainda estavam presentes nas discussões etológicas do momento.

Encontrava-me, então, passando para o quinto ano do curso de psicologia e como bacharel decidi arriscar a continuidade da pesquisa etológica no mestrado. A primeira intuição era a seguinte: se do ponto de vista etológico variações culturais, contextuais e etárias são fatores significativos, e intervenientes na determinação da interpretação do limiar entre o lúdico e o agressivo, talvez variações de cunho psicopatológico, como as supostas para a psicose na criança, se mostrassem igualmente importantes. Por outro lado, a presença desta perspectiva ia de encontro a certas posições, que pensava encontrar nos textos de Lacan, e que, imaginava, poderiam ser renovadas com os estudos etológicos mais recentes ¹.

As diversas reformulações conceituais relativas ao problema da psicose em Lacan provinham de uma maneira de reinterpretar as teses freudianas sobre o narcisismo, especialmente no que toca à formação do ego e à teoria da libido. A conexão entre o conceito de narcisismo e o seu apoio nos estudos etológicos faziam do tema da psicose na criança uma encruzilhada muito sugestiva.

O projeto do mestrado mostrava-se promissor tanto do ponto de vista pessoal, por reunir pontos de interesse distintos, como teórico, por reatualizar uma aproximação, presente em Lacan, e que estava ausente do cenário psicanalítico naquele momento. O produto deste trabalho será sumarizado brevemente no próximo capítulo. Posso dizer, no entanto, que esta articulação, pretendida no mestrado, mostrou-se naquele momento inviável. Os problemas preliminares a contornar para a realização desta síntese entre psicanálise e etologia escapavam aos limites do tema. Uma série de objeções epistemológicas e metodológicas encabeçavam a lista de contra-indicações. Como acolher descrições etológicas em solo psicanalítico? Qual e por que haveria aí uma incompatibilidade originária?

Apesar das descrições fundadas em observações diretas, fora do contexto analítico, serem uma constante na tradição anglo-saxônica de psicanálise, o mesmo não pode ser dito com relação a tradição inaugurada por Lacan. Como se sabe, a linguagem ocupa um destacado papel no pensamento deste autor. Descrições são formas de usar a linguagem geralmente associadas a uma perspectiva empirista quanto à origem do conhecimento. Seria necessário portanto ver em que medida essa associação entre

¹ Contribuiu ainda para a escolha do tema, um flanco clínico que mostrava, nos escritos influenciados pelo lacanismo, uma paisagem quase desértica em descrições. A psicose na criança possuía além disso uma incipiente tradição de comentário e interpretação psicanalítica; um campo onde os problemas não estavam claros e o consenso era raridade; um campo onde talvez descrições ingênuas fossem ainda toleradas.

um método, uma técnica e um solo epistemológico eram realmente necessárias e qual o fundamento de sua incompatibilidade.

O que havia para ser enfrentado nos levava do tema da descrição ao secular problema das raízes epistêmicas da psicanálise. Que modo de conhecimento ela deveria supor? Como este se transmitia e como se reproduziam, dentro da psicanálise, dissensões cuja origem estão na própria história da filosofia?

Neste ponto e parcialmente provocados por este tema, iniciei a graduação em filosofia, em conjunto com o segundo ano do mestrado, disposto ingenuamente a esclarecer as inúmeras extrações filosóficas do pensamento de Lacan: Hegel, Heidegger, a lógica e o cenário geral do estruturalismo francês da década de 60. Além disso, dispunha-me a detectar a origem da incompatibilidade epistemológica sistematicamente apontada em meu projeto teórico.

Surgiu daí a idéia de que qualquer discussão epistemológica era, ou poderia ser, reduzida a uma questão sobre o entendimento e concepção do que é linguagem. Nem sempre isso é tematizado ou explicitado mas de alguma forma parece estar suposto em qualquer projeto de conhecimento. Se nesta dada concepção comparecem ou não implicações éticas, estéticas, lógicas, sociológicas ou psicológicas da aceção de linguagem utilizada isto já corresponde a uma tomada de posição e um trabalho de explicitação que talvez possa substituir as antigas e duras perguntas tradicionais como: ciência ou não ciência, empirismo ou racionalismo, idealismo ou realismo etc.

O significado de uma eventual teoria do conhecimento compatível ou implicitamente presente no subsolo da teoria psicanalítica pareceu-me perfeitamente relativizável diante do imenso problema representado pela linguagem. Em boa parte, o nosso século transformou o problema da origem, possibilidade e crítica do conhecimento na questão da origem, possibilidade e crítica da linguagem. Diante desta perspectiva, uma investigação epistemológica de base poderia se resumir a responder a seguinte pergunta: qual a concepção de linguagem que deveríamos levar em conta se quiséssemos produzir descrições compatíveis com as premissas da psicanálise de Lacan? Haveria aí uma concepção absolutamente própria? Seria ela irreduzível ou alinhável com a filosofia analítica da linguagem, ou com a fenomenologia, ou ainda com o pragmatismo linguístico contemporâneo?

Nesses termos, parecia importante situar as premissas de uma eventual concepção de linguagem em Lacan para daí retomar o problema da assimilação de descrições. A tarefa poderia extrapolar qualquer limite razoável para uma tese mas poderia ser proposta, com alguma generalidade, para uma sustentação provisória de minha posição.

Por ora, é importante colocar que a presente pesquisa de doutorado visa levar adiante a solução de problemas tanto clínicos quanto metodológicos surgidos a partir da observação da atividade lúdica de crianças com diagnóstico de psicose e da tentativa de esboçar algumas premissas epistêmicas e metodológicas para a descrição clínica em psicanálise. A síntese entre etologia e psicanálise está descartada mas os caminhos e encontros que ela propiciou, não. Parti portanto da mesma base descritiva procurando tratá-la de um modo diferente. Para realizar isso, acabei me interessando pelos problemas mais gerais ligados ao estatuto da linguagem nas descrições clínicas em psicanálise.

Durante o período de reflexão sobre o doutorado, consolidava minha prática como analista além de trabalhar como supervisor e professor numa faculdade de psicologia. Como supervisor e supervisionando, comecei a notar que o problema das descrições clínicas extrapolava a esfera da justificação metodológica e da filiação epistemológica. Quando um aluno ou um supervisionando descrevia exaustivamente os acontecimentos de uma sessão e perguntava em seguida o que fazer, isso em geral, se ligava a uma espécie de alienação no saber do supervisor, às vezes também deslocada para a teoria. Notei que, quanto mais minuciosa e exata era uma descrição, menos implicado o sujeito e menos raciocínio clínico se fazia notar. Contar tudo era como uma maneira de não dizer nada.

A prática da observação em sala de espelho era rigorosamente ajustada ao princípio de que uma boa observação conduz a uma descrição objetiva, que não perde nada em relação aos acontecimentos neles mesmos, base sobre a qual o caso deve ser examinado. Substitui-se assim, com vantagens o modelo da tutoria tão eficaz na transmissão da clínica médica. Anotações fiéis das falas da sessão exigiam uma memória ideal para que assim se pudesse ter acesso à pureza do “material” clínico. Ocorre que o dispositivo como um todo se mostrava uma máquina de alienação que se justificava, tacitamente, com um dada concepção de linguagem. Uma concepção que parecia ignorar as premissas de onde partia: a própria hipótese do inconsciente. As descrições intermináveis eram de pouca valia

para a reflexão clínica, elas desinvestiam o sujeito em formação da capacidade de pensar ou escutar e sob reinvestiam sua capacidade de observar. A escrita minuciosa de todas as falas da sessão, o cuidado para que nada escapasse se associavam à uma expectativa de que tudo devia ser traduzido, e de preferência, teoricamente traduzido. A uma descrição total deveria corresponder uma escuta total. A linguagem neste caso serve então ou para representar o que acontece no mundo ou para expressar afetos e emoções. Nada aí indica que a linguagem e a fala sejam o campo específico onde se desenrola e se constrói a psicanálise, que esta se alimente de seus embaraços e ambigüidades. Mas isso significa que todo discurso descritivo é sintomático e de saída não aproveitável para a clínica ?

Agora, a pesquisa se colocava como uma investigação sobre a especificidade da enunciação que coordena ou perpassa as descrições clínicas, os limites de seu estilo, suas possibilidades literárias e narrativas além da própria condição do sujeito nesta descrição. Haveria uma distinção, relativa à enunciação, entre o proceder descritivo da psicanálise e da pesquisa psicológica, seja ela de inspiração etológica ou fenomenológica, ou ainda psiquiátrica ² ?

Que tipo de sujeito poderia ser compatível com a descrição clínica que procuramos ? Aqui nos defrontamos com um paradoxo de uma teoria como a da psicanálise que procura abordar algo como o inconsciente. Isto é, haveria algo de particular nesta abordagem ou o psicanalista ao fazê-lo se transformaria num pensador, num cientista social ou filósofo, dos quais se distinguiria pelo tema abordado ? Em outras palavras, haveria algo como uma teorização "psicanalítica" da psicanálise ou uma fala analítica sobre a análise ³ ?

Desta maneira, não apenas a incompatibilidade epistemológica deveria ser seriamente meditada mas também as diferenças e especificidades da descrição quando se considera a psicanálise como uma clínica. Se entendemos por clínica o campo que reúne e articula temas como: diagnóstico, sintoma, transferência e interpretação podemos perguntar: mas qual a relação entre este campo e a teoria

² Nosso problema poderia ser assim resumido: se a clínica psicanalítica, estrito senso, não se aplica à psicose e se a teoria psicanalítica procede unicamente da clínica não há como explicar as referências à psicose. Se, no entanto, a teoria psicanalítica se alimenta de fontes extra-clínicas é preciso dizer sob que condições e em que limites. O que ficava claro, a esta altura, é que não havia como abordar psicanaliticamente as psicoses na criança se não incluíssemos esta abordagem no que tradicionalmente se chama de "psicanálise aplicada".

³ Procuramos nos afastar, em relação a este ponto, do argumento de autoridade iniciática a partir do qual a psicanálise em última instância se justificaria teoricamente pela experiência infável e intraduzível da ascense pelo divã e que a cada dificuldade de explicitação, esta seria trazida para justificar a impotência em prestar contas de sua ação.

psicanalítica ⁴ ? Se a condição fundamental da formação é a experiência da própria análise, se a clínica decorre em última instância de uma espécie de reinvenção desta experiência, qual é afinal sua relação com a teoria ?

Podemos pensar num primeiro tipo de relação onde a clínica seria a prática mesma sobre a qual a teoria se exercita. Ocorre que, entre uma e outra instância, é necessário alguma forma de descrição, relato ou narrativa sobre a qual a teoria exercerá seu poder de organização, crítica, classificação ou reflexão. O problema inicial é então definir os eventuais atributos, características ou exigências que deveriam estar contidos numa descrição para que ela pudesse ser acolhida pela práxis psicanalítica ⁵. Isso poderia explicar não apenas as restrições à descrição de tipo etológico mas a outras que lhe são muito próximas como a descrição psiquiátrica e a descrição psicológica clássica de tipo anamnésica, por exemplo ⁶.

A descrição etológica parte da confiança na possibilidade da linguagem representar a realidade. e visa consolidar certas relações entre o mundo das palavras e o mundo dos acontecimentos . A clínica psicanalítica pode ser considerada como dependente de exigências homólogas⁷. Trataria-se de construir uma descrição que fosse universal, atemporal e calcada na invariância do objeto observado e do sujeito que dele se apropria por intermédio de um método purificador ? A descrição etológica, e as que lhe são formalmente assemelhadas, participam assim do ideário fundacionista (conforme expressão

⁴ Entenda-se por teoria, neste caso, o conjunto de premissas (Freud diria **Grundbegriffe**), conceitos básicos, organizados pela metapsicologia psicanalítica e não algo como a teoria da técnica; como se observa na seguinte afirmação: “Só depois de haver explorado mais a fundo o campo dos fenômenos em questão, é possível apreender com maior exatidão também seus conceitos científicos básicos e afiná-los para que se tornem utilizáveis num âmbito vasto, e para que, fiquem por completo isentos de contradição.” (Freud, 1915c, p.113).

⁵ E a psicanálise é uma práxis como observou Lacan (1960a, p. 774) justamente por não dissociar o agente, a ação e o produto da ação (se seguimos a acepção aristotélica do termo) tal qual se dá na ética e na política e tal qual não se dá na técnica.

⁶ A descrição etológica se caracteriza tematicamente pela procura de aspectos relacionados direta ou indiretamente com a ontogênese e com a filogênese de um comportamento, metodologicamente pela valorização do seu contexto de realização, o ambiente natural, e formalmente pela procura de objetividade. Hinde (1970) procurou especificar este último aspecto referindo-se a dois tipos de descrição próprios à etologia: a descrição de padrões de movimento corporal e a descrição pelas conseqüências (p.10). No primeiro caso pode-se descrever um movimento congelando em palavras seu instante de acontecimento - a contração de uma pálpebra, por exemplo. A segunda forma de descrição supõe a orientação do comportamento e recobre uma multidão de padrões motores encadeados numa direção - o cortejamento, por exemplo.

⁷ Uma tradição psicanalítica costumeiramente apresentada como oponente ao lacanismo resolvera este problema fundando-se na confiança de que a observação objetiva, replicada numa descrição objetiva e portanto universalizável, poderia se impor como justificativa empírica para as afirmações da teoria e para os procedimentos da clínica. O uso da observação como fundamento da descrição aproximaram assim esta tradição, às vezes referida como “escola inglesa”, dos estudos etológicos. Minha posição que, por vezes, procurava articular aspectos descritivos com teses da tradição francesa era recebida, neste quadro, com sistemática apreensão. Tudo indicava que a própria noção de descrição não fora suficientemente criticada ou refletida quer pelos que a utilizavam como fundamento quer pelos que a repudiavam como elemento epistemológico alienígena.

de Rorty, 1987) herdeiro da tradição representacional e hilomórfica⁸ cujo apogeu pode ser datado no final do século XIX.

É neste mesmo século e com pretensões bastante semelhantes que se desenvolve a clínica psiquiátrica clássica. Podemos resumidamente afirmar quatro pontos de convergência entre a descrição psiquiátrica e a descrição etológica⁹:

- a) a tentativa de fundar o substrato de suas observações e descrições numa “semântica biológica”, onde as significações procederiam naturalmente quer do cérebro, quer do conjunto gênico do indivíduo.
- b) a confiança na possibilidade de descrever objetivamente estas significações de modo a localizar sua origem na forma de uma designação ostensiva do sentido de um comportamento, por exemplo.
- c) a presença de uma dupla grade de interpretação das transformações impostas pelo tempo a um determinado ser. De um lado, como um processo maturacional filogeneticamente determinado e ontogeneticamente modulado; de outro lado, como um desenvolvimento que corresponde à integração sucessiva das diversas faculdades mentais.
- d) a classificação e comparação das formas “desviantes” em relação ao tipo ideal projetado pela antropologia delimitada no ponto anterior.

Os quatro pontos em questão refletem diferentes aspectos como a linguagem pode ser considerada.

Assim, podemos dizer que a existência de uma semântica biológica implica numa motivação extra-linguística da própria linguagem; motivação esta que se manifestaria em determinadas formações que devem ser necessariamente consideradas num plano independente da linguagem, como a percepção e a observação.

⁸ A expressão utilizada por Rorty (1987) refere-se a tendência tônica do pensamento ocidental em considerar o sujeito, em sua racionalidade, como um espelho (**hylós**) da natureza e como tal capaz de refletir e ter acesso direto e imediato ao objeto.

⁹ Estes quatro pontos já estavam pré-figurados na origem da clínica médica em fins dos século XVIII. Como observou Foucault (1987c) esta clínica dependia: (1) do consenso quanto ao substrato anatomopatológico das doenças, (2) da confiança no recobrimento entre o plano do visível e o do enunciável, sob forma de descrição (p.129), (3) da possibilidade de transformar sintomas em signos e deste modo prever a evolução da doença (p.106) e (4) a sistematização e transmissão de um saber que contenha a verdade sobre o ser da doença (p.107).

A procura de uma descrição “objetiva” depende ainda do postulado de que a linguagem refere-se a algo de extra-linguístico e que determinado uso controlado, não ambíguo, não metafórico, “sério” e capaz de tradutibilidade completa em todas as línguas, corresponderia ao ideal de conhecimento legítimo. A ciência não seria nada além desta linguagem bem feita e bem falada ¹⁰.

O usuário desta linguagem é um usuário universal, tão universal quanto a razão que esta linguagem carrega consigo. Neste sentido, o tema do desenvolvimento não pode ser destacado da preocupação em explicar a gênese e as condições empíricas e transcendentais a partir das quais se erige e se constrói este sujeito. Postula-se assim uma segunda substância extra-linguística, não mais o biológico como coisa pura, substância extensa, mas o sujeito como extraterritorialidade linguística.

Diante da associação histórica entre a descrição científica e o apoio numa posição fora da linguagem, podemos indagar se é mesmo possível falar numa descrição psicanalítica. Vale a pena supor que diferentes concepções de descrição implicam em diferentes concepções clínicas e que diferentes concepções clínicas exigem diferentes concepções teóricas. A definição do modo descritivo em psicanálise é portanto um ponto metodológico importante.

Para decidir se a psicanálise precisa ou não de um modo descritivo diferente do que apresentamos acima, realizaremos uma apreciação ou um cotejamento da concepção de linguagem que subjaz cada uma das posições. Tal apreciação aparecerá ora mais concentrada ora mais diluída ao longo do texto.

Uma vez estabelecidas possíveis condições quanto à concepção geral de linguagem e à posição do pesquisador na produção de descrições clínicas, foi preciso encontrar uma condição que fosse inerente às próprias descrições, isto é, saber se haveria algo que estas deveriam conter para que pudessem ser utilizáveis pelo campo teórico-prático da psicanálise, no caso da psicanálise aplicada. Chegamos assim a uma "condição de tradução", pois tratava-se justamente de realizar uma espécie de tradução de uma forma de linguagem (a descritiva) para outra (a teórica). Postulamos neste ponto que

¹⁰ Ela deveria ser avaliada ou pela sua sobreposição ao mundo ou pela sua consistência interna. Neste caso, nossas hipóteses poderiam ser simplesmente referidas às premissas teóricas às quais poderiam ser reenviadas dedutivamente, uma vez que foram delas extraídas. Ao círculo de auto-referências teóricas nos faltaria justamente o espaço para introduzir algo que, por assim dizer, pudesse interrogar a teoria.

esta condição seria a presença de uma certa temporalização da linguagem empregada ¹¹. A passagem da descrição à teorização e à problematização da clínica seria possível desde que se mantivesse este elemento comum: a mesma concepção de linguagem e uma mútua referência ao tempo. Isto fazia o método de investigação convergente com o método clínico .

Nossa pesquisa talvez pudesse ter se detido em tentar responder a estas questões. Seria assim uma tese metodológica. No entanto, as discussões impostas neste quadro foram me conduzindo a interrogar mais de perto a própria metapsicologia suposta no entendimento da psicose e até que ponto ela não se encontrava impregnada dos mesmos elementos aos quais fazíamos objeções em nossas críticas, a saber: espacialização e entificação dos conceitos, confiança excessiva no poder descritivo da linguagem e incomunicabilidade com qualquer forma de evidência clínica.

Em resposta a este impasse, propomos um modelo que leve em conta tanto a diversidade de incidências da linguagem na apreensão da psicose na criança quanto considere o tempo como um fator não eliminável. Chamamos este modelo de pluriestratificação linguística do psiquismo e ele será exposto como uma perspectiva de leitura para as considerações de Freud e de Lacan acerca da psicose. O fundamento deste modelo é a associação entre certas esferas do psiquismo e certos modos ou planos de entendimento da linguagem. Além disso, cada um desses estratos implicaria modos específicos do tempo. A psicose e sua incidência na criança não se ligariam à ausência desses modos ou do acesso a eles mas a uma irrealização de formações intermediárias que fazem com que a linguagem apareça como uma totalidade organizada.

Essas formações intermediárias equivaleriam a equívocos de tradução, híbridos entre um plano e outro da linguagem e seriam aprendidos sempre como uma forma de paradoxalidade. Este é o caso, por exemplo, do sintoma lido como uma metáfora (capaz de reter significações contrárias em simultaneidade), do fantasma lido em sua gramática (capaz de reunir heterogeneidades pulsionais) e do próprio sujeito lido como um efeito de linguagem (capaz de não identidade consigo mesmo, dada sua divisão pelo significante).

¹¹ Uma primeira aproximação desta noção pode ser feita a partir da idéia de "descrição densa" na antropologia de Geertz (1989). Uma segunda aproximação requereu a demonstração de como alguns conceitos chaves da teoria de Lacan já contém supostos, ou aderidos a si, um modo de temporalidade e representam simultaneamente um aspecto da linguagem. Isso ocorre especialmente com os conceitos de sujeito, significante e Outro e com a tríade Real, Simbólico e Imaginário.

No caso do texto freudiano, o núcleo de justificação desta leitura se encontra na Carta 52 a Fliess (1896b) que examinaremos com atenção. Procuraremos ler aspectos da tópica do narcisismo e da teoria das pulsões a partir de algumas idéias contidas nesta carta e expandidas em nossa proposta de leitura. Veremos como, também nos artigos especificamente dedicados ao tema da psicose, a presença da análise da linguagem é uma constante apesar de variável quanto ao modo como se realiza.

No caso do texto de Lacan, a aproximação do tema da psicose a partir do modelo proposto se deu pela acentuação de algumas tensões e derivações conceituais sobre a forma de entendimento da linguagem. É nítida em Lacan a aproximação entre o uso imaginário da linguagem e a sua espacialização. De modo inverso a noção de ordem simbólica da linguagem parece se desenvolver em estreita relação com formulações e considerações sobre o tempo. Esta aproximação se mostra ainda quando a noção de ego parece depender da de espaço na mesma medida em que a de sujeito depende da de tempo. Ainda em relação a esta distinção, veremos como a noção de sujeito é um dos melhores exemplos para o que chamamos de intermediários ou mediadores linguísticos. O sujeito como conceito limite entre a dialética e a estrutura da linguagem está intimamente ligado na teorização de Lacan a diferentes formas de paradoxalidade, muitas delas dependentes do tempo em última instância.

O resultado desta perspectiva de leitura nos parece limitado a contribuir indiretamente para o campo do diagnóstico psicanalítico da psicose na criança. Ele visa enfrentar questões preliminares tais como o problema da existência de uma “estrutura clínica” que corresponda à idéia de psicose na criança¹² e sua eventual ligação com uma semiologia, ou uma conjuntura clínica descritivamente acessível. Além disso, se presta a investigar se as hipóteses sobre o desencadeamento, evolução e etiologia da psicose do adulto podem ser transpostas à psicose na criança e sugerir algumas adaptações eventualmente necessárias para este transporte. Assim, algumas descrições de acontecimentos e fragmentos clínicos foram explorados de duas maneiras:

1) Primeiro com o intuito de mostrar como a temporalidade da linguagem pode ser um elemento capaz de particularizar a descrição em psicanálise e isso levando-se em conta o que a própria

¹² A relação entre a concepção de estrutura clínica e as formas de consideração da linguagem permitiu isolar, em termos diagnósticos, o que chamamos de psicose propriamente dita (compreensível a partir da metáfora paterna) em oposição ao autismo (compreensível a partir da função sgnica da linguagem) e as psicoses induzidas, que neste caso não correspondem a uma estrutura clínica no sentido próprio do termo, mas a uma conjuntura clínica.

tradição psicanalítica reconhece como descrições legítimas. A idéia é de que, sob as circunstâncias da psicose, algo se modificaria profundamente na relação entre a linguagem e o tempo. Isso explicaria, em parte, porque as descrições usuais sobre a psicose na criança eram tão carregadas de espacialização e carentes de marcações temporais. Como se, ao descrever a psicose na criança, o sujeito descritor não se visse obrigado a realizar sua descrição de modo temporalizado. Crianças psicóticas não resistem à espacialização do discurso do outro da mesma maneira que crianças não psicóticas. É possível descrever o sujeito na psicose da criança sem se ver obrigado a “interpretá-lo” temporalmente e isto nos parece algo bastante significativo. Uma comparação entre descrições clínicas de crianças neuróticas e criança psicóticas que mostrasse a temporalidade da primeira em relação a espacialidade da segunda ofereceria uma contraprova, mormente retórica, de nosso argumento.

2) O segundo uso do modelo da pluriestratificação linguística do psiquismo se deu com o objetivo de mostrar como os elementos da metapsicologia poderiam efetivamente se relacionar com a clínica no plano diagnóstico. Assim analisamos a agressividade e a brincadeira turbulenta na criança psicótica a partir das formações metafóricas e metonímicas da linguagem e da manutenção ou fragmentação da simultaneidade e da sucessão temporal nos contextos em questão. Examinamos a relação entre gozo, satisfação e prazer a partir da possível gramática da pulsão. Neste caso, os modos temporais enfatizados são a eternização, a antecipação e reversibilidade. Num outro ângulo, examinamos a instabilidade da fala na criança psicótica privilegiando as noções de enunciação e de prosódia associando-as à temporalidade rítmica e melódica.

Nos dois casos, o exame da presença linguística do tempo e espaço nas descrições psicanalíticas, e o exame de aspectos clínicos da psicose na criança, as relações em questão não foram exploradas exhaustivamente uma vez que tratava-se apenas de indicar um caminho possível, uma espécie de “teste clínico” da leitura e das posições propostas.

2. Aspectos Clínico-Descritivos da Psicose na Criança

Quando decidimos observar crianças com diagnóstico de psicose, nosso intuito inicial era descrever, em termos etológicos, dois comportamentos: a brincadeira turbulenta e a agressão.

Brincadeira turbulenta (**rough-and-tumble play**) é um comportamento descrito inicialmente por Blurton Jones (1967), entre crianças inglesas, e que se refere a atos que simulam agressões tais como empurrar, rolar no chão, agarrar, perseguir etc, mas que são acompanhados de índices corporais que determinam tratar-se de um contexto lúdico, tais como a presença de riso ou sorriso e os supercílios erguidos. É característico deste comportamento a reversão de papéis, isto é, a passagem de perseguido a perseguidor ou de empurrado à empurrador. Outra característica da brincadeira turbulenta é que ela utiliza signos habitualmente ligados a outros contextos, como o territorial, acasalatório ou hierárquico fora da sua função e do seu encadeamento usual (Aldis, 1975, p. 126). A presença do riso ou sorriso, o mais forte signo diferenciador da turbulência em relação à agressividade, modula a manutenção ou rompimento do contexto lúdico. Pode-se dizer que em algumas circunstâncias apenas a presença deste signo transforma completamente toda a significação do contexto. Assim, quando a brincadeira se torna mais rude o riso tende a aumentar, como que estreitando os limites da significação lúdica¹³.

Em nosso estudo observacional adotamos a técnica da observação focal (Altman, 1974) a partir da qual descrevemos minuciosamente o comportamento de um determinado sujeito durante um certo tempo. Realizamos cinco períodos de observação para cada criança, cada qual com a duração de dez minutos. Durante este tempo, anotamos a forma e frequência da agressão e da brincadeira turbulenta bem como o que de mais relevante ocorresse.

¹³ A presença transcultural da brincadeira turbulenta foi atestada por Fry (1987), que a descreveu entre índios Pueblos do deserto do Oaxataca e por Konner (1981), que a encontrou entre os bosquímanos do grupo KUNG ! da região do Kalahari. A brincadeira turbulenta está presente em animais como o macaco rhesus, no babuíno hamadraya e em diversos felinos (Aldis, 1975). Espécies onde o período de infância é pequeno como nos roedores, felinos e canídeos brincam turbulentamente menos que em espécies onde este período se estende como nos primatas em geral e no homem especificamente (Aldis, 1975). Etólogos sugerem que a brincadeira turbulenta estaria repleta de funções do ponto de vista adaptativo, como por exemplo: contribuir para a socialização e hierarquia grupal (Neil 1976, Smith, 1989) e para o desenvolvimento perceptivo (Hartup, 1974). Outra hipótese interessante é a de que a brincadeira turbulenta seria socializante porque aguçaria a capacidade de interpretar sinais sociais. Di Pietro (1981), Blurton Jones (1972) e Strayer, (1977) mostraram a partir de diferenças individuais que o índice de agressividade não é preditor da brincadeira turbulenta. Em outras palavras: o engajamento turbulento não incita à agressividade, pelo contrário, talvez a diminua.

Munidos destas diretivas técnicas, dirigimo-nos a duas instituições que frequentamos durante o período de um ano e seis meses até que as observações se completassem. A primeira instituição tinha uma vocação pedagógica e a segunda uma orientação clínica.

Enfrentamos inicialmente uma série de problemas de ordem logística. Ao expormos nosso interesse em observar apenas crianças com diagnóstico de psicose para os responsáveis pelas referidas instituições, começamos a perceber a ingenuidade da nossa proposta inicial. Diagnósticos como: autismo, paralisia cerebral, deficiência mental, síndromes genéticas não apresentavam grande dificuldade. Quanto à psicose havia apenas incertezas, suspeitas, diagnósticos em aberto ou contraditórios.

Os pais dessas crianças, via de regra, atravessam uma peregrinação que costuma passar pelos saberes e práticas os mais diversos. Electroencefalogramas, tomografias, neurologistas, psiquiatras, psicólogos, endocrinologistas, assistentes sociais e religiosos, cada qual sugere um diagnóstico, uma etiologia e um tratamento diferente e isto soma-se a própria mitologia familiar, utilizada para significar o que se passa com a criança. Concorre para a situação de indefinição diagnóstica a relativa inespecificidade do tratamento tanto do ponto de vista psicoterapêutico quanto farmacoterapêutico.

Deixamo-nos então conduzir por um método um tanto heterodoxo. Partimos de um grupo de crianças que possuía esta indefinição e suspeita diagnóstica e fomos, com o auxílio dos encarregados clínicos excluindo a possibilidade de incluir cada sujeito em outro diagnóstico qualquer. Chegamos assim a um grupo não desprezível, em relação à população das respectivas instituições, certamente mais próximo da psicose do que qualquer outra possibilidade. O melhor diagnóstico psiquiátrico dessas crianças seria talvez o que o DSM-III-R (1989, p.495) chama de "Desordem Insidiosa do Desenvolvimento não Especificada de Outra Maneira - 229.80"¹⁴; em outras palavras, sob diversos aspectos do desenvolvimento (motricidade, linguagem, cognição, sociabilidade etc.), esta criança se diferencia das demais sem que isso caracterize qualquer outra síndrome clínica no eixo I.

Nossa dissertação de mestrado (Dunker, 1991) acentuou a análise quantitativa do material assim obtido junto a 11 crianças na faixa etária entre sete e onze anos. Uma ilustração do que esta

¹⁴ "Pervasive Developmental Disorder Not Otherwise Specified"

análise quantitativa proporcionou em termos de resultados pode ser sintetizado nas seguintes afirmações:

- (1) A brincadeira turbulenta ocorre na criança psicótica e tende a ser mais frequente no sexo masculino.
- (2) A criança que se engaja na atividade de "imitar" a agressão tende a ser menos agressiva efetivamente.
- (3) O tipo de brincadeira turbulenta preferido pelas crianças psicóticas é o engalfinhamento. Predominava algo como o agarrar-se mutuamente ou rolar pelo chão, em detrimento de brincadeiras como simular uma luta (sem tocar-se) ou a perseguição fictícia.
- (4) A agressão predominante é a de tipo físico e não verbal como espera-se para crianças não psicóticas da mesma idade.
- (5) Uma frequência elevada de brincadeiras turbulentas evoluía para uma agressão (por volta de 15%).
- (6) Há uma significativa dificuldade por parte das pessoas que cuidam das crianças em questão em discriminar a brincadeira turbulenta da agressão.

O método através do qual produzem-se este tipo de afirmação, de fundamento quantitativo, relaciona a frequência de um elemento observável específico com uma variável, com a qual se procura demonstrar estatisticamente uma associação. Ocorre que, para que esta associação seja significativa, é necessário que o maior número de variáveis permaneça estável, caso contrário não se conseguirá isolar a relação desejada. Desta forma, as análises frequenciais contam, entre outras estabilidades, com a regularidade do tempo. O tempo transcorre homogeneamente, sem interrupções; ele é tido como uma variável não interferente, uma vez que sua sucessão é homogênea e por si só ele seria incapaz de causar o comportamento. O tempo não transcorre mais rápido nem mais devagar, ele é uma sucessão regular e constante a partir do momento em que se fixou o modo de contá-lo ¹⁵.

¹⁵ Essa concepção se encontra nas raízes da ciência moderna como se pode constatar pela definição de Newton (1974): "O tempo absoluto, verdadeiro e matemático flui sempre igual por si mesmo e por sua natureza, sem relação a qualquer coisa externa, chamando-se com outro nome de "duração"; o tempo relativo, aparente e vulgar é uma medida sensível e externa de duração por meio do movimento (seja exata, seja desigual) a qual vulgarmente se usa em vez do tempo verdadeiro, como são a hora, o dia, o mês, o ano." (p. 14)

Ocorreu-nos então que se poderia inverter o processo e abandonar o tempo como uma regularidade, um ponto fixo a partir do qual se podia calcular todo o resto. Poderíamos assim olhar para nosso relato e procurar em que momentos a própria descrição nos convidava a considerar os acontecimentos a partir de modos temporais como a simultaneidade, a sucessão não cronológica, a repetição, a eternização, o instante, a iminência e o ritmo.

Ao tomar estes relatos e reanalizá-los, deste ângulo, notamos que a inicial soberania que dispúnhamos enquanto sujeitos de uma descrição objetiva ficava um pouco comprometida. Como descrever que, num determinado momento, uma ação parecia se fazer urgente para uma dada criança ? Como sabíamos que ela estava, simplesmente com pressa ? Como interpretávamos que sua ação tinha simultaneamente vários sentidos, finalidades ou vários interlocutores ? Sem isso não seria possível descrever mas *com* isso ficava muito difícil justificar nossas descrições.

Isso é basicamente uma interpretação temporalizada que fazíamos sem dar-mos conta. A análise categorial eliminava este problema ao reter apenas o nível espacial, pré-estabelecido pela idéia de "observável". Comportamentos observáveis são uma espécie de movimento, isto é, de circunscrição espacial evoluindo, se diferenciando, se associando sob um fundo que permanece o mesmo, idêntico a si mesmo: o tempo. Decidimos assim, e em conformidade com nossas investigações sobre as relações entre a linguagem e o tempo, rever nossas descrições com o objetivo de verificar se assim elas poderiam ter algum valor, mesmo que semiológico, na esfera da clínica psicanalítica. Cinco pontos são destacáveis para esta leitura:

1) a agressividade:

As crianças que acompanhamos mostravam uma agressividade que se manifestava via de regra de forma intensa e inesperada. É como se esta não pudesse ser antecipada tanto do ponto de vista contextual quanto dos indicativos faciais e significantes. O incidente agressivo era sempre algo abrupto. Por outro lado, e talvez em consequência disso, aparecia como incompreensível.

Como por exemplo:

"Por duas vezes H. tenta usar o balanço onde está uma menina mas é impedido pela ação de uma professora. A menina deixa o balanço espontaneamente e H. se apossa do objeto. No entanto,

permanece olhando fixamente para a menina que agora está em outro brinquedo. Levanta-se então, dirige-se até ela agarra-lhe o pescoço e a empurra para trás violentamente. A professora intervém mas H. bate nela. Outra professora se aproxima e puxa H. para fora da cena. Esta tenta por a mão em seu ombro mas H. reage atacando-a".

A agressão seria facilmente antecipável quando havia uma concorrência imediata pelo acesso ao brinquedo. No entanto, é justamente quando H. detém o brinquedo que a ação agressiva se desencadeia. É como se a agressividade emergisse num contexto temporalmente posterior, de modo retardado em relação à tensão e o conflito. Esse deslocamento da agressividade para uma posição terceira ocorre também em relação a uma interação triádica.

"K. senta-se ao lado de E. empurrando suas pernas contra as dele. E. deixa seu corpo mole e se faz empurrar por K.. K. tenta levantar E. que mantém seu corpo mole. E. diz - Bobão ! K. tenta morder sua cabeça, K. está rindo. E. dirige-se a outro menino e diz - " Gordão ! Babaquinha !". O outro menino devolve a agressão. K. agarra a cabeça de E. e puxa seus cabelos. A professora intervém."

A agressividade que toma a relação entre E. e um terceiro menino parece capturar K. que até aquele momento sustentava com E. um contexto lúdico. A agressividade em curso entre K. e o outro menino captura E.. A partir do momento em que o circuito agressivo se completou entre E. e o terceiro menino não parecia haver indício de que a agressividade se extinguiu, o que pode explicar a intervenção da professora neste ponto e não antes.

Partiremos, para compreender esta descrição, da proposição de que, na psicose, há uma expansão da relação imaginária que o ego mantém com o objeto. Um dos efeitos dessa relação é a agressividade. Se pensarmos que a agressividade não é algo exterior à linguagem mas algo que se define como uma significação e por uma intencionalidade, podemos supor que a temporalidade desta significação possa ser descrita para o caso da psicose da criança. É em relação ao modo temporal da sucessão que a agressividade da criança psicótica se mostra mais enigmática.

2) a brincadeira turbulenta:

A criança psicótica é capaz de manter-se numa espécie de "dissonância contextual" por períodos bastante longos. Com isso queremos dizer que ela mantém-se numa relação onde há vários indícios de

que a significação que se produz no sujeito é heterogênea à que se produz no outro. No caso do limiar entre a brincadeira turbulenta e a agressão, isso fica bastante claro, como no seguinte exemplo:

"A. agarra D. e rolam pelo chão. D. está rindo, A. permanece sério. A. tenta morder D. e é detido por um adulto. D. agarra a mão de A. e tenta tirar sua calça. A.(com a face tensa) dá dois tapas no peito de D. A. diz - Pára ! e joga um brinquedo na direção de D. D (rindo) pula em cima de A.. A. acerta um chute em D. D. chora. A permanece algum tempo olhando fixamente para D. que continua chorando."

A. e D. pareciam estar em dois contextos diferentes. D. brincava com A., A, agredia D. A situação era recorrente entre estes dois meninos. A cada proposta lúdica de D. a resposta de A. tornava-se sucessivamente mais agressiva. Quanto mais D. reduzia-se a um signo agressivo, menos explícita devia ser sua aproximação para que A. respondesse agressivamente. Essa aparente dificuldade em interpretar o limiar entre o lúdico e o agressivo era tônica em nossas descrições. Ao invés de simultaneidade, desenvolvia-se uma sucessão de contextos onde cada sujeito encerrava-se em sua própria significação.

A proposição que levaremos em conta para investigar este contexto turbulento leva em conta a afirmação teórica de que a psicose implica numa irrealização da metáfora paterna (Lacan, 1958a, p. 35). Ora, se a metáfora paterna é um caso particular da função metafórica da linguagem e se esta função pode ser estendida para além da linguagem enquanto fala, é possível que este contexto nos forneça algum indício sobre a etiologia da psicose na criança. A brincadeira turbulenta poderia ser pensada como uma forma de contexto metafórico envolvendo uma simbolização. Simbolização incipiente entendida aqui como capacidade de sustentar uma simultaneidade de contextos compartilhados.

3) o olhar: entre a satisfação o prazer e o gozo

Um aspecto de difícil descrição na psicose da criança é o seu olhar e a significação que o envolve. Em muitas situações, aparecia um olhar que nada focava, que não era nem expressivo nem perceptivo. Denominamos este olhar de transe escópico.

No caso de W. este olhar aparecia durante cenas lúdicas precisas. Dois outros garotos punham-se a passear por seu corpo, examinando minuciosamente os pés, as pernas, as mãos e braços.

Demonstravam certa curiosidade ao beliscar e torcer seus membros ou beijar sua pele. Essa manipulação não se traduzia em W. por uma expressão geral de júbilo mas pelo olhar em transe.

No caso de F. tal olhar é mais tônico, ele se interrompe apenas diante de certos objetos que capturam abruptamente sua atenção. É notável em F. como se alternam a dispersão generalizada e a absoluta concentração que se realizava a cada encontro de uma pequena flor, pedaço de papel ou caule de planta. Em F., a dispersão do olhar se associava a um estado próximo do autismo. Recusava a maior parte das aproximações não ignorando a presença do outro mas sutilmente se afastando. Acolhia pedidos que lhe eram diretamente destinados, o que aponta para o reconhecimento da sua presença na fala do outro. Não haviam movimentos repetitivos nem estereotípias de gestos. Não se furtava ao olhar do outro mas é como se este não portasse nenhuma significação.

F. passava seu tempo vagando pelo pátio. O que interrompia esta errância era o encontro desses pequenos objetos que a fascinavam. Decompunha-os até o limite, engolia-os fazendo com que desaparecessem. Em seguida, retomava sua deambulação. Nos perguntamos então como abordar algo descritivamente tão complexo como o olhar. Recorremos então a idéia de montagem pulsional para esboçar algumas suposições.

Em W., esta montagem respondia a uma passividade, uma entrega ao Outro que inclusive promovia parte de sua socialização. Compunha, com os dois garotos, uma tríade estável, fato raro entre crianças psicóticas. W. não se envolvia em episódios agressivos e era em geral muito dócil. W. quase não falava, os movimentos dentro do trio eram coordenados por uma linguagem de sinais envolvendo sorrisos e gestos. W. respondia ao seu nome, acolhia ordens mas virtualmente não começava uma fala, não interrogava o outro. A dispersão do olhar em W. acompanhava-se de um vazio significante.

Abordaremos este aspecto da psicose na criança a partir da proposição freudiana que afirma nesta a existência de uma substituição do ego pelo objeto sem um investimento correlativo da fantasia inconsciente (Freud, 1911c). Aborda-se aqui a mútua limitação entre satisfação, prazer e gozo e o papel desempenhado pelo fantasma e pela pulsão nessa limitação como aspectos clínicos relevantes.

Do ponto de vista da temporalidade, a montagem pulsional que coordena os limites e ligações entre prazer, satisfação e gozo pode se traduzir ora pela eternização ligada ao gozo, ora pela evanescência ligada ao prazer ou ainda com o tempo descontínuo da satisfação.

4) o sujeito e o ato:

Outro ponto descritivamente interessante é a forma como certas crianças de nosso estudo concluía algumas ações. Trata-se de uma transformação que vai desde o tônus muscular até a verbalização que produz o que podemos chamar de um ato. Este é um ato que reúne o sujeito e poderia ser comparado a passagem ao ato da psicose do adulto.

O caso de D. pode ser considerado paradigmático a este respeito. Em certos momentos, recebidos sempre como repentinos e surpreendentes, D. parecia acometido por uma espécie de automatismo que resultava numa série de movimentos extremamente rápidos e coordenados cujo fim era atingir um vidro ou substância similar como uma garrafa, uma cerâmica ou um plástico fino, em geral capazes de produzir alguma reflexão ótica. Durante a ação, seu olhar era disperso, depois dela sua face era de êxtase onde contemplava fixamente as rachaduras ou cacos produzidos. A dispersão escópica desaparecia por algum tempo.

Uma destas cenas foi descrita da seguinte forma: D. , tomado pelo olhar disperso e pela pressa de um impulso aparentemente automático, atira uma garrafa ao solo. Em seguida, enterra um caco de vidro em seu pé sobre o peso de seu corpo. O corte é profundo e a expressão de júbilo em seu rosto é clara. A rapidez de seus movimentos, em geral tão hipotônicos, faz com que se antecipe a nada menos que três pessoas que o "vigiavam".

Não se pode incluir o acontecimento na ordem do acidental. Por duas outras vezes, cenas semelhantes se repetem - o mesmo movimento em que o pé procura os cacos pontiagudos, sendo, felizmente, impedido pela agilidade do corpo clínico. Após o instante de júbilo e de fascinação, segue-se o choro. A dor parece separá-lo disto que vai além do princípio do prazer, o gozo. O instante do ato - e não há outra forma a não ser descrevê-lo como um instante - representa uma separação, uma parcialização em relação ao gozo. Em oposição a estes atos irruptivos, D. desenvolvia uma intensa

ação delirante, jogava-se sobre outras pessoas, percorria os brinquedos atirando-os pela sala, rolava pelo chão etc.

No caso de C., o instante do ato aparecia de outra maneira. Nela estava presente a ação delirante como manusear o corpo do outro, segurar seu cabelo, mexer nas pernas, passar a mão no rosto sem que transparecesse lidar com um outro sujeito. Havia sim um estranhamento com uma parte do corpo: o olho. Certa vez, aproxima-se de mim e fixa sua atenção na caneta que utilizava para anotações. Depois de contemplá-la detidamente por algum tempo, realiza o ato. Rápida e coordenadamente toma a caneta de minhas mãos e procura introduzi-la em meu olho. Desviada pelos óculos, ela atinge o supercílio. Olhando fixamente para a incisão provocada, ela ri.

Uma iniciativa semelhante reproduzia-se no seu trato com brinquedos; a busca de uma perfuração, de um furo. Sua atração por fendas corporais era intensa.

A idéia de que se trate aí de uma forma de satisfação autoerótica comanda as interpretações clássicas sobre estas ações típicas da psicose na criança, mas presente também em alguns psicóticos adultos.

Portanto, de um lado tínhamos um material significativo e de outro a atração pelo corpo e suas fendas, mas mesmo assim nenhum jogo de fala ou brincar que pudesse incluir alguém do corpo clínico num espaço ficcional compartilhado se fazia.

Pensamos que este ato pode ser definido como uma ruptura de contexto, como uma quebra em relação ao conjunto de possibilidades previstas por um contexto específico. Essa ruptura é assinalada, em termos descritivos, pela imprevisibilidade que cerca algumas ações da criança psicótica e que procuraremos detalhar com relação ao ato agressivo. Chamaremos estas quebras contextuais de ações irruptivas. Do ponto de vista da temporalidade envolvida, como veremos no capítulo 7, o ato e o sujeito se ligam por um tempo próprio que Lacan designa de "momento de concluir", que contem em si o "tempo para compreender" e o "instante de olhar".

Supomos que a temporalidade deste ato que reúne o sujeito se opõe à temporalidade da pura sucessão ou ao deslizamento metonímico onde o objeto se encontra em dispersão. Ao contrário, portanto, da "ação irruptiva" onde este objeto se encontra unificado e em colusão com o ego.

5) O som, o significante a significação:

Do ponto de vista da linguagem, as principais alterações manifestadas pela criança psicótica podem ser divididas em três grupos:

- os fenômenos ligados à decomposição significante
- os fenômenos ligados ao ritmo, e ao campo de sons contido na voz humana e a uma língua específica
- os fenômenos ligados à enunciação¹⁶

Cada grupo está ligado a uma forma de conceber e interpretar a presença da linguagem, como um sistema de signos, como um veículo da pulsão ou como o campo onde se efetua a intersubjetividade. Integram-se portanto neste eixo de considerações os quatro temas antes levantados. A agressividade e a brincadeira turbulenta serão abordadas enfatizando a linguagem como um sistema de signos, a relação entre o sujeito e o ato enfatizará a vertente da intersubjetividade enquanto os temas da satisfação, gozo e prazer se ligam a vertente pulsional da linguagem. Vejamos então, introdutoriamente, a que se referem estes três grupos de fenômenos.

No caso de C. a intermitência das três dimensões apareciam da seguinte maneira:

"C. reproduz a melodia de uma música e bate palmas. Percorre o pátio saltitando no ritmo da melodia. Aborda uma psicóloga e diz "- Quero colar". A psicóloga mostra revistas para C. que exclama: "Per, pa... per, ... Papai de C. ! Meu carro tá lá ! Eu vou embora. "A psicóloga pergunta: " - Do que lembrou"? C. Responde "- Lembrei de mim" , batendo a mão no peito. Em seguida, põe a mão na boca, choraminga e joga a revista sobre minha cabeça. Volta lentamente para o lugar onde estava antes do encontro com a psicóloga. Seu olhar se dispersa, ela começa a repetir falas de outras crianças, especialmente uma que diz "- Ele acredita." (3 vezes). Começa a introduzir objetos na boca e a articular fonemas como Bi, ba, pe ... mostrando um certo prazer nesta emissão vocal".

A sequência mostra C. passar da melodia a um enunciado completo e deste à utilização do **shifter** de primeira pessoa. No entanto, depois disso se reintroduzem outros modos de linguagem. O encontro com a psicóloga começa a se interromper quando esta lhe endereça uma pergunta.

¹⁶ No primeiro grupo encontram-se as alterações lexicais e gramaticais (hiperassociação, frases baseadas na fonética ou semântica de palavras, neologismos) , no segundo as alterações prosódicas (analogias homofônicas, aliterações, etc.). No terceiro grupo encontram-se as alterações da relação do sujeito falante com a mensagem emitida (Boyer,1982).

Outro aspecto interessante, e de certa forma incompreensível se nos ativermos a uma concepção estritamente linguística do significante, é como a criança é capaz de explorar diferentes significações a partir de variações na prosódia. Isto é, a voz, e não apenas as oposições formais e fonêmicas distintivas, contam em momentos decisivos na produção e encerramento de uma determinada significação. Por exemplo:

"K. tenta pegar o balanço onde está uma menina. A professora intervém. A menina sai e K. entra no balanço. Um menino se aproxima e balança levemente K.. Neste momento seu rosto se desfigura, ele começa a gritar, seus dedos e mãos se tornam contraídos, ele coloca o polegar na boca. Seus olhos estão em transe. Levanta-se pulando e bate na professora. Esta não pára de perguntar "- O que aconteceu ? -" enquanto K. volta para atacar o menino que o balançou e que agora ocupa o balanço. A professora o segue. K. belisca a professora e agarra a sua camisa. A professora grita: "- Vamos parar ! Você está me machucando!". O tom de voz é alto e K. parece ficar impressionado com isso. Começa a chorar. Agarra-a com mais força e tenta torcer o seu braço. Novo grito da professora."

Um significante no sentido estrito não pode ter seu valor alterado em função da intensidade sonora em que ocorre mas apenas em função das duas articulações que comandam a linguagem. Como entender então a responsividade do sujeito à esta variação na intensidade prosódica ?

Do ponto de vista da temporalidade podemos distinguir ainda o ritmo como uma característica da dimensão sonora.

C. mostra-se sensível à dimensão musical. Canta com interesse mas mostra dificuldade em cantar junto e sincronizadamente com outra pessoa. Certa vez uma psicóloga se aproxima dela e inicia um acompanhamento musical batendo suas mãos nas dela. O ritmo que associa corpo e palavra num mesmo tempo permite a C. desenvolver um contexto ficcional compartilhado que ela retoma em outros momentos.

Os efeitos da descoberta desta via de acesso intersubjetivo refletem-se numa sensível melhora em relação ao uso da linguagem. Isso se acompanha de uma redução drástica da tomada do corpo do outro como objeto e da introdução de objetos no seu próprio corpo. Podemos supor que o

encadeamento entre uma dimensão temporal (o ritmo) e uma dimensão espacial (o corpo) permitiram neste caso o surgimento de uma simultaneidade que parecia se associar à estabilização do significante.

Como entender o efeito de certos sons e ritmos sobre crianças psicóticas ?

O "Gi, Gi, Gi ..." de F. ou o "Bâ, Bâ, Bâ ..." de C. se colocam na dimensão da sucessão sonora e da decomposição do significante. Uma diferença importante entre significantes e sons é que a sobreposição simples de sons não produz simultaneidade mas apenas um único novo som ¹⁷.

Aquilo que Jerusalinsky (1984) chamou de ação delirante da criança psicótica estaria, segundo esta hipótese, muito mais próximo das dimensões sonora do que da significante. Trata-se de uma sucessão ao modo de uma soma, de um acúmulo que do ponto de vista temporal mantém-se como uma sucessão não diferencial ¹⁸.

No caso de K., a significação se congelava numa face de surpresa e terror que chegava a manter durante horas. As mãos retorcidas e a risada tensa acompanhavam sua gesticulação. Toda vez que alguém dirigia uma pergunta a K., os traços que descrevemos acima se acentuavam. Não parecia haver nenhuma temática especial que se relacionasse com o fato. Bastava a pergunta, ou mesmo a prosódia interrogativa.

Não era necessário que a pergunta fosse endereçada diretamente a ele, caso em que dirigia o olhar para seu interlocutor. Bastava uma pergunta feita por uma criança a outra ou ainda entre duas psicólogas dentro de um contexto exterior ao que ele participava diretamente para acentuar o maneirismo em questão. De acordo com nossa hipótese, a captura se dá pela assimilação à ordem pura da interrogação. Não se trata de enunciado, mas de enunciação. A pergunta parecia exigir de K. a utilização da estrutura mínima da enunciação, que examinaremos no capítulo 11, os **shifters** ¹⁹ de espaço/tempo, do outro e do sujeito.

¹⁷ É o caso do acorde musical por exemplo. Ao contrário das oposições fonêmicas, as oposições sonoras não são constitutivas.

¹⁸ O som pode ser comparado às cores para melhor aclarar a diferença em questão. Quando se somam cores, o resultado é sempre uma cor, quando se somam sons o resultado é sempre um som (uma harmonia, por exemplo). Quando se somam significantes, o resultado não é uma única significação. A criança psicótica costuma agir com tintas diluindo uma na outra até à obtenção de uma cor homogênea. Com massa plástica, o procedimento costuma ser semelhante. A questão é que não é possível um procedimento equivalente com significantes (a não ser pela holófrase). Isto porque a cor e o som estão muito mais próximos da esfera espacial do que da temporal. A integração entre a imagem (especialmente a corporal) e o tempo (especialmente o linguístico) constitui-se em problema decisivo na psicose da criança.

¹⁹ **Shifter** ou comutador é o termo da mensagem que indica a que código ela se refere. Em Lacan (1960a) o **shifter** corresponde a noção linguística de sujeito, como se vê pela seguinte passagem; "Pode tentar-se aqui, por um prurido de

Essa captura na significação interrogativa se apresentava ainda em K. por uma formação peculiar. Trata-se de um pequeno ritual onde K. punha e tirava a camiseta, fazendo aparecer e desaparecer seu rosto. Em raras ocasiões K. interpolava, entre o cobrir e descobrir de seu rosto, uma frase: " - Que se tem ?". Provavelmente uma pergunta colhida do conjunto discursivo que o cercava. Ele não pergunta algo, mas repete a forma prosódica de uma pergunta. Ao escutar a interrogação "- O que você tem ?", supõe-se num dado momento, a substituição deste "você" pelo "eu". A repetição do "- Que se tem ?" assinalaria um retorno ao ponto crucial desta inclusão, ou seja o "eu" como forma pronominal incluído na função **shifter**.

Sabe-se que após um período onde a criança se auto-refere na terceira pessoa ("Ele fez, o nenê quer, etc.) um passo lógico, tardio em relação à aquisição da linguagem, faz com que o "eu" se inclua no lugar do "ele". Esse passo parece intermitente na criança psicótica.

método, partir da definição estritamente linguística de Eu (Je) como significante: em que não é nada senão o **shifter** o indicativo em que o sujeito do enunciado designa o sujeito enquanto que fala atualmente. Quer dizer que designa o sujeito da enunciação, mas que não o significa." (p.779)

3. Considerações Sobre a Epistemologia da Psicanálise

Avaliar, através dos conceitos psicanalíticos, um conjunto de descrições observacionais extraído da atividade lúdica de crianças com diagnóstico de psicose é uma tarefa metodologicamente complexa. A primeira objeção que se poderia fazer a este projeto é a seguinte: ele é epistemologicamente insustentável. Descrições observacionais se ligam a uma tradição empirista, objetivante e realista, profundamente antagônica e inconciliável com as condições onde se colhem as descrições "psicanalíticas". Em outros termos, a observação é um procedimento extra-transferencial, estranho ao modo de conhecer e legitimar descrições próprios da psicanálise. Vejamos então a proveniência desse contra argumento epistemológico, de modo a localizar seu contexto histórico e sua incidência no campo psicanalítico.

Podemos circunscrever as formas de entendimento da expressão "epistemologia da psicanálise" a três posições: o historicismo ideográfico, o cientificismo naturalista e o metodologismo humanista. Abordaremos estas três posições de modo bastante parcial neste capítulo. A tese que o subjaz é que as formas de conceber o conhecimento contém implícita ou explicitamente formas de conceber a linguagem. Em função disso, compatibilidades ou incompatibilidades epistemológicas devem nos remeter a concepções diversas ou semelhantes de linguagem.

No caso do historicismo, encontramos um conjunto de pensadores para os quais a expressão "epistemologia da psicanálise" refere-se ao exame das filiações ideográficas que a psicanálise mantém com seus precursores filosóficos. O trabalho de Assoun (1978, 1990) é um bom exemplo de como podemos encontrar paralelos entre teses defendidas por Freud e por Platão, Nietzsche, Kant e até Wittgenstein, para citar alguns exemplos. No geral, a perspectiva representada por Assoun limita-se a constatar diferenças e semelhanças, revelando-nos o peso histórico de certas posições freudianas e o seu lugar num quadro de reflexões mais amplas. Deste ponto de vista, não cabe julgar a consistência ou validade da noção de conhecimento envolvida, pois a preocupação fundamental é incluir Freud no debate que o antecedeu. Trata-se mais de compreender a índole histórica, ou sociológica, das teses psicanalíticas do que julgar seu valor em termos da legitimidade de seu saber. A linguagem é concebida neste caso como um ser histórico que se transforma com o uso onde a cada momento pode-

se isolar conexões e filiações semânticas capazes de nos deixar compreender um certo estado de coisas. Tornar a ciência um acontecimento dependente das forças de legitimação social e conectar esta legitimação a certas práticas concretas implica, muito superficialmente, em crer que um determinado objeto depende do discurso que o institui no interior de uma contingência cultural²⁰.

Se entendemos por epistemologia da psicanálise o exame de suas inflexões enquanto prática social, podemos notar que tradicionalmente sua posição é problemática. Do projeto freudo-marxista ao pensamento crítico representado pela escola de Frankfurt não se pode dizer que a psicanálise tenha sido bem sucedida em sua empreitada por legitimação. Nessa angulação, a epistemologia da psicanálise nos remete ao campo onde se efetuarão juízos sobre seu caráter crítico ou ideológico²¹. No caso da epistemologia de "esquerda", a avaliação recorrente é desanimadora: ciência burguesa e, como tal, ideológica e alienante²²; de toda forma incapaz de superar antinomias colocadas pela cisão indivíduo-sociedade.

A segunda posição, o cientificismo naturalista, tem pretensões mais elevadas. Entende que epistemologia da psicanálise refere-se a um trabalho que levará, mais cedo ou mais tarde, a uma resposta afirmativa ou negativa acerca de questões como: a psicanálise é uma ciência? O que se deve entender por ciência neste caso? Qual o seu método? E o seu objeto?

No interior desta perspectiva, encontraremos aqueles que procurarão extrair da psicanálise uma forma de conhecimento autóctone. Guiados por uma espécie de desejo de especificidade, farão com que a própria noção de conhecimento adquira contornos estritamente psicanalíticos. Freud torna-se, por este malabarismo, como que um novo Descartes ou então aquele capaz de tampar as lacunas da teoria do conhecimento kantiana. O que se encontrará atrás desta "inovação" freudiana será estranhamente parecido com antigas teses acerca do conhecimento. Gellner (1985) chamou esta versão freudiana do conhecimento de "realismo incondicional" (p.78); "realismo" porque postula uma região ontológica como o mundo interno ou a realidade psíquica que se comportaria como um objeto a conhecer;

²⁰ As pesquisas de Foucault (1996) representam um exemplo mais refinado da perspectiva historicista em questão, sua apreciação da psicanálise é contudo fragmentária.

²¹ As críticas de origem marxista à psicanálise, do jdanovismo soviético a Sartre partilham da estratégia que busca encontrar no interior do movimento histórico algumas posições de onde se podem emitir juízos críticos. Fundam-se portanto no que podemos chamar de historicismo antropologizante.

²² Ver para isso Roudinesco (1986).

“incondicional” porque este conhecimento encontra sua legitimidade na subjetividade do analista que atua como condição de acesso purificado ao mundo em questão ²³.

Ainda dentro desta segunda perspectiva, podemos situar aqueles que, partindo de uma determinada concepção de ciência e de conhecimento farão testar seu modelo nos axiomas e postulados da psicanálise. Carnap, Popper e Allers (1979) representam dignamente esta posição. Diante dos critérios considerados, a saber: a redução das afirmações à enunciados protocolares de enraizamento empírico, a possibilidade de refutação das hipóteses e enunciados explicativos e a capacidade de previsão e controle dos resultados, a psicanálise se viu sonoramente reprovada nas suas pretensões à cientificidade.

Em resposta a este fracasso em estabelecer-se como ciência, ou tendo-o por iminente, o circuito de preocupações da psicanálise se dirigiu para a seguinte estratégia: fundar seu modo de justificação e legitimidade numa ciência exterior ou ainda aproveitar-se dos momentos de incerteza e fragilidade da ciência em questão para contra atacar o imperativo cientificista com a especificidade de um método nas ciências humanas. Trata-se de encontrar uma ciência piloto a partir da qual pudéssemos nos assegurar da propriedade de seu modo de conhecer, fundar uma nova antropologia ou uma nova sociologia. A reação fundacionista apontava para um desconforto com relação à forma como Freud deixara a questão. Apregoando a psicanálise como uma das ciências da natureza (**Naturwissenschaften**) mas procedendo a partir de métodos estranhos a elas, a fundamentação metodológica carecia de solidez. Recusando a questão do método, a própria psicanálise se via posta em questão. Chegava-se à dura conclusão de que Freud era, no fundo, um mau epistemólogo e que, portanto, era necessário rever o assunto ²⁴.

A reação fundacionista se dividiu quanto à escolha da ciência piloto a ser adotada. Tendo em vista o biologismo confesso de Freud, a solução mais parcimoniosa passou pela revisão deste

²³ Para Bourguignon (1991, p.133), as duas maiores ameaças a psicanálise são a ideologia e a metafísica, daí a eventual validade das considerações epistemológicas. O “realismo incondicional” descrito por Gellner (**opus cit.**) parece uma admirável combinação dessas duas circunstâncias.

²⁴ A demonstração efetuada inicialmente por Sartre (1973) e depois mais agudamente por Ricoeur (1965) de que, na teoria psicanalítica, conviviam um energeticismo fiscalista e uma hermenêutica e de que a comunicação entre estas duas frações da teoria era por uma lado improvável e por outro pouco rigorosa, acentuou ainda mais o drama epistemológico da psicanálise.

biologismo ²⁵. Isso pode ser verificado numa grande diversidade de movimentos teóricos e de releituras que ocorreram na psicanálise, especialmente nas décadas de 50 e 60. Há várias maneiras de situar esta aproximação considerando-se desde o biologismo vitalista até o biologismo metodológico.

Um forte exemplo deste último caso aparecerá no contexto da anexação da psicanálise à psiquiatria em solo anglo-saxônico. Autores como Alexander (1978), Bowlby (1984) e Spitz (1967) concentrarão seus esforços em seguir a pista filogenética deixada por Freud. O biologismo adaptacionista e darwiniano resolveria assim a questão de método, abrindo um prolífero campo de pesquisas além de uma conveniente proximidade de fundamentos.

Ainda no quadro do biologismo anglo-saxônico podemos destacar a profunda preocupação com a ontogênese. Através dela, a psicanálise fixaria sua fundamentação no terreno da psicologia comparativa e nos estudos sobre o desenvolvimento da criança. Encontraria-se assim uma psicologia capaz de fornecer os subsídios empíricos, públicos e universalizáveis para a conceitografia psicanalítica tornando suas afirmações compatíveis com os bons modos universitários e científicos. A psicanálise transformaria-se assim numa psicologia capaz de sanar as lacunas da psicologia kantiana embutida subrepticamente na psiquiatria.

Vejamos com mais atenção a preocupação metodológica do biologismo anglo-saxônico. Bowlby (1984) esclarece as quatro características fundamentais de suas premissas metodológicas da seguinte forma:

1. é uma abordagem prospectiva e não retrospectiva;
2. enfoca a patogenia e suas seqüelas;
3. recorre a observação direta de crianças;
4. utiliza dados sobre animais (p.8).

A partir deste método, Bowlby pretende isolar com maior precisão o agente etiológico suposto pela psicanálise: o trauma. Alegando que a investigação retrospectiva e histórica, que se realiza no contexto tradicional da análise, não ofereceria as condições de justificação científica, Bowlby (p.17) se vê obrigado a introduzir uma nova teoria sobre o instinto. Esta confere menor importância à noção de

²⁵ Laplanche (1994) avalia as perspectivas deste biologismo, dividindo-o na fração filogenética, fisicalista e mecanicista em oposição ao antropomorfismo, biomorfismo e linguístico-morfismo. Em linhas gerais esta divisão recobre a que propomos

energia e maior importância à de organização e informação (p.19) ²⁶. Assim, supõe-se o comportamento de apego em seres humanos baseado na noção etológica de estampagem (p. 238) ²⁷. Em outras palavras, a disposição a fixar-se numa certa figura como ponto de segurança e base para a exploração do mundo seria um fato imediatamente observável em crianças. As vicissitudes desta relação de apego poderiam ser descritas a partir de padrões diferentes de apego que resultariam posteriormente (o que se poderia prever) em diferentes maneiras de lidar com a separação, o luto e a perda. Portanto o trauma, e toda a teoria freudiana da angústia a ele ligada, fica dependente da realização de um apego inseguro. O desenvolvimento do apego é descrito a partir de quatro fases.

Na primeira, que vai até os três meses aproximadamente, a criança orienta-se para o adulto discriminando sinais auditivos e olfativos. A presença desses sinais é suficiente para manter a proximidade com o adulto que, até este momento, é uma figura parcialmente indiscriminada.

Na segunda fase, que se desenvolve até os seis meses de idade, há uma orientação nítida em relação a uma figura materna discriminada. Na terceira fase, que vai até o terceiro ano de vida, formam-se as figuras subsidiárias de apego. Nela se inicia o reconhecimento do estranho que é gradativamente assimilado às condições de apego ou então mantém-se como fonte de alarme e retraimento (p.284).

Na quarta fase, a figura materna é concebida como um objeto independente e "que se movimenta de um modo mais ou menos previsível num contínuo espaço-tempo" (p.285). A criança passa a intuir que a figura de apego possui seus próprios motivos e sentimentos. Podemos notar que, para Bowlby, quando a criança reconhece a autonomia do outro, ela aumenta significativamente a sua própria. No caso das afecções psicopatológicas, a construção perturbada do apego reduz o reconhecimento da autonomia do outro e conseqüentemente a do próprio sujeito que herdará os padrões de apego para o resto de sua vida.

entre cientificismo naturalista e metodologismo humanista.

²⁶ A recusa da noção de energia é explícita em Bowlby (1984): "...A principal ênfase recai sobre os conceitos de organização e informação, que são conceitos independentes de matéria e energia, e sobre os organismos vivos como sistemas abertos e não fechados." (p.19).

²⁷ A noção de estampagem (**imprinting**) proposta por Lorenz (1986) refere-se a fixação do animal a certos estímulos aos quais este foi exposto durante o chamado período crítico. Bowlby propõe que o apego seja uma forma de estampagem em seres humanos que se manifestaria por uma tendência a responder socialmente a certos estímulos e não a outros. A eleição da figura de apego se daria durante a fase sensível, provavelmente entre a idade de seis semanas e um ano. Isso explicaria porque após seis ou oito meses, e não antes disso, a criança mostraria medo a estranhos.

Vemos que um ponto crucial no projeto de Bowlby é a identificação entre o trauma, tal como aconteceu efetivamente (até os quatro anos) e o trauma tal qual é lembrado durante a análise. A observação direta alcança os fatos significativos com mais precisão do que a indireta. O acontecimento traumático permanece o mesmo, o que muda é a forma de descrevê-lo. Assim uma soma de descrições, seguindo ponto de vistas diferentes, é também uma soma ou um aumento do conhecimento. Mas, se o acontecimento-1 (trauma na sua atualidade) é idêntico ao acontecimento-2 (trauma tal qual é lembrado), se sua significação e sua determinância etiológica se preservam, o que uma psicanálise poderia modificar na perspectiva causal da neurose?

A maior crítica que se pode fazer ao biologismo anglo-saxônico é a forma como ela acaba interpretando a vertente representacional da teoria psicanalítica. O equívoco no entendimento do conceito de pulsão (**Trieb**) como instinto (**instinct**) é apenas um efeito de superfície perto do que isto implica para a leitura dos processos inconscientes.

Como observa Bowlby, a tensão não deve ser entendida mais no eixo energia (pulsão) - representação (inconsciente) mas no eixo da informação - organização. Toda questão então é saber se a idéia de informação é compatível com os processos inconscientes de significação e ressignificação. A informação, como supõe Bowlby, possui uma temporalidade homogênea ($T1 = T2$) e a significação, uma temporalidade heterogênea pois descrever algo, neste nível, pode transformar o próprio acontecimento descrito. A noção de informação supõe, ao contrário, uma consistência universal e uma transparência do código na qual é veiculada, que é incompatível com o domínio dos processos inconscientes enquanto processos subjetivantes. A hipótese do inconsciente supõe, neste sentido, um diferencial irreduzível entre a descrição em si (a pura informação), o ato de realizá-la (a significação) e seu efeito (o sujeito) ²⁸.

A diferença entre modos de descrição e a constituição do objeto descrito já aparecia naquele que pode ser considerado o precursor das teses etológico-psicanalíticas de Bowlby; René Spitz. (1979, p.11) insiste vigorosamente na diferença entre o desenvolvimento psicológico e o desenvolvimento biológico, mais propriamente chamado de maturação. A posição de Spitz no cenário americano da

psicanálise no pós-guerra é bastante delicada e o nó dessa tensão é a noção de desenvolvimento. Hartman, Lowenstein e Kris, seus companheiros na escola de Nova York tomam um caminho teórico que visa diluir a diferença entre desenvolvimento psicológico e biológico ²⁹, seus opositores em Chicago, os assim chamados culturalistas, criticam duramente as posições mais biologizantes de Freud e com, isso parecem conferir maior peso ao desenvolvimento psicológico. É nessa situação delicada que Spitz apresenta a sua teoria da constituição do ego.

Spitz (1979) sustenta que o desenvolvimento do ego dependeria de três organizadores fundamentais. O primeiro organizador estrutura a percepção e corresponde à responsividade que a criança manifesta a certos signos gestálticos (**gestalt-signal**, p.14). O mais importante deste signos é a face humana (boca e olhos fundamentalmente). Dentro desta figura, que pode ser resumida a seus traços esquemáticos e ainda assim preservar-se como estímulo, o reconhecimento do sorriso é o que apresenta a máxima responsividade (tanto do lado da criança quanto do adulto). O movimento do conjunto bem como a sonoridade associada a ele são também componentes importantes.

O segundo organizador proposto por Spitz estrutura a relação estranheza-familiaridade (sobre o qual Bowlby concentrou suas pesquisas). A criança reconhece, muito precocemente a diferença entre certos signos, especialmente icônicos e indiciais. No entanto, o reconhecimento de diferença entre pessoas parece ser uma aquisição do oitavo mês de vida. O índice desse organizador, segundo Spitz (**opus cit.**, p. 27) é a angústia dos oito meses. Em outras palavras, a partir dos oito meses a criança costuma distinguir, mesmo numa figura que porte os signos-gestálticos da face humana, aqueles que são conhecidos e aqueles que geram angústia. Pode-se dizer que a angústia dos oito meses representa uma transformação em relação ao modo de linguagem em que a criança se encontrava. Sai-se do modo sígnico e passa-se ao modo onde a própria estrutura da enunciação supõe um "usuário" independente, isto é, alguém que surge à criança como Outro. A presença da angústia a esta altura pode indicar o rompimento da estabilidade entre o nível significante e significado, o que se verificaria na linguagem dos signos-gestálticos.

²⁸ Por que não se pode aplicar a hipótese do inconsciente a animais ? A primeira objeção que nos ocorre é que os animais não falam, não realizam atos com sua linguagem apesar de serem capazes de formas absolutamente complexas de informação.

O terceiro organizador do ego, pela hipótese de Spitz, é a aquisição da linguagem. Note-se que isso implica em considerar os organizadores anteriores como se eles não fossem, propriamente, modos de linguagem, o que contrasta com o próprio conceito de Spitz: *signos-gestálticos*. Por volta dos dezoito meses, a criança finalmente entraria na linguagem, o que faz Spitz perguntar:

"Onde se encontra a linha divisória entre palavras globais que expressam necessidades de satisfação e o emprego da linguagem, ou seja, de signos semânticos no sentido adulto."(p.33)

As palavras globais são "por natureza um apelo e não uma descrição como seria a linguagem adulta" (p.33). Este apelo teria um modo de expressão pré-verbal, o que Spitz parece confundir com pré-linguístico, e a partir disso argumenta a favor de sua determinação biológica. A passagem do "pré-verbal" ao "semântico" realizaria-se por intermédio do primeiro "gesto semântico" (Spitz, 1979, p.182), isto é, o balançar horizontal da cabeça (na cultura ocidental) significando negação. Apesar da importância concedida por Freud (1925h) à significação lógica da negação e sua ligação com o juízo (**Urteil**) de atribuição e de existência para a constituição do ego, Spitz no seu livro clássico "**The First Year of Life**" (1967) não postula nenhuma ligação nesse nível. São apresentadas hipóteses biológicas, neurofisiológicas e até embriológicas para explicar sua origem (p.190), discute-se sua importância no quadro da psicologia da Gestalt (p.184), sua ligação com a frustração e com os afetos primários (p.147) mas em nenhum momento retoma-se a idéia inicial de que é pela negação que a criança tem acesso à linguagem semântica.

Simplificando a questão: podemos dizer que o homem possui uma predisposição biológica a falar³⁰ mas concluir daí que o conteúdo de sua fala e as significações que ele produz, são determinadas biologicamente é, senão um equívoco metodológico, um erro de raciocínio. Para que isso fosse possível, seria necessário que as significações complexas da "linguagem semântica" já estivessem como que implantadas no cérebro ou no inconsciente no sentido metafísico, como às vezes parece sugerir a tese freudiana das fantasias filogenéticas.

²⁹ Explorando especialmente a chamada teoria do apoio (**Anlehnung**) freudiana (1905d), segundo a qual a pulsão sexual se separaria da pulsão de autoconservação, vindo posteriormente a recobri-la.

³⁰ Chomsky (1978, p. 229) chamou esta disposição de competência universal (fixada numa gramática racional) para a fala. Esta competência se oporia ao desempenho (**performace**) que corresponderia a atualização específica dada pela língua e pela fala específicas.

As posições do biologismo anglo-saxônico encontram-se ainda presente e expandidas, quanto à semântica biológica, nas premissas observacionais idealizadas por Esther Bick (1984) e na tradição de pesquisa que lhe deu continuidade. Recentemente, a Revista Brasileira de Psicanálise (1995) dedicou um número à situação atual da observação de bebês tendo em vista as suas implicações para a formação, para a pesquisa e para a consolidação da psicanálise como ciência. Examinando os artigos deste volume podemos depreender a seguinte concepção acerca da relação entre realidade e linguagem:

1. existe um *espaço* definido como mundo interno³¹
2. sua ocupação deriva da assimilação (por introjeção, identificação etc.) do objeto tal como ele se apresenta no mundo externo, objeto este definido no âmbito da realidade.
3. este objeto pode ser observado bem como todo o mundo externo ou realidade. A partir desta observação, pode-se inferir acontecimentos no mundo interno.
4. uma descrição “não interpretativa” da relação entre a criança ou bebê pode ser feita e ela seria capaz de designar ostensivamente os objetos reais.
5. a descrição neste momento traduziria perfeitamente o que a percepção informa ao sujeito.

Ora, a concepção de linguagem envolvida nessas premissas bem como a definição de realidade empregada é, sob vários aspectos, precária. A primeira premissa já é por si uma metáfora: mundo interno fora deste sentido quer dizer conjunto de ossos, nervos e músculos do interior do corpo. Mas se é uma metáfora o que funda todo o projeto descritivo, como postular em seguida que o uso da linguagem mais adequado para supri-lo de descrição é a linguagem despida da metáfora e da interpretação ? Os Artigos de Shuttleworth (1995), Fonagy (1995) e Mélega (1995) contidos no volume em questão partilham dessas mesmas premissas.

A idéia de linguagem e a própria constituição do mundo interno seguem a trilha do que os filósofos da linguagem denominam de teoria adâmica da linguagem. A teoria adâmica afirma que a linguagem é fundamentalmente:

- a) uma forma de representar e descrever o mundo;

- b) um conjunto de nomes de coisas;
- c) um instrumento utilizado por um sujeito para expressar suas idéias, emoções e representações que existem além e independentemente da linguagem.

Ora, essas três suposições da teoria adâmica embutida na concepção de linguagem empirista são facilmente objetáveis. Primeiro, a representação do mundo não é a única função possível para a linguagem.

Segundo, a linguagem não é um conjunto de nomes, uma nomenclatura que une palavras a coisas, sejam elas coisas internas (como sentimentos) sejam elas coisas externas (como objetos da percepção). Santo Agostinho já objetava que se assim fosse, a que coisas referem-se palavras como “se, então, porque, daí etc.” ?

Terceiro, porque a existência de um sujeito que autonomamente coordena a exposição de seu pensamento por intermédio da linguagem e em nenhum momento poderia ser afetado e determinado por ela é claramente contraditória com a própria hipótese do inconsciente nas suas manifestações linguísticas.

A fraqueza da teoria de linguagem que subsidia as premissas que procuram justificar a observação de bebês como forma de acesso ao mundo interno não exclui evidentemente que o uso da descrição e a própria noção de descrição sejam revistas a partir de outra concepção de linguagem.

Um autor que nos parece fundamental para avaliar o projeto epistemológico da psicanálise anglo-saxônica do ponto de vista da linguagem é Spence (1992). Trabalhando sobre descrições clínicas e suas suposições de base, Spence destrói sistematicamente as pretensões tanto em considerar a teoria psicanalítica como uma teoria explicativa quanto as principais metáforas teóricas veiculadas para consolidar retoricamente esta impressão. Refletindo sobre a teoria psicanalítica a partir de autores como Heidegger, Gadamer, Rorty e Derrida, o trabalho de Spence desconstrói, a partir da crítica da concepção de linguagem as seguintes premissas:

- a) de que as teses psicanalíticas possam ser refutadas ou referendadas por dados de observação em si mesmos (p.36);

³¹ Como se nota, por exemplo, na seguinte afirmação de Shuttleworth: “Ao contrário, esse estágio inicial pré-simbólico do desenvolvimento é visto como proporcionando um senso de mente como um lugar concreto em que as representações

- b) de que exista um único significado, universalizável, fixo e acessível para as formações do inconsciente (p.43);
- c) de que este significado é acessível à consciência purificada do analista inocente (p.77);
- d) de que a narrativa que compõe a análise possa ser purificada num texto coerente, sem lacunas onde os motivos de seus fios condutores possam ser finalmente dilucidados de uma maneira definitiva (p.137).

O que o trabalho de Spence acaba por sugerir é que o paradigma onde a teoria psicanalítica deve ser avaliado está muito mais próximo da hermenêutica do que das ciências naturais. Acrescentamos que, junto com esta mudança de paradigma, não se extingue propriamente a questão da fundamentação epistemológica, ela apenas muda de figura e deve acolher outros termos, termos que envolverão notadamente a forma como se deve considerar a linguagem ³².

Refletir sobre a epistemologia da psicanálise mais além do projeto fundacionista do cientificismo naturalista significa explicitar a complexa rede de relações e alianças causada pela migração de conceitos e problemas; ou ainda, interpretar este aglomerado de suposições sobre a linguagem e suas manifestações ³³. As raízes desta atitude localizam-se no desejo de fundamentação metodológica que atravessou as ciências humanas especialmente nas décadas de 50 e 60 ³⁴. É no interior destas que a linguagem se estabelece como a referência metodológica fundamental.

A linguagem é uma noção genérica o suficiente para acolher dentro de si perspectivas tão diferentes como a teoria do conhecimento (entendida como crítica da linguagem), a metafísica (entendida nos limites da linguagem), a história (entendida como história dos discursos), ou as estruturas elementares de parentesco (entendidas como linguisticamente estruturadas).

internas adquirem vida própria.”(1995, p. 224).

³² Observe-se que este não é o único cenário possível para a alteração do paradigma da teoria psicanalítica. Apenas para citar outro que nos parece relevante podemos nos referir ao projeto de avaliar a teoria psicanalítica a partir da antropologia nela contida ou subsumida. O problema epistemológico representado pela tensão entre biologismo e hermenêutica traduz-se neste caso na questão: qual antropologia adotar para a psicanálise? O biologismo sem esta antropologia é inútil, esta antropologia sem uma fundamentação biológica é uma posição exposta ao relativismo.

³³ Quando Bowlby ou Spitz deslocam o tema da energia para o tema da informação, eles acabam assumindo uma posição no cenário da discussão sobre a linguagem, mesmo que o intuito na época não fosse este. Seus projetos teóricos passam a ser avaliados, retrospectivamente, desde o paradigma sugerido por Spence como partidários de uma concepção comunicacional de linguagem.

³⁴ Husserl em “A Crise das Ciências Europeias” (1976) é um dos autores que testemunham e tematizam este problema antes do período em questão.

Especialmente a partir da segunda metade do nosso século, a linguagem passa a ser uma espécie de pivô, de ponto fixo, talvez como o fora a consciência no século XVII, a história no século XIX e o homem na primeira metade do século XX . Isto quer dizer que os problemas mais diversos das ciências humanas assumiriam plena dignidade se pudessem ser *traduzidos* em termos de linguagem ³⁵. Os estudos de Foucault (1987a, 1987b) mostram como a própria aparição das ciências humanas, no sentido moderno, decorre da desconfiança em relação à função representacional da linguagem e da ruína dos esquemas classificatórios e organizadores aos quais a ciência clássica se encontrava ligada ³⁶.

O impacto da "descoberta" da importância metodológica da linguagem não representou, contudo, uma ruptura total com as tradições antecedentes. Pelo contrário, antigas questões se colocam agora em novos termos. Neste sentido, a questão de método pode ser lida como decorrente da forma como se considera a linguagem e do uso a que ela será submetida.

Voltemos às inflexões desse acontecimento no cenário psicanalítico. O pensamento de Lacan é o que melhor exemplifica o movimento em questão. Inserido problemáticamente no movimento estruturalista, sua concepção de linguagem procura filiar-se à linguística de Saussure, depois Jakobson e Benveniste ³⁷, depois ainda ao logicismo de Frege. Mas, o que isto significa ? Do ponto de vista do conhecimento, o apoio em Saussure é tranquilizador, desloca a questão epistemológica para a linguística e deixa como tarefa a tradução dos conceitos psicanalíticos nos termos desta ciência piloto (Dosse, 1994 ³⁸). O critério passa a ser então o rigor da tradução, sua qualidade, consistência ou capacidade de evocar autoridade ³⁹.

³⁵ A forma de traduzi-los e as condições de tal empreitada parece ser ainda o litígio fundamental da filosofia neste fim de século. A filosofia analítica anglo-saxônica, a fenomenologia alemã, o pós-estruturalismo francês e o neopragmatismo americano são as tendências mais esquematicamente relevantes. A psicanálise está progressivamente atravessada por este campo de forças sem que ainda se possa definir se ela possui uma posição autônoma ou não.

³⁶ Cassierer (1994), outro teórico da unidade das ciências humanas, postulava que esta deveria ser buscada na estrutura e no caráter das várias formas simbólicas (p.362), isto é, no plano da linguagem.

³⁷ Na década de 70, pôde-se observar a emergência de uma concepção mais logicista de linguagem, sobretudo através da presença indireta do pensamento de Frege (1978) e pela substituição da linguística pela linguística e da língua pela alíngua (Seminário XX).

³⁸ Como observa o historiador do estruturalismo; "Os trabalhos de Lévi-Strauss, do primeiro Barthes, de Lacan em parte, representaram na França a explosão retardada - e tanto mais visível - do debate ocultado sobre a linguagem e a epistemologia do saber." (p.431)

³⁹ É notável como o problema do conhecimento perpassa os textos lacanianos do início da década de 1950 (Seminário I e II por exemplo) e se entrelaça à concepção de imaginário desenvolvida nesta época. O logicismo do final de sua obra pode ser entendido como uma reminiscência da preocupação fundacionista original e que, como estamos vendo, estava presente no ambiente de teorização da psicanálise até a década de 50.

Ocorre que esta incorporação lacaniana de termos da linguística e da filosofia da linguagem é sob diversos aspectos problemática. Por exemplo, em Saussure, há, estritamente falando, uma teoria do signo sujeito a uma delimitação recíproca de suas unidades componentes (significante e significado). Trata-se de um isomorfismo entre a massa ideacional e a massa de sons (Saussure, 1975, p. 131). Cada elemento da unidade sígnica liga-se reciprocamente a outra como as duas faces de uma folha de papel. Para Lacan, há uma teoria do significante (fato impensável em Saussure) e uma teoria do signo, como aponta Arrivé (1994, p.95-112). Na teoria lacaniana do significante, afirma-se que a correlação entre significante e significado depende de um intervalo temporal que opõe dois significantes (a bateria significante mínima). É apenas em função disso que se compreenderá a tese da “autonomia do significante” e da oposição entre significância (as articulações significantes) e significação (os efeitos de significado). Chega-se assim à idéia de que, na origem da incorporação lacaniana da linguística, está a introdução de um elemento temporal estranho a esta. Este intervalo é, no texto de Saussure, representado pela teoria da segmentação mútua entre significação e valor, onde a barra não separa mas liga significante e significado ⁴⁰.

Ora, essa dissensão assustadora entre Lacan e Saussure nos faz refletir se o debate sobre a linguagem não deve ser continuado como campo não arbitrário de constituição da temática e da clínica psicanalítica.

Eximir-se do debate acerca da linguagem, tomando-o como um arbitrário entre outros, por exemplo, significa distanciar-se da situação que originou a necessidade de tradução e migração conceitual. Em outras palavras, representa um retraimento ao agora pacificado solo psicanalítico onde poderíamos, afinal, ocuparmo-nos de nossos próprios problemas ⁴¹.

Se queremos detectar os limites e pertinência das traduções que uma dada teoria psicanalítica nos impõe, um dos problemas metodológicos de nossa pesquisa, devemos ter em mente esta tomada de posição acerca da linguagem como algo não concluído. Nosso intuito será o de mostrar que

⁴⁰ Estabelecemos a partir dessa dissensão, a idéia de uma linguagem estruturada pela primazia significante para nos referirmos a interpretação lacaniana de Saussure e a idéia de uma linguagem sígnica para nos referirmos a uma eventual teoria do signo em Lacan.

⁴¹ Tendo em vista a teoria da ciência postulada por Kuhn (1989), poderíamos dizer que a situação retrata a passagem de uma crise de paradigma para o assentamento numa ciência normal. Ciência normal, no caso da psicanálise, refere-se, via de regra, à prática do comentário de texto e a procura da fixação de seu sentido. Roudinesco (1986, 1994) descreve este

determinadas traduções, que aparentemente seriam invalidadas por motivos de fundamento epistemológico, decorrem na verdade de aproximações e suposições realizadas em relação à noção de descrição, insuficientemente criticada. Uma vez que esta noção emerge de uma tradição antagônica (o refundacionismo biologista), ela se mostraria incompatível com o uso psicanalítico de extração lacaniana.

No entanto, se atentarmos para o fato de que questões epistemológicas são na verdade questões relativas a diferentes concepções de linguagem podemos vislumbrar o caminho por onde descrições etológicas, mas não apenas estas, podem ser traduzidas ao universo psicanalítico sem abalar seus fundamentos. Encontrar o ponto de ligação entre uma linguagem e outra seria na verdade encontrar os pontos de comensurabilidade, de tradutibilidade, de um universo de linguagem a outro. É esse o problema a ser enfrentado se queremos tomar uma posição acerca da relação entre a teorização psicanalítica e a base descritiva que supostamente a referencia, bem como se queremos encontrar alguma especificidade para a descrição psicanalítica.

Nosso percurso conclui-se portanto com a idéia de que a tomada de posição junto aos herdeiros da crise de fundamento metodológico no interior das ciências humanas não deve representar um enrijecimento de sua concepção de linguagem. Isso se impõe pela compreensão das circunstâncias históricas que levaram a adotar a linguagem como paradigma. No entanto, este seria apenas um motivo teórico para reconsiderar o tema da descrição no espaço das teorias sobre a linguagem. A psicanálise é também uma clínica e a condição do avanço de sua teoria deve ser uma certa tradutibilidade recíproca entre esta teoria e a clínica. É este o ponto que abordaremos no próximo capítulo.

período como o da absorção do lacanismo ao ambiente universitário da psicologia e à formação de uma tecnocracia do ensino psicanalítico.

4. Sobre a Relação entre Clínica e Teoria na Psicanálise

Pelo examinado em nossas considerações epistemológicas preliminares, verificamos um quadro de diversidade teórica. Esta diversidade prescreverá diferentes modos de pensar a relação entre a clínica psicanalítica e sua teoria. Nesta seção, nos dedicaremos a considerar como esta relação, e os problemas que ela implica, podem ser pensados no quadro da teoria lacaniana. Sintetizaremos nossas preocupações em torno de duas questões, a saber:

a) Em que condições um acontecimento pode ser considerado relevante, do ponto de vista clínico, para interrogar a teoria ?

b) Que tipo de relação se estabelece entre a metapsicologia (como metonímia da teoria) e a clínica?

Poderíamos supor que a condição mínima para que um acontecimento se revele psicanaliticamente interessante é que a ele se possa aplicar a hipótese do inconsciente. O estatuto teórico do inconsciente talvez seja uma das maiores controvérsias da psicanálise. Sua teoria talvez não contenha outra coisa senão uma tentativa de falar das incidências do inconsciente. Lacan (1960b) fala em oito acepções empregadas para o termo em questão:

1. o inconsciente como o que funciona de forma alheia à consciência nos processos perceptivos (as ilusões);
2. o inconsciente como forma de hábito pré-reflexivo;
3. o inconsciente como uma segunda consciência volitiva (como na dissociação histérica);
4. o inconsciente como uma forma de pensamento latente (como fonte da criatividade);
5. o inconsciente como uma ligação "telepática" entre os sujeitos (como na empatia);
6. o inconsciente como fundo adquirido e integrado a uma memória pré-reflexiva pessoal;
7. o inconsciente como natureza hereditária e integrado a uma memória pré-reflexiva filogenética;
8. o inconsciente metafísico, sinônimo do incognoscível radical e do mal originário (p.810).

O que se destaca como comum a estas oito acepções é a duplicação, na idéia de inconsciente, dos atributos da consciência (percepção, memória, pensamento, imaginação etc.). Assim, o inconsciente seria uma espécie de duplo, oculto e simétrico da consciência. As definições (6) e (7) mostram como a noção de inconsciente pode incluir a filogênese e a ontogênese. Essas oito acepções

se aproximam muito mais do que Freud (1915e) chamava de inconsciência (**Unbewußtheit**) do que propriamente do inconsciente (**Unbewußtsein**). Em outras palavras, elas valorizam a dimensão descritiva do inconsciente em detrimento da dimensão sistemática. Ao fazê-lo, aproximam a psicanálise da teoria psicológica clássica. Isto é, fazem do inconsciente um processo mental, um objeto.

A posição de Lacan parece se insurgir sistematicamente contra esta posição. O inconsciente não é um objeto (nem real nem ideal), simplesmente porque o seu próprio estatuto enquanto ente é duvidoso, como se nota pela seguinte passagem do Seminário XI:

“O estatuto do inconsciente, que eu lhes indico tão frágil no plano ôntico, é ético. Freud, em sua sede de verdade diz - *O que quer que seja, é preciso chegar lá* - porque em alguma parte este inconsciente se mostra.”(p.37)

Isso recolocaria os termos da teoria psicanalítica, ela não é essencialmente um método de produzir conhecimento, muito menos autoconhecimento, sobre algo, mas fundamentalmente uma ética, concernente ao sofrimento psíquico e suas vicissitudes.

Centrar o problema na ética ou no desejo do analista, como notamos em "Direção da Cura..." (1958b) e no Seminário VII pode provocar problemas no campo de justificação teórica. Significa dizer quais são os termos deste desejo, o que de novo nos envia a uma teoria do inconsciente do qual o desejo do analista faria parte. Entre a ética e a teoria do conhecimento, a passagem não é natural e a associação é via de regra histórica e sociologicamente determinada.

Pode-se argumentar que o inconsciente não é um objeto, mas uma hipótese. Hipótese que Lacan situa como aplicável a certos efeitos da linguagem. É necessário então explicitar que tipo de hipótese é essa. Poderíamos dizer que se trata de uma hipótese semelhante a que, por exemplo, a física postula para explicar certos efeitos do mundo físico que ela isola a partir da própria hipótese. A queda dos corpos, nesse sentido, se explica pela hipótese da gravidade, formalizada na lei universal da gravitação. Mas em muitas facetas, o termo "hipótese" não é usado na psicanálise como na física.

A hipótese do inconsciente não explica, rigorosamente, os efeitos de linguagem. Explicar é mostrar a relação entre um conjunto de causas e um conjunto de efeitos. A idéia de uma sobredeterminação psíquica e a própria concepção de causa em psicanálise são incompatíveis com o

que se poderia esperar no regime de explicação científica. A causalidade psíquica é retrospectiva a causalidade física é prospectiva.

Mas a objeção mais importante ao fato do inconsciente se constituir como uma hipótese não é essa. Ele não é uma hipótese como a da física porque o sujeito que a formula não é o mesmo sujeito que formula hipóteses sobre a queda dos corpos. Ela é uma hipótese que não pode deixar de incluir o sujeito que a enuncia quando o faz. Nesse sentido, ela é uma hipótese ética, pois não apenas descreve um mundo ou um sujeito na sua ipseidade mas propõe um sujeito. Mas, poderia se objetar, Newton não deixou de sofrer os efeitos da lei que ele propôs, então qual a diferença? A diferença, pensamos, é que a hipótese do inconsciente versa justamente sobre o sujeito e postula que todos os seus enunciados podem ser postos sob suspeita⁴². Como diz Dor (1993), argumentando contra Descombes:

"O discurso da psicanálise se quer ser discurso da ciência, não fala daquilo que diz falar (o inconsciente, o desejo) e se fala não é discurso da ciência" (p.78)

O problema em falar de uma teoria do inconsciente é o problema da possibilidade de uma teoria da divisão do sujeito. Se ela se faz desde um sujeito não dividido (o da ciência), ela expulsa sua própria premissa e se ela não o fizer não será uma teoria do inconsciente.

O paradoxo representado pela teoria psicanalítica foi muito bem percebido e sintetizado por Ladrière (1977). Este observa que a estrutura teórica da psicanálise deve justificar-se levando em conta seu próprio conteúdo de modo que *ou* ela é capaz de fornecer uma completa elucidação de suas pressuposições ou deve revelar-se independente do inconsciente (p.38). O primeiro caso equivale a uma exaustão total do inconsciente o que é impossível. O segundo caso implica em postular que o próprio discurso psicanalítico é independente do inconsciente, o que poderia ser feito pelo estabelecimento de um discurso que o compreenda. A segunda posição poderia ser reforçada pela formalização rigorosa do discurso psicanalítico, seja de estilo physicalista seja filosófico seja logicista (o estruturalismo combinaria estas três projetos). No entanto:

"... qualquer que seja o método adotado será preciso mostra como e porque a interpretação utilizada é privilegiada, isto é, em razão do que pode ser tida como realmente autônoma em relação as determinações inconscientes..." (p.39)

⁴² Gabbi Jr. (1994 p. 2) trabalhou, a partir de Davidson, a fissura na racionalidade que esta hipótese acaba por induzir, o que faria da psicanálise uma teoria dos atos acráticos cujas premissas seriam (1) a divisão do aparelho psíquico em vários sistemas, (2) que cada sistema organiza o desejo de uma forma e (3) que os atos irracionais (acráticos) resultam do conflito entre os diversos sistemas. Nos interessaria mostrar a incidência ética dessa irracionalidade.

Portanto, a teoria psicanalítica não é uma teoria explicativa (como a da gravidade) nem uma teoria descritiva (como a psicologia); o que mostra que o problema em situar a psicanálise como uma disciplina hermenêutica ou como uma disciplina natural é na verdade um pseudo problema. A questão central não diz respeito ao estatuto do objeto, fatos ou valores, nem ao do método, explicativo ou compreensivo, mas ao estatuto do sujeito. É por isso que Dor (opus cit) reputa como denegação ou forclusão do sujeito as perspectivas que querem incluir a psicanálise na psicologia das neurociências ou na filosofia dialética do materialismo histórico (p.91).

A intuição deste paradoxo levou autores como Roustang (1988) a afirmar que a teoria psicanalítica é uma espécie de ficção sem qualquer poder preditivo, compreensivo ou regulativo em relação à prática da psicanálise. O próprio Freud (1915c) já denominara sua teoria das pulsões de mitologia, mas Roustang vai além disso. Sua perspectiva retoma o problema, aparentemente insolúvel, do círculo hermenêutico. Em outros termos, como aquele que interpreta pode furtar-se à sua própria inserção na interpretação? O sujeito da ciência é assim designado justamente porque não está incluído nem ética, nem estética, nem historicamente no seu enunciado; haja visto a disparidade entre ética e conhecimento em nosso século ⁴³. A posição de Roustang nos conduz de fato ao solipsismo (Dor, p. 199). Não podemos sair de nós mesmos, apoiados num ponto de vista angélico, isto é, fora do tempo e do espaço, para fixar a teoria psicanalítica; logo, estamos condenados a falar de nós mesmo quando pensamos que falamos de outra coisa qualquer. Ora, este sujeito constituiria um caso em que não se pode aplicar a hipótese do inconsciente.

Três outras soluções vem se destacando, no cenário dos comentadores contemporâneos da obra de Lacan, em vista do problema apresentado. Uma primeira posição, representada por Descombes (1986) e Juranville (1987) afirma que o discurso que é capaz de enunciar a hipótese do inconsciente deve ser de extração filosófica. Isto porque, já no pensamento de Hegel, no primeiro caso, e de Heidegger, no segundo, há lugar para um sujeito dividido. Pela contradição ou pelo tempo, o sujeito

⁴³ Aplica-se a hipótese do inconsciente ao sujeito do conhecimento e o que se obtém é um sujeito ético. A partir deste esquema torna-se para nós compreensível a afirmação de Lacan de que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência: "Dizer que o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise é o sujeito da ciência pode parecer um paradoxo." (1965, p. 837)

em ambos os contextos não se reduz a seu enunciado. Ele não é imediatamente acessível e transparente a si mesmo ⁴⁴.

Uma segunda posição, representada por Dor (1988) e Miller (1994) afirma que uma teoria do sujeito dividido pode ganhar contornos e justificação a partir do reconhecimento do próprio paradoxo que a constitui. Assim, se o paradoxo puder ser representado numa linguagem formal, a lógico-matemática, estaria se realizando uma teoria do sujeito em divisão.

Uma terceira posição, de enraizamento mais clínico, pensará a hipótese do inconsciente vinculando-a ao contexto onde ela se aplica, estrito senso, ou seja, a situação de análise. É o caso de uma parcela dos pós freudianos para quem a teoria se converte numa espécie de descrição metafórica ⁴⁵. A teoria psicanalítica não seria assim a metalinguagem da clínica mas um modo de permitir uma transmissão parcial. Quando descreve-se uma sessão, em face de uma supervisão, ou quando relata-se um caso na verdade "constrói-se" um discurso cuja relação com os acontecimentos é puramente fictícia. Isto não quer dizer que esta ficção seja puramente contingencial e relativa ou que ela possa ser restaurada ou modificada por um discurso de inflexão literária ou pedagógica. Em outras palavras, a ficção pode ser tão coercitiva a ponto de impor regras para sua sustentação e continuidade.

Esta é uma posição que aparece com pequenas diferenças também em Spence (1992) para quem o desconhecimento do estatuto metafórico de suas próprias teorias teria gerado uma extinção da renovação teórica e um aplainamento da narrativa do paciente pela metáfora implantada no analista ⁴⁶. O que Spence denuncia é o não reconhecimento, pelos analistas, do caráter eminentemente metafórico da teoria na qual se apoiam.

⁴⁴ Poderíamos desenvolver esta idéia, no quadro da história ou sociologia do conhecimento, a partir da hipótese de que o que torna possível a invenção da experiência analítica (deste ponto de vista) é a existência de um sujeito que se reconhece na contradição, na não identidade consigo mesmo, ou no paradoxo. Ora, isso foi tematizado por várias tradições filosóficas de Schopenhauer e Nietzsche a Heidegger especialmente mas também se encontra pré-figurado especialmente no século XVI, como por exemplo em Erasmo e Montaigne. Ver para isso Figueiredo (1992).

⁴⁵ Ver para isso Jacobi (1980), especialmente a utilização da idéia de uma "segunda natureza" sobre a qual versaria a teoria psicanalítica. Também Zizek (1992, p. 11-21) para a concordância entre as posições de Lacan e de certos autores da Escola de Frankfurt sobre a ligação entre esta "metáfora flutuante" e a impossibilidade de contradição teórica que ela traz consigo.

⁴⁶ Um exemplo do desconhecimento do estatuto metafórico da teoria psicanalítica é a chamada tradição de Sherlock Holmes, para a qual a verdade da narrativa pode ser tratada como a verdade dos fatos, de acordo com a máxima "quando você tiver eliminado o impossível, o que quer que reste, por mais improvável que seja, deve ser a verdade" (p.141). Isto supõe que o quebra-cabeças proposto pela narrativa do paciente pode ser resolvido por uma significação que independe do trabalho construtivo do analista.

Reencontramos aqui, sob outra roupagem, o paradoxo ou a contradição imanente ao discurso sobre o inconsciente. Há, no raciocínio desta terceira posição, uma contradição e que não deriva da hipótese do sujeito dividido. Explicitemos as premissas deste raciocínio:

- 1) A repetição de um conjunto de enunciados produz um discurso não idêntico ao conjunto de enunciados primitivos (em função da hipótese do inconsciente);
- 2) Relatar um acontecimento produz uma enunciação nova (dada a temporalidade radical da fala);
- 3) O que interessa capturar clinicamente é o conjunto de enunciados primitivo e a enunciação original.

A partir destas premissas, chega-se a conclusão de que:

- 1) A teoria é uma substituição metafórica de enunciados primitivos;
- 2) A teoria é uma substituição que visa falar *sobre* algo (uma descrição).

Ao afirmar que não é possível uma teoria que não seja metafísica (e daí metafórica), uma vez que o sujeito que a formula está afetado pelo inconsciente, está se introduzindo a hipótese do inconsciente justamente num contexto onde ela não é lícita, isto é, fora da situação clínica, no contexto da formação de teorias. Ora, justamente essa aplicação proibida ou impossível, é o que está na raiz da posição que questiona a possibilidade da teoria estrito senso. É como se dissessemos: "Esta lei só vale na Polônia mas eu sou afetado por ela na Inglaterra" .

Um esclarecimento: A teoria psicanalítica, entendida como uma teoria como qualquer outra, é evidentemente passível dos mais diversos tratamentos. A questão não diz respeito a possibilidade de examinar seus conceitos, fazer-lhes a exegese, comentar do ponto de vista sociológico, antropológico, literário etc. suas conseqüências. O problema é que ao fazer isso o psicanalista assume a atitude do epistemólogo ou do comentador de textos. Nossa pergunta diz respeito à existência de uma eventual "atitude", discurso ou posição especificamente "psicanalítica" no trato da teoria e na sua relação com a clínica. Em outras palavras: o discurso do psicanalista se transforma em discurso filosófico, ou em qualquer outro discurso, quando teoriza a psicanálise ?

Em caso afirmativo será necessário explicitar qual o solo filosófico mais propício para esta teorização. É esta a linha trilhada por Dor e Miller (**opus cit.**). Em caso contrário, caímos ou na contradição representada pela "metáfora descritiva" ou no solipsismo.

Parece-nos que a conclusão - se o analista é afetado pelo inconsciente quando testemunha teoricamente sua prática *então* sua teoria é uma forma de "metáfora descritiva" - não é necessária. Isso porque ela supõe que, se está afetado pela hipótese do inconsciente, isso o tocaria na posição de analista. Mas há uma outra fundamental maneira de ser afetado por esta hipótese: como analisante ⁴⁷.

Ora, se temos em mente que a teorização psicanalítica se dá a partir desta posição, que é a de analisante, algumas conseqüências para o estatuto das evidências clínicas surgem de imediato. Se pensamos que evidências clínicas são como fatos, que são por si, em si e independentes de quem os descreve, teríamos uma teoria que até poderia ser científica mas não seria psicanalítica. Se, por outro lado, pensamos que evidências clínicas são construídas por um discurso analisante temos sob suspeita a universalidade de seus enunciados (comprometida pela particularidade de sua enunciação) mas isso não significa tomar seu discurso como uma metáfora, uma vez que não estamos mais no plano da ligação entre uma fala e um acontecimento ao qual supostamente ela se refere.

Mas então o discurso que constrói evidências clínicas fala de um acontecimento "virtual" mas a forma como o faz não é "virtual" e nem aberta a todas as possibilidades. Isto é facilmente demonstrado pela tradição clínico-teórica da psicanálise. Os casos Dora (1905e), Homem dos Ratos (1909d) e Homem dos Lobos (1918b), atendidos por Freud, não são evidências clínicas mais fortes do que o caso Schreber (1911c), onde só se teve acesso ao escrito autobiográfico, ou o pequeno Hans (1909b), onde, na maior parte do tempo, Freud trabalhou sobre um relato indireto fornecido pelo pai. Da mesma forma o equívoco de Freud ao tomar um "milhafre" por um "abutre" na recordação infantil de Leonardo Da Vinci (1910c) não afeta em nada a validade de sua teorização, e isto apesar do "abutre" ser a peça chave da interpretação em questão.

Se tomamos o caso da teorização de Lacan, o exemplo fica ainda mais acentuado. Um dos maiores transformadores da psicanálise simplesmente não realiza descrições clínicas. À exceção de três fragmentos de casos (1953a, 1958b, Seminário VIII) a integralidade da teorização de Lacan apoia-se num retorno e numa releitura dos fragmentos clínicos relatados por Freud ou no exame de problemas clínicos apresentados sobre um material literário, filosófico, etológico, ou cultural.

⁴⁷ Lacan dizia-se nesta posição no desenvolvimento de seus seminários e escritos, o que não resolve o problema mas fornece alguns indícios de uma eventual teoria do sujeito dividido enunciada por um sujeito em divisão.

Essa linha de raciocínio concorda ainda com a divisão proposta por Lacan (1967a) entre a psicanálise pura (a experiência do divã), a psicanálise aplicada (sua teorização psicanalítica) e as conexões (onde se trata de efetivar relações com outros saberes). A confusão entre psicanálise aplicada e as conexões pode nos levar a pensar que, simplesmente porque tomamos um texto ou uma obra literária, estaríamos no plano das conexões. O objeto não determina necessariamente a forma de abordá-lo.

Pode-se analisar literariamente os casos clínicos (aliás como se fez), assim como pode-se analisar clinicamente obras literárias. O que não seria lícito é analisar clinicamente uma obra literária e pretender efetivas conseqüências para a teoria da literatura, isto é, achar que o objeto construído é literário.

Esse parece ser um princípio amplo dentro da psicanálise, ele vale para entender a "neurologia virtual" contida no Projeto (1895a), para a "antropologia virtual" de Totem e Tabu (1912-1913) e para a metafísica virtual" contida em Mais Além do Princípio do Prazer (1920g). Isso não impede que os respectivos textos possam ser lidos "neurologicamente", "antropologicamente" e "metafísicamente", só que, neste momento, deixou-se de fazer psicanálise aplicada e passou-se ao domínio das conexões.

Vejamos mais detidamente, agora circunscrito o espaço da psicanálise aplicada, quais poderiam ser as condições para a construção de evidências clínicas. Em primeiro lugar, um método para a construção de evidências clínicas deveria conter, em linhas gerais, aquilo que se espera de um discurso analisante. Marquemos algumas características deste discurso:

- a) a recordação: isto é, um discurso que possa se guiar pela história e pelas filiações e contingências que ela implica;
- b) a implicação: isto é, um discurso que possa se interrogar eticamente sobre as formações de estranhamento com as quais se depara;
- c) a transferência: isto é, um discurso que se articule em relação à uma suposição de saber, que se faça portanto, pelo menos intenção de diálogo.

Essas características fazem da psicanálise aplicada, e do discurso analisante a ela ligado um método de invenção, um método de descoberta. A colocação do pesquisador no lugar de analisante nos

ajudaria a compreender uma ambiguidade contida na própria definição que Freud dá da psicanálise (1923a), isto é, o nome:

- "1) de um método para investigação de processos mentais de outro modo quase inacessíveis;
- 2) de um método baseado nesta investigação para o tratamento de desordens neuróticas;
- 3) de uma série de concepções psicológicas adquiridas por este meio e que se vão juntando umas às outras para formarem progressivamente uma nova disciplina científica" (p.131).

Duas das definições de Freud falam da psicanálise como um método. Supõe-se que o método de investigação seja diferente do método de tratamento. Mas, onde poderia-se localizar este "método de investigação" ? Se fosse na clínica propriamente dita isso se confundiria com o "método de tratamento"; se fosse na teorização posterior perderíamos a diferença em relação à definição (3). Portanto no próprio Freud encontramos lugar para um discurso que não é nem o do psicanalista nem o do teórico interessado na disciplina científica.

Na obra de Freud, são vários os momentos em que podemos detectar a presença deste "método de investigação": o livro sobre a "Psicopatologia da Vida Quotidiana" (1901b), o livro sobre os chistes (1905c), a análise dos "casos" literários como a Gradiva de Jensen (1907a), dos casos históricos como Leonardo (1910c) e Moisés (1939a) são apenas alguns exemplos deste gênero que atravessa a teorização freudiana. Em todos eles, podemos acusar a presença da associação livre na raiz da justificação e criação de conceitos. Finalmente, o exemplo mais cabal desta prática é a própria "Interpretação dos Sonhos" (1900a) onde os sonhos fundamentais são afinal de Freud. Talvez pudéssemos compreender um pouco do acentuado interesse pela biografia de Freud, apesar de sua vida um tanto quanto pacata, tendo em vista o fato de que antes de descobrir a posição de analista, ele tenha-se dedicado tão bem a de analisante.

Mas se uma evidência psicanalítica se constrói sobre um discurso analisante, a simples presença de um discurso analisante não garante a relevância de uma evidência clínica. Busquemos portanto um segundo nível de exigências metodológicas. Nele, trata-se de encontrar algum poder de generalização para a situação, caso ou acontecimento abordado. Para tanto, será necessário supor uma dimensão descritiva no discurso em questão; em outras palavras, a presença de enunciados e não apenas de enunciação. Assim, pelo procedimento em questão, fixa-se um conjunto de enunciados (a

biografia de Schreber, uma amostra de relatos de sonho etc.) e se introduz nesses enunciados uma enunciação posterior, a do analisante. Desta maneira, coabitam no resultado final a universalidade (e atemporalidade) dos enunciados e a particularidade (e temporalidade) das enunciações ⁴⁸. Obtém-se portanto um discurso compatível com a hipótese do inconsciente e da sua correlativa divisão subjetiva. Um discurso demasiadamente "autorizado" tenderia a corromper os enunciados fazendo-os confessar apenas e tão somente o que a enunciação a eles prescreve - seria excessivamente retrospectivo. Um discurso desinvestido de enunciação recairia na intercitação universitária, enquanto tal mais ligada ao domínio das conexões do que ao da psicanálise aplicada.

Podemos situar nossa pesquisa, ao final deste capítulo, no âmbito da psicanálise aplicada, ou da também chamada psicanálise "extra-muros". Isso decorre tanto de sua proveniência universitária quanto do tema e forma de abordagem escolhida, a saber a psicose na criança a partir da análise de descrições clínicas extra transferenciais. A posição periférica do tema da psicose na criança no espaço da teorização psicanalítica e a dificuldade em incorporar as descrições clínicas disponíveis sobre esta nos levarão a propor uma leitura de certos aspectos da metapsicologia, notadamente o modelo de aparelho psíquico, de forma a torná-lo mais propício a acolher alguns elementos descritivos.

⁴⁸ Cabe notar que o artigo que inaugura o método estruturalista em filosofia é um artigo sobre o tempo (Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos, Goldschmidt, 1963). A idéia central deste artigo é que jamais deve-se "separar as teses dos movimentos que as produziram"(p.140) ou separar "doutrina e método" (p.141). "Ora, falar de movimentos e de progressão é, a não ser que se fique em metáforas, supor um tempo e um tempo estritamente metodológico, ou, guardando para o termo sua etimologia, um *tempo lógico* ." (p.143) Esse tempo não seria nem o tempo histórico nem o tempo vivido nem a representação do tempo mas uma espécie de temporalidade construída pelo método. Pensamos que o mesmo princípio pode ser aplicado, com modificações, para realizar os laços pretendidos entre doutrina e método em psicanálise. A principal diferença residiria no estatuto do sujeito no comentário filosófico e na teorização psicanalítica.

5. Freud e o Modelo da Multiestratificação Linguística

A obra de Freud contém diversos modelos que procuram representar o psiquismo. Alguns deles aproximam-se da referência mecânica como aquele contido no Projeto (1895a), outros primam pela referência ao organismo como aquele exposto em Mais Além do Princípio do Prazer (1920g). Pode-se falar em uma metáfora geológica intimamente ligada a uma psicologia das profundezas, assim como em uma metáfora ótica⁴⁹ e sua compreensão geométrica do psiquismo. Ocorre que todos estes modelos e metáforas tem em comum, além do poderoso efeito retórico, o fato de serem feitos para o olhar. Como tal eles trazem consigo um psiquismo eminentemente espacializado onde se pode detectar seus lugares e paisagens. Mesmo que este espaço não seja feito equivalente à matéria cerebral ou identificado com uma idealidade impregnada de platonismo seria interessante tomar como ponto de partida seu estatuto problemático.

Há, em Freud um modelo que parece resistir melhor ao apelo de espacialização. Trata-se do modelo linguístico presente na carta 52 a Fliess de 6 de dezembro de 1896 (1896b). Partiremos deste texto para examinar algumas relações entre o tema da psicose e a linguagem. Apesar das profundas diferenças, inclusive quanto à concepção de inconsciente, em relação a formulações posteriores de Freud, uma intuição metodológica nos parece essencial na carta em questão: a de que o psiquismo possui uma textura ao mesmo tempo linguística e temporal. A primeira suposição contida neste escrito é de que:

“... o mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação sucessiva, pois de tempos em tempos o material presente sob forma de traços mnêmicos experimenta um reordenamento segundo novos nexos, uma retranscrição (**Umschrift**)”. (p.274)

As estratificações se sucedem num duplo sentido: genética e funcionalmente. Cada estrato surge em momentos distintos do desenvolvimento do psiquismo. O funcionamento do aparelho, assim estabelecido, repete a ordem de seu aparecimento genético na realização da lembrança. A hipótese da existência de diversos estratos, cada qual definido por modos distintos de articular signos, faz Freud afirmar que a memória: “... não existe de maneira simples, senão múltipla, está registrada em diversas variedades de signos.” (p.274) .

⁴⁹ O psiquismo como uma série de lentes sobrepostas, tal como aparece nos capítulo 7 de A Interpretação dos Sonhos (1900a) é a realização mais acabada desta metáfora ótica.

Como ler esta afirmação ? Se entendemos que nexos entre signos é exatamente o que define uma língua, pode-se afirmar que cada estrato equivale a uma língua. Se entendemos que signos e nexos sgnicos são maneiras de representar objetos da realidade, podemos dizer que cada estrato equivale a um nível de representação da realidade. Contudo, se acentuamos a idéia de conexidade entre os estratos e interestratos, chegamos à idéia de que cada estrato corresponde à uma organização lógica ou semiótica diferente. Nos três casos, interpretamos a expressão “nexos entre signos” como sinônimo da presença de uma linguagem mas em cada caso “linguagem” possui uma conotação diferente.

Uma concepção como esta nos ajudaria a escapar das críticas ao imanentismo estruturalista ⁵⁰. Neste, a unidade do aparelho psíquico acaba por decorrer da unidade da linguagem. Mas esta unidade decorre de um movimento metodológico e nada faz crer, como vemos, que este movimento deva ser mantido na apreensão de todos os estratos mnêmicos considerados pelo texto em questão.

Antes de especificar os tipos de retranscrição Freud refere-se a origem das inscrições no aparelho psíquico. Essa função é realizada pelas percepções (**Wahrnehmungen**) que, para manterem-se permeáveis a novas inscrições devem excluir toda retenção mnêmica. Essa idéia é ilustrada na Nota sobre o Bloco Mágico (1925a) através da membrana de celulose que recupera seu estado original depois de transferir a inscrição para a massa de cera, na qual será impressa ⁵¹.

Se queremos entender a linguagem como uma forma de representar a realidade isso conduz a pergunta sobre a estrutura linguística ou extra-linguística da própria percepção. Pode-se identificar esta inscrição ao pré-linguístico e a percepção seria neste caso um intermediário entre a linguagem e o mundo ainda como anterior a qualquer qualificação, como coisa em si. Como afirma Garcia-Roza (1991): “Essas percepções não correspondem a nenhuma experiência, são o dado bruto desprovido de qualidade.” (p.203).

⁵⁰ Veja-se para isso a afirmação de Katz (1994) “ Abandonando-se sua investigação no campo da memória produzida na inscrição dos signos de percepção (ou no campo específico dos afetos), os psicóticos e as psicoses passam a ser investigados unicamente desde um campo transcendental. Ou seja, postula-se um aparelho psíquico unitário, homogêneo, equilibrado e deduzem-se daí todas as consequências de sua produção universal.” (p.169). A crítica a que procuramos escapar identifica o procedimento estruturalista com o procedimento metafísico. Neste sentido a lembrança da vocação metodológica do estruturalismo, que se revela em divisões como língua/fala e na noção de signo, por exemplo (Ducrot, 1988, p. 119) merece ser lembrada.

⁵¹ Segundo Laplanche (1986, p.588) o conceito de inscrição (**Niederschrift**) seria um precursor da idéia de representante ideativo (ou representante da representação, **Vorstellungsrepräsentanz**) referindo-se ao ponto de junção ou de fixação entre esfera da pulsão e a esfera da representação ou do psiquismo.

Admitindo-se a existência deste dado bruto inqualificado o restante do esquema é representado da seguinte maneira:

	I	II	III	
Percepção	Signos	Inconsciência	Pré Consciência	Consciência
	Perceptivos			
W	Wz	Ub	Vb	Bew

“Wz [**Wahrnehmungzeichen**] (signos de percepção) é a primeira inscrição (**Niederschrift**) das percepções, totalmente inacessível à consciência e articulada segundo associação por simultaneidade” (p.275)

O primeiro estrato se articula pelo princípio da simultaneidade. Simultaneidade implica na ausência de anterioridade ou posterioridade temporal e na ausência da relação de causalidade (Lalande, 1988, p.496). A simultaneidade como princípio organizador da linguagem foi explorada largamente por Saussure (1975) e de forma geral pela linguística estrutural. Assim é compreensível que Lacan (Seminário XI) tenha interpretado esta passagem da carta 52 da seguinte forma:

“... a nos atermos à carta a Fliess, os **Wahrnehmungzeichen**, os traços de percepção, como funciona isso ? Freud deduz de sua experiência a necessidade de separar absolutamente a percepção e a consciência - para que isso passe para a memória, é preciso que primeiro seja apagado na percepção, e reciprocamente. Ele nos designa agora um tempo em que estes **Wahrnehmungzeichen** devem ser constituídos na simultaneidade. O que é isso senão a sincronia significativa ? (...) podemos imediato lhes dar, a esses **Wahrnehmungzeichen**, seu verdadeiro nome de significativo.”(p.48)

A esta interpretação estrutural dos traços de percepção podemos opor outra onde simultaneidade implica na verdade reunião, junção entre dois eventos. Na verdade pode-se pensar que a interpretação de Lacan acentua a diferença de qualidades, qualidades que constituem o significativo como pura diferença⁵². É possível ainda pensar a simultaneidade como uma adição de quantidades. Nessa linha interpretativa se encontra a posição de Gabi Jr. (1994) que afirma:

“O sistema de signos perceptuais é anterior a linguagem porque a ausência desta justificaria a natureza somática dos sintomas histéricos. (...) A associação por simultaneidade presente na repetição alucinatória das vivências de satisfação e de dor em **Entwurf** indica aqui

⁵² De acordo com a seguinte afirmação de Saussure (1975): “Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças sem termos positivos. Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema.” (p.139)

apenas o caráter de desprazer associado à representação da cena de sedução passiva. “
(p.127)

A tensão das interpretações acentua a oposição entre o plano da linguagem e o plano somático, melhor dizendo do gradiente prazer/desprazer. A simultaneidade é assim ou a coexistência atemporal de diferenças significativas ou a capacidade de reunir comparativamente a força e a intensidade da significação de duas cenas retidas em duas inscrições mnêmicas. Pensamos que uma posição intermediária é possível neste caso. Trata-se de ler os signos de percepção sempre como binariamente orientados. Não haveria uma primeira inscrição (natural) e depois a sua lembrança (alucinada). Isso porque o próprio traço mnêmico é composto pelo elemento binário colocado pela idéia de simultaneidade. Autores como Garcia-Roza (1991), Derrida (1967) e Chnaiderman (1987) parecem concordar quanto ao fato de que na Carta 52 Freud considera a repetição como um fato originário.

No entanto o aspecto econômico não deve ser desprezado e pode ser localizado neste espaço intervalar produzido pelo traço perceptivo, o espaço da pulsão; espaço que induzirá vias, caminhos (**Bahnungen**) de facilitação e inibição. O que está em jogo no elemento intensivo (quantitativo) é apenas a facilidade ou dificuldade de associação.

Isso coloca um certo número de problemas para ler o segundo estrato considerado por Freud:

“Ub [**Unbewußtsein**] (inconsciência) é a segunda transcrição ordenada segundo novos nexos, talvez causais. Os traços talvez correspondam a recordações de conceitos, de igual modo inacessíveis à consciência” (p.275)

Aqui a simultaneidade recebe uma orientação progressiva ou regressiva que está imediatamente associada com a idéia de causalidade. A causa costuma supor uma anterioridade em relação ao efeito (a causalidade linear). Afirmar a conexão causal entre signos é contudo bastante problemático. A hipótese do inconsciente, como vimos no capítulo anterior, não nos permite falar em causas mas apenas em motivos, ou princípios intencionais. Assim, interpretar o princípio da conexão causal nos levou a pensar tratar-se aqui da referência a algo que sempre esteve associado ao tema da causalidade e também ao do conceito, a saber, a estrutura gramatical da proposição que expressa a causalidade. A noção de causa traz consigo elementos mínimos da gramática que tornam possível afirmar, por

exemplo que A causa B ou que A implica B ⁵³. Ora, reconhecer esta imbricação entre causalidade e a gramática que a torna possível, sugere, dentro da perspectiva de leitura que estamos propondo, que na “inconsciência” não se trata apenas de uma coexistência de signos em co-presença (como nos ‘**Wahrnehmungzeichen**’), mas da linguagem como um conjunto de proposições articuladas segundo uma sintaxe específica. Se o primeiro estrato se aproximava de uma concepção linguística o segundo nos aproxima de uma concepção lógica da linguagem.

Finalmente a terceira transcrição é descrita por Freud do seguinte modo:

“Vb [**Vorbewußtsein**] (Pré-consciência) é a terceira retranscrição, ligada a representação-palavra, correspondente a nosso ego oficial. Os investimentos provenientes da pré-consciência tornam-se conscientes de acordo com certas regras e esta consciência pensar é posterior (**nachträglich**) na ordem do tempo, provavelmente ligada à ativação alucinatória das representações-palavra, de modo que os neurônios-consciência sejam também neurônios percepção e desprovidos de memória em si mesmos. “ (p.275)

O tipo de signo aqui envolvido é a representação-palavra, o nexó sógnico é de tipo temporal retrospectivo e seu funcionamento acarreta uma reanimação alucinatória do traço. Aqui nos ocorreu trazer o tema da linguagem de modo a colocar em questão a estrutura dialogal da fala a partir da qual a linguagem traz consigo o tema do sujeito. Seja ele reduzido ao ego oficial, seja ele identificado ao puro efeito da transcrição entre os diversos estratos de linguagem, ou ainda considerado como o agente ordenador destas transcrições, esse sujeito é uma peça conceitual importante do edifício teórico da psicanálise.

O conjunto deste aparelho de linguagem pode ser descrito em termos de uma dupla sucessão (funcional e genética) e de uma dupla simultaneidade. Até agora, a simultaneidade encontrava-se restrita, como princípio constitutivo, ao primeiro estrato, o dos signos de percepção. No entanto, há também simultaneidade quando um signo é como que traduzido nos termos de um novo patamar do aparelho e portanto fica sujeito à um duplo tratamento. Em outras palavras a retranscrição não implica na abolição do estrato anterior. De outra forma, não justificaria-se tratar de uma teoria do funcionamento da memória e também do esquecimento ⁵⁴. De maneira inversa, esta simultaneidade de

⁵³ Pensar a lógica como uma espécie de gramática do pensamento e vice-versa é uma tônica da filosofia ocidental. A idéia se encontra em Aristóteles, na lógica de Port-Royal, em Russel e em Frege.

⁵⁴ Simanke (1994) num estudo sobre a formação da teoria freudiana das psicose mostra que o modelo da Carta 52 pré-figura os diferentes tipos de regressão teorizados posteriormente por Freud. A regressão tópica estabelecida entre os signos

segunda ordem, pode ser interrompida pela ausência de tradução, o que Freud denominou recalque

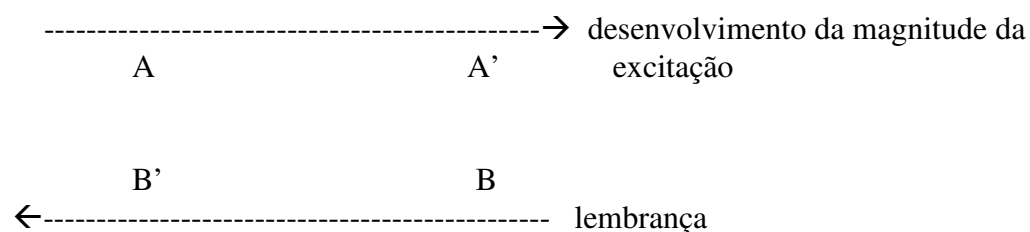
(**Verdrängung**):

“Toda vez que a reescritura posterior falta a excitação é tramitada segundo leis psicológicas que valiam para o período anterior e pelos caminhos que dispunha então. “ (p.276)

O motivo para esta espécie de anacronismo é que a transcrição gera desprazer; desprazer que se associa a toda transcrição o que faz Freud perguntar, dentro do tema do recalque, qual seria a diferença entre a defesa normal e a defesa patológica (p.276). Quais as diferenças na irrealização da transcrição ? A defesa normal, argumenta, supõe a inibição do desprendimento de desprazer quando ocorre a recordação. Mas há uma circunstância em que esta inibição não é possível: quando a própria lembrança produz um novo desprazer. Neste caso a recordação não age como uma lembrança, mas como um acontecimento atual (como ocorre na alucinação) . Isso acontece *apenas* com as lembranças sexuais pois elas:

“...crescem por si só com o tempo (com o desenvolvimento sexual). (...)A condição da defesa patológica (recalque) é, então, a natureza sexual do acontecimento e sua ocorrência dentro de uma fase anterior” (p.277)

Isso significa que o recalque implica numa desconexão entre a sucessão como desenvolvimento e a sucessão como traduções subsequentes dentro do aparelho psíquico. A junção ou sobreposição suposta para explicar a origem do aparelho é descartada aqui para enfrentar o tema clínico do recalque. Importa notar que o determinante do recalque é o afeto desencadeado por ocasião da lembrança e não o afeto no momento do acontecimento, durante a infância. Podemos representar então os dois eixos de sucessão como inversamente orientados:



perceptivos e os de inconsciência, a formal entre os signos de inconsciência e os de pré-consciência e a temporal entre os signos de pré-consciência e os de consciência.

A relação entre B e B' implica em diferença qualitativa e simultaneidade, a relação entre A e A' implica ao contrário na somatória de cargas de excitação, em diferenças quantitativas. Contemplamos aqui a dupla significação que isolamos nos comentadores acerca da idéia de simultaneidade. Além disso a relação entre (A e A') e (B e B') é uma correlação que implica também em simultaneidade. A mera articulação entre B e B' não seria eficaz na produção do recalamento sem esta última relação. A conjugação destas duas séries com orientações temporais inversas e a presença da simultaneidade como ponto de articulação entre uma e outra permite contemplar a multiplicidade de sentidos contida na expressão “**nachträglich**”⁵⁵, expressão que no texto subsume toda a temporalidade e faz com que ela seja uma atributo da pré-consciência.

A ordem cronológica das idéias ou representações é na verdade acúmulo da excitação adstrita a elas e condição necessária para a produção da causalidade retrospectiva. O gradiente de prazer/desprazer, como qualificação primária desta intensidade parece ser decisivo para a determinação do sentido e da possibilidade de efetivação da transcrição.

“Quando uma vivência sexual é recordada com diferença de fase, causando desprendimento de prazer, se dá uma compulsão; quando causa um desprendimento de prazer, recalamento. Em ambos os casos, a tradução aos signos da nova fase parece estar inibida (?).” (p.277)

Freud chega a postular uma associação entre as três principais psiconeuroses e épocas exatas em que as recordações recalcadas foram atuais. Além disso, estabelece idades para a formação dos diversos estratos psíquicos, portanto para o eixo progressivo e regressivo respectivamente. O caso da paranóia é o que nos interessa mais de perto. Nela a recordação ocorreria entre oito e quatorze anos, isto é, quando os três sistemas (signos de percepção, signos de inconsciência e signos de pré-consciência) já teriam se estabelecido. A dificuldade de tradução (recalque) ocorreria em termos de signos pré-conscientes, ao contrário da histeria (signos perceptivos) e da neurose obsessiva (signos de inconsciência).

O modelo da Carta 52 não se aprofunda naquilo que será objeto de extensas investigações em momentos posteriores, isto é, que as transcrições não efetuadas não mantêm signos de um mesmo tipo

⁵⁵ Gondar (1995) num estudo específico sobre este tema chega a seguinte conclusão: “De fato não há ordem cronológica entre idéias, mas uma articulação lógica que mantém a relação de causa e efeito, mesmo que a causa esteja presente só

isolados , como leis anacronicamente vigentes, no interior de um estrato, mas produzem compromissos, híbridos entre dois modos sígnicos. As formações do inconsciente, sejam formações de sintoma sejam formações de compromisso, são exatamente estes intermediários que conjugam dois modos associativos diferentes. Também no sonho Freud (1900a, p. 578 - 598) postula uma dupla e simultânea realização de desejos, a realização regressiva de um desejo sexual, infantil, recalcado e a realização progressiva de um desejo pré-consciente responsável pela captação das reminiscências diurnas.

Na psicose, e agora já considerando formulações posteriores da obra de Freud, justamente este modo intermediário não ocorre. Nela parece continuar a valer a suposição que permeia a Carta 52 (1896b) de um binarismo transcrição/não transcrição. Isso combina ainda com a afirmação da Carta 46 de 30 de Maio de 1896 que diz:

“Como se vê, o condicionamento que corresponde a paranóia é o menos infantil, ela é a neurose de defesa *genuína*, independente inclusive da moral e do horror ao sexual...”
(p.271)

Também a diferença, presente no texto sobre as Psiconeuroses de Defesa (1894), entre neurose e psicose fica aclarada segundo este raciocínio. Neste artigo, Freud distingue o recalçamento (**Verdrängung**), onde as representações inconciliáveis (**Unverträglich**) são desinvestidas, mecanismo próprio da neurose obsessiva e da histeria, da recusa ou forclusão ⁵⁶(**Verwerfung**), onde há expulsão do afeto junto com uma “porção da realidade a ele associado”. O motor da defesa é, em ambos os casos, um juízo de reprovação (**Verurteilung**), cujo lugar de acontecimento é o pré-consciente (segundo a Carta 52) e que implicaria ao menos uma vez na colocação em cena de todos os tipos e modos sígnicos prescritos. A divisão da consciência, causada por este juízo depende de quatro fatores:

a) a presença de um efeito de sujeito capaz de retrospectivamente (**nachträglich**) considerar a causa de desejo;

depois, depois sob o ponto de vista cronológico, mas antes do ponto de vista lógico.” (p.53)

⁵⁶ Optamos pelo termo forclusão (**forclusion**) pois seu uso parece estar consagrado para se referir a um dos usos possíveis do termo **Verwerfung** que em Freud ora refere-se a noção geral de recalçamento, ora se encontra associado ao juízo de condenação (**Urteilsverwerfung**), ora conota a forma específica de defesa em curso na psicose, como no texto em questão, Laplanche (1981, p. 571). Uma vez que a valorização desta terceira acepção deve muito ao comentário de Lacan (1958a), que propõe “**forclusion**” não manteremos os termos recusa ou rejeição que também podem ser encontrados para traduzir o termo em questão.

- b) a conjugação deste sujeito ao modo de ação da pulsão, a atividade ou passividade (prazer ou desprazer) cuja realização depende de uma gramática;
- c) a conjugação desta gramática com processos mais gerais de associação sgnica que bem poderíamos chamar de uma escrita;
- d) a conjugação desta escrita com uma teoria da percepção (ou do conhecimento) que permita descrever os modos de produção materiais de seus traços.

Ocorre que ao situar os estratos desta maneira e ao fazê-los dependentes, em última instância, de uma teoria da percepção, podemos ser induzidos a pensar que a psicose (mas não só ela) implica em um modo perturbado de conhecimento ou de representação do mundo. Como antípoda disso, teríamos um funcionamento que traduzisse perfeitamente cada etapa de um processo que no fundo é isomórfico ao conhecimento: sujeito num extremo, objeto no outro, entre eles a linguagem e a percepção como formas de mediação e representação. Essa leitura estaria comprometida com o kantismo psiquiátrico no qual Freud se encontra parcialmente imerso. Essa leitura implica ainda numa valorização excessiva daquilo que pode ser traduzido de um modo sgnico a outro e numa desvalorização daquilo que justamente resiste a se transcrever e se inscrever. Revela-nos a face otimista de Freud com relação à apropriação científica do mundo.

Nos opomos a este fundamento extra-linguístico da percepção ao postular que a própria percepção pode ser entendida como uma forma de linguagem, o que será mais profundamente investigado no capítulo 8.

O modelo da multiestratificação linguística pode nos acompanhar em alguns outros assinalamentos freudianos sobre a psicose, notadamente as teses sobre o narcisismo. Os grandes debates que cercam este tema flutuam entre considerar o narcisismo como uma etapa intermediária entre o auto-erotismo e o amor de objeto (como no artigo, *Introdução ao Narcisismo*, 1914c) ou como um modo de identificação, escolha e fixação aos objeto libidinais (como na *Conferência 26*, 1916-1917 e no artigo *Pulsão e suas Vicissitudes*, 1915c). No primeiro caso, o narcisismo é uma etapa, fase

ou período⁵⁷; no segundo narcisismo é o efeito de um movimento pulsional, é um estado. Essa oscilação pode ser representada da seguinte maneira:

-----autoerotismo ----- narcisismo ----- amor de objeto --→ (1914)

←----- atividade ----- identificação narcísica ----- passividade (1915)

←----- passividade ----- fantasia ----- atividade (1924)

A série superior indica a sucessão progressiva, as duas inferiores são considerações respectivamente distintas (Pulsão e suas Vicissitudes, 1915c e Sobre o Problema Econômico do Masoquismo, 1924c) sobre o mesmo movimento regressivo. Vai de encontro a nossa hipótese de leitura o fato de que, especialmente ao tratar do eixo regressivo, Freud utilize sistematicamente modulações gramaticais.

Por exemplo, em Introdução ao Narcisismo (1914c), Freud utiliza os desdobramentos gramaticais do verbo para caracterizar a escolha narcísica, a saber, quando a escolha narcísica se dirige:

- a) ao que a pessoa é;
- b) ao que a pessoa foi;
- c) ao que a pessoa gostaria de ser;
- d) a pessoa que uma vez foi parte dela mesma.

Ora, a diferença nos tempos verbais é usada para explicitar variantes da montagem pulsional narcísica. Qual seria o motivo desta afinidade? Talvez o motivo disso seja a impossibilidade de considerar o objeto fora da sua relação ao sujeito e ao modo de sua relação. A origem desta impossibilidade pode residir na própria estrutura da consciência ou, como sugere nossa hipótese, na imposição gramatical que a linguagem traz consigo.

⁵⁷ A utilização deste conceito apenas neste sentido para definir a psicose nos parece bastante imprópria. Isso significaria ler o narcisismo como uma espécie de fundamento semântico intransponível e em geral é uma leitura que deriva do não reconhecimento da diferença entre recalque e forclusão. Se o recalque é uma espécie de tradução mutante, gerador de um símbolo patológico, não haveria como explicar que, na psicose, o recalque não estaria ao alcance de uma re-transcrição (interpretativa, por exemplo) a não ser apelando para a idéia de um referente interno (o narcisismo) ou um referente externo (a perda da realidade, no sentido trivial do termo).

No caso de Pulsão e suas Vicissitudes (1915c), as variações gramaticais explicitam os modos possíveis de apresentação do objeto. Supõe-se que inicialmente este objeto é tomado sadicamente pelo eu. Em seguida, o eu substitui a este objeto revertendo a pulsão do modo ativo ao passivo. No terceiro momento, um novo sujeito é chamado a tomar este eu como objeto de modo a produzir uma satisfação masoquista (p.148). A oposição entre amar e ser amado segue o mesmo esquema gramatical, contudo o amor admite ainda outras oposições: amor - ódio e amor - indiferença. Cada uma dessas antíteses é então relacionada com uma dimensão geral do psiquismo:

“Talvez cheguemos a uma melhor compreensão dos vários opostos do amor, se refletirmos que nossa vida mental como um todo segue três polaridades, as antíteses:
Sujeito (ego) ----- Objeto (mundo externo)
Prazer ----- Desprazer
Ativo ----- Passivo” (p.155)

O momento crucial da construção da organização pulsional é exatamente a substituição do que aparece como primeiro termo pelo que aparece como segundo. O sujeito se substitui ao objeto (conforme o princípio de realidade), o prazer se substitui ao desprazer (conforme o recalçamento) e a atividade substitui a passividade (conforme a fantasia) . Ocorre que esta substituição, é por assim dizer, problemática, interdita e incestuosa (posto que narcísica). De modo que, assim como a tradução, nos termos da Carta 52, que não se realiza perfeitamente, temos aqui indicado no caso da neurose uma espécie de substituição parcial sustentada por uma relação instável com o objeto.

No caso da psicose tudo se passa como se esta substituição fosse ou completa e sem resquícios ou então não se realizasse. Podemos entender assim a afirmação do artigo O Inconsciente (1915e) que fala da psicose como decorrência de um desinvestimento da libido do objeto sem um reinvestimento da fantasia correlata:

“No caso da esquizofrenia, por outro lado, fomos levados a suposição de que após o processo de recalçamento, a libido que foi retirada não procura um novo objeto e refugia-se no ego, isto é, que aqui as catexias objetivas são abandonadas restabelecendo-se uma primitiva condição narcísica da ausência de objeto.”(p.225)

Essa retração, ou introversão, libidinal seria atestada por uma série de traços clínicos: a incapacidade de transferência, hipercatexia do ego, apatia e especialmente:

“... - grande número de modificações na fala, algumas das quais merecem ser consideradas de um ponto de vista particular. Frequentemente o paciente devota especial cuidado a sua maneira de se expressar, que se torna “afetada” e “preciosa”. A construção de suas frases

passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensível para nós a ponto de suas observações parecerem disparatadas. “ (p.225)

Para aclarar esta desorganização, Freud recorre ao exemplo da paciente de Tausk que queixava-se que seus olhos não estavam direitos, estavam tortos (**Verdehren**), que ela não via mais as coisas como antes . Ela explica o fato dizendo que isso decorria de não conseguir compreender seu amante, ele era hipócrita, que mudava a cada vez, era em fim um “virador de olhos” (**Augenverdreher**, figuradamente um enganador, traidor). A paciente parece tratar a metáfora ao pé da letra, não como se ela fosse uma comparação que preservasse duas significações em simultaneidade, mas como se só existisse uma significação, aquela indicada diretamente pela palavra em relação ao seu referente e não a sua referência.

O exemplo tem sido retomado para indicar a presença de processos primários na formação esquizofrênica de palavras. É a ênfase de Freud na continuidade do texto. Gostaríamos entretanto de destacar dois outros aspectos subsumidos pelo exemplo.

Em primeiro lugar a curiosa contradição que a queixa sustenta se a analisarmos do ponto de vista de sua estrutura dialogal. Se ela sabe que ele é um enganador e se esforça em denunciar isto o seu ato de fala imediatamente destitui o amante desta posição pois um “enganador” que é reconhecido como tal não pode ser mais causa de engano. Logo, o enunciado deve ser revertido da queixa ao outro para a assunção do modo passivo: “eu sou enganada”. Não é isso o que acontece, seu sofrimento afirma, pelo contrário como ela é também uma enganadora ela “vira os olhos”. A consistência adquirida pela metáfora não é sugestiva apenas pela “linguagem de órgão” que institui mas pela ruptura do modo de reversão gramatical da pulsão e pela retenção do modo de enunciação. Essa vertente não fica ausente mas desarticulada do seu modo de subjetivação. Como se a substituição não produzisse mais um efeito de sujeito. Representemos assim este movimento:

Formação Esquizofrênica de Palavras

estrato 1 ----- fracasso da metáfora ----- →

estrato 2 ←----- irreversibilidade gramatical -----

estrato 3 ----- congelamento da enunciação -----

O conjunto do que se passa nesses três estratos pode ser associado ao que Freud denominava de desinvestimento da ligação: Representação-Coisa /Representação Palavra (fracasso da metáfora), regressão narcísica (irreversibilidade gramatical) e forclusão do desejo (congelamento da enunciação).

A formação esquizofrênica de palavras implica na supervalorização da esfera da simultaneidade com a desvalorização da esfera da gramática e da enunciação. Em decorrência disso a função metafórica encontra-se em funcionamento mas destituída da possibilidade de compartilhamento de significação. A inversão gramatical da posição do sujeito e da demanda não implicam a produção de um terceiro sujeito. A posição perdida e a significação faltante não são subsumidas (**aufheben**) ao final do processo, isto é, elas não implicam na causação de um sujeito.

A não preservação do elemento negado combina com o que podemos chamar de cerne da análise da biografia do presidente Schreber. No artigo Algumas Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranóia (**Dementia Praecox**) Autobiograficamente Descrito, conhecido também como o caso Schreber (1911c) Freud pensa a paranóia a partir do recalque daquilo que chama de "fantasia homossexual de desejo". O delírio de perseguição que desloca-se da figura do médico Flegsig para a do sol e desta para Deus reflete a moção pulsional homossexual dirigida ao pai e fortemente recusada pelo eu. Freud cogita que haveria uma espécie de enunciado *princeps* desta recusa cuja forma seria "eu o amo (formulado em relação ao pai) e que a partir de transposições inconscientes se vê revertido na formulação "ele me odeia". A chave desta interpretação é o enunciado que desencadeia a psicose ao emergir à consciência de Schreber durante o seu despertar: "como seria bom ser copulado como uma mulher".

A negação dos aspectos de um enunciado fundamental é o que, em todo artigo, possui maior amplitude teórica. Isso porque, ao contrário da presença do narcisismo (a partir da fantasia homossexual), esta forma de negação torna-se um fato específico das psicoses. Vejamos esquematicamente estes modos de negação:

1. Delírio Paranóico:

a) "Eu, um homem, o amo."

b) negação do verbo: "Eu não o amo, eu o odeio."

- c) projeção: "Eu o odeio." <--> "Ele me odeia."
- d) introdução da relação causal: "Ele me odeia *porque* ..."
- e) delírio de perseguição

2. Delírio Erotomaniaco:

- a) "Eu, um homem, o amo."
- b) negação do objeto: "Eu não o amo, eu *a* amo."
- c) projeção: "Eu a amo." <--> "Ela me ama."
- d) introdução da relação causal: "Ela me ama *porque* ..."
- e) delírio erotomaniaco

3. Delírio de Ciúmes:

- a) "Eu, um homem, o amo."
- b) negação do sujeito: "*Eu* não o amo, *ela* o ama."
- c) projeção: "Eu o amo." <--> "Ele a ama."
- d) introdução da relação causal: "Ele a ama *porque* ..."
- e) delírio de ciúme

4. Delírio de Grandeza:

- a) "Eu, um homem, o amo."
- b) negação do enunciado: "Eu não o amo, eu *não amo ninguém.*"
- c) projeção: "Eu o amo." <--> "Eu me amo."
- d) introdução da relação causal: "Eu me amo *porque* ..."
- e) delírio megalomaniaco

O que este esquema mostra é a etiologia das formações delirantes. Se compararmos esta etiologia com os passos da formação de sintoma na neurose (fixação, recalque propriamente dito e retorno do recalado) a diferença é imediatamente perceptível. A incidência da negação e o retorno do negado não admitem uma representação simbólica, ou um compromisso, um em relação ao outro. Apesar disso o termo que Freud utiliza para referir-se a esta negação é alternadamente "sufocamento"

(**Unterdrückt**) e recalçamento (**Verdrängung**), fazendo-os termos sinônimos teóricos da retração da libido ao ego.

A análise empreendida por Freud conjuga exatamente os três níveis linguísticos que vínhamos isolando até aqui a partir da Carta 52. Temos em primeiro lugar a presença dos significantes, em seguida a conjugação destes num enunciado que traz consigo a causalidade e por último o feixe da enunciação rompido com a irrealização da posição do sujeito que fala. A negação do sujeito, do verbo, do objeto ou da proposição no seu conjunto tem como condição de possibilidade a estrutura simultaneamente gramatical, significante e dialogal da linguagem.

Poderia-se objetar, neste ponto, que a análise dos desmembramentos gramaticais de uma frase é um procedimento bastante distante do psicanalítico. De que modo uma proposição como “Eu o amo” pode ser figurada no inconsciente uma vez que esta proposição depende, no seu desenvolvimento, de funções lógicas como o juízo, a negação e a causalidade ? A solução para este problema pode ser encontrada em A Interpretação dos Sonhos (1900a) onde Freud mostra como frases e relações lógicas são figuradas no sonho. Por exemplo uma relação lógica é substituída por uma relação de simultaneidade, uma relação causal por uma sucessão, uma contradição por um objeto ambíguo. Uma frase que implique negação como “não posso” é representada por uma situação onde há uma impossibilidade para agir.

O que Freud chama de condição de figurabilidade (**Rücksicht auf Darstellbarkeit**) deve ser lido então como uma via de duas mãos: tanto a estrutura gramatical se traduz às imagens (visuais, mas também acústicas) quanto as imagens se traduzem na estrutura gramatical. No caso do presidente Schreber, e no da psicose em geral, as posições gramaticais se preservam apesar de não se articularem com o plano da enunciação e do significante. O significante decai ao nível do som pré-diferencial e a enunciação se indetermina.

A abordagem do caso Schreber pode ser comparada com a do artigo: Um caso de Paranóia que contradiz a Teoria Psicanalítica (1915f) de modo a reencontrar esta tese. A paciente se tomava como perseguida por um homem com quem teve um breve contato amoroso. Durante um encontro ela alucinara o barulho de uma máquina fotográfica que registraria a cena comprometedora. O que

contradiz a teoria psicanalítica é o fato dela não se dizer perseguida por uma mulher, mas por um homem. Freud argumenta que a perseguidora seria na verdade sua mãe, transposta eventualmente para a figura da chefe de seção que a repreendera durante o serviço. O "clic" da máquina fotográfica implicaria em um retorno alucinatório que é ao mesmo tempo "o som do bater sobre o clitóris" e a própria repreensão deste "ato auto erótico". Essa dupla significação supõe uma partição ou um desmembramento entre o "barulho" ou a substância meramente sonora e o significante enquanto imagem acústica, signo de percepção organizado por relações de simultaneidade. Do mesmo modo, a repreensão surge figurada por uma enunciação insensata.

Trata-se da reapresentação de uma imagem acústica de efeito disruptivo sobre o eu da paciente. Podemos dizer, a partir disso, que o que caracteriza a psicose não é a produção da alucinação em si - sabe-se que também o neurótico alucina - mas o estatuto subjetivo desta. Em outras palavras, a alucinação na psicose viria acompanhada de uma irrealização da posição de enunciação e de uma vacilação inicial da função gramatical e causal a ela articulada.

Num segundo momento, onde predominaria o delírio⁵⁸, restabelece-se a posição gramatical e de enunciação de modo fixo, não passível de transposição gramatical por exemplo. Esta posição de enunciação depende fundamentalmente da possibilidade de negação e simultânea preservação da presença do sujeito falante⁵⁹

No artigo sobre a negação (**Verneinung**, 1925h), Freud aborda a constituição do ego a partir de uma negação constitutiva. O ponto clínico de partida é a denegação como cancelamento parcial, como por exemplo o chiste em relação ao recalque. O recalque sofre uma suspensão (**Aufhebung**) à condição de uma negação ocultadora. Quando o sonhador diz " - Não é minha mãe" e o analista se autoriza a escutar o exato contrário este conta com a significação não imediata do sonho ao próprio narrador, ou seja, ele conta com um sujeito que sabe que não diz toda a verdade e que nem toda enunciação se aloca na primeira pessoa.

⁵⁸Este momento culmina no que Lacan (1958a) chamava de "estabilização da metáfora delirante" e corresponderia ao reacomodamento da relação entre significante e significado, rompido pelo desencadeamento da psicose.

⁵⁹Benveniste que junto com Bakhtin pode ser considerado o pai da linguística da enunciação partiu da crítica da linearidade e reversibilidade das três pessoas presente na língua grega para afirmar que a terceira pessoa é mais propriamente o lugar que nega a situação reversível entre o "eu" e "tu". Segundo Cox (1996, p. 295) esta idéia talvez lhe fosse inspirada pela língua árabe que designa as três pessoas respectivamente como: "aquele que fala" (**al-mutakallimu**), "aquele a quem nos

Este não parece ser o caso na psicose. Isto porque o que a caracterizaria seria a não realização de uma espécie de afirmação originária (**Bejahung**) que seria posteriormente negada ⁶⁰.

Em seguida, Freud divide a constituição do ego em dois tempos. No primeiro, formaria-se o ego-prazer (**Lust-Ich**) a partir a separação prazer/desprazer ⁶¹. Essa separação ocorreria por intermédio de um juízo de atribuição que permitiria a produção de significações antitéticas como: prazer/desprazer, dentro/fora, bom/mau. O segundo tempo corresponde à aparição de uma segunda modalidade de juízo: o juízo de existência que é coextensivo de um segundo modo do ego, o ego-realidade. O ego-realidade (**Real-Ich**) torna-se responsável pela conexão das atribuições, adjetivações ou predicções com a existência do objeto ou do sujeito por ele indicado ⁶².

Observe-se que, a exemplo do caso Schreber, Freud emparelha processos de linguagem à processos psíquicos. Em artigos como "Pulsão e suas Vicissitude" (1915c), "Bate-se numa Criança" (1919e) e "O Problema Econômico do Masoquismo" (1924c) Freud alterna a forma de solução deste mesmo problema, sintetizado no artigo sobre a negação (1925h). Nesses três textos, Freud postula um momento intermediário entre a atividade e a passividade, ou entre o sadismo e o masoquismo, ou ainda entre o prazer e o despreazer, onde o ego se identificaria narcisicamente ao objeto. Nesta substituição surge o lugar de enunciação para a terceira pessoa .

Mostra-se assim como o nível gramatical é condição necessária para o nível da enunciação. A idéia reencontra a premissa de onde partimos acerca da mutiestratificação linguística. Ela se enriquece agora com a identificação entre o plano gramatical e o plano pulsional e pela especificação da fantasia (como núcleo preservador do narcisismo) como um caso específico deste modo de linguagem.

dirigimos" (**al-muhātabu**) e "aquele que está ausente" (**al-yā'ibu**). Entre "eu" e "ele", a reversão é impossível uma vez que este último é a negação mesma do primeiro (do ponto de vista da enunciação).

⁶⁰ Em termos metapsicológicos esta negação corresponde ao desinvestimento da representação-coisa e o sobreinvestimento da representação-palavra, tal como afirma Freud nas páginas finais do artigo sobre o Inconsciente (1915e, 1911b).

⁶¹ Note-se que isso significa dizer que antes dessa separação prazer e despreazer compoe uma unidade indiferenciada, o que provavelmente inspirará a noção lacaniana de gozo.

⁶² Ora o raciocínio de Freud exige que em algum ponto, e bastaria um, o juízo de atribuição se ligasse ao juízo de existência. Essa ligação é bastante controversa do ponto de vista da história da filosofia. A famosa prova ontológica da existência de Deus (se Deus é perfeito ele necessariamente existe), formulada pela primeira vez por Anselmo da Cantuária (1073), retomada por Descartes nas Meditações (1637), refutada por Kant e depois por Quine (1973), é um bom exemplo da passagem do juízo de atribuição ao de existência. Aquilo que do ponto de vista filosófico (na verdade lógico) revela-se uma falácia ou um sofisma (a passagem da atribuição à existência) deveria ser plenamente realizável do ponto de vista psicanalítico e estaria mesmo como condição de instituição do ego. Realizamos assim uma associação entre a teoria do sujeito em Freud e algo que é historicamente tematizado como um paradoxo. Associação esta sobre a qual voltaremos a insistir.

Podemos concluir nosso percurso sobre essa aproximação entre o tema das psicoses e sua relação com a linguagem destacando dois pontos:

1. Na psicose ocorreria uma recusa (**Verwerfung**) como defesa. Tal defesa se distingue da defesa na neurose pela irrealização de um compromisso entre diversos planos de inscrição e de conexão sígnica. Nada faz crer numa modificação interna em cada um dos estratos do modelo de psiquismo. Pelo contrário, a psicose poderia ser estudada a partir do desmembramento dos laços intermediários de cada etapa, a saber, entre os signos de percepção e a conexão causal e, entre a conexão causal e a forma de engendramento do sujeito, da temporalidade e do juízo.

2. Na psicose ocorreria uma retração da libido ao ego. Se empreendemos uma leitura linguística dos processos econômicos, podemos notar que nada se altera na psicose no tocante à organização interna da pulsão. A análise dos movimentos pulsionais requerer, em Freud, certos parâmetros gramaticais, a saber, a atividade/passividade e a negação que exerceriam torções a partir de um enunciado ou juízo primordial. Neste caso, o aspecto distintivo da psicose é a ausência de um híbrido entre os dois aspectos de conjugação pulsional e a forma de substituição do eu ao objeto na fantasia.

6. As Origens do Tema da Linguagem em Lacan: a Tese de 32

As idéias de Lacan acerca da psicose bem como sua estreita relação com sua concepção de linguagem serão abordadas aqui de modo um pouco mais sistemático do que o fizemos no caso da obra de Freud. Nosso objetivo é mostrar como o tema da linguagem possui em Lacan uma múltipla serventia. Vem solucionar, na verdade, um conglomerado de problemas teóricos e clínicos. Por isso acompanharemos a evolução das posições de Lacan, especialmente no período que vai da tese de 1932 ao texto de 1958 sobre a Questão Preliminar (1958a), de modo a destacar como a pura identificação da linguagem à concepção saussureana e estruturalista de linguagem não é nem necessária nem suficiente para captar o eixo central das teses de Lacan. O primeiro passo é então situar a aparição do tema da linguagem no interior das reflexões psiquiátricas de Lacan; o que nos reenvia, de certa forma, ao nosso ponto de partida acerca da descrição clínica.

A tese de doutoramento apresentada em 1932 por Lacan pode ser entendida como uma tentativa de aproximar as tradições francesa e alemã de psiquiatria. Seu título "Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade" (1932) agrega uma entidade clínica cujo paradigma descritivo e nosológico fora fixado por Kraepelin (especialmente nas edições de 1899 e 1915)⁶³ e um tema que se encontra nas próprias raízes da psiquiatria francesa: a personalidade. Ao longo de toda a tese, vemos Lacan criticar a falta de uma teoria da personalidade mais consistente nos alemães e a falta de uma atitude descritiva mais consistente nos franceses.

A definição de personalidade apresentada por Lacan é na verdade uma reunião dos pontos críticos da psiquiatria do século XIX (a história individual, o sujeito da vontade e o eu transcendental). Lacan pretende a inclusão na psiquiatria de uma noção de personalidade que contemple três dimensões:

1. um desenvolvimento biográfico definido pela evolução das relações de compreensão;
2. uma concepção de si mesmo definida pelo progresso dialético dos 'ideais de si mesmo';
3. uma certa tensão das relações sociais definida pelos elos de participação ética." (p.31)

É porque a personalidade é compreensível a partir de seu desenvolvimento singular que ela é a cada momento o lugar de síntese e de unidade. É porque ela é intencional que ela depende de uma concepção de si mesmo. E é porque ela é o fundamento da responsabilidade que ela só pode ser compreendida à luz da dimensão ética. Lacan desvia-se assim da idéia de que a síntese pessoal é um

sentimento e de que a intencionalidade depende de uma consciência individual e unificada (p.32). A personalidade assim definida mostra-se homogênea aos três pólos do delírio pois de acordo com Kraepelin o delírio possui: uma evolução insidiosa (um desenvolvimento); que oscila do engrandecimento do eu (a concepção de si mesmo); ao sentimento de perseguição (a tensão das relações sociais).

Lacan lê as concepções de Kraepelin acerca da psicose como uma contínua aproximação da tese da psicogênese. Para o fundador da psiquiatria moderna a personalidade seria um fator a considerar (especialmente na paranóia). Todavia a própria psicose dependeria da introdução de um elemento heterogêneo a esta personalidade ao qual esta deveria como que se adaptar. A personalidade não é ela mesma a origem do delírio (p.50).

A versão francesa do problema, representada por Serieux e Capgras, não admite essa descontinuidade entre a psicose e a personalidade. Uma conteria pré-figuradamente a outra: "O plano do edifício não muda mas suas proporções aumentam." (p.57). Ou no dizer de Dromard:

"A paranóia não é verdadeiramente um episódio mórbido: ela é o desabrochar natural, e de um certo modo fatal, de uma constituição" (p.62)

É, por confiar nesta continuidade que a descrição do desencadeamento será sobrevalorizada pelos franceses. A psicose dirão, se insinua sorrateiramente sob a forma de um estranha inquietude acrescida da recusa de certos pensamentos, segue-se a discordância e a dúvida. Finalmente, a idéia se transforma em uma sensação e desta gera-se a certeza, a sistematização do delírio e a paixão delirante. O sujeito é então completamente movido pela interpretação e pela reação passional (p.55).

A idéia da constituição mostra-se portanto interessante a Lacan enquanto focaliza o desencadeamento e dos sinais que o antecedem ("o desabrochar"). Entretanto, ela é uma camisa de força teórica quando, na falta de uma teoria da personalidade, os critérios descritivos não se sustentam. Qual seria afinal a "constituição paranóica"? A psicorigidez, proposta por Montassut? A desconfiança e a falsibilidade do juízo, nos termos de Serieux e Capgras? A erotomania de Clearambault? O bovarismo de Gaultier?

⁶³ Ver a este respeito Bercherie (1989) p. 161.

Os franceses experimentam aqui, em outros termos, o mesmo problema metodológico dos alemães, isto é, como classificar e organizar significações ? No caso alemão esse problema toca o entendimento das formas delirantes; no caso francês a ênfase se dá na diversidade dos temperamentos humanos. Porém em ambas as tradições não se consegue encontrar o limite entre aquilo que seria propriamente uma descrição (universal, não contingente etc.) e aquilo que já é uma interpretação. Trata-se, neste momento, de encontrar uma espécie de ponto fixo para a descrição clínica, algo que possa garantir as relações entre o modo, o meio e a natureza do objeto descrito.

O problema chega a Lacan quando este nota que se define a psicose por uma disposição à interpretação mas em nenhum lugar se consegue dizer qual é a diferença entre a interpretação normal e a interpretação delirante (p.61). Isso constitui simultaneamente um problema clínico e epistemológico, problema este percebido da seguinte forma por Lacan:

"Um delírio, com efeito, não é um objeto da mesma natureza que uma lesão física, que um ponto doloroso ou um distúrbio motor." (p.97)

Lacan reconhece a emergência de um elemento não integrável à personalidade na irrupção do delírio mas discorda em atribuir a este elemento um estatuto orgânico. Em outras palavras, o que surge como estranho a personalidade é um fato de significação, não um fato de matéria. O lugar desse evento de significação só é compreensível à luz da biografia do sujeito daí; sua textura histórica. Aqui, sua posição começa a se aproximar de Jaspers e da psicopatologia compreensiva alemã. Jaspers ampliara a tese kraepelineana do elemento heterogêneo afirmando que este representaria o início de um novo "processo psíquico" o que seria plenamente compreensível à luz da personalidade (p.137). A compreensibilidade do processo psíquico e das reações nele contidas introduz um novo paradigma na psiquiatria. A partir dele ganha importância, pela primeira vez, o estatuto próprio e singular da significação. Não se trata mais de saber apenas quem fala no delírio (o caráter mórbido, a constituição patógena), nem o que fala (o distúrbio de memória ou do pensamento) mas de saber como se fala no delírio a partir de um princípio interno e não externo. Junto com este paradigma abre-se para Lacan a possibilidade de traduzir questões e descrições psiquiátricas ao campo da psicanálise.

O paradigma geral de Lacan deriva de Jaspers, da idéia de que a psicose pode e deve ser compreendida porque é uma alteração das relações de compreensão entre processo e desenvolvimento.

O paradigma específico, contudo, está muito mais próximo de Kretschmer. Kretschmer postula uma tipologia que não é nem fundada no inato, como a dos alemães, nem fixa e moralizante como a dos franceses. Além disso sua teoria conjuga três dimensões bastante compatíveis com a teoria da personalidade proposta por Lacan (p.91). Para Kretschmer, há que se considerar ao mesmo tempo o caráter (primitivo, expansivo, astênico ou sensitivo), o acontecimento vivido (os conflitos ético e tensões sociais) e o meio social; de forma que o delírio se origina da ação cumulativa de : "... experiências típicas sobre uma disposição de caráter típica com a frequente contribuição de uma constituição social típica." (p.87)

Além disso, Kretschmer é partidário da psicogênese e é um dos primeiros psiquiatras a propor mecanismos propriamente psicológicos com intenções explicativas (a repressão e a inversão). Assim como Bleuler e Gaupp, Kretschmer confere amplo valor à idéia de que a psicose (em particular a paranóia) é uma forma de reação da personalidade a um momento crítico de seu desenvolvimento. Esse momento, bem como a descrição dessa reação se mostram então compatíveis com a dedicação francesa, e não ausente em Lacan ao tema do desencadeamento.

É particularmente atual a discussão que Lacan trava com os partidários de uma determinação orgânica das psicoses. No caso francês, tal hipótese se traduz pela idéia de "automatismo mental", no caso alemão pela de "processo mórbido" (p.100). A hipótese do "automatismo mental" defendida por Ribot e Hesnard, supõe que na raiz do sentimento psicológico do eu individual residiriam certas sensações (proprioceptivas e enteroceptivas). A psicose seria uma perturbação dessa cenestesia que chegaria à consciência de modo deformado, produzindo assim um eu deformado: a despersonalização, a inibição, a depressão, o sentimento de influência e estranheza. Lacan observa que esta hipótese subsume uma espécie de "simbolismo natural" e que se encontrará em toda teoria que vise apreender funções de significação (como o delírio ou o caráter) a partir de mecanismos destituídos de significação (como o genético, o neuroquímico etc.).

Isso significa, se estendemos o comentário de Lacan, que nunca se poderá ligar bi-univocamente um ponto do mecanismo orgânico (leia-se eletro-químico) com um ponto de significação. Ora, isso não decorre nem de uma teoria neuroquímica nem de uma teoria psicológica,

mas de uma teoria sobre a linguagem que deve refutar ou comprovar a tese do simbolismo natural. A idéia do simbolismo natural aparecia à psiquiatria francesa em noções que procuravam explicar a psicose a partir do tônus nervoso intracerebral (Guiraud), de um neoplasma mental (Mignard e Petit) ou do problema cerebral (Wernicke). Do outro lado havia os que apostavam na existência do simbolismo natural mas que este se encontraria alterado na esfera do símbolo, dos modos de representação, e não na esfera da natureza ao qual este supostamente se liga ⁶⁴.

O interesse inicial de Lacan pelo tema da linguagem, manifestado já no estudo sobre as esquizofasias de 1930, inscreve-se portanto no debate com esse "simbolismo natural" suposto pela psiquiatria que lhe era contemporânea. O simbolismo natural é uma tese que perpassa a psiquiatria no seu interesse em se firmar como disciplina científica ⁶⁵. O problema clínico que subjaz a isso é a tentativa de explicar porque, num certo momento, sob certas condições da personalidade, o sujeito psicótico é tomado por uma "significação pessoal", pela impressão de que se está eminentemente visado, tomado num acontecimento, numa imagem ou numa palavra; "significação pessoal" que se mostra na desconfiança, na certeza ou no estranhamento do mundo; "significação pessoal" que leva a uma ação que lhe procura corrigir o sentido; finalmente "significação pessoal" que se mostra na própria relação do sujeito com a linguagem, onde:

"Predomina a interpretação sob formas verbais: alusões verbais, relações cabalísticas, homonímias, raciocínio por jogos de palavras (...) Da consonância das palavras ou de seus fragmentos brota uma certeza indiscutida, que o doente não tenta coordenar logicamente os processos mentais." (p113)

No caso Aimée, Lacan vasculha as origens dessa "significação" pessoal à luz de suas premissas. Em linhas gerais, trata-se de mostrar como a agressão de Aimée, dirigida à uma conhecida atriz francesa (Sra. Z.), pode ser compreendida em face da sua conjuntura delirante e de como esta pode ser compreendida a partir de uma teoria da personalidade cujo fundamento é a psicanálise.

Aimée justifica o atentado alegando que seu filho se encontrava ameaçado (p.154). O elemento ameaçador é reconstituído por Lacan a partir do testemunho oral e literário de Aimée. Ele corresponderia sucessivamente à Sra. Z, a uma amiga e à própria irmã que a houvera, de certa forma,

⁶⁴ Janet que atribuía a psicose a uma perda da função do real ou Dromard que pensava a interpretação patológica como "a inferência de um percepto exato com um conceito errado" (p.131) representam esta posição no caso da psiquiatria francesa.

⁶⁵ O outro seria a consolidação do substrato anatomopatológico das doenças mentais.

destituído de sua função materna. Lacan observa que se trataria de uma identificação iterativa entre esses elementos perseguidores, isto é, cada um deles introduz algo de novo modificando os motivos da perseguição e acrescentando uma nova figuração feminina. A biografia de Aimée revelara que ela efetivamente perdera um filho e que também sua mãe passara por isso sob circunstâncias particularmente trágicas (o filho caíra no fogo). Aimée parecia se defender de uma repetição que, por outro lado era provocada pelo seu próprio delírio.

Tenta então publicar seus escritos como forma de intimidar seus perseguidores. Paralelamente desenvolve um delírio erotomaníaco cujo centro é a figura do príncipe de Gales, a quem escreve em apelo. O fracasso dessas tentativas se combina com a leitura de um jornal onde se destaca a presença da Sra. Z em Paris. Pensa ouvir comentários sobre a atriz de suas colegas de trabalho. Conclui então que ela, a Sra. Z, é a responsável por suas agruras e que ela tenta roubar seu filho. Dirige-se então ao teatro onde ataca a atriz com uma faca.

Lacan destaca como ponto central dos fenômenos elementares a disposição à interpretação. É a partir dela que se enredam o sentimento de estranheza do mundo (que ocorre quando ela estava amamentando), o **deja vu**, a adivinhação de pensamentos e a ilusão de memória (tinha lido no jornal que iam matar seu filho)(p.211). Lacan parece situar num segundo plano a presença de estados oniróides e os "distúrbios de incompletude da percepção", bem como a alucinação auditiva, presente duas vezes e cujo conteúdo é: "Polícia".

A interpretação (como fenômeno elementar) é entendida como um "distúrbio primitivo da percepção" (p.207) o que não deixa de ser paradoxal. O que se insinua aqui é a idéia de que o processo interpretativo comanda e seleciona a percepção o que se opõe a posição da psiquiatria kantiana de que a própria percepção estaria comprometida e que a partir daí o processo interpretativo seria uma forma de corrigir e compensar este falso percepto.

A interpretação traria consigo uma alteração da própria temporalidade. É, por intermédio disso, que ela pode ser lida como uma perturbação da percepção e da memória:

"Dentre esses sentimentos reguladores há os que se referem ao tempo; eles estão ligados essencialmente à eficácia da síntese psíquica que realiza o momento presente em seu alcance para a ação"(p.213)

Essa alteração é captada nos relatos dos familiares que descrevem Aimée na infância, marcando que ela estava sempre atrasada (no sentido não metafórico) em relação aos outros (p.219). Lacan nota o mesmo traço presente na "abulia profissional" na "ambição inadaptada" presente em Aimée (p.211), bem como nas "demoras da ação" e nas "perseverações" (p.229).

A interpretação (como "significação pessoal") será o conceito chave para a passagem à psicanálise. De fato, ela possui uma ambiguidade de apreensão (entre o subjetivo e o objetivo) que responde bem ao modo como Lacan pensa a psicanálise:

"O mérito desta disciplina é nos ter dado a conhecer estas leis, a saber: aquelas que definem a relação entre o sentido objetivo de um fenômeno de consciência e o fenômeno objetivo a que corresponde." (p.248)

A crer nesta afirmação Freud teria inventado não apenas uma forma de considerar processos psíquicos mas a relação efetiva destes com o mundo, isto é, uma nova teoria do conhecimento. Ele teria restaurado assim o ideal que subjaz o kantismo psiquiátrico, o de reparar suas falhas com o aperfeiçoamento de sua epistemologia. Freud, no dizer de Lacan teria encontrado a "semântica dos comportamentos e fantasias representativas" (p.327).

O entendimento metapsicológico do processo interpretativo de Aimée é comandado por dois conceitos: o superego e a fixação narcísica do objeto. Lacan caracteriza a paranóia de autopunição, presente no caso, como determinada pelo imperativo superegógico. É a obediência a uma lei, tornada insensata, o que move as ações de Aimée. Ela deve defender seu filho. Apesar disso deixa de oferecer os cuidados que este necessita na realidade. É por enfrentar uma lei, ao mesmo tempo rigorosa e impossível de ser atendida que se instaura a culpa e a necessidade de expiá-la. A descrição chave para esta conclusão é a seguinte:

"Por que, perguntaram-lhe um dia pela centésima vez, em nossa presença, você acredita que seu filho está ameaçado? Impulsivamente ela responde: "Para me castigar." Mas de quê? - Aqui ela hesita: "Porque eu não cumpria minha missão ..." (p.253)

A realização desta resposta ao imperativo se dá em duas dimensões. Primeiro porque ao atingir a atriz, Aimée teria atingido a si mesma enquanto imagem ideal não concluída (p.251). Segundo porque o confinamento que se seguiu a colocaria numa situação punitiva. Essa realização da autopunição explicaria porque depois de vinte dias internada, Aimée interrompe o delírio, não sofre

mais angústia, deixa de manifestar os demais fenômenos elementares e se desinteressa pela escrita (p.251). Lacan comenta: "O delírio tornado inútil se desvanece" (p.251).

Resta compreender as particularidades do objeto escolhido para a identificação. Lacan utiliza neste ponto o quadro proposto por Abraham em 1913 que correlaciona cada estágio do desenvolvimento da libido a um tipo de ligação objetal e a um ponto de fixação psicopatológica. Assim constata-se como próprio à paranóia a ligação com um objeto parcial com incorporação sádico-anal. Ora, é justamente na incorporação do objeto e no recalçamento da libido narcísica adstrita a ele que se institui o superego. É patente a ligação deste com o ideal de eu e com o eu ideal (unidade narcísica remanescente). As três dimensões da personalidade, propostas no início da tese correspondem agora a três níveis clínicos:

1. *o nível da estrutura (unidade)*: caracterizado por momentos típicos do desenvolvimento histórico e da dialética das intenções. Relaciona-se ao que Lacan chama de estruturas conceituais do delírio. Freudianamente refere-se aos pontos de fixação e que psiquiatricamente aponta para a revisão da doutrina da constituição ou dos tipos.

2. *o nível individual (síntese)*: caracterizado pelos momentos únicos da história e das intenções do sujeito. Freudianamente, refere-se à importância da história infantil e à particularidade das moções pulsionais e representacionais. Do ponto de vista psiquiátrico corresponde ao tema da psicogênese e à reação mórbida.

3. *o nível social (ético)*: caracterizado pelo destino das pulsões e intenções à luz da sua tradução no universo social. Refere-se em termos freudianos à gênese da ética (os sentimentos de vergonha e asco, por exemplo) a partir do superego e em termos psiquiátricos à vasta tradição jurídico-moralista da psiquiatria francesa.

Verifica-se assim a conclusão do projeto inicial da tese. Concilia-se as tradições francesa e alemã de psiquiatria; propõe-se uma teoria da personalidade freudianamente inspirada e mostra-se sua relevância do ponto de vista clínico descritivo. Nesta solução e nos problemas que ela coloca, percebe-se já o embrião da segunda teoria lacaniana das psicoses, notadamente nos seguintes pontos:

a) que o paradigma jasperiano da compreensão exige um entendimento das formas de significação, portanto de uma investigação sobre a linguagem;

b) que os três níveis da personalidade implicam um modo de considerar as relações entre o universal (a estrutura e sua *necessidade*), o particular (a história individual e sua *contingência*) e o singular (a tensão social e seus *possíveis*). O caminho sugerido para entender esta relação tripartida é a dialética.

c) que a teoria freudiana sobre a origem do ego (a teoria do narcisismo) é insuficiente e problemática pois:

c1) não discrimina o ego no sentido psicológico do ego no, sentido epistemológico ou gnoseológico ⁶⁶.

c2) não diferencia o superego enquanto instância ética (fundada na vontade coletiva) e o superego enquanto instância ôntica (desenvolvido a partir das condições do indivíduo).

A julgar pelos problemas em que desemboca a tese de 1932, a linguagem deveria representar uma solução, ou um meio de tratamento para três esferas de questões. Primeiramente, a linguagem é o meio onde se pode decidir a consistência da idéia de simbolismo natural. Em segundo lugar a linguagem é o palco adequado para figurar a tensão entre o individual e o coletivo, notadamente a partir da idéia de “significação pessoal” que se encontra associada aos fenômenos psicóticos. Em terceiro lugar, a linguagem deve permitir estabelecer com clareza o estatuto do sujeito do conhecimento na sua diferença ao sujeito psicologicamente constituído. É pela heterogeneidade de problemas que a psicanálise será considerada simultaneamente como uma semântica, como uma teoria da personalidade e como uma teoria do conhecimento (na verdade uma anti-teoria do conhecimento).

⁶⁶ O que se evidencia na seguinte passagem: "Em outras palavras, a concepção freudiana do ego nos parece pecar por uma indistinção insuficiente entre as tendências concretas, que manifestam este ego e apenas como tais dependem de uma gênese concreta, e a definição abstrata do ego como sujeito do conhecimento" (p.331).

7. A Origem do Ego: Espaço Imaginário e Tempo Simbólico

Neste capítulo abordaremos os principais desenvolvimentos teóricos da obra de Lacan no período entre 1932 e 1955 enfatizando a constituição espacial do ego em contraste com a associação temporal na qual o tema do sujeito é abordado ⁶⁷. Essa é uma maneira de interpretar a distinção entre sujeito psicológico e sujeito do conhecimento, ponto problemático da tese de 32.

Os problemas remanescentes da tese de 1932 serão enfrentados de diversas maneiras por Lacan até que se possa estabelecer uma nova versão sobre o tema das psicoses. Esta versão pode ser considerada concluída somente em 1956 no Seminário III e no artigo "De uma Questão Preliminar a Todo Tratamento Possível da Psicose" (1958a).

O problema da distinção entre o ego enquanto uma instância psicológica ou gnoseológica é inicialmente solucionado pela descoberta do estágio do espelho (1936-1949). O desenvolvimento do ego é entendido então como decorrência das contingências etológicas do ser humano. A preocupação em fornecer à psicanálise uma diferenciação entre o sujeito psicológico e o sujeito do conhecimento aparece já no título da versão original de 1936: "O Estádio do Espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica".

A diferença entre o momento estruturante e o momento genético captura o dualismo da realidade no nível do sujeito. No texto "O Estádio do espelho como Formador da Função do Eu (Je) tal como nos Revela a Experiência Psicanalítica" (versão de 1949) Lacan parte dos estudos da etologia de Baldwin, e de Wallon que versam sobre a relação entre a criança e sua imagem refletida no espelho. Constata-se que entre a idade de seis e dezoito meses a criança apresenta três atitudes diante de sua própria imagem. Inicialmente, considera sua imagem como um outro estranho, em seguida se confunde com esta imagem e finalmente se reconhece nesta projeção especular ⁶⁸.

Lacan entende que se trataria neste momento da constituição do eu, podendo o espelho ser substituído pela imagem de um semelhante que respondesse à criança de forma sincronizada. O eu se

⁶⁷ Utilizaremos o termo "eu" como uma noção geral para referirmo-nos tanto ao sujeito como o ego. Tendo em vista o modelo da multiestratificação linguística, o sujeito é um efeito do movimento retroativo do sistema de memória enquanto o ego é efeito o funcionamento progressivo (seja no sentido da descarga, seja no sentido da inibição) do sistema em questão.

formaria a partir de um conjunto original fragmentado de imagens. A própria realidade desintegrada da experiência infantil em termos cognitivos, motor e perceptivos encontra sua unificação a partir da imagem do semelhante. A este elemento organizador Lacan, retomando uma expressão freudiana, dá o nome de imago⁶⁹. O modelo tomado para sustentar tal argumento é o da "prematuração específica do nascimento no homem" noção ligada as pesquisas de Bolck e a teoria da recapitulação⁷⁰. Lacan infere que o eu se constituiria a partir desta imago mediadora do **Innenwelt** e do **Umwelt**⁷¹ na espécie humana. Cita inclusive como exemplo a maturação sexual da pomba, onde a partir da simples visão de um congênere específico, que pode se substituir por um espelho, se desencadeiam processos endócrinos e fisiológicos. A prematuração e a descoordenação do eu se vê resolvida e unificada na figura do semelhante humano. Daí a definição do estágio do espelho como:

"... este desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que decisivamente projeta na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama em que um impulso interno se precipita da insuficiência a antecipação - e que para o sujeito, capturado no engodo da identificação espacial, maquina os fantasmas que se sucedem de uma imagem retalhada do corpo, à uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade..." (1949, p.97).

O ego é concebido como uma instância primariamente alienada na imagem do semelhante, ele só é de fato ego enquanto uma duplicação, ou projeção, do outro. Seu surgimento se dá no espaço em que a ligação ou sobreposição entre o **Innenwelt** e o **Umwelt** fracassa. Essa disposição a unificar-se pela imago do outro leva a aproximação entre o ego e a paranóia, a alienação, o transitivismo e o desconhecimento. O que reflete diversos modos de considerar o eu, seja desde a psiquiatria, desde a epistemologia, ou o desenvolvimento cognitivo e ainda a partir da dialética hegeliana. Em todos os casos o ego dá mostras de sua relação essencialmente problemática com a imago e com a alteridade

⁶⁸ Nisso Lacan segue uma tendência que marcará a filosofia francesa pré estruturalista, a saber a valorização dos estudos da psicologia experimental alemã de Uexküll a Goldstein e Kohler, para isso ver Prado Jr. (1990) e Olgivie (1988).

⁶⁹ Na verdade o termo remonta a Jung (1962, p. 67 - 68) onde representa um correlativo conceitual da idéia de complexo diferindo-se desta pela ausência de tonalidade de afeto. Difere da idéia de arquétipo pelo caráter pré coletivo. Encontra-se portanto na mesma linha semântica do termo "significação pessoal" da tese de 32.

⁷⁰ De acordo com esta teoria a ontogênese recapitularia a filogênese ou o desenvolvimento do indivíduo repetiria o da espécie. Contemporaneamente tal teoria está desacreditada mas aceita-se a idéia de prematuração, chamada de neotenia e compreendida evolutivamente a partir do aumento do volume craniano num certo momento da história filogenética do homem que antecipou o momento do parto, introduzindo uma juvenalização, e ao mesmo tempo uma fragilização da prole humana. Para isso ver Bussab (1989, p. 182) e Gould (1987, p. 57-65).

⁷¹ Dois termos da biologia de Uexküll. **Umwelt** refere-se a idéia de espaço de vida (**Lebensraum**) onde cada organismo filtra, capta, antecipa ou percebe apenas aquilo que já faz parte de seu ciclo funcional (**Funktionkreis**), Lacan aproxima o **Umwelt** do narcisismo primário o também por ele chamado de narcisismo animal (Seminário I). **Innenwelt** refere-se ao mundo compartilhado cujo aparecimento deve-se ao reconhecimento do caráter irreal da imagem pré-figurada, de acordo com Schmidt (1965, p. 613 e 274)

que o constitui; seja o objeto persecutório na paranóia, o outro como pura antítese na dialética do senhor e do escravo de Hegel, o objeto do conhecimento em face do discurso epistemológico ou a imagem do semelhante na angulação etológica. Paradoxalmente esta alienação constitui um momento chave da humanização, como se afirma em "Acerca da Causalidade Psíquica" (1946):

"As primeiras eleições identificatórias da criança, eleições 'inocentes' não determinam outra coisa, com efeito, - deixando a parte as patéticas 'fixações' da neurose - que essa loucura, graças a qual o homem se crê um homem" (p.177)

O circuito de identificações, fulcro da teoria do narcisismo, pode ser lido como uma tensão constitutiva do homem em relação à imagem de seu semelhante. É, desta tensão, entre ego e imago que se ilumina o laço entre narcisismo primário e agressão. Como no trecho abaixo:

"... a libido sexual quando invoca instintos de destruição e até de morte, explicita a relação evidente da libido narcisista com a função alienante do eu (Je), com a agressividade que se desprende dela em toda relação com o outro." (p. 91)

No texto "A Agressividade em Psicanálise" (1948) já se nota uma preocupação em apreender a dimensão da agressão não apenas como efeito do campo imaginário, mas como um suporte para a simbolização. Na medida em que a agressão isola um objeto a ser simbolizado ela fixa um signo que pode ser substituído ou metaforizado. Lacan retoma desta maneira a idéia da tese de 1932 de que a paranóia de autopunição resolve a contradição do delírio pelas vias de um ato agressivo. Não que a agressão em si corresponda à simbolização mas esta lhe dá suporte na medida em que constitui um objeto como sede da alienação, um objeto propício a desrealizar-se como tal. Para entender esta passagem⁷² é necessário ter em conta a diferença que se introduz entre duas espécies de identificação. A primeira considerada como a fascinação pela imago e a segunda que se dá com o valor simbólico deste objeto isolado pela primeira. A primeira opera isolando um traço, a segunda representa por este traço a alteridade. É, a partir de uma identificação secundária, que se pode colocar o conceito de sujeito, que será essencialmente distinto do ego:

"Assim a identificação edípica é aquela pela qual o sujeito transcende a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva" (a que se dá pela constituição do ego) (p.110)

⁷² Prado Jr. (1990, p. 66) chama esta passagem de "descompressão ontológica" através da qual a realidade, compreendida como conjunto dos objetos antecipáveis pelo **Umwelt** é fendida. Como o real é definido por Lacan como o que não admite fissuras pode-se concluir que o real é uma espécie de "anti-realidade", no sentido em que é irrepresentável e que portanto os objetos espacialmente figurados em imagens, bem como o ego que lhe é coextensivo, são uma espécie de ilusão necessária.

Se o ego e a agressividade são categorias essencialmente espaciais,⁷³ o sujeito será entendido desde o início com referência ao tempo. O ego se associa a uma temporalidade induzida pela antecipação dos objetos segundo o ciclo funcional da espécie (**Funktionkreis**). A linguagem que aí se veicula é uma linguagem espacializada, onde cada signo remete a uma positividade espacial. O sujeito se liga a uma temporalidade induzida pela linguagem como puro tempo, seja por seu caráter simbólico (capaz de representar a ausência), seja por seu caráter formal (de sincronia e simultaneidade), seja pelo seu caráter dialogal (onde se coloca como alteridade)⁷⁴.

A passagem de um ao outro opõe o eu ideal enquanto formação imaginária, etologicamente fixada e o ideal de eu enquanto formação simbólica, dialeticamente constituída. Imaginário e simbólico constituem assim dois modos de estar na linguagem diferentes mas articulados. A linguagem em uso no imaginário toma como exemplo a comunicação animal marcada pela primazia do signo. A linguagem no seu uso simbólico funciona a partir do que Lacan denomina de primazia do significante.

Já no Seminário I, "Os Escritos Técnicos de Freud", de 1953, Lacan introduzirá um modelo óptico para pensar o imaginário. Tal modelo traduz uma versão mais refinada da juntura entre o imaginário e o simbólico. Não se tratam apenas de imagens articuladas perceptivamente mas sua tradução ao imaginário presente também no discurso. O imaginário deixa de se ligar a certos estados subjetivos (a paixão, a agressividade, a fascinação) e passa a se referir ao poder de alienação próprio da linguagem quando esta é espacializada. A descrição, como pareamento ponto a ponto entre objetos espaciais do mundo e porções de linguagem (palavras) é um exemplo desse imaginário no discurso. É este o caso, ainda, da palavra vazia (1953a). Julien (1990, p. 75) sintetizou esta oposição da seguinte forma:

Imaginário	Simbólico
conhecimento paranóico e espacialização	reconhecimento no símbolo e historicização
visualização do outro como conhecimento	subjetivação do Outro na fala (parole) mais além do

⁷³ O que aparece de modo textual na Tese V do referido texto; "Semelhante noção de agressividade como uma das coordenadas intencionais do eu humano, e especialmente relativa a categoria de espaço, faz conceber seu papel na neurose moderna e no mal estar na civilização." (Lacan, 1948, p.112)

⁷⁴ No Seminário I esta distinção encontra-se pré-figurada na distinção tomada por Lacan ao linguísta Karl Bühler para quem a linguagem se dividia entre o nível do enunciado, do apelo e da comunicação. A tipologia das funções da linguagem

	conhecido
a Gestalt determina a significação	a letra (lettre) do significante determina o sujeito
a destruição do outro	a coexistência pelo pacto
amor, o ódio e a ignorância como paixões	o desejo do sujeito como desejo do Outro
do ego (moi)	
as pulsões de vida e o princípio do prazer	a pulsão de morte mais além do princípio
- desprazer	do prazer

No entanto, o problema do imaginário não se reduz à sua articulação com o simbólico pois Lacan tem ainda de considerar sua ligação com o real. Distingue-se pois duas vertentes do imaginário, uma que trata do eu e suas identificações formadoras e outra que se encarrega de imaginarizar o real, dando-lhe uma cobertura, fazendo-o cada vez mais conhecido e antecipável. Com relação à psicose este ponto será essencial:

"O sujeito psicótico, se ele perde a realização do real, não encontra nenhuma substituição imaginária ? É isso que o distingue do neurótico." (p.134)

Trata-se, na psicose de um retorno no real daquilo que não obteve suporte simbólico, cuja ilustração mais cabal é a alucinação. Ora, aquilo que não se inscreve no simbólico, no caso da psicose, é justamente este objeto príncipes da agressão, esta imago simbolizável. O retorno deste objeto acusa uma espécie de fracasso tanto na simbolização do objeto quanto da cobertura imaginária do real. Este modelo se presta a explicar porque na psicose há como que uma interrupção da desconfiança com relação à realidade; seu aspecto de certeza, presente no delírio. A perda da realidade na psicose é portanto a perda da imaginarização do real ⁷⁵.

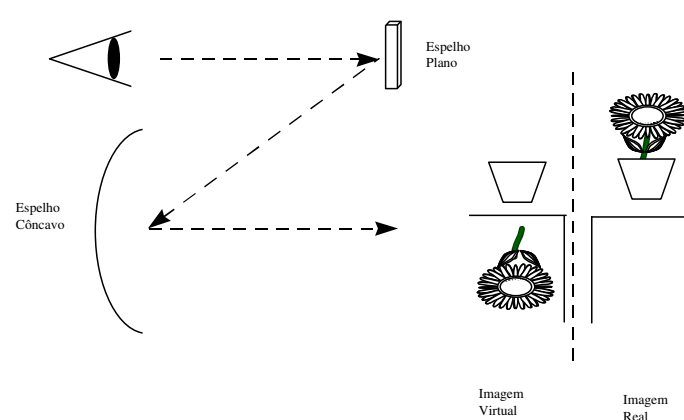
O narcisismo primário e o tipo de identificação por ele engendrado traduz-se pela fixação e correspondência à imagem de um semelhante (a imago parental) e poderia constituir um modelo

proposta por Jakobson (1978) é basicamente uma ampliação dos três grandes eixos propostos por Bühler aos quais se acrescenta as funções metalinguística, poética e fática.

⁷⁵ No seu artigo pioneiro sobre a psicose Leclair (1974) enfatiza o objeto como simultaneamente imaginário e simbólico e pensa a psicose a partir da dissociação dessa simultaneidade: "O esquizofrênico - como o indicamos - parece viver dentro de um mundo simbólico que constitui sua realidade desprovido de todo vínculo imaginário, sem forma, sem limite, sem peso. Ao inverso, o delirante paranóico experimenta a realidade de uma maneira puramente imaginária, lógica e só formal, sem abertura propriamente simbólica, porque nada do que está imaginariamente vinculado pode ser articulado." (p.19).

suficiente da sexualidade animal. Subentende-se pois que o conceito de ego é plenamente aplicável à psicologia animal. Neste caso há um ajuste entre a realidade e o traço-imagem. O problema é que os seres humanos reconheceriam esta imagem como uma imagem possível e não necessária, o que levaria a sexualidade a ser mediada pelo significante, ou por representações e não mais por signos. Esse entendimento se ajusta à idéia freudiana do apoio (**Anlehnung**) da pulsão sexual na pulsão de autoconservação.

Para pensar esta passagem entre o imaginário e o real, o ser humano disporia de um terceiro elemento que o separa do objeto. Tal elemento é a alteração da posição da mãe, ou da função materna, de modo a considerá-la não mais como um conjunto de imagens unificadoras e libidinalmente atrativas. Tal problema pode ser representado pelo que Lacan chamou de esquema óptico ou esquema do buquê de flores. Trata-se de um problema de ótica, que consiste em produzir uma ilusão como na representação que adaptamos abaixo:

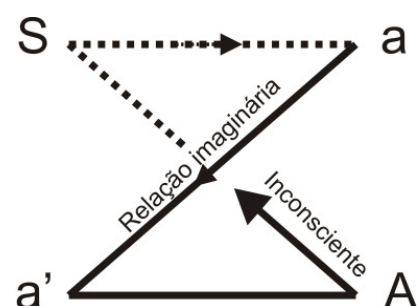


Como vemos, a posição do observador determina uma imagem unificada (buquê dentro do vaso) a partir de um modelo real que não lhe corresponde. O espelho côncavo, que representa a mãe, produz uma imagem projetada que é retida no espelho plano, que representa o outro ou o duplo do eu. O narcisismo primário se mostra no fascínio libidinal por esta imagem. Lacan entende este fascínio como um exercício da pulsão; no entanto sua causa é um logro, uma ilusão. O desejo humano só é

Apesar do caráter excessivamente epistemógeno que os conceitos de imaginário e simbólico têm na leitura de Leclaire gostaríamos de ressaltar a perda da simultaneidade de aspectos do objeto como característica da psicose.

possível a partir do reconhecimento deste logro. Por outro lado é neste logro que o ego se aliena no outro seja na dimensão agressiva, seja na dimensão fascinatória. O espelho plano representaria a função materna antecipando um eu unificado que no real se apresenta descoordenado ⁷⁶.

No Seminário 2 "O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise (1954) o esquema do buquê de flores é reduzido aos seus elementos essenciais, transformando-se assim no esquema L:



Neste esquema, encontramos o imaginário e o simbólico, que aqui se identifica ao campo do desejo inconsciente, cruzando-se numa intersecção. É o ponto crucial de simbolização do objeto que estamos discutindo. Considerar este objeto no simbólico corresponde neste texto a tomá-lo como objeto do desejo do Outro; o sujeito é assim efeito de uma interdependência de desejos. Do lado da relação eu \Leftrightarrow objeto uma linha que obtura a relação simbólica e ao mesmo tempo lhe dá sustentação enquanto lhe provê um objeto.

Portanto, o desenvolvimento da idéia de imaginário acaba por reconduzir Lacan à idéia de que o ego é uma instância concreta e psicológica (enquanto etológica) e uma instância gnoseológica (enquanto sede do conhecimento paranóico). A distinção procurada ao final da tese de 32 se desloca agora para a distinção entre ego e sujeito.

O sujeito já se encontra tematizado na linguagem mas a noção de estrutura pensada neste período não é orientada pela releitura da linguística de Saussure mas pelo que podemos chamar de "estrutura dialética" do sujeito. A rigor, *estrutura*, enquanto um conjunto de relações formais e

⁷⁶É sugestivo que alguns etólogos contemporâneos tenham descrito a relação mãe-criança com a noção metafórica de "espelho biológico" (Papoušek & Papoušek, 1984) ou acentuando a sua sincronia, simetria, reversibilidade e mútua disponibilidade interpretativa (Brazelton & Cramer, 1992, p. 143-149).

imutáveis e, *dialética*, entendida como um processo cujo cerne é a contradição, são dois termos inconciliáveis reunidos por um malabarismo lacaniano.

O texto que, a nosso ver, melhor enfrenta esta antinomia entre dialética e estrutura é "O Tempo Lógico e a Asserção da Certeza Antecipada" de 1945. Nele se prefiguram distinções essenciais. Primeiramente, encontramos uma correlação entre formas de aparição do sujeito e modos específicos da temporalidade. O instante de ver, associado ao sujeito impessoal do conhecimento; o tempo para compreender, associado ao sujeito indefinido, recíproco e transitivo; e o momento de concluir, associado ao sujeito da certeza antecipada e ao ato (p.197). Cada uma dessas formas do sujeito e desses modos do tempo nega e contém em si a contradição do momento anterior.

O sujeito impessoal é impessoal pois não se reconhece no que vê (conforme a tese do conhecimento paranóico); como no primeiro momento do estágio do espelho onde a criança não se reconhece na imagem ou como no primeiro momento do complexo de Édipo onde a criança não se reconhece como falo para a mãe.

O sujeito recíproco e transitivo assim o é pois supõe-se substituível (projeção) ao outro que ora reconhece como semelhante. É o que se mostra no segundo tempo do estágio do espelho onde a criança se replica na imagem a ponto de se confundir com ela. Igualmente combina com o segundo tempo do Édipo onde se dá uma identificação com os equivalentes fálicos, notadamente o, emblema paterno.

Finalmente o sujeito da certeza antecipada é marcado pelos seguintes atributos:

- a) a forma ontológica da angústia, o atraso (p.197);
- b) a sua manifestação num ato (p.198);
- c) seu adiantamento em relação à certeza, corrompendo o sujeito cartesiano (p.198);
- d) seu aparecimento numa "verificação dessubjetivada" (p.200).

Assim como, no terceiro tempo do estágio do espelho onde depois de reconhecer-se como ego no objeto e como objeto para o desejo do outro, manifesta-se a apreensão do corpo próprio e do ego como síntese. Também no caso do complexo de Édipo este terceiro momento se mostra como reconhecimento e negação da falta (dessubjetivação), como desejante (adiantado em relação à certeza),

como presentificado pelo ato e finalmente marcado indelevelmente pela angústia de castração (em sua forma ontológica de ser-faltante ou de ser-para-a-morte).

Quando Lacan fala em "estrutura do sujeito", podemos pensar portanto em três sentidos. Cada um deles possui uma espécie de motor dialético fixado respectivamente na figura do objeto parcial, do objeto como semelhante e na figura do Outro ⁷⁷.

Até 1955, os textos de Lacan revelam uma preocupação em integrar uma dialética temporal do sujeito com a estrutura da linguagem que é o espaço onde a primeira se desenvolve.

Assim no artigo Intervenção sobre a Transferência (1951), o caso Dora é examinado a partir das inversões (**renversements**) dialéticas dos lugares que Freud ocupa na transferência. Em Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise (1953a) a oposição entre palavra plena e palavra vazia ou entre palavra e discurso comanda a dialética a partir da qual o processo analítico poderá: decompor a estrutura do ego (p.242), reintegrar as partes mudas do discurso narcísico (p.241) e restituir a história ao sujeito (p.251). Tudo se passa como se o cerne da experiência analítica implicasse na produção de um sujeito exatamente situado entre a palavra (ou fala) e a linguagem.

"Assim pois voltamos a encontrar sempre nossa dupla referência a palavra e a linguagem. Para libertar a palavra do sujeito, o introduzimos na linguagem de seu desejo, quer dizer, na linguagem primeira na qual mais além da que nos diz dele, já nos fala sem sabê-lo, e nos símbolos em primeiro lugar" (p.282)

De um lado, há a palavra enquanto esfera dialética, histórica e temporal, do outro a linguagem como esfera estrutural, necessária e simultânea. Entre uma e outra, se encontra o sujeito. Tematizá-lo como dividido é a solução encontrada para esta heterogeneidade. Assim o sujeito se insere na estrutura mas não está integralmente contido nela. O problema da "estrutura do sujeito" fica parcialmente solucionado. Parcialmente porque cada avanço na teorização da estrutura no sentido linguístico do termo exigirá uma reacomodação em termos da estrutura do sujeito ⁷⁸.

⁷⁷ Porge (1989) num estudo dedicado ao problema do tempo em Lacan nota que as diversas teses e revisões pelas quais o tema passa possuem em comum uma abordagem retórica que os situa a partir de um paradoxo. É o caso do "sofisma", no texto de 1945 e na revisão de 1966, da garrafa de Klein no Seminário XII, sobre a identificação, e do paradoxo de Zenão no Seminário XIV, sobre o Fantasma. A tripartição da noção de outro permite falar numa diversidade de concepções do sujeito, cada qual anelada a uma tematização do tempo.

⁷⁸ Roudinesco (1994) observa que até o último seminário podemos observar um revezamento do tema do sujeito com o tema do significante. Os seminários pares acentuam o segundo tema, os ímpares o primeiro. A tensão entre uma teoria do sujeito e uma teoria da linguagem parece constituir assim o motor central ou o fio condutor da teorização lacaniana.

A esta altura podemos retomar algumas proposições que examinamos acerca do modelo da multiestratificação linguística em Freud. O “ego oficial” localizado por Freud no pré-consciente divide-se em Lacan entre a noção de sujeito (ligada ao funcionamento retrospectivo do sistema) e na noção de ego (ligado ao funcionamento progressivo do sistema). Imaginário e simbólico são duas instâncias que por um lado prendem-se a ontologia e epistemologia que Lacan parecia procurar mas por outro lado se identificam a duas formas de considerar a linguagem, respectivamente como um conjunto de signos referidos espacialmente aos objetos e ao ego e como uma “estrutura dialética” referida temporalmente ao sujeito e ao Outro. A solução do impasse entre estrutura e dialética marca uma reaproximação de Lacan em relação ao tema da psicose. É o que veremos no próximo capítulo.

8. O Sujeito entre a Dialética e a Estrutura

Neste capítulo procuraremos mostrar como o tema do sujeito em Lacan possui uma dupla e problemática extração. Isso decorre basicamente das duas forças teóricas que parecem atravessar este período do pensamento de Lacan, a saber a dialética de Hegel e o estruturalismo linguístico de Saussure. Essa combinação redundante, como pretendemos mostrar, numa concepção não unitária de linguagem. Esta concepção híbrida está repleta de consequências para uma investigação sobre a temporalidade da linguagem. É ainda, neste período, em que a tensão entre dialética e estrutura parece acirrar-se, o fato de que nele Lacan desenvolve sua abordagem mais sistemática do tema da psicose ⁷⁹.

Lacan inicia o seminário de 1955, dedicado às "estruturas freudianas das psicoses (Seminário III), desvincilando-se dos compromissos que orientavam a tese de 1932:

"Mito da unidade da personalidade, mito da síntese, mito das funções superiores e inferiores, confusão a respeito do automatismo, todos esses tipos de organização do campo objetivo mostram (...) a negação dos fatos, o desconhecimento da experiência mais imediata" (p.16)

O programa do seminário envolve dois passos: a demonstração de que os conceitos freudianos de recalçamento e forclusão podem ser lidos dialeticamente e linguisticamente e a demonstração de que os fenômenos elementares da psicose podem ser compreendidos à luz da estrutura formal da linguagem.

O que distingue a neurose da psicose seria o tipo de negação (**Verneinung**) envolvida. Enquanto na neurose o tipo de negação é homogêneo, na psicose ela é heterogênea. Na neurose o que é negado no simbólico retorna no simbólico de acordo com o recalçamento (**Verdrängung**). Na psicose o que é negado no simbólico retorna no real, é a forclusão (**Verwerfung**, **forclusion**) (p.21). Temos num caso, uma negação que incorpora o negado (**Aufhebung**) e no outro caso, o da psicose, uma negação que não contém o negado.

⁷⁹ Há ainda uma terceira tematização das psicoses em Lacan no Seminário XXIII, "O Sinthoma" onde a partir do comentário do "Ulisses" de James Joyce, da teoria dos nós e da lógica, postula-se a chamada "teoria da forclusão generalizada". As perspectivas clínicas que esta terceira leitura oferece são até o momento incipientes. Em função disso não a examinaremos neste trabalho.

Ao analisar o recalçamento do ponto de vista da negação envolvida, Lacan serve-se de um ponto de vista hegeliano ⁸⁰. Isso significa que o recalçamento é pensado a partir de um sujeito que recusa, expõe ou suprime algo que lhe é próprio. No entanto ao analisar os aspectos formais, especialmente no que toca o retorno do recalcado, como é o caso das formações do inconsciente, sua referência é a linguística. Por isso pode-se afirmar que de um ponto de vista o inconsciente se estrutura na e pela fala (**parole**), que supõe necessariamente um sujeito e de outro ponto de vista o inconsciente se estrutura como uma língua (**langue**). Ao afirmar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem Lacan reúne as duas dimensões: a da fala e a da língua, retomando assim a distinção saussureana.

O domínio da fala encontra sua plena realização na idéia de palavra plena, isto é, aquela que transita entre o sujeito e o Outro. A dialética supõe ainda um ciclo pergunta-resposta, uma “estrutura dialogal” (ou reflexiva) onde se estabelece a dialética do desejo e a subversão do sujeito. A fala, uma vez concebida dialeticamente, implica que o sujeito receba sua própria mensagem de maneira invertida a partir do lugar do Outro (p.147). A mensagem é invertida justamente porque este Outro é reconhecido em sua alteridade, como tal incognoscível. O Outro como inversor da mensagem do sujeito, se opõe assim ao outro como sede do conhecimento paranóico.

Para demonstrar esta inversão da mensagem, Lacan utiliza dois exemplos. Num examina-se o enunciado: "Você é minha mulher" (p.63) cuja significação invertida corresponde a "Eu sou seu homem". O outro exemplo é retomado de Freud, trata-se do chiste: "Por que me diz que vais a Cracóvia para que eu pense que vais para Lemberg quando de fato vais para Cracóvia ? " Neste chiste a condição da inversão da mensagem é a suposição de que o Outro pode mentir ou enganar e por isso ele é incognoscível. E incognoscível quer dizer aqui não antecipável, não espacializável e não objetificável pelas vias identificatórias. O sujeito do desejo é um sujeito que está às voltas com um

⁸⁰ Poderíamos resumir este ponto de vista no comentário de Hyppolite (1989) que aproxima o conceito de denegação em Freud (1925h) da expressão usada por Hegel para indicar a síntese dialética, ou seja a suprasunção (Hegel, 1992) ou ultrapassagem (**Aufhebung**): “Apresentar o seu ser num modo de não sê-lo é realmente o de que se trata nesta **Aufhebung** do recalçamento que não é uma aceitação do recalcado. Aquele que fala diz ‘Eis o que eu não sou’.” Assim como a consciência, que na Fenomenologia do Espírito caminha assimilando suas sucessivas alteridades, o recalçamento é também processo de aparição e apagamento do sujeito. Daí a tese lacaniana de que o recalque e o retorno do recalcado se identificam.

Outro capaz de enganá-lo; o sujeito do conhecimento, pelo contrário, nasce de uma confiança no aspecto não enganador deste Outro ⁸¹.

A partir deste reconhecimento do outro (o duplo do ego) como Outro (a alteridade irreductível) a palavra, percorre um desenvolvimento dialético até se realizar plenamente ⁸². Três etapas são isoladas neste desenvolvimento: o significante, a significação e o discurso.

No plano do significante, o que interessa diretamente o tema das psicoses é a hipótese da instauração, num determinado momento, do que Lacan chama de "significante primitivo". A hipótese do "significante primitivo" apoia-se na releitura do artigo de Freud "A Negação" (192h), releitura que fora realizada por Lacan em parceria com Jean Hyppolite (o tradutor de Hegel para o francês) durante os anos de 1953 e 1955. No artigo em questão Freud fala da constituição do ego a partir da negação (**Verneinung**) originária de um juízo de tipo existencial, que corresponderia a uma forma de afirmação (**Bejahung**). Lacan vê nisso motivos para aproximar esta "**Bejahung**" da idéia de significante, retomando assim o tema hegeliano da palavra como assassinato da coisa. É porque o significante aniquila a coisa que ele é significante e não signo ou sinal.

O que caracterizaria a neurose é o tratamento deste significante pelo recalçamento. No caso da psicose esse significante se veria recusado ou foracluído. Essa foraclusão teria consequências para as etapas subsequentes da palavra: a significação e o discurso.

A significação é a forma de abordar a fala não do ponto de vista do signo (significante/significado) mas da frase no seu duplo sentido de enunciado gramatical e de enunciação. A frase se define pelo encerramento de uma significação e sua remissão a outra significação possível (p.159). Lacan refere-se a duas inflexões fundamentais da significação: o modo em que ao nos referirmos ao Outro recebemos nossa própria mensagem de maneira invertida e o modo onde ao

⁸¹ Lacan, especialmente ao referir-se as tese do filósofo da ciência Alexander Koyré, parece dar como condição da revolução científica a emergência deste outro, ponto fixo e historicamente subvertido. Para a ciência moderna este ponto é o Deus não enganador de Descartes, para a ciência de Aristóteles este ponto é o real, aquilo que volta sempre ao mesmo lugar, para as sociedades indígenas e para as civilizações antigas estes ponto se localiza eventualmente na natureza, que em sua repetição se mostra não enganadora (Seminário III, p.81). Veja-se também Ciência e Verdade (1965, p. 837 e seg.) e Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo (1960, p. 773 -782)

⁸² Para perceber a proveniência hegeliana desta oposição, atente-se para a seguinte passagem da Fenomenologia do Espírito: "A consciência de si perdeu-se ela mesma, pois se encontra como sendo outra essência; se encontro um *outro* eu, estou perdido, já que encontro meu eu como um *outro*. Mas o duplo sentido está em que a consciência suprimiu por isso mesmo o *Outro*, pois ela não vê o *Outro* como essência, mas é ela mesma que ela vê no Outro." in Hyppolite (1989, p.65) e Hegel (1992, p.126).

reconhecer o Outro indicamos a existência ou direção do sujeito através da alusão (p.63). Trata-se, num caso, de fechamento da significação e no outro da sua abertura. Ora, o fechamento da significação, no completar da frase, por exemplo, decorre da presença de um significante na função que Lacan chama de "basteamento" ou "**point de capitonè**". Tal função é representada em termos psicanalíticos pelo conceito de Nome do Pai (p.220) numa clara referência ao agente do recalçamento. Aqui o significante não é apenas a morte da coisa, mas a "morte" de todas as significações possíveis que são perdidas no fechamento e eleição de uma significação. Vemos aqui uma tensão entre o possível e o contingente.

Ocorre que na psicose, sob as circunstâncias precisas de seu desencadeamento, este modo de funcionamento da significação a partir do significante não se realiza. Compreende-se assim aquilo que é um traço patognomônico da psicose desde a tese de 32: a significação inefável (p.43) e a interrupção das remissões de significação. O Outro deixa de ser o lugar de inversão da mensagem e o sujeito psicótico se vê às voltas com uma significação que lhe é eminentemente endereçada mas que por não se remeter a nenhuma outra significação e por não se concluir como tal mostra-se incompreensível, estranha e fundamentalmente não articulada. Essa significação inconclusa é então remetida à realidade ou repetida infindavelmente no que Lacan chama de ritornelo ⁸³:

"O Outro considerado como radicalmente estranho, como errante, e que intervém para provocar perto do sujeito na segunda potência uma convergência, uma intencionalização do mundo exterior, que o próprio sujeito, na medida em que se afirma como eu, repele com grande energia" (p.157)

A terceira etapa da palavra, o discurso, pode ser compreendida como uma "cadeia temporal de significantes" (p.175). Em relação ao discurso, Lacan refere-se à noção de "entre-eu" e de sujeito interposto. O discurso é, nesse sentido, a etapa onde a palavra mais se aproxima da língua e por isso, ao contrário do significante (na fala) e da significação não possui uma ordenação dialética mas uma estrutura linguística. O discurso é a dimensão diacrônica da língua. Se o Outro, do significante e da significação, é o lugar onde a fala se constitui (p.303), o Outro na acepção do discurso é o lugar de onde emerge o discurso inconsciente (p.132). O discurso enquanto última etapa da palavra e primeira

⁸³ Preferimos manter o termo ritornelo ao invés de estribilho uma vez que seu uso está consagrado não apenas a partir da tradução de A. Menezes do Seminário III mas reaparece na tradução de autores como Guattari (1988, p. 103-145) onde seu

dimensão da estrutura refere-se à incidência do inconsciente, sem necessariamente referir-se à presença do sujeito.

Lacan diz que o sujeito psicótico é falado pelo inconsciente (p.52) mas que, por ignorar a língua em que é falado (p.20) e por não se colocar uma questão sobre ela (p.230), torna-se uma mártir (literalmente uma testemunha) deste inconsciente.

Pois bem, o que liga a estrutura dialética da fala à estrutura não dialética da língua é justamente uma sobreposição de temporalidades entre uma e outra. O que há de comum entre a dialética e a estrutura é a suposição em ambos os casos de uma simultaneidade e de uma sucessão.

"Há, em primeiro lugar, um conjunto sincrônico, que é a língua enquanto sistema simultâneo de grupos de oposições estruturados, há em seguida o que se passa diacronicamente, no tempo, e que é o discurso." (p. 179)

O que Lacan parece ignorar nesta afirmação é a idéia de que a simultaneidade é um dos modos do tempo. Aqui ele nitidamente herda o preconceito freudiano de que o tempo é uma certa seqüência entre passado, presente e futuro e que torna atemporal ou fora do tempo tudo o que não puder ser contado nesta seqüência ⁸⁴. Ora, toda a revalorização que Lacan empreende da noção de retroação (**Nachträglichkeit**), inclusive pela substantivação do termo que em Freud é geralmente empregado como um adjetivo, aponta para o sentido contrário ao que se nota nesta passagem. Ao aproximar a estrutura sincrônica da língua ao inconsciente e ao ler esta sincronia como algo fora do tempo Lacan se aproxima da posição de Freud que via o inconsciente como algo não sujeito ao tempo. Paradoxo semelhante encontramos na idéia de que o ego se constitui por uma negação primordial e de que o inconsciente não admite a negação ou a contradição.

O paralelo encontrado para mostrar a pertinência freudiana de tal aproximação entre o inconsciente e a estrutura da língua é extraído da carta 52 a Fliess e da teoria do recalçamento nela contida. O recalçamento corresponderia a um erro na transcrição de um a outro tipo de inscrição (**Umschrift**). A partir disso Lacan lê a inscrição dos traços de percepção (**Wahrnehmungzeichen**)

uso é plenamente conceitual e refere-se às diferenciações temporais que um determinado sistema etológico possibilita ao repetir-se. Segundo Holanda *ritornelo* refere-se a cantigas entoadas monotonamente nos madrigais.

⁸⁴ Também em Saussure (1975) podemos notar esta identificação da temporalidade com a duração como o atesta a seguinte passagem: "(1) *O eixo das simultaneidades*, concernente as relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui, e (2) *o eixo das sucessões*, sobre qual não se pode considerar mais de uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações." (p.95) A afirmação de Saussure de que há

como a inscrição significante e encontra aí a organização por simultaneidade ⁸⁵: "O nascimento do significante é a sua simultaneidade e também sua existência é uma existência sincrônica."(p.207).

A "falha" na transcrição passa a ser então a aparição de processos estruturados como uma língua na esfera das relações entre sujeito e Outro. Trata-se da desarticulação entre a linguagem na sua forma de sistema de signos e a linguagem na sua forma de enunciação, o que vai de encontro a nossa hipótese da multiestratificação linguística.

Freud precisava de motivos para explicar o fracasso da transcrição e procurava estes motivos na intensidade ou força da excitação apenas aos signos, isto é, procurava soluções extra linguísticas para um problema linguístico (na perspectiva de leitura que estamos propondo aqui). Lacan, por sua vez parece postular como agente da resistência tradutiva algo interno a linguagem: o nome. O nome próprio, e o Nome-do-Pai é um caso especial na função dos nomes próprios, não se traduz, não se metaforiza e justamente por isso funciona como instância metaforizadora.

Podemos agora acrescentar que esta multiestratificação deve ser considerada em termos temporais e não em termos espaciais, isto é, as formas de linguagem se cruzam no tempo (por sucessão e simultaneidade) e não no espaço. O teste imediato para nossa hipótese de leitura pode ser feito sobre própria teoria do recalçamento.

Freud oscila em tratá-lo como um processo onde as representações mudam de lugar (do PrC./Cs. para o Incs.) e um processo onde haveria uma dupla inscrição permanente e simultânea das representações. A dificuldade em trabalhar a segunda hipótese, que é a mais claramente correta segundo Freud, decorre, como agora podemos sugerir, do predomínio do raciocínio espacializante e da recusa em conferir ao tempo uma dignidade semelhante ao espaço. Para tal bastaria notar que a hipótese da dupla inscrição supõe de saída a tese da simultaneidade dos processos psíquicos. No capítulo IV do artigo "O Inconsciente" (1915e) Freud discute essas duas hipóteses, opta pela da dupla inscrição e no entanto não lhe dá a continuidade esperada. A hipótese da dupla inscrição diz que a representação não muda de estado mas apenas fica sujeita a outro tipo de configuração. A hipótese

algo sujeito a transformação mas não sujeito ao tempo é bastante problemática e provavelmente refere-se a negação de uma forma específica de temporalidade.

funcional (dinâmica) explica melhor o recalçamento propriamente dito enquanto a hipótese da dupla inscrição explica melhor o retorno do recalcado ⁸⁶.

Lacan ao afirmar que o recalcado e o retorno do recalcado são o avesso e o direito do mesmo processo (p.21) acaba por manter as duas versões sobre o recalçamento já presentes em Freud. Se o retorno do recalcado surge ao neurótico como uma "outra língua" (p.74) o recalcado propriamente dito surge como uma outra fala, como a fala do Outro.

Na psicose a diferença essencial residiria no modo de articulação desta outra língua ou desta outra fala ao nível do sujeito. Tudo se passa como se a outra língua fosse uma língua necessária e como se a outra fala fosse uma fala impossível. Daí a afirmação de que "... o neurótico habita a língua o psicótico é habitado por ela" (p.284). Não há na psicose o elemento híbrido capaz de conjugar de modo simultâneo os diferentes planos da linguagem. Daí a necessidade de especificar o processo foraclusivo como formalmente diferente do recalçamento. Isso significaria dizer que neste caso a temporalidade da linguagem se encontraria alterada. Aquilo ao qual foi recusado tradução não retorna como novo mas como algo intraduzível ou algo capaz de uma tradução sem falhas, uma tradução total.

Esse compromisso entre língua e fala, acusado pelo recalçamento, traduz também a articulação entre imaginário e simbólico. A fala tem uma dimensão simbólica (entre o Sujeito e o Outro) e uma dimensão imaginária (entre o ego e o objeto). A língua tem uma dimensão simbólica (a sincrônica) e uma dimensão imaginária (a diacrônica). Na psicose, em função da foraclusão do significante primitivo, ocorreria o fracasso da dimensão simbólica da fala. Surge, em função disso, ao invés de um significante entre o imaginário e o simbólico, um significante no real: a alucinação. É o caso que denominamos de emergência do intraduzível.

Com o fracasso da dimensão simbólica da fala ocorre uma inflação da sua dimensão imaginária, atestada pelo delírio. Encontramos aqui o que denominamos de excesso de tradutibilidade.

⁸⁵ A mesma interpretação aparece oito anos depois no Seminário XI. Neste texto acrescenta-se uma identificação entre o significante e o que Freud chamava de representante da representação (**Vorstellungrepräsentanz**), isto é o ponto de anelamento ou de junção entre o pulsional e o psíquico..

⁸⁶ Ver para isso o comentário de Laplanche (1992, p. 42 - 94) cuja crítica da concepção algébrica da metáfora e do recalçamento em Lacan não contempla a temporalidade imanente a estrutura.

Os demais fenômenos elementares seriam comandados pela presença de estruturas puramente linguísticas (isto é, sem sujeito)⁸⁷. Essas estruturas são de dois tipos: as metonímicas e as metafóricas.

Lacan baseia-se aqui num estudo de Jakobson (1969) sobre as afasias. No artigo em questão, são descritas duas formas de afasia que possuem sintomas complementares. Na afasia sensorial, a estrutura sintática da frase se encontra preservada e a semântica comprometida. O sujeito é incapaz de estabelecer sinônimos ou de traduzir o que disse com outras palavras. No caso da afasia motora o sujeito é capaz de nomear e renomear algo mas a estrutura posicional da língua se encontra comprometida. O distúrbio gramatical reflete portanto a incapacidade de operar sucessões ou contiguidades. O distúrbio semântico reflete, por outro lado, a incapacidade de ordenar simultaneidades, a sincronia. Daí se depreendem duas formas elementares da estrutura da linguagem: a metáfora (onde predomina a simultaneidade) e a metonímia (onde predomina a sucessão)⁸⁸. Vimos que, na raiz da psicose, encontra-se justamente uma não realização de uma simultaneidade (a negação dialética). Isso explicaria porque há uma predominância dos fenômenos de dominância metonímica na psicose.

A dialética da fala e a estrutura da língua, pensadas nesses termos, serão as referências para a leitura do caso Schreber. Assim o desencadeamento da psicose se dá quando Schreber se encontra com uma idéia inconciliável: "como seria bom ser copulado como uma mulher". A resposta recalcante teria sido negar esta idéia e vê-la retornar de forma modificada sob forma de um sintoma ou um sonho, por exemplo. No caso de Schreber esta significação fica inconclusa o que se mostra pelo estado meditativo que se seguiu:

"... alguma coisa aparece no mundo exterior que não foi primitivamente simbolizada, o sujeito se vê desarvorado, incapaz de fazer dar certo a **Verneinung** em relação ao acontecimento" (p.104)

Segue-se a este momento de incerteza meditativa (**Unglauben**) ou de irrealização da significação, a irrupção dos primeiros fenômenos elementares:

⁸⁷ Isso parece combinar com a tese freudiana presente no texto sobre o Inconsciente (1915e) de que na psicose haveria um sobreinvestimento da representação-palavra e um concomitante desinvestimento da representação-coisa.

⁸⁸ Segundo Barthes (1979) seria possível falar em discursos de dominância metafórica (onde predomina o sistema) e discursos de dominância metonímica (onde predomina o sintagma). Exemplos do primeiro caso seriam o Romantismo, o Simbolismo, a pintura surrealista, os filmes de Chaplin e os símbolos freudianos. Exemplos do segundo caso seriam as epopéias heróicas, as narrativas realistas e os filmes de Griffith. (p.65)

a) O milagre do uivo: onde se mostra a função a-significante do retorno no real. É porque a alucinação mostra o significante fora de seu estatuto próprio que ela contém a reunião de toda significação possível. De acordo com o vocabulário que acompanha a edição das memórias do presidente Schreber (Schreber, 1985), o milagre dos urros:

"...consiste na emissão por Schreber de fortes ruídos inarticulados, também chamados de vociferações, que se verificam de modo automático e compulsivo, como um fenômeno comandado por forças alheias à sua vontade. Os urros ocorrem sempre nas pausas da atividade de pensar ou da volúpia da alma. Um dos objetivos perseguidos é dar a impressão de um homem tão imbecilizado que chega a urrar como um animal. É um dos milagres contra os quais Schreber se sente mais indefeso e impotente e um fenômeno que perdura até o final."

b) O apelo de socorro: que é uma primeira limitação da significação não obstante sem situar seu lugar de procedência, nem o sujeito nem o Outro.

c) Os ruídos exteriores: que são a captura da significação ao nível imaginário entre o ego e seus objetos. Os ruídos compõem uma significação destinada, ela concerne absolutamente a Schreber.

d) Os fenômenos intermediários: onde se desenvolve propriamente o delírio com a redução do contrasenso (**Unsinn**) e o aparecimento de uma série de significações antecipantes e que provocam um fechamento "artificial" da significação. (p.143)

Apresentado desta maneira podemos compreender a importância do delírio, ele provê ao sujeito a apropriação enunciativa daquilo, que num primeiro momento lhe surge como emergindo sem lugar de enunciação e sem conclusão ou abertura de significação.

Na análise da estrutura do delírio, aplicam-se as teses sobre a língua e sua significância e não sobre a fala e sua significação (p.218). Lacan destaca que o delírio é predominantemente metonímico⁸⁹. Quando esta sucessão por contiguidade significante deveria se interromper pelo aparecimento de uma metáfora aparecem os fenômenos elementares, isto é, não uma metáfora mas um vazio de significação. As frases se interrompem no ponto em que surge um significante problemático, que carregaria uma significação certa (fechada) mas que Schreber não consegue decidir qual seria (p.319). Neste ponto, onde de acordo com a hipótese do recalçamento se imporia uma metáfora se introduz um

⁸⁹ Há neste ponto uma observação interessante onde Lacan aproxima a preferência da criança e do psicótico por contextos metonímicos em detrimento de contextos metafóricos. Lacan especifica a pintura de Picasso como um exemplo de contexto metafórico. Salientamos esta observação pois estamos interessados em isolar o que poderiam ser outros contextos metafóricos e metonímicos.

fenômeno elementar ou uma metonímia. Um exemplo do segundo caso é a produção de neologismos como "**Nervenanhang**" (anexação de nervos) (p.43). O ponto de escansão delirante é sempre o ponto onde confluem fala e estrutura, significação e discurso, o ponto onde o significante representa a questão do sujeito.

Isso se mostra num fragmento de apresentação clínica que Lacan analisa em seu seminário. Trata-se de uma paciente que estivera às voltas com a suposta licenciosidade de um vizinho. Ao cruzar com este, num corredor, alucina que ele lhe diz: "Porca", ao que ela responde: "Eu venho do salsicheiro". Lacan observa que a paciente não consegue determinar a ordem temporal dessas duas falas (p.64). Não sabe dizer se foi ela ou ele que proferiu o "Porca". Ao refletir posteriormente sobre este espaço de indeterminação surge um neologismo "**Galopiner**", aparentemente extraído de "**galopin**" (menino de recados) cuja conotação pode ser ainda "vadiar"⁹⁰. Note-se como o neologismo surge na proximidade de uma significação simultânea, ela e ele "ao mesmo tempo" o disseram. Pensamos que a irrealização do tempo do dito (de sua enunciação) não é uma circunstância secundária mas está na raiz mesma do processo alucinatório⁹¹.

O Seminário III está nitidamente mais centrado na dialética da fala do que na estrutura da língua. O problema fundamental para uma plena incorporação estruturalista da psicanálise, a esta altura, é que o estruturalismo é originariamente impotente para fornecer uma teoria do sujeito. Se a estrutura de uma neurose é a estrutura de uma questão e se essa questão é algo apreensível no ciclo pergunta /resposta - centrado em certos significantes fundamentais: a morte, a procriação, a sexualidade - não há como inserir esta apreensão num quadro conceitual onde a linguagem é apreendida fora do eixo perguntas-respostas. Esse é o problema que o texto "De uma Questão Preliminar a Todo Tratamento Possível das Psicoses" (1958a) visa enfrentar.

O texto de 1958 abre uma nova estratégia crítica em relação ao kantismo psiquiátrico⁹². Lacan centra a questão, desta feita, não mais no delírio ou na "interpretação" mas na alucinação. A definição

⁹⁰ Conforme nota de Alduizio Menezes in Seminário III p. 363.

⁹¹ A idéia está presente no Seminário VIII, como se vê pela seguinte passagem: "... . . existem com efeito aqueles que se ouvem serem ouvidos, e são os loucos, os alucinados. Eles só poderiam ouvir-se sendo ouvidos no lugar do Outro, lá onde se escuta o Outro reenviar sua própria mensagem sob sua forma invertida." (p. 300)

⁹² Propomos a expressão "kantismo psiquiátrico" para designar a incorporação psiquiátrica das faculdades mentais kantianas e sua extrema vinculação com a conseqüente redução do sujeito ao sujeito do conhecimento. Todos os sintomas clássicos, especialmente de acordo com a tradição descritiva alemã, são referidos diretamente a estas faculdades mentais e

clássica de alucinação afirma que esta corresponde a presença de um **perceptum** sem **percipiens** ou aquilo que:

"Ocorre quando os órgãos de senso-percepção funcionam na ausência de objetos na ausência de objetos concretos externos ou quando não há acontecimentos factuais."
(Campbell, 1986, p.26)

Percipiens refere-se a noção kantiana de intuição sensível (**empirische Anschauung**), cuja condição para realizar-se é a presença fenomênica do objeto, notadamente no tempo e no espaço. O **perceptum**, por outro lado, é a transformação do **percipiens** numa representação (**Vorstellung**), o que implica a participação da consciência, do eu, e pela simultânea ação da memória, da imaginação e do juízo. A definição clássica trata a alucinação como uma espécie de percepção sem sensação e a partir disso define a psicose como a perda ou desligamento da realidade, uma vez que a realidade seria o que os dados dos sentidos nos fornecem. A realidade é o conjunto do diverso sensível, o acúmulo dos **percipiens**.

A unidade do **percipiens** é posta em questão por Lacan a partir de um argumento que permanece apenas parcialmente exposto no texto: que o próprio **percipiens** (grosso modo a sensorialidade) está sujeita à organização significante. Isto não significa substituir o fundamento da realidade dos **sense data** pelo domínio significante mas exige de Lacan uma noção alternativa do que seria a realidade, do ponto de vista em que ela interessa a psicanálise. A estabilidade ou correspondência entre **percipiens** e **perceptum** não depende de uma ligação natural mas é produzida e dependente da linguagem.

Nesse sentido uma análise meramente acústica do **percipiens** (sua frequência ou intensidade enquanto onda sonora, por exemplo) desconheceria leis importantes que devem ser levadas em conta se admitimos a hipótese da estrutura significante do **percipiens**. Segundo esta hipótese, por exemplo, a realização do **percipiens** só se daria após sua integração e articulação ao **perceptum**. Essa posteridade

a seu funcionamento ideal. A sensação se degenera em ilusão, a percepção na alucinação, a memória nas ilusões de memória (paramnésias, **deja vu**, etc.), a imaginação na imaginação mórbida, na fabulação e na querelância (**Wahnsinn**). O pensamento e o juízo se comprometem no delírio, a atenção na fuga de idéias e assim por diante. Dois pontos mostram-se problemáticos nesta perspectiva. O primeiro é a dificuldade em apreender a história individual e seu desenrolar uma vez que faculdades mentais, enquanto figuras transcendentais, não possuem história e nem propriamente um desenvolvimento. Consequência disso é a inexistência, ou precariedade nesta teoria, em encontrar lugar para a instância de desejo, geralmente reduzido à motivação ou a vontade. O imobilismo das faculdades mentais não pode explicar a sua própria gênese ou constituição singular num dado sujeito, caso em que as condições de possibilidade do conhecimento não seriam universais e necessárias mas históricas e contingentes.

(*Nachträglichkeit*) explicaria porque o **percipiens** se modifica à medida em que se transformam as significações a ele ligadas. Finalmente a estrutura significante do **percipiens** concordaria com o modelo freudiano da alucinação como primariamente alucinação negativa. O **percipiens** não articulado ao **perceptum**, permanece irrealizado, em negatividade. Por exemplo, no caso da alucinação verbal motriz, o sujeito murmura ou esboça o que posteriormente será a alucinação. Isso significa que o sujeito fala mas não se "escuta" falando, não realiza subjetivamente o **percipiens**. No momento da alucinação este lhe aparece falado por um outro.

A unidade do **percipiens** revela-se assim um equívoco pois representaria confundir a "voz" enquanto fenômeno acústico e a "voz" enquanto um fenômeno de significação. Enquanto fenômeno de significação a "voz" possui uma "realidade proporcional ao tempo" (p.515), enquanto fenômeno acústico, não.

Lacan retoma então o caso da alucinação: "Porca !", abordado no Seminário III. Sua análise se modifica em função da leitura do artigo de Jakobson sobre o **shifter** (**Shifters, verbal categories, and the russian verb**, publicado em 1957). Neste artigo Jakobson acentua o papel desempenhado por certas expressões cujo referente só pode ser determinado em relação aos interlocutores. Os pronomes da primeira e segunda pessoa, por exemplo, designam respectivamente a pessoa que fala e a pessoa a quem se fala (Ducrot, 1988, p. 232).

Os **shifters**, embreantes ou comutadores como por exemplo, aqui/lá, ontem/amanhã/ agora, etc., são figuras que atestam a irrupção do discurso (fala) no campo da língua, como observou Benveniste (1966). Eles oferecem o terreno linguístico que Lacan procurava para estabelecer uma teoria do sujeito. O **shifter** é o ponto da mensagem ou do código que indica a posição e presença do sujeito falante. A alucinação e o neologismo do caso em questão acontecem precisamente no momento em que a frase exigiria a presença desse representante do sujeito. A indeterminação temporal entre "Porca !" e "Eu venho do salsicheiro" mostra-se assim efeito da ruptura da função **shifter**. A paciente é a autora das duas frases mas a primeira é recusada ou irrealizada do ponto de vista pronominal. O grau

de crença ou de realidade (auditivação) da alucinação torna-se secundário em relação à sua causa mesma, a presença ou ausência da fala na língua⁹³.

Se o **percipiens** é aproximado da estrutura significante em termos da língua, o **perceptum** é feito equivalente à estrutura da fala. Os demais fenômenos elementares são, desta maneira, as consequências em termos de significação e de discurso da ruptura primária da estrutura significante.

Essa alteração do modo de representação do sujeito na fala e na linguagem servirá de guia para a discriminação de dois grupos de fenômenos elementares: os fenômenos de código e os fenômenos de mensagem. No caso dos fenômenos de código, Lacan inclui como exemplo o neocódigo delirante de Schreber: as vozes da língua fundamental (**Grundsprache**), expressões como "anexação de nervos" (**Nervenanhang**), os "raios divinos" (**Gottensstrahlen**) e todo um conjunto de mensagens que parecem provir diretamente do código. Por intermédio de uma análise semântica, Schreber é capaz de discriminar aquelas palavras que emanam do código (a língua fundamental), as que são emitidas por ele mesmo (o termo "**Instanz**" que lhe pertence, por exemplo) e as que não se originam nem dele nem do código e se repetem num estribilho insensato. O resultado é um código composto de mensagens sobre o próprio código, uma significação da significação, o que seria responsável pela inabalável certeza sobre os significados.

O melhor exemplo dos fenômenos de mensagem, o segundo grupo de fenômenos elementares, é a interrupção de frases que se observa no texto de Schreber e é por ele mesmo comentada. No momento em que o código prescreve a presença de um **shifter**, de um indicador de que ali se trata de uma mensagem, o discurso se interrompe e só é retomado, para concluir-se, com um fragmento de frase que é como que imposto ao sujeito. Por exemplo em:

"Nun will ich mich ...

Agora eu vou me ... render ao fato de que sou um idiota."

ou

⁹³ O mesmo ponto é destacado por Merleau-Ponty (1990) num exame fenomenológico da alucinação: "Em resumo - esta descrição mostra que o fenômeno central não é o fato sensorial mas a despersonalização; o sujeito não tem mais a impressão de coincidir com a fala própria. É esse o germe da ilusão de uma palavra alheia. " (p.64) A divergência em relação a posição de Lacan reside no fato de que para Merleau-Ponty a função da linguagem é um caso particular da relação do eu com o outro (e não o fato primário dessa relação). A alucinação atestaria o ponto extremo da mútua antecipação entre duas consciências onde uma projeta-se na outra ao ponto de não reconhecê-la mais como si-mesma.

"Das will ich mir ...

Isso eu vou ... pensá-lo bem"

"**Mich**" e "**mir**", "me" e "meu" respectivamente são aparentemente os **shifters** indutores do fenômeno em questão.

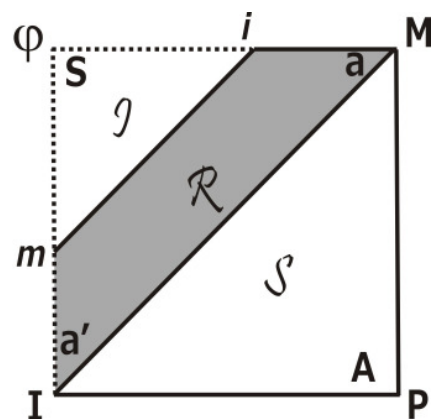
A distinção entre fenômenos de código e de mensagem soma-se assim à distinção entre fenômenos metafóricos e metonímicos presente no Seminário III. Os primeiros acentuam a estrutura do sujeito (pelo **shifter**), os segundos a estrutura do Outro (via língua) ⁹⁴. O ponto de junção entre a estrutura da língua e a dialética da fala será a noção de Outro simultaneamente apreendido como alteridade e diferença e como código. Tal manobra pode ser constatada na exposição que o texto de 1958 realiza do esquema L onde o Outro é definido de duas maneiras:

- a) como alteridade hieroglífica
- b) como lugar de onde o significado induz à significação impondo a estrutura (p. 531)

Por isso o Outro é simultaneamente o lugar de onde o sujeito recebe sua questão (o **Che vuoi ?** - Que queres ?") e o lugar a partir do qual toda significação é possível. A estrutura clínica deixa de ser definida como a estrutura de uma questão, como no seminário III, e passa a centrar-se no Outro: "A condição do sujeito (neurose ou psicose) depende do que tem lugar no Outro" (p.530).

Paralelamente sobrevive na teorização de Lacan, a oposição entre o sistema significante (o Outro) e os efeitos de significação que este sistema possibilita. Simbólico e imaginário, dois pólos importantes da metapsicologia lacaniana, estão aí representados. Deste modo, se o Seminário III pensa a ligação entre língua (estrutura) e fala (dialética) acentuando o ponto de vista do sujeito, no texto de 1958 esta distinção fica incorporada ao conceito de Outro. Falta resolver aquilo que fora objeto de crítica à psiquiatria kantiana: a noção de realidade. Lacan monta para isso o esquema R:

⁹⁴ A noção de **shifter** contém uma recursividade que reencontraremos em outras versões da teoria do sujeito em Lacan; por exemplo, em algumas paradoxalidades que servem para representá-lo como a ruptura enunciação/enunciado exemplificada pelo paradoxo de Epimênides (Seminário XI, p. 131-141), a interioridade/exterioridade exemplificada pela Banda de Moebius (1958, p.535) e a relação conjunto/elemento figurada pelo paradoxo de Russel. Neste último supõe-se um conjunto e indaga-se se o elemento que representa o próprio conjunto está contido ou não neste conjunto. Se aproximarmos a língua do conjunto e o **shifter** do sujeito fica claro que este pertence e não pertence ao conjunto. É exatamente por isso que ele pode funcionar como um comutador ou conversor entre código e mensagem pois funciona designando o sujeito sem significá-lo (1960, p.779).



onde:

ϕ = o falo , o objeto-imagem que falta para a totalização do corpo ou o objeto suposto ao desejo da mãe

S = sujeito

i - a = eixo das posições especulares (virtuais) que o objeto pode assumir em relação ao sujeito (S) ou em relação ao Outro (M), responsável pela modulação da tensão erótico-agressiva.

m - a' = eixo das posições especulares que o ego (**moi**) pode assumir em relação ao ego ideal (a'), responsável pela imagem corporal (**Urbild**) e pela relação narcísica primária.

a - a' = eixo de captação da libido, responsável pela erotização das fontes pulsionais

m - i = eixo da alienação do ego (m) à imagem de seu semelhante, responsável pela fascinação.

O triângulo delimitado pelo falo (ϕ), ego (m) e ideal do objeto (i) é o triângulo imaginário onde se realiza a significação. A letra "S" (abreviatura de **juisance**) indica que é neste espaço que se modula o gozo, termo que em Lacan ora se aproxima da ideia freudiana de pulsão de morte, ora da ideia de satisfação (de princípio do prazer) e ainda pode se referir ao prazer experimentado na fonte pulsional. Uma definição simples que se pode dar da realidade, a partir deste esquema é a seguinte: a realidade é a diferença entre o objeto e sua imaginarização. Se na psicose há perda de realidade é porque o objeto se sobrepõe à sua figuração imaginária.

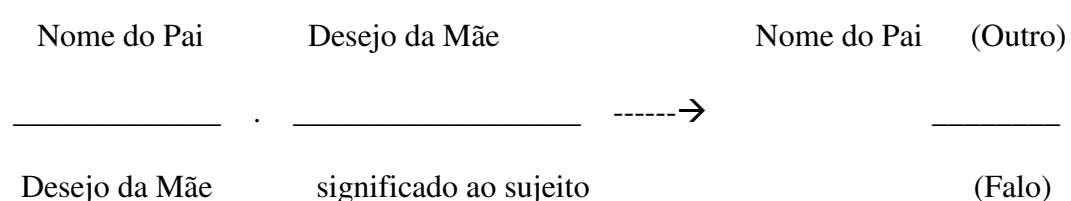
O triângulo simbólico, por sua vez é delimitado por:

M = significante do objeto primordial

I = ideal de eu

P = posição no Outro do Nome-do-Pai

A construção do triângulo simbólico exigirá de Lacan uma leitura linguística do complexo de Édipo freudiano. O complexo de Édipo e sua dissolução em complexo de castração pode ser entendido como um problema posto ao sujeito nos seguintes termos: como reunir três conjuntos de significação aparentemente inconciliáveis, a significação da reprodução sexuada, a significação amorosa, e a significação da paternidade e da morte. A significação da reprodução sexuada tem como suporte imaginário as teorias sexuais infantis e a fantasia da cena primária. A significação amorosa tem como suporte o romance familiar e a fantasia de sedução. A significação paterna e a morte tem como suporte a perda do objeto e a fantasia de castração. A trama edípica inclui o circuito de identificações e de escolhas de objeto que terminará por fixar um modo de relação ao Outro (neurótico, psicótico ou perverso). Ora, o que não se realiza na psicose é a instalação no Outro do Nome-do-Pai. Aqui Lacan recupera a tese do seminário III que pensava a psicose como recusa (forclusão) de um significante primordial. Esta forclusão não será no texto de 1958 apenas a interrupção de um desenvolvimento dialético mas a irrealização ou suspensão de uma metáfora, a metáfora paterna, cuja representação é a seguinte:



A metáfora paterna é uma metáfora pois realiza uma substituição entre elementos de dois signos. Um signo é composto pela relação [Nome-do-Pai - Desejo da Mãe]. Na parte de cima grafa-se a posição do significante e na baixo o significado (o inverso da notação de Saussure). Em termos um tanto quanto redutores podemos dizer que este signo contém não apenas a alusão do Pai no desejo da Mãe mas todas as vicissitudes parentais e histórico-genealógicas que permitiram a construção deste signo. Se um signo é aquilo que representa algo para alguém, ao contrário do significante que é o que

representa um sujeito para outro significante, podemos dizer que este signo representa a relação entre a função paterna e a função materna, de onde chega ao sujeito a castração.

O outro signo [Desejo da Mãe - (x) significado do sujeito] representa a função materna sob um outro aspecto, o da inscrição de demandas no sujeito. Quando por exemplo uma criança chora e sua mãe traduz este choro como uma demanda num certo sentido e comandada por um certo objeto esta mãe atua como um código de tradução (desejante) do sujeito ⁹⁵.

Lacan expõe o processo metafórico como um corte, quase algébrico, entre o desejo da mãe na posição de significado (signo 1) e na posição de significante (signo 2). O resultado, ou a congruência dessa metáfora, estabelece a inclusão de um significante no campo do Outro, significante este responsável pela organização da significação, por isso o falo encontra-se sob a barra, no lugar do significado. Outro efeito interessante desta metáfora é a perda do significado que antes ocupava integralmente o sujeito. O sujeito é, a partir daí, desejante justamente porque a estabilidade sîgnica se rompeu e seu significado para o Outro é, senão incerto, faltante; significado para o Outro que por faltar faz da posição do sujeito o lugar de uma questão sobre os temas interligados pela metáfora paterna: amor, morte, sexualidade, paternidade, aos quais se acrescentará, nas sessões do Seminário dedicadas à questão histórica a feminilidade.

O esquema R, pode ser lido como a sustentação de três formas de heterogeneidade: a heterogeneidade entre imaginário e real sustentada pelo fantasma ($S \diamond a$), a heterogeneidade entre simbólico e imaginário, sustentada pela inscrição do Nome-do-Pai no campo do Outro e a heterogeneidade entre simbólico e real, sustentada pela estrutura em banda de Moebius do sujeito ($I-a / m - a'$). O esquema R isola desta maneira três paradoxalidades: fantasma, Nome-do-Pai e sujeito. Reencontramos desta maneira o que vínhamos denominando de formações intermediárias entre os estratos linguísticos. Como tais estas articulações são autênticos nós, no sentido de articuladores das diferentes divisões que a linguagem impõe ao ser falante. A teorização sobre a psicose vem se mostrando, em sua essência, a teorização sobre esses nós. A tese freudiana do não reinvestimento correlativo da fantasia se coliga neste ponto à tese lacaniana da irrealização da metáfora paterna.

No caso da psicose esta operação metafórica não se realizaria pois o significante do Nome-do-Pai não é incluído no campo do Outro. Isso não significa que ele esteja ausente mas que o signo no qual ele está encerrado (o signo 1) não se coordena metaforicamente com o signo onde se localiza o sujeito (o signo 2). Quando o Nome-do-Pai é chamado a gerir uma certa significação (amorosa, sexual, ou filiadora) o Outro responde com um buraco, um vazio na significação fálica. Os fenômenos ligados ao desencadeamento da psicose (o estranhamento, a consternação, por exemplo) acusam justamente este momento de irrealização da significação.

O desenvolvimento do delírio corresponderia à formação de uma "significação artificial", que Lacan chama de metáfora delirante e que no caso do presidente Schreber se caracterizaria:

a) no nível do sujeito ou pela inclusão no campo do Outro ou por um desligamento deste Outro. Por exemplo, quando se via obrigado a "pensar com as palavras de Deus" (**Denkzwang**) ou então quando se dizia abandonado, largado (**Liegenlassen**).

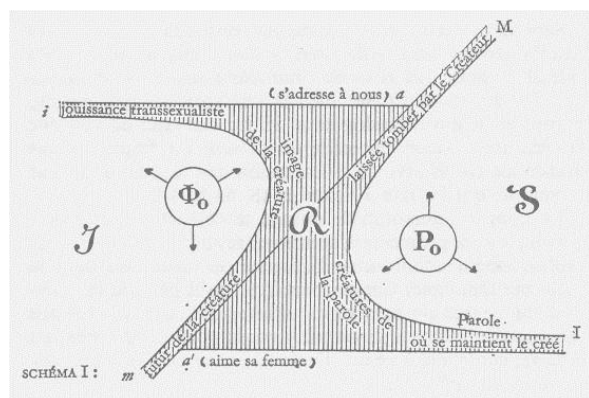
b) no nível do Outro pelo desenvolvimento de um processo decifrador cujo princípio é a homofonia e não a etimologia. Por exemplo quando decifra: **Santiago = Carthago** ou **Chinesenthum = Jesum Christum**.

c) no nível da pulsão pela transformação do imaginário corporal pelo que Lacan chama de "regressão tópica ao estádio do espelho" (p.549). Trata-se aqui do tema central do delírio a transformação em mulher (emasculação - **Entmannung**) a utilização de seu corpo por outros homens e a cópula com os raios de Deus onde se sucederia a "voluptuosidade feminina" e a "beatitude da alma". O desenvolvimento do delírio vai da luta feroz contra este desígnio até sua aceitação resignada.

É este assentimento que marca o terceiro período, ao qual Lacan dá o nome de "estado terminal da psicose". Nele Schreber aceita a notícia de sua própria morte (anunciada num jornal) e é tomado por sintomas catatônicos. A "cópula com Deus" é adiada eternamente pela diferença assintótica entre o gozo narcísico e o ideal de eu. Assintótica⁹⁶ pois aparece a Schreber como diminuindo sempre sem nunca chegar a ser eliminada. A representação de seu corpo, como mulher, após a emasculação, não se

⁹⁵ Em momentos posteriores da obra de Lacan, esta relação será representada pela figura topológica do toro (dois anéis entrelaçados) que torna o desejo do sujeito emparceirado à demanda do Outro e figura o tema da identificação. Para isso ver, Granon-Lafont (1990, p. 43) e Darmon (1994, p. 128).

coaduna com o ponto ideal onde poderia ser amado e esse ideal não se cruza com a imagem do corpo. Um campo é comandado pelo falo o outro pelo Nome-do-Pai. Lacan representa esta fase terminal no esquema I:



onde:

i - a = por seu distanciamento representa a infinitização do gozo transexualista (a beatitude-voluptuosidade)

m - a' = representa a sobrevivência do amor de Schreber por sua esposa e a preservação de outros contextos (como o profissional), o que lhe rendeu o diagnóstico de paranóia simples⁹⁷.

M = posição onde Schreber se encontra "exposto" (conforme palavra da língua fundamental) ao Outro, os fenômenos de código e mensagem tem origem neste ponto

I = posição onde o Ideal de Eu substitui o Nome-do-Pai deixado vago, "sem poder ser o falo que falta a mãe (M) lhe sobra a solução de ser a mulher que falta aos homens" (p.547). Não se trata aqui das transformações corporais exigidas para isso mas do valor ideal ou de missão, conforme as palavras de Schreber, que isto assume para ele.

Ao final deste percurso fica claro que Lacan utiliza a linguagem não apenas para fazer de sua estrutura algo isomórfico a estrutura do inconsciente. Os esquemas R e I mostram como elementos da linguagem estruturam a própria realidade. A crítica ao kantismo psiquiátrico mostra como é possível

⁹⁶ Leguil (1994) fez observar a estreita relação entre a hipérbole de feminilização e a parábola da função paterna (ambas curvas assintóticas) com a indução de uma temporalidade eternizante na psicose (p.80).

⁹⁷ Restaria saber porque nestes contextos o Nome-do-Pai não seria exigido o que seria um modo de investigar mais diretamente a presença clínica da noção de Nome-do-Pai.

pensar a própria percepção em termos de linguagem ⁹⁸. A noção de shifter permite estabelecer esta relação para o caso do sujeito. Finalmente a idéia de uma dialética da fala, (dividida entre a etapa do significante, da significação e da frase e do discurso) propaga este mesmo projeto na esfera do desejo. Caberia então perguntar: mas o que fica de fora ? O que não se dá em, por ou na forma de uma linguagem ? Em Lacan o lugar desta contraface da linguagem é o real, a pulsão e a angústia. Três exterioridades que podemos agora agregar ao nosso modelo da múltipla estratificação línguística que podemos sintetizar no seguinte esquema:

- (1) Percepção: organizada pelo que chamamos de linguagem sígnica, cujo modelo é a linguagem animal, possui uma temporalidade homogênea posto que espacializada
- (2) Traços de Percepção: organizados pela linguagem como um sistema de puras diferenças tal como as diferenças acústicas constitutivas dos significantes ou os arquitraços. A temporalidade associada a este estrato é a da simultaneidade e a da sucessão.
- (3) Inconsciente: organizado pela linguagem como um conjunto gramatical, semiótico ou lógico capaz de traduzir não apenas diferenças mas conexidades entre os signos ⁹⁹. Trata-se aqui da temporalidade que institui um objeto para a causa de desejo, isto é que é capaz de negar a imanência do objeto e simbolizá-lo como uma alternância entre presença e ausência, entre ser e ter.
- (4) Pré Consciente: organizado pela linguagem como um sistema de lugares e tempos de enunciação onde se realiza a significação na sua abertura e encerramento. A temporalidade mais apropriada para representar este estrato é a que se divide entre o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir, isto é, uma temporalidade em tudo dependente da dialética da enunciação e da função do Outro.

O que resiste a traduzir-se nesse feixe de linguagens é, ao nível dos traços de percepção o próprio real. O que resiste a traduzir-se no plano dos signos inconscientes é a pulsão. O que resiste a traduzir-se no plano dos signos pré-conscientes é a angústia. No caso da neurose firmam-se

⁹⁸ Santaella (1994) mostrou como esta relação é possível no quadro da teoria semiótica de Pierce utilizando-se de uma estratégia similar a empregada por Lacan no artigo que examinamos.

⁹⁹ A temporalidade relativa a este estrato pode ser derivada por exemplo a partir dos modos do verbo (imperativo, subjuntivo, indicativo). No caso do estrato gramatical, a temporalidade derivaria da lógica modal (necessidade, contingência, possibilidade e impossibilidade). Finalmente no nível sígnico a temporalidade deveria ser deduzida do tempo próprio aos modos das conexões sígnicas (por exemplo, a primariedade, secundidade e terceridade segundo Pierce).

compromissos entre um sistema e outro. Isto fica atestado pelo recalçamento e pelo funcionamento simultâneo dos diversos estratos. Pode-se dizer que estes compromissos são o Nome-do-Pai no caso do estrato inconsciente (que em si não se coliga a nenhum significado rompendo a estabilidade sgnica do nível perceptivo), o significante fálico como organizante da gramática da pulsão (que em si não se coliga a nenhum objeto) e no terceiro caso a presença do sujeito nas formações do inconsciente, como tais um retorno do recalçado.

No caso da psicose são justamente estes elementos intermediários o que parece não se articular: o Nome-do-Pai, a função fálica e a subjetivação das formações do inconsciente no sentido próprio do termo ¹⁰⁰. Estrutura e dialética não se articulariam neste caso nem em formações metafóricas, nem em reversibilidades pulsionais nem como o efeito sujeito que define a neurose. Além disso a quebra da multiestratificação da linguagem redundaria numa alteração dos modos do tempo.

9. Diagnóstico e Etiologia de Freud a Lacan

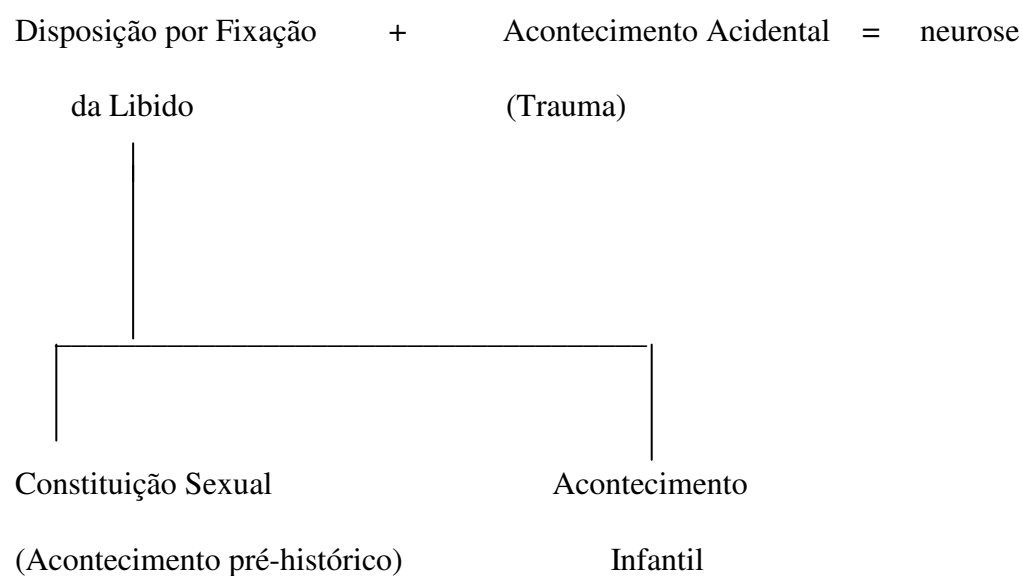
9.1. A Etiologia das Psiconeuroses em Freud

Uma premissa que organiza o desenvolvimento da psicopatologia freudiana desde o artigo sobre as Psiconeuroses de Defesa (1894a) é a de que as neuroses não se definem pelo conjunto de signos, isto é, por sua semiologia, mas por aquilo que a torna possível, pela capacidade de produzir sintomas. Tal "aptidão" servirá às pretensões de uma clínica que não seja apenas "sintomática", como o hipnotismo, mas que vise a causa mesma da neurose. A procura desta causalidade refere-se, no texto em questão, ao destino do "afeto ou soma de excitação": conversão na histeria, representação substitutiva na neurose obsessiva e objeto na fobia.

No entanto a idéia de uma determinação única dos sintomas está ausente em Freud. De fato, a descrição dos agenciamentos representacionais e pulsionais que movem a produção de sintomas a partir do conflito em termos tópicos, dinâmicos e econômicos é insuficiente para responder a questão: por que se contrai uma neurose? A hipótese de Freud nos remete à uma espécie de somação causal, as

¹⁰⁰ Isso significa que na psicose não há sintoma, no sentido estrito do termo, o que não quer dizer que inexista sofrimento ou angústia. Por outro lado, há afirmações em Lacan que sugerem a existência de algo "analísável" nas psicoses, como em: "É sabido que o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó: na estruturação dinâmica dos sintomas no sentido analítico do termo, queremos dizer do que é analisável nas neuroses, nas perversões e nas *psicoses*." (1958c, p.665).

séries complementares. Na Conferências Introdutória 23 (1915-1917), encontramos o seguinte esquema sobre a etiologia das neuroses:



Explicitemos os componentes deste quadro:

a) *A Constituição Sexual*: Freud participava de um ambiente psiquiátrico onde o componente hereditário das doenças nervosas era um ponto pacífico. Ao final do século XIX discutia-se a noção de hereditariedade, especialmente no cenário psiquiátrico francês e alemão, a partir de uma relativa confusão entre lamarckismo e darwinismo. Este último, de recente implantação, foi absorvido por Freud, de acordo com Ritvo (1990), de forma a preservar a transmissão de certas "vontades" hereditariamente. O que comporia este extrato herdado e pré-histórico varia ao longo da obra de Freud, inicialmente seria a disposição à dissociação da consciência (Charcot), depois a "aptidão" para a conversão (Breuer), em seguida as profantasias e as experiências fundamentais da "aurora" da civilização. Num dos manuscrito da metapsicologia reencontrado em 1986 (Monzani, 1990), aparece a hipótese de que a "era glacial" teria imposto certas experiências que se transmitiriam por intermédio de um inconsciente arcaico ou de uma fantasia filogenética. Tal "experiência arcaica" explicaria

indiretamente certas vicissitudes da transferência neurótica. Argumento semelhante aparecerá em textos como *Aquisição e Controle do Fogo* (1932a), *Sobre o Sentido Antitético das Palavras Primitivas* (1910e) e sobretudo em *Totem e Tabu* (1912-1913)¹⁰¹.

b) *O Acontecimento Infantil*: Aqui Freud se refere às vicissitudes da história infantil capazes de por em ação uma espécie de redespertar da fantasia herdada. Trata-se de um encontro entre o universal da fantasia com o particular daquele ser falante. Por exemplo, a premissa universal do falo (uma das teorias sexuais infantis) é confrontada com a experiência singular que atesta a castração, o efeito deste encontro implica em recalçamento e angústia. Freud assinala que a ameaça de castração só é realmente eficaz quando se agrega a este encontro. Em termos freudianos este encontro se dá de forma empírica, pela constatação da ausência de pênis na mulher, como atestam os textos sobre o Declínio do Complexo de Édipo (1924d), *As Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos* (1925j) e o *Fetichismo* (1927e). O acontecimento infantil é fundamentalmente a significação de três acontecimentos, que nem sempre se apresentam em Freud de acordo com a mesma ordenação, a ameaça de castração, a angústia e a constatação da castração.

c) *A Fixação* : A conjugação das duas causalidades precedentes estabelecem o que Freud chamou de ponto de fixação. Na conferência sobre a formação de sintomas (Conf. 23, 1916-1917) este ponto é apresentado como um modo de satisfação da pulsão que atesta o narcisismo secundário próprio das neuroses. Quando em 1905e falava-se do sintoma como "prática sexual do neurótico", tal prática, que continha o elemento perverso intrínseco à sexualidade, já supunha o eu na posição de objeto numa identificação regida pela fantasia. Tal leitura faz com que o conceito de fixação se ligue ao de regressão¹⁰². O ponto de fixação traduz assim matriz pulsional do sujeito e por isso se encontra associado à compulsão à repetição (1920g). Como resultante dos processos causais anteriores poderíamos falar aqui de uma fantasia, que como efeito da confrontação entre o universal da protofantasia com o particular da experiência infantil produz uma resposta singular. O ponto de fixação

¹⁰¹ A semelhança reside no fato de que nos três casos um acontecimento empírico é retido pela memória e transmitido pela cultura de forma subliminar, latente e deformada. Nos três casos, Freud avança a possibilidade de uma transmissão "filogenética".

¹⁰² Segundo Guéguen (1994) o conceito de fixação reúne em Freud a temporalidade do desenvolvimento e a da historicização (p.55) funcionando assim como um nó temporal. Em Lacan, esta duplicidade se traduziria pelo "... tempo do inconsciente que é simultaneamente contínuo (na vertente de sentido) e discreto (na vertente da significação)." (p.55)

é assim um estilo singular da pulsão, uma resposta ao mesmo tempo única e universal ao problema da castração. Justamente por isso o ponto de fixação (**Fixierung**) revela e esconde simultaneamente a castração.

d) *O Acontecimento Acidental*: Trata-se da causa precipitante ou desencadeadora do quadro neurótico. Um acontecimento que se liga ao ponto de fixação tornando-o eficaz. Pelo princípio da posterioridade (**Nachträglichkeit**), algo cronologicamente posterior se conjuga à um traço mnêmico infantil tornando-o ativo na produção do sintoma. O acontecimento desencadeante é assim uma outra resposta à castração, atualiza-a e por isso é necessariamente um fato de desejo, um retorno a determinados traços mnêmicos. Dizemos com isso que o acento deve ser posto na idéia de acontecimento e não na de acidentalidade. O que gere o retorno e a produção de um sentido sobre a castração, e daí a formação de um sintoma, é definido por Freud (1924b) como a "**Versagung**" do objeto ¹⁰³. O termo, na edição brasileira aparece traduzido como "frustração" em geral relativa ao objeto. Na edição espanhola o termo empregado é ora "frustracion" ora "denegacion". A etimologia da palavra no entanto nos remete ao sufixo "**sagen**", literalmente "dizer, falar". Propomos assim, que se trate na causa desencadeante de um, redizer ou eventualmente de um desdizer a castração e o objeto que ela faz supor.

¹⁰³ Conforme a afirmação: "De todos os modos, a etiologia comum para o desencadeamento de uma psicose ou de uma psicose segue sendo a frustração (**Versagung**), o não cumprimento de algum daqueles desejos da infância, eternamente indômitos, que tão profundas raízes têm em nossa organização filogenética."(p.157)

9.2. As Estruturas Clínicas em Lacan

No que toca à idéia de causalidade, uma perspectiva estrutural centrará força na substituição do imperialismo historiográfico por um sobredeterminismo totalizante. Assim a clássica idéia de que o passado determina o presente e este determina o futuro a partir de leis que cabe à ciência decifrar dá lugar à idéia de que o acontecimento já está prefigurado pela estrutura em que se inclui. A estrutura é atemporalidade sobredeterminante e como tal não possui história, ela é transhistórica, nela domina a absoluta necessidade lógica. A condição para que isto se dê é que a estrutura esteja fora do tempo.

A complexidade do termo estrutura não será avaliada aqui nos seus pormenores. Bastaria dizer que existem diversas noções de estrutura em jogo na obra de Lacan. A estrutura do inconsciente, formalizada a partir de um modelo linguístico cujo produto é a "lógica do significante" é sem dúvida a mais conhecida, mas poderíamos nos referir à estrutura do ato de fala, a partir do esquema "L", à estrutura do discurso, objeto do Seminário XVII e à estrutura topológica das relações entre demanda e desejo (o toro), do fantasma (o **cross-cap**), do sujeito (a banda de Moebius) e da transferência (a garrafa de Klein). Com o tempo, ao que tudo indica, a noção de estrutura é absorvida à de matema de modo que o paradigma linguístico é substituído pelo lógico. Neste sentido, fazendo referência a Eco (1980), a estrutura deixa de ser um constructo metodológico e se aproxima de uma tese acerca da própria realidade. É o que se pode chamar de naturalização ou de ontologização das estruturas. A idéia de estrutura clínica, no entanto, gravita em torno do paradigma linguístico.

A estrutura é uma hipótese acerca da forma como o sujeito se engendra em relação à linguagem. A estrutura é dedutível pela escuta não pelo olhar, é uma construção que deve compreender todos os possíveis de uma semiologia particular. Isso não significa que o campo extra-estrutural seja irrelevante, idéia que ganha força sobretudo se entendemos estrutura como método e não como ente. Tudo indica que a estrutura clínica fundada na linguagem permite a Lacan acolher na esfera do imaginário, comum aos seres falantes, os fenômenos descritivamente isolados pela psiquiatria. A estrutura presta-se assim ao reconhecimento da diferença e irreduzibilidade entre o diagnóstico e a nosologia psicanalítica e psiquiátrica. No artigo "Sobre a Causalidade Psíquica" (1946), no geral uma crítica ao organo-dinamismo de Henry Ey, esta diferença aparece na oposição entre psicose e loucura:

"E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem sua loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade. "
(p.166)

Encontramos neste texto uma crítica à ingenuidade da semiologia psiquiátrica; isto é, a psicose não se distingue por um estado da consciência, dos afetos, da memória etc. originados por situações as mais diversas. No fundo é o elemento organizador da semiologia psiquiátrica o que mostra-se problemático pois o conjunto de traços, signos, sintomas e síndromes requer ou uma teoria psicológica (caso em que a psiquiatria encontra seu fundamento fora de si mesma) ou a transposição do paradigma anatomopatológico (caso em que a psiquiatria incorreria num equívoco brutal ao tratar significações como objetos). A terceira solução é fixar arbitrariamente o sistema semiológico, alternativa em que este surge simplesmente como normativo e como tal dificilmente justificável.

Ao falar da loucura como imanente ao "ser do homem", Lacan aproxima-se da tradição romântica é certo, mas por outro lado a afirmação tem implicações no próprio nível clínico, e com isso não deixa de reconhecer a condição de sofrimento envolvida na psicose. Sinteticamente podemos nos referir a estas premissas extra estruturais da seguinte forma:

1. A projeção não é algo próprio e nem específico da psicose mas decorrente da condição de alienação fundamental do ego.
2. Os fenômenos elementares não são patognômicos à luz da psicopatologia psicanalítica. Isso significa que podemos encontrar na neurose alucinações, como em Ana O. (1893a) e no Homem dos Lobos (1909d); delírios, como no Homem dos Ratos(1909d); alterações da consciência, como em Emmy Von N.(1893a); perturbações da memória, do juízo, da atenção etc. De modo inverso, se a presença de fenômenos elementares não implica necessariamente em psicose a sua ausência não nos garante que não se trate de psicose, haja visto o próprio problema do desencadeamento e da existência da "pré-psicose" ¹⁰⁴.
3. Apesar da psicose ser própria à condição humana enquanto "estado anímico" e conjunto de signos fenomênicos ela pode ser descrita em termos estruturais e transferenciais como irreduzível à neurose

¹⁰⁴ Em "De Nossos Antecedentes" (1966) breve nota agregada aos Escritos quando de sua publicação, Lacan afirma: "Para os pontos de referência do conhecimento especular finalmente recordamos uma semiologia que vai desde a mais sutil despersonalização até a alucinação do duplo. Sabe-se que não tem em si mesmas nenhum valor diagnóstico quanto a estrutura do sujeito (a psicótica entre outras)" (p.65)

e à perversão. Não haveria neste sentido um contínuo ocupado por estados fronteiros, condições limítrofes ou afecções narcísicas intermediárias. No entanto a recusa da fenomenologia como critério diagnóstico e psicopatológico não pode ser uma recusa integral de todo fenômeno, caso em que restaria uma abstração vazia e inútil.

Desta forma a proliferação de descrições clínicas, produzidas a partir da eficácia de certos medicamentos e de intenções mercadológicas, como se observa na psiquiatria contemporânea (Lanteri-Laura,1986), contrasta com a exigência de um raciocínio propriamente estrutural. A síndrome do pânico, por exemplo, vem se demonstrando, em termos estruturais uma histeria assim como o T.O.C. (transtorno obsessivo compulsivo) e a bulimia se associam a estrutura da neurose obsessiva. Muitas vezes um diagnóstico fenomenológico de esquizofrenia acaba por redundar numa estrutura histérica. No entanto a relação entre fenomenologia (diagnóstico psiquiátrico) e estrutura (diagnóstico psicanalítico) estará sempre sob suspeita. Pela estrita ligação do diagnóstico psicanalítico com a situação de transferência, estas observações ficam apenas como uma indicação da diferença e especificidade da estrutura clínica no sentido da psicanálise ¹⁰⁵.

A estrutura não se define, portanto, pelo que o sujeito faz ou pela avaliação do seu comportamento mas por como ele fala do que faz e do que ele faz ao falar, na transferência. Em outras palavras, o diagnóstico estrutural depende mais do aspecto performativo da linguagem do que do aspecto descritivo; ele depende mais da posição e forma de enunciação do que da verdade dos enunciados proferidos em relação ao mundo.

A hipótese do diagnóstico estrutural supõe que de alguma forma e em algum nível o sujeito está sempre fazendo “a mesma coisa”, isto porque a questão que o anima o constrange a isso. Isso coloca de imediato o problema do reconhecimento do “fato de estrutura” e o risco de abandonar totalmente as pretensões freudianas de tocar, pela análise, o nível causal da neurose. Como conciliar a imobilidade estrutural com a concepção etiológica freudiana que examinamos anteriormente ?

As duas maiores características desta concepção são o seu historicismo, levado às contingências de uma ficção sobre o processo civilizatório, e seu biologismo, capaz de assimilar constituições pulsionais precisas a partir da ancestralidade. Lacan, por um lado desbiologizará Freud e por outro

proporá um novo modo de conceber o seu historicismo. Vejamos algumas vertentes deste trajeto do ponto de vista que assimila o problema da etiologia das neuroses à idéia de estrutura clínica.

A causa predisponente da neurose pode ser considerada como o espaço de discurso onde uma criança é recebida, onde seu lugar está prescrito antes mesmo do seu nascimento, a partir da mitologia familiar, da estrutura de parentesco daquela cultura e do desejo específico que a precede. A noção de Outro, identificado ao campo simbólico, como se nota nos escritos mais claramente influenciados pelo estruturalismo antropológico¹⁰⁶ é portanto uma conotação possível de estrutura. É preciso enfatizar que para Lacan a estrutura impõe um “desconhecimento” inaugural do sujeito em relação a sua própria posição nesta rede que o antecede onde ele é mais um efeito desta do que sua causa. Neste sentido, como observou Prado (1994), ela se diferencia do que a tradição fenomenológica alemã chama de "**Lebenswelt**", o mundo dos sentidos possíveis, a tradição que nos antecede e projeta um horizonte de significação pois não inclui como pressuposto o entendimento e a comunhão de sentido mas o engano¹⁰⁷.

No caso do Homem dos Ratos (Freud, 1909b) , por exemplo, este lugar prescreve uma repetição do dilema paterno, entre o casamento por dinheiro ou pelo amor à jovem dama. Essa noção de estrutura aproxima Lacan de Lévi-Strauss¹⁰⁸ ao girar em torno das formas possíveis de escolha dado um certo ambiente de linguagem. Ela preserva ainda uma preocupação teórica presente desde o artigo sobre o tempo lógico de 1945, isto é, a procura de uma lógica do coletivo.

O acontecimento accidental da infância, segundo termo da etiologia freudiana, será considerado à luz das redes de sobredeterminação significativa. Aquilo que é supostamente accidental se transforma assim em uma necessidade de estrutura, como se houvesse um lugar prescrito de antemão e onde o significativo particular é capturado¹⁰⁹. Assim, por exemplo, quando o pequeno Hans (1909b)

¹⁰⁵ Ver a este respeito Leite (1992, p. 139).

¹⁰⁶ Pensamos aqui especialmente nos artigos Complexos Familiares (1938) e O Mito Individual do Neurótico (1953).

¹⁰⁷ De acordo com a seguinte afirmação: “A capacidade do mundo vital de garantir o entendimento é o coração da linguagem (para Habermas e Husserl), mas o fracasso já está de lado, ao molde de uma ameaça, não como um pressuposto. Para Derrida e Lacan, por outro lado, o ato falho não é um risco, é uma formação do inconsciente considerado como efeito de linguagem, da mesma forma que o entendimento é um outro efeito de linguagem.”(p.203).

¹⁰⁸ Ver, por exemplo a análise dos sistemas classificatórios em “O Pensamento Selvagem” (1989, p. 51-91) e a análise do mito de Édipo em “A Estrutura dos Mitos” (1981).

¹⁰⁹ A demonstração mais rigorosa do constrangimento lógico imposto pela idéia de estrutura se verifica no apêndice do artigo “A Carta Roubada” (1955, p. 38 - 55) onde Lacan formaliza as combinações possíveis de um sistema por ele denominado de “rede de arado” que traduz a idéia feudiana do automatismo de repetição (**Wiederholungszwang**).

desenvolve uma fobia a cavalos, "*cavalo*" só funciona como significante porque há um lugar na estrutura, o lugar paterno, que sustenta sua eficácia. O que é próprio da neurose é a tomada de uma posição em relação a este lugar e a sua ocupação por uma formação de compromisso.

O tema da fixação (**Fixierung**), terceiro ponto da etiologia freudiana, deve ser considerado em Lacan a partir de uma revisão da teoria do objeto e conseqüentemente da fantasia. O primeiro passo será transformar o acontecimento empírico, a falta de pênis na mulher, em acontecimento simbólico, a falta instituída pelo falo, isto é por um significante. A castração é definida como a falta simbólica (fálica) de um objeto imaginário (imagem do pênis), de acordo com a formulação do Seminário IV ¹¹⁰. A compulsão à repetição desta falta é o próprio movimento do desejo no agenciamento metonímico dos significantes. No entanto a fixação, como axioma da pulsão, se liga ao tema da demanda e só indiretamente ao desejo. A demanda (S \diamond D) é fundamentalmente demanda de amor, de signo de amor (Juranville, 1987), e sua produção deriva do constrangimento da necessidade ao “desfiladeiro dos significantes”, isto é, da presença da linguagem como separação e perda da natureza. O signo se compõe de um significante (parte acústica) e um significado (parte ideacional), a estabilidade mítica entre os dois elementos é rompida pela metáfora.

No entanto a demanda, e por isso Lacan (1958b, p.597) a associa à regressão, é um retorno aos significantes onde o fantasma opera a fracassada tentativa de reunificar o signo. Ora o que está perdido, se observamos o esquema da metáfora paterna (Lacan, 1958a, p.539) é o significado envolvido neste signo. Isto levará Lacan a radicalizar a frase de Freud nos Três Ensaio (1905d, p203), de que o objeto da pulsão é um objeto perdido e de que seu encontro é um reencontro. Para Lacan ele será radicalmente perdido, sua restituição pelo falo imaginário estará condenada à irresolução.

A fixação torna-se assim a própria construção deste objeto, que como observa Soler (1994) é inominável, impronunciável e assemântico. No fantasma, termo que especifica a fantasia inconsciente fundamental, diferenciando-a do devaneio, trata-se de uma identificação a este objeto, propriamente

¹¹⁰ De acordo com a seguinte passagem: “... a necessidade deste fenômeno da castração na medida em que ele se apodera deste objeto imaginário como que de seu instrumento que simboliza uma dívida ou uma punição simbólica e que se inscreve na cadeia simbólica.” (p.224)

"inventado", na forma de uma ficção necessária, por um determinado sujeito ¹¹¹. Por isso o fantasma varia de paciente para paciente, caracterizando um estilo pulsional e ao mesmo tempo possuindo algo de genérico no que toca às estruturas clínicas.

No caso do Homem dos Lobos (1918b) este ponto de fixação aponta para a analidade, conforme se nota no plano dos sintomas, mas também, como observa Lacan (Seminário XI, p.71) para a pulsão escópica. No sonho dos seis lobos nos galhos da nogueira um deles olha fixamente para o paciente que acorda sob efeito da angústia. Lacan nota que este olhar é o próprio homem dos Lobos tomado em seu fantasma. A construção de Freud caminha no sentido de que a cena primária, olhar a relação sexual dos pais (**ad tergo**) significa a castração como perda do pênis ou por deslocamento, do rabo do lobo. O paciente se inclui na cena retendo a posição imediatamente anterior à constatação da castração, isto é, a satisfação anal. O caso se presta a distinguir a fixação (anal) do fantasma (escópico).

O quarto termo da etiologia freudiana é o acontecimento acidental, da vida do adulto, que dá origem ao quadro integral da neurose. Geralmente é este o elemento que o paciente traz ao localizar a origem do seu sofrimento. No caso do Homem dos Ratos (1909d) o relato feito pelo cruel capitão tcheco, acerca da tortura com ratos (que é o acontecimento acidental neste caso) provoca uma série de obsessões, formações reativas e fórmulas protetoras que permitem falar não apenas em neurose do ponto de vista da estrutura, mas também em relação à fenomenologia. O que seria portanto o desencadeante deste a-mais de sofrimento ?

A "**Versagung**" (frustração), do objeto, como vimos acima, é deslocada por Lacan à condição de um fato essencial e não meramente contingente. Não há objeto imanente à pulsão e esta é a condição para que qualquer objeto possa ser tomado por ela. Isto constitui importante diferença em relação ao instinto. Mas se não há objeto como ele pode ser "**versagt**" num dado momento ? Pelo que expusemos acerca do fantasma, como ficção príncips do objeto, a resposta só pode concernir ao fracasso de uma dada montagem deste fantasma.

Ao falar do enunciado fantasmático - "Bate-se numa criança", Freud (1919e) - mostra como este se faz em versões ou conjugações¹¹². Lacan, em L'Étourdit (1973a), interpreta a idéia de fantasia

¹¹¹ Como o observou Calligaris (1986), há um duplo efeito contido no enunciado fantasmático (1) um efeito de produção simbólica do Outro como sujeito (S1 → S2) e um efeito imaginário de atribuição de um corpo a este Outro (p.54).

em Freud como possuindo três dimensões. Uma vertente simbólica, que nos permite falar numa espécie de gramática (voz ativa, passiva, reflexiva e média). Uma vertente imaginária; a semântica, constituída pelas cenas "traumáticas" e o afeto de vergonha que sempre acompanha o fantasma. Num terceiro nível, encontramos uma vertente real, constituída pelo aspecto inominável e repetitivo do objeto, onde o fantasma é o modo fundamental de relação ao objeto de acordo com o matema: [S (barrado) \diamond a].

Isto que chamamos de montagem pulsional, dada no fantasma, pode ser entendido ainda como uma forma de ordenar o triângulo: satisfação, prazer e gozo (proposto por Leguil, 1994, p. 89). Do ponto de vista do fantasma, a satisfação se encontraria entre o simbólico e o imaginário, o prazer entre o simbólico e o real e o gozo entre o imaginário e o real. Uma montagem fantasmática desencadeante de uma neurose é uma montagem que não apenas fracassa - aliás como todas - mas que é incapaz de, por um lado, separar o sujeito da invasão do gozo e por outro, lhe oferecer alternativas desejantes viáveis. No caso Dora (1905e), este convite a redizer a castração se dá pela ruptura do lugar que sustentava simultaneamente sua identificação e sua moção homossexual em relação à Sra. K. e sua condição de objeto para o pai.

Uma vez apresentada a releitura de Lacan em relação à função etiológica freudiana poderíamos nos deparar com a seguinte objeção: a leitura estruturalista não trairia a intenção freudiana de inventar um método que fosse capaz de curar a neurose, de tocar a sua causa mesma (Freud, 1894a) ? Isso não ficaria inviabilizado pela própria noção de estrutura como algo que não se transforma ?

De fato, o que se pode esperar da clínica psicanalítica diz respeito apenas aos efeitos da estrutura (especialmente com relação ao sujeito), nunca em relação a ela mesma. Não há, nesse sentido, passagem da neurose à psicose ou da psicose à neurose e assim por diante. A idéia de uma "cura" da neurose não deve ser pensada como a passagem a alguma espécie de condição de normalidade psíquica mas a invenção de novas alternativas para responder às sobredeterminações estruturais e que em si e por si não são nem necessárias nem imutáveis. É neste plano que a clínica psicanalítica deve enfrentar

¹¹² Na primeira fase o enunciado dominante é "Bate-se numa criança" (p.182), na segunda fase o enunciado se transforma em "Eu sou batido pelo pai" e o sadismo da primeira fantasia é convertido em masoquismo (p.183). Na terceira fase volta-se ao primeiro enunciado mas a pessoa que bate nunca é o pai. O resultado é que nunca pai, criança e sujeito encontram-se no mesmo enunciado.

o fundamento ético que lhe subjaz, nem que seja para responder o que se pode esperar de uma análise e o que se deve admitir como não transformável; em outras palavras, a diferença entre o que é e o que deveria ser, para usar os termos kantianos de colocação do problema.

A estrutura clínica, de acordo com a formulação de Lacan (Seminário III) é a estrutura de uma questão. Uma questão não se reduz à pergunta mas é mesmo sua condição de possibilidade. Podemos compreender o tratamento psicanalítico como a condução desta questão ao seu limite estrutural. Lacan particulariza as estruturas clínicas a partir da presença de uma questão fundamental: a mulher na histeria, a morte na neurose obsessiva.

O que torna possível a questão ? Que condições discursivas devem ser consideradas para que uma estrutura se mantenha ? Pelo exame das concepções etiológicas da neurose vimos que o que torna possível tal questão é simultaneamente:

1. a presença de um conjunto de configurações que precedem e acolhem a instalação de um sujeito específico, a saber: a estrutura da linguagem, a estrutura de parentesco e as condições veiculadas pelo Outro materno.

2. a presença da falta em relação ao circuito de identificações e ao lugar do objeto. Em outras palavras o desenlace obtido ao nível da metáfora paterna no que toca:

a) ao estatuto da função fálica

b) às condições do desejo

c) ao modo de lidar com a castração (ao nível da linguagem)

3. a presença do fantasma como:

a) lugar de certeza quanto à consistência do Outro e sua demanda

b) articulador das relações entre prazer, satisfação e gozo

c) posição de retenção narcísica da identificação ao objeto

4. a presença da falta ao nível do Outro e a resposta dada a esta falta ao nível:

a) do seu complemento (o sintoma)

b) do seu suplemento (a dimensão amorosa)

c) da posição em relação à sexuação (a resposta à não existência da relação sexual)

As quatro condições ou vertentes que compõe a noção de estrutura clínica são redutíveis umas às outras. Bastaria dizer que a estrutura clínica nada mais é do que um modo de lidar com a castração: no nível da linguagem [A], no nível da metáfora paterna, no nível do fantasma [S ∅ a] no nível da falta no Outro [S (A barrado)].

Note-se que estas quatro dimensões levam em conta a linguagem em acepções ligeiramente distintas. Fazer da linguagem o lugar do Outro é identificá-la ao meio universal que nos rodeia e constitui como alteridade. Falar da linguagem a partir da metáfora paterna é acentuar seu aspecto de veículo da convenção, do contrato e do pacto que submete o ser falante. Já quando a linguagem se faz presente na vertente do fantasma, ela conta como meio de satisfação, prazer e gozo. Finalmente quando a linguagem é referida à falta do Outro, ela conta como veículo da radical alteridade sexual.

Parece-nos que os comentadores tendem a enfatizar ora uma vertente ora outra. O mesmo podemos notar na própria obra de Lacan. Um comentador como Cabas (1980) parece representar bem a definição da estrutura tendo em vista os antecedentes da instalação de um sujeito específico. As referências fundamentais na obra de Lacan acentuarão os textos que vão do artigo sobre os complexos familiares (1938) ao Seminário IV. Trabalhando sobre a estrutura da psicose, Cabas distingue as psicoses de presença, quando o operador fálico imaginário se encontra instituído (como na paranóia e na psicose maníaco depressiva) e psicoses de ausência, onde a própria constituição do falo imaginário, e do ego portanto, está comprometida (como no caso da esquizofrenia e do autismo). A pesquisa empreendida por Brauer (1994) junto à família em que a criança se encontra segue igualmente esta perspectiva que enfatiza as condições de precedência da estrutura.

O entendimento da estrutura clínica nestes termos projeta como perspectiva de trabalho a inclusão da criança, como ser falante, numa narrativa que a precedeu e que oferece um imaginário que, tanto do ponto de vista da erotização constitutiva do ego, quanto do ponto de vista da significação prescrita para este ser falante, separe-o do real ¹¹³.

¹¹³ É por acentuar esta vertente da estrutura que Lefort (1984) afirma, tendo em vista os dois casos clínicos expostos (Nadia e Marie Françoise): “. . . e o psicótico no seu fracasso testemunha ainda esta verdade de que fora do significante não há estrutura. Trata-se para ele de uma anti-estrutura.” (p.270). Pensando na ausência de significantização do objeto Lefort afirma ainda “. . . assim pela não instauração da ligação entre o real do corpo e o significante a demanda do Outro fica mal atrelada ao desfiladeiro dos significantes.” (p.270). Ambas as afirmações dependem da concepção de Outro que valoriza a espacialidade do objeto.

Tomando por referência os textos posteriores ao Seminário IV, um comentador como Juranville (1987) nos apresentará uma definição de estrutura centrada na metáfora paterna, circuito de identificações e na posição do objeto. Assim a histeria se caracterizaria como uma estrutura onde no lugar do objeto se encontra o Pai Real, no lugar do Outro a mãe e no lugar do sujeito (e do desejo) se localizaria o Pai Simbólico. No caso da neurose obsessiva, o lugar do Outro é ocupado pelo Pai Simbólico e no caso da fobia é no lugar do objeto que se instala o Pai Simbólico. O mesmo raciocínio é empregado para a psicose, a perversão e suas variantes. A linha tomada por Juranville, que podemos perceber também em Dor (1987), confere nítida primazia à estrutura definida pelo Édipo, ou pela metáfora paterna e portanto ao sujeito definido a partir do sistema de identificações e da falta em relação ao objeto fálico. A perspectiva de trabalho aponta neste caso para a desobstrução do imaginário identificatório e na assunção do desejo na sua problemática relação com a demanda e com a lei.

Nesta perspectiva pode ser incluída a tese desenvolvida por Pommier (1984) que procura dividir os tipos de psicose a partir do tipo de objeto e de pulsão que sustenta o ego em cada caso, a saber:

	objeto escópico	objeto oral
ser	paranóia	
não ser	esquizofrenia	
ter		mania
não ter		melancolia

Lendo a metáfora paterna como uma forma de introduzir o sujeito numa negação dialética, desenvolvida entre ter e ser o falo e assinalando seu fracasso na psicose, Pommier (opus cit. p. 139-140) parece deduzir a especificidade da estrutura a partir da especificidade da pulsão. De modo inverso a generalidade da estrutura é sustentada pela argumentação no plano linguístico. A dificuldade neste

encaminhamento é justamente articular dois planos que, a primeira vista, parecem heterogêneos: a relação do sujeito ao inconsciente e a relação do sujeito à pulsão.

Uma terceira vertente de uso da noção de estrutura é a que encontramos em Caligaris (1983) e Pommier (1994). A ênfase neste caso recai na organização do fantasma. Tem-se em mente aqui a referência ao Lacan dos Seminários VIII a XIV, bem como o texto Kant com Sade (1962, p.758) onde a estrutura da perversão é apresentada a partir do fantasma perverso (a vontade de gozo). Desta forma, Calligaris apresenta as diversas formas como se coloca a demanda do Outro (D) e a posição em que o Sujeito (S barrado) se encontra para recebê-la, de acordo com a tese exposta por Lacan no Seminário VIII. No caso da perversão o sujeito se faz falo imaginário (ϕ) para a falta imaginária do Outro ($- \phi$). No caso da neurose obsessiva ele se faz falta imaginária ($- \phi$) para a demanda do Outro que emerge desde o falo simbólico (Φ). Na histeria a situação se inverte. No caso da psicose a hipótese de Calligaris (opus cit.) é de que o Nome-do-Pai não viria proteger o ser falante da miragem d'A Mãe (p.70) de modo que este responderia a demanda do Outro no real (a $\diamond D$) e que a única falta possível é relativa a castração imaginária ($- \phi$)¹¹⁴.

A perspectiva clínica se dirigirá aqui para o que Lacan chama de travessia do fantasma; resumidamente, a construção de um enunciado representativo da posição do sujeito (e ponto máximo de alienação do ego) e de seu estilo pulsional fundamental (e ponto extremo de sua angústia) com a consequente ultrapassagem da castração como interdição imaginária. .

Finalmente é possível destacar uma quarta acepção para a estrutura se tomamos a perspectiva representada por Soler (1995). Notamos neste caso uma nítida primazia da noção de estrutura definida tendo em vista os textos de Lacan posteriores ao Seminário XVII. A estrutura é entendida, neste caso, em função do que o sujeito coloca no lugar do impossível da relação sexual, isto é, como ele realiza uma espécie de relação sexual artificiosa. A estrutura neurótica redundaria na transformação de um impossível (o incesto) numa contingência (a castração imaginária) e de um possível (o desejo) num necessário (a demanda). Neste ponto Lacan aproxima este “empareiramento das demandas” da gramática dos modos verbais (p.48). O necessário se mostra no imperativo de gozo, o possível no

indicativo do desejo, o contingente no subjuntivo da defesa e o impossível na voz média do fantasma. As fórmulas da sexuação, a teoria dos discursos, e a reformulação do estatuto do Real, Simbólico e Imaginário marcam este período da obra de Lacan bastante influenciado pela tese do formalismo lógico. Pensar a estrutura a partir da disparidade da posição feminina e masculina é identificá-la ao real como impossível.

A histeria e a neurose obsessiva serão examinadas, por exemplo, a partir da sua incidência diferencial em homens e mulheres. A afirmação de Lacan (1973a, p.71) de que a "mulher é um sintoma para o homem" e de que o homem representaria uma "devastação"¹¹⁵ para a mulher parece levar Soler a propor uma caracterização diferencial das estruturas clínicas em relação aos sexos, em função da diferença ao nível de recepção da falta no Outro, com consequências inclusive em termos do desenvolvimento e fim da análise. Estrutura aproxima-se aqui da idéia de uma posição, não modificável, de um sujeito específico em relação aos modos de gozo e aos lugares da sexuação.

É preciso acrescentar por fim que um diagnóstico psicanalítico deve acolher a condição que é a de mesmo na ausência de um interlocutor objetivo, considerar a fala como um diálogo. Considerar que a fala não é apenas produto verbal mas tudo o que diz numa situação dialogal, isto inclui o gesto, a prosódia e todas as dimensões em que se pode acolher algo como uma mensagem particularizada. Esta é uma condição essencial e constitutiva das traduções clínicas. A captação disto que diz numa descrição é sempre empobrecedora e o é justamente porque ignora a temporalidade do diálogo. O que se visa em uma tradução clínica é de certa forma restituir esta temporalidade de modo artificial. A temporalidade da antecipação, da repetição e da ressignificação depende basicamente de quatro dimensões em que o Outro pode contar. São elas que encontramos sob forma de formulações distintas na obra de Lacan e que tomamos como organizadores diagnósticos, a saber:

1. O Outro como lugar da linguagem, tesouro dos significantes, de onde o sujeito recebe sua mensagem invertida, em relação ao qual se institui o significante fálico, organizador e centralizador das

¹¹⁴ A consequência disso é que na psicose haveria uma atribuição de saber (sobre o gozo) ao Outro e não um suposição como no caso da neurose.

significações. Afirma-se que na psicose o sujeito receberia esta mensagem de forma não invertida, isto é, diretamente do Outro sob forma de alucinação (Seminário III, p.65).

2. O Outro como contexto (a cultura no seu limite), onde se coloca a questão da lei e da emergência correlativa do desejo. O Outro é aqui o lugar onde se procede a separação significante (S1 - S2) pela emergência do Nome-do-Pai. Esta separação decorre portanto do acesso à metaforização e notadamente à metáfora paterna. Diz-se que na psicose não haveria tal separação significante (holófrase) e que o Nome-do-Pai encontra-se em foraclusão. Para fazer suplência à esta foraclusão adviria o delírio (1958a, p. 539).

3.O Outro como encarnação do corpo fantasmático, na figura do pai Real, do qual se exerceria um imperativo de gozo. Aqui podemos falar do Outro que conta tanto no processo de formação do eu como no gerenciamento das relações entre satisfação, prazer e gozo que atravessam a constituição da subjetividade. Afirma-se que na psicose o ser-falante se faz objeto **a** para este Outro de forma a suprir-lhe a falta no nível do Real (1958a, p. 559).

4.O Outro como alteridade sexual a partir do qual o sujeito se inscreveria na esfera da masculinidade e da feminilidade ¹¹⁶.

A simplificação do diagnóstico a estas quatro dimensões nos tornaria aptos a reconhecer em descrições clínicas a forma como crianças com diagnóstico de psicose se dispõem em relação ao Outro tomado como campo da linguagem, lugar da lei, espaço da pulsão e alteridade sexual.

O que as oscilações da noção de estrutura mostram é na verdade uma oscilação da concepção de linguagem em Lacan, o que se traduz em diferentes concepções deste elemento clínico que é o diagnóstico bem como da forma de considerá-lo. Em linhas gerais esta oscilação recobre os estratos

¹¹⁵ Em *Televisão* (1973b, p. 70) encontramos a afirmação de que “ . . . uma mulher só encontra O homem na psicose. “ afirmação que lida a partir das fórmulas da sexuação poderia levar a uma concepção inteiramente original em relação as três anteriores quanto a esta estrutura clínica.

¹¹⁶ De Waelhens (1990) num estudo sobre a psicose do ponto de vista existencial e analítico caracteriza-a a partir de cinco traços que se pareiam aproximadamente com as quatro vertentes da estrutura (1) o despedaçamento do Um do corpo, (2) a confusão entre significante e significado, (3) a alocação do ego no lugar da mãe e o correspondente desejo de ser pai de si mesmo, (4) a bissexualidade virtual e (5) a identificação do nascimento com a morte (p.107).

linguísticos que estamos desenvolvendo do ponto de vista de nossa leitura teórica que agora encontra uma consequência direta num tema clínico.

10. A Psicose na Criança

Apesar das referências especialmente de Esquirol e Griesinger à semelhança entre quadros no adulto e na criança, as psicoses infantis não encontravam nenhuma especificidade, tanto do ponto de vista etiológico, quanto nosológico ou terapêutico nos primórdios da psiquiatria (Alexander, 1980, Quetel, 1993 ¹¹⁷).

De fato a própria descoberta da infância como um período qualitativamente diferente e com exigências e contingência próprias não é anterior ao século XVIII (Ariés, 1981). A criança, assim como a mulher, são duas figuras que o imaginário do final do século XIX associa à natureza, que deve ser cuidadosamente colonizada e domesticada. É neste quadro que as questões de interesse psiquiátrico, ligadas à criança, sofrerão profunda influência da perspectiva moral e pedagógica. Se o grande tema clínico da psiquiatria do adulto até a década de 1930 se concentrava no eixo paranóia-esquizofrenia, no caso da psiquiatria infantil, as preocupações pareciam restringir-se aos quadros de deficiência mental e à epilepsia.

Esta situação altera-se quando Leo Kanner publica um estudo com 11 crianças que apresentavam traços francamente irredutíveis à deficiência mental e às síndromes neurológicas:

"O fator comum em todos estes pacientes é uma incapacidade para se relacionar de maneira habitual com as pessoas e situações, começando esta dificuldade no início de suas vidas. Seus pais costumam descrevê-los como auto-suficientes, numa concha, mais felizes quando ficam sozinhos, atuando como se as pessoas não existissem, dando a impressão de silenciosa sabedoria." (apud. Jerusalinsky, 1984, p.21)

Kanner chamou este quadro de Autismo Infantil Precoce (AIP). O conjunto de sua sintomatologia é bastante estável e levando-se em conta o DSM -III (1980) organiza-se em torno da chamada tétrade clássica:

1. incapacidade de desenvolver relações sociais (**aloneness**);
2. déficit no desenvolvimento da linguagem;
3. respostas anormais ao meio ambiente, em particular, estereotípias gestuais e uma resistência à mudança (**sameness** ¹¹⁸);

¹¹⁷ O que estes estudos mostram é sobretudo a supremacia dos quadros de deficiência mental no que toca ao interesse psiquiátrico pela criança.

¹¹⁸ Propomos o neologismo "mesmidade" para traduzir a expressão em questão uma vez que "mesmice", termo literalmente mais próximo não contempla a carga semântica suposta em "sameness".

4. os sinais aparecem antes dos trinta meses de idade (in Leboyer, 1995, p.11).

O isolamento social se manifesta principalmente pela ausência da atitude antecipatória (no contato com a mãe), ausência ou diminuição de contato visual e de resposta ao sorriso (Leboyer, p. 14). O surpreendente deste grupo de sintomas é que eles tendem a melhorar com o crescimento (Rutter, 1968) sugerindo a hipótese de que as vias de efetuação do contato com o outro podem ser substituídas ou reconstruídas posteriormente.

Também os distúrbios da linguagem são bastante distintos das afasias, disfasias e demais sintomas associados ao retardo mental. A fala não parece destinada à comunicação e nela se destacam a presença de ecolalia, estereotípias, inversão pronominal (o "tu" substitui o "eu") e afasia nominal (Leboyer, p. 16). A paralinguagem encontra-se seriamente alterada: o volume, altura, ritmo, entonação e inflexão da voz são inexpressivos e desprovidos de emoção (Hirsh, 1975). Um elemento característico apontado por Leboyer (p. 17) é que a criança autista nunca aponta o objeto que deseja, ela toca o punho ou a mão daquele que pode alcançá-lo.

Os sintomas do grupo "**sameness**" são sem dúvida os mais intrigantes. Eles mostram uma altíssima discriminação da criança com relação ao seu meio ambiente. Uma alteração, às vezes imperceptível para o adulto, é capaz de causar reações explosivas. Seu brincar é marcado pela repetição mecânica, geralmente visual de um objeto e suas propriedades cinéticas. O apego, ausente na relação com pessoas, é intenso com relação a esses objetos que muito comumente se transfere para movimentos do próprio corpo. Finalmente, o alto poder discriminativo se revela na capacidade, por vezes muito acentuada, para atividades que exigem o uso da memória ou do puro raciocínio analítico como cálculos matemáticos (Leboyer, p. 19).

Tinha-se portanto, depois do trabalho de Kanner e de seu aprofundamento na década de 60, uma espécie de entidade clínica fundamental que acabou por concentrar o interesse dos pesquisadores. Iniciou-se então o período onde discutia-se a existência de outros quadros, de etiologia não orgânica, e que pudessem responder à idéia de psicose na criança. Isso porque o Autismo Infantil Precoce não podia ser imediatamente pareado com nenhum dos grandes grupos clínicos da psicose no adulto: paranóia, esquizofrenia e psicose maníaco depressiva. As peculiaridades de sua sintomatologia e a

descontinuidade de sua evolução clínica em relação à psicose no adulto punham em dúvida a própria pertinência em falar-se de psicose na criança ¹¹⁹.

Essa expansão do modelo clínico representado pelo autismo, testemunhada pelos inúmeros adendos à descrição de Kanner, acabou por enfraquecer dois outros grupos, que mereceriam, a nosso entender a inclusão no campo das psicoses na criança: as psicoses induzidas ¹²⁰ e o que chamaremos de psicose propriamente dita. Vejamos como esta divisão pode acolher as principais descrições clínicas. Faremos um breve pareamento com outros enfoques psicopatológicos com o intuito de facilitar a compreensão da base semiológica que pretendemos usar:

Autismo: Autismo Infantil Precoce (Kanner, 1943), Esquizofrenia Infantil (Creek et alli, 1963), Psicoses Autísticas (Bender, 1947), Psicoses Autísticas Secundárias Agitadas (Geissman, 1991), Psicose Autística Primária (Tustin, 1977), Psicose Autística Secundária (Tustin, 1977), Autismo Infantil Patológico (Mahler, 1952), Autismo (Diatkine, 1969), Desordem Autística (DSM-III-R, 1989).

Psicoses Induzidas: Depressão Anaclítica (Spitz, 1967), Psicopatia Autística de Asperger (apud. Geissman, 1991), Psicoses Autísticas Primárias Calmas (Geissman, 1991), Pré-Psicoses (Diatkinem, 1969), Desordem Específica do Desenvolvimento (DSM-III-R, 1989).

Psicoses Propriamente Ditas: Esquizofrenia Infantil (Stone e Koupernick, apud Geissman, 1991), Distorções Psicóticas da Personalidade (Misés, 1988), Esquizofrenia Infantil Pseudopsicopática (Bender, 1947), Esquizofrenia Infantil (Desper, apud. Ajuriaguerra, 1991), Autismo Secundário Regressivo (Tustin, 1977), Psicose Simbiótica (Mahler, 1955), Distorções Psicóticas da Personalidade (Geissman, 1991), Desordem Insidiosa do Desenvolvimento não Especificada de Outra Forma (DSM-III-R, 1989).

Um ponto capaz de diferenciar a psicose do autismo é o momento de aparição. Como afirma Geissman (1991):

¹¹⁹ Mais recentemente Lucas (1991) num estudo catamnésico acompanhou um grupo de 56 crianças diagnosticadas como psicóticas de modo a examinar sua situação clínica vinte anos depois. Apenas 5 casos aproximavam-se do que foi descrito como “caráter paranóico” e a maior parte foi referida como possuindo “uma sintomatologia de aparência fóbica”. Apenas 6 casos estavam excluídos da atividade socioprofissional. A maior parte entretanto mostrava um certo isolamento e uma pobreza relacional. O estudo conclui que a psicose na criança não redundava na psicose do adulto.

¹²⁰ A idéia central é de que este quadro decorre de uma circunstância que acaba por induzir um rompimento do circuito de alienação da criança no campo do Outro. Por exemplo, a indisponibilidade da exposição ao significante ou às condições sígnicas pré-figuradas ao bebê humano. Não se trata aqui de uma estrutura mas, mais propriamente falando, de um estado psicótico, cujo prognóstico é favorável.

"... nossa experiência clínica não nos permitiu constatar a existência de estados psicóticos cujas primeiras manifestações fossem posteriores à idade de cinco anos." (p.29)

Ajuriaguerra (1991) discorda desta posição postulando a existência de um grupo raro de psicoses, chamadas de psicoses da segunda infância. A inexistência de formações delirantes, traço patognomônico deste grupo, nos leva a pensar que de fato a aparição da psicose, nos sujeitos de nossa pesquisa é anterior, caracterizando-os fora do problema do desencadeamento.

A nosologia psiquiátrica mostra-se no mais das vezes incompatível com o ponto de vista da psicanálise. Isto porque os critérios tradicionais como idade de início, sintomatologia e mesmo etiologia, que regulam as descrições acima relatadas, não são facilmente transportáveis da psiquiatria para a psicanálise e nem mesmo da psicologia para a psicanálise, como vimos no capítulo anterior.

No entanto, podemos dizer que, muito provavelmente, as crianças com as quais entramos em contato durante nossa pesquisa pertenceriam aos quadros clínicos correspondentes à psicose propriamente dita. Trata-se portanto de encontrar a maneira como esta distinção, especialmente com relação ao autismo, pode se realizar com critérios de alguma relevância no quadro da psicanálise.

Deixando o campo da nosologia descritiva mas permanecendo ainda numa perspectiva histórica podemos notar que à medida em que, nas décadas de 70 e 80, crescia o interesse pelo autismo, diminuía a concentração de pesquisas sobre a psicose não autística. No período de 1987 a 1994, o **Psychological Abstract**, índice mais expressivo da pesquisa indexada em psicologia, registrava apenas dezenove artigos que tinham por tema a psicose infantil e o abordavam a partir da psicanálise. Desses dezenove artigos apenas quatro referiam-se a descrições clínicas obtidas junto à crianças. Um discute a dúvida diagnóstica (histeria ou esquizofrenia) num menino de 13 anos (Vidigal, 1987). O segundo aborda a relação entre a psicose num menino de dez anos e suas experiência precoces de separação em relação à mãe (Corominas, 1989). O terceiro relaciona a psicose de um menino de sete anos à permissividade de seus pais com relação à conduta sintomática principal, especificamente "picar" livros, (Chervert, 1988). O quarto artigo visa assinalar os momentos onde: "ansiedades e depressões de tipo primário e maníaco se condensam na relação transferencial com movimentos edípicos genitais". Para isso, descrevem três casos de crianças com traços psicóticos (Haag, 1989). Dos quinze artigos restantes, a maior parte refere-se às contingências infantis memoradas no tratamento de

psicóticos adultos. Dois abordam as relações entre psicanálise e psiquiatria (Misés, 1988 e Vincent, 1989), um a psicose puerperal (Lucas, 1994) e um utiliza a psicanálise para relacionar aspectos da infância de E. Dickinson com seu episódio psicótico na idade adulta (Kavaler, 1991).

No campo da pesquisa não indexada a situação não é muito diferente. Laurent (1995) num balanço sobre os desenvolvimentos teóricos sobre o tema das psicose conclui da seguinte forma:

"Constatamos, desde o fim dos anos 60, que não há novidades nesse campo. Quaisquer que sejam as correntes do movimento psicanalítico, as Escolas ou os países os **exempla** remontam a primeira parte dos anos 60." (p.139)

Os maiores progressos, salienta Laurent, ficaram por conta daquilo que a rigor não é psicose: os distúrbios de humor, o autismo infantil e os casos fronteiros. Também do ponto de vista terapêutico a situação não é animadora. Nessa área Laurent destaca duas perspectivas fundamentais: de um lado, as que trabalham o espaço discursivo que rodeia o paciente, como a instituição, a família, etc. investindo numa espécie de sutura simbólica que acolheria a psicose mais apropriadamente; de outro as perspectivas que investem na estabilização do imaginário, a partir da imagem corporal (como Dolto, 1988 ou Pankow, 1983) como sustentáculo do ego.

De toda forma, estabelece-se uma situação curiosa com relação ao campo das psicoses e especialmente das psicoses na criança - uma proliferação de estudos técnicos, de relatos clínicos, de livros de experiências (muitas vezes escritos por não especialistas) e uma certa carência, cercada de desconfiança com relação à teoria; fato curioso uma vez que se levarmos em conta outros aspectos de interesse psicanalítico podemos observar um aumento no número de estudos metapsicológicos.

Retornemos então à nossa divisão inicial e vejamos como ela se relaciona com as concepções teóricas gerais. A hipótese inicial é de que a constituição do eu (sujeito e ego) varia essencialmente nos três grupos clínicos propostos e que isto se traduz em diferentes maneiras de habitar a linguagem.

Jerusalinsky (1984) propõe um quadro bastante claro da diferença psicanaliticamente relevante entre o autismo e a psicose infantil. Para Jerusalinsky, o autismo encontra seu epicentro antes do estágio do espelho enquanto as psicoses se desenvolvem já nas vicissitudes do seu interior. O autismo corresponde ao que Cabas (1980) chama de psicose de ausência pois nela o falo não se encontra constituído, ao contrário do que ocorreria nas psicoses. No autismo, ao contrário da psicose, o filho não

é um equivalente fálico para a mãe (p.13). Por isso, para Jerusalinsky no autismo a questão crucial é o objeto real e nas demais psicoses, o objeto imaginário.

A psicose simbiótica infantil descrita por Mahler (1989, p 23) seria um bom contra-exemplo para o autismo. Nela a mãe aparece como um objeto altamente discriminado. A criança parece incapaz de produzir uma significação que não decorra desse objeto, geralmente da alternância entre sua ausência e presença ¹²¹.

Jerusalinsky divide a função materna em três dimensões que nos parecem diretamente associáveis aos três grupos de psicoses que circunscrevemos anteriormente. As três dimensões da função materna propostas são:

1. a responsividade aos códigos constitucionais da criança;
2. a dupla tradução das ações da criança em linguagem e da linguagem em ação;
3. a sustentação primária da função paterna (p.39).

Nas psicoses induzidas, cujo modelo para nós é a depressão anaclítica, a função materna não realiza perfeita efetivação de um modo de linguagem que a etologia vem descrevendo com exatidão e se aproxima do que chamamos de linguagem sígnica. A sincronia etológica entre mãe e criança, descrita por autores como Papoušek & Papoušek (1984), Brazelton (1992) e Trevarthen (1977) revela a presença de uma espécie de diálogo que nada fica a dever, em termos do tipo de signo envolvido e a forma de sua circulação, à comunicação que se verifica entre os primatas superiores. Por exemplo, a interpretação de aspectos como o ritmos biológicos (sono/vigília), o tônus muscular (dor/prazer), a gestualidade (choro/carícia/sorriso) e a postura (coordenação/incoordenação) parece regulada por uma mútua responsividade entre a criança e sua mãe e que é irreduzível ao conjunto de reflexos inatos. Quando a circulação de signos envolvidos neste diálogo cessa é possível que a alienação do ego na imagem do semelhante se veja comprometida.

¹²¹ A descrição teórico-clínica é a seguinte: “A restituição na psicose simbiótica é procurada nas ilusões somáticas e nas alucinações de reunião com a imagem da mãe onipotente, narcisicamente amada e odiada ou, algumas vezes, pela fusão alucinada com uma condensação das imagens de pai e mãe. Na psicose simbiótica infantil o critério de realidade permanece fixado ou regride ao estágio ilusivo onipotente do relacionamento simbiótico mãe-bebê. Os limites do self e do não-self são indistintos. Mesmo a representação do self corporal não está claramente delimitada.” (p.30) O que se destaca nesta descrição é a importância do objeto imaginário para a configuração do quadro clínico.

Já nas psicoses autísticas, cujo modelo é sem dúvida o Autismo Infantil Precoce (Tustin, 1975, p. 153), o nível da circulação sgnica entre mãe e criança realiza-se, o que não ocorre é a passagem desse modo de linguagem para a linguagem onde há primazia do significante. Em outras palavras, a tradução da demanda infantil ocorre sem o "equivoco" do desejo. A função materna parece gerir os signos que circundam a criança como se de fato eles se reduzissem a apenas signos. Se entendemos a demanda como ruptura deste apelo veiculado pelos signos, podemos supor que no autismo, o apelo contido no grito é recebido como um apelo e nada mais. A circulação entre imaginário e simbólico ou, o segundo aspecto da função materna, é o que parece fracassar aqui.

Finalmente nas psicoses propriamente ditas, a função materna conta como responsiva aos signos que transforma em demanda, articula seu desejo falicizando a criança, mas não aponta neste desejo o lugar terceiro do pai. Costuma-se encontrar, como expressão dessa conjuntura, termos como: "simbiose", "fusão", "célula narcísica" e que, no geral apontam para a realização de uma espécie de incesto imaginário entre mãe e criança.

Se retomarmos a tese de Lacan acerca da metáfora paterna, veremos que seu fracasso no caso da criança pode derivar de três circunstâncias diferentes:

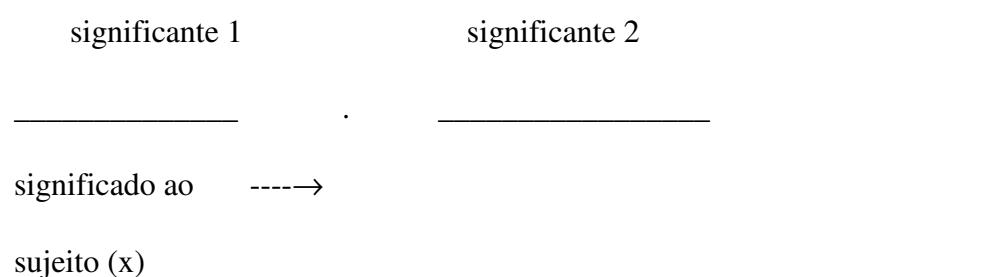
1. a não instituição da função materna enquanto função sgnica (indicial ou icônica), como nas psicoses induzidas:

Desejo da Mãe

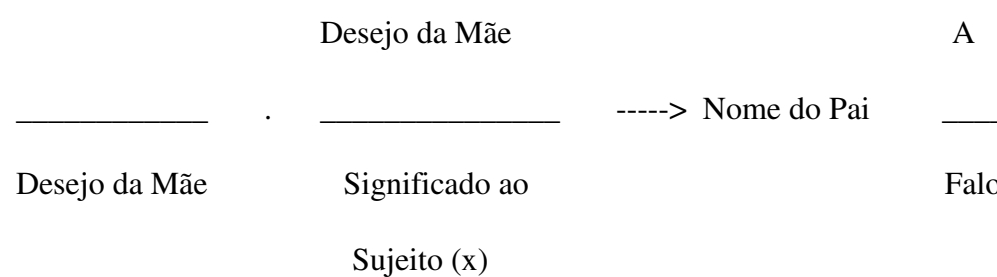
_____ . _____
significado ao
sujeito (x)

2. a constituição da função materna enquanto função sgnica sem a ocupação do lugar significante pelo desejo materno como especificador. Assim a consistência do ego se mantém a partir da consistência dos signos indiciais ou icônicos e não de seu investimento desejante, como é o caso no autismo. Isso explicaria o repúdio e o colapso causado pela entrada desse investimento, sob forma do olhar do outro por exemplo. O resultado é um congelamento do ego como significado intermediário, apenso a dois

significantes. A tese de Lacan da holófrase significante como presente na psicose se aplicaria aqui com maior propriedade. A significação deixa de se deslocar metonimicamente e o significado, que definimos como tempo relativo, se eterniza numa determinada repetição de signos. O ego do autista é a realização mais acabada que podemos imaginar para a espacialização da linguagem. Ele é o que mantém unido um certo circuito de encadeamento de signos, o que explica a notável agilidade motora ou mnemônica que certos autistas demonstram quando se trata de manter uma série sígnica.



3. constituição de uma circulação sígnica que inclui o desejo materno como especificador mas que não articula-se por uma relação de simultaneidade ao signo: "Desejo da Mãe/Nome-do-Pai". Trata-se aqui do terceiro aspecto da função materna.



A situação expressa pelo signo (2) concorda com uma das raríssimas afirmações de Lacan sobre a criança, num texto conhecido como "Duas Notas sobre a Criança" (1969) onde afirma que:

"A criança realiza a presença do objeto **a** no fantasma. Satura deste modo, substituindo-se a esse objeto, o modo da falta em que especifica o desejo (da mãe), seja qual for a estrutura deste desejo: neurótico, perverso ou psicótico." (p.56)

Vale apenas assinalar que esta inclusão na criança, no campo do Outro, no lugar de objeto **a** é absolutamente instável e, longe da suposta quietude do "incesto imaginário", é problemática a ponto de afirmarmos que o sujeito na psicose da criança depende essencialmente da instabilidade da sua redução ao objeto para a função materna. Essa inclusão/exclusão do campo do Outro seria regulada pelo que Jerusalinsky (p.86) chamou de ação delirante. A ação delirante corresponde a um conjunto de atos que não são nem um similar de uma linguagem de gestos e nem o equivalente de uma simples atividade de

reflexos corporais. Isto é, e aqui vamos além do que foi proposto por Jerusalinsky, a interrupção da ação delirante ocorre quando a imagem corporal fragmentada se reúne num ato que conta menos pela significação que ele produz e mais pelo próprio ato em que ele consiste. Jerusalinsky descreve da seguinte forma esta ação delirante:

- a) deambulação interminável;
- b) agitação psicomotora;
- c) demanda insaciável;
- d) ausência da noção de perigo;
- e) agressão ao próprio corpo.

Jerusalinsky parece interpretar a ação delirante como indício do colapso do ego. No caso do autismo, a ação delirante estaria ausente justamente por uma espécie de ausência do ego. Nisso o autor se apoia nas teses de Lefort (1983) que afirma que no autismo estaria ausente tanto o Outro (enquanto campo da linguagem e lugar da palavra) quanto o outro (enquanto campo da imagem e da reciprocidade). Restaria então um estado de "não ego". Ora, talvez esta linha de raciocínio caminhe a partir de uma identificação tácita entre o ego e aquilo que a tradição inglesa denomina de "**self**", isto é, uma certa noção de si mesmo enquanto entidade autônoma e distinta do outro e do resto do mundo, além disso algo muito próximo da idéia de consciência como autoreconhecimento e antecipação das representações. Todavia, se pensamos no ego como uma circuito de encadeamentos sógnicos (e não necessariamente de consciência), ou numa função espacializante (e não necessariamente temporalizante), a tese do estado de "não ego" no autismo e de sua presença no "puro Real" não mais se sustenta. Arriscamos dizer que, ao contrário de um fracasso da instalação do ego, o que se dá no autismo é uma acentuação da sua matriz espacial em detrimento da temporal. Isso explicaria uma série de traços clínicos associados ao autismo como, a alta capacidade de reconhecer padrão e forma, a hipersensibilidade dos órgãos dos sentidos, a habilidade para girar objetos, e a sua disposição a "tocar os objetos levemente" (Tustin, 1975, p. 154).

Não se trata de identificar o ego ao sistema percepção-consciência mas de ressaltar a ligação entre o ego e a espacialidade, tanto como forma perceptiva quanto condição de representabilidade ¹²². Para tanto basta considerá-lo como dependente de uma temporalidade sincrônica a dos objetos e como associado ao funcionamento progressivo dos estratos de linguagem. Em suma: há ego onde o processo tradutivo, de um estrato a outro, se realiza sem resistência ou com interrupções ¹²³, mas no todo sem a produção de formações intermediárias. Nenhuma figura clínica, neste sentido, representa melhor o ego do que o delírio no psicótico adulto e a co-presença sígnica verificada no autismo infantil.

De modo semelhante, podemos pensar que a manutenção da "mesmidade" (**sameness**) depende do reconhecimento da sua alteração. Finalmente, quando Jerusalinsky (p.93) afirma que o autista encontra-se no campo do real porque trata-se de uma redução da palavra à voz a justificativa nos parece exigir aprofundamento. De fato, a oposição entre palavra ou fala (**parole**) e voz apesar de insistentemente presente nos textos de Lacan (1962, 1960a, 1958b) nunca é tratada como se admitisse condições intermediárias. No entanto, nada faz crer na sua inexistência. Por exemplo: o grito, o murmúrio, o canto (sem letra) pertencem à esfera da palavra ou da voz ?

Isso nos faz voltar ao campo dos estudos sobre a linguagem de onde Lacan partiu. Entre som e sentido há diferentes formas de articulação, as de primeira ordem que traduzem articulações entre fonemas e as de segunda ordem, que traduzem articulações entre semantemas. No primeiro grupo, encontram-se como exemplo os estudos de Hjelmslev (1973), no segundo podemos colocar linhas de pesquisas como as de Benveniste e Jakobson (Ducrot, 1990). Ao contrário da palavra que encontra-se duplamente limitada pelos aspectos discretos da primeira e da segunda articulação, a voz pode ser representada por um contínuo cuja única limitação é o espectro auditivo do ser humano (15 a 15 mil hertz). A palavra é portanto discreta e descontínua e a voz é contínua. Um som intermediário entre "g" e "p" não se relaciona com o eventual significado intermediário entre "gato" e "pato" no entanto, este som é uma possibilidade sonora da voz.

¹²² Isso se verifica tanto no sentido genético do ego (a imagem do corpo e a sobreposição de identificações), quanto no sentido funcional (como sistema de inibição ligado aos afetos e a motilidade) e no sentido estrutural (como instância de conciliação entre id, superego e realidade).

¹²³ Não se trata aqui do conceito psicanalítico de resistência mas apenas de um impedimento ou coartação da articulação entre estratos linguísticos.

Acentuamos este ponto porque é comum entre crianças psicóticas o fascínio por certas sucessões sonoras que podem ser localizadas na franja que vai da voz à palavra. Essas sucessões sonoras que vão desde o som que antecede o anúncio de uma estação de metrô, até a chamada que marca o início e o final de comerciais de televisão (para citar dois exemplos de nossa experiência) são muito mais comuns no autismo do que na psicose propriamente dita. Nesta, encontramos uma predominante adesão aos conjuntos de significação: pedaços de peças musicais, repetição de falas que voltam fora (aparentemente) de um contexto etc.

O gozo que a criança autista parece experimentar diante de uma certa conjuntura de signos e sua perseveração repetitiva é problemático à luz da chamada teoria as relações de objeto. A leitura lacaniana desta teoria (Seminário IV) parte da idéia de que o ponto de retenção narcísico da libido deriva da erotização ou falicização do corpo da criança. A questão é que este corpo revela-se repleto de objetos destacáveis cuja significação permanecerá fálica e cujo destino se inscreverá em distintas modalidades de falta (a castração, a frustração e a privação). Ocorre que no caso do autismo tanto a falicização destes objetos quanto a sua captura num dos regimes da falta parece não acontecer. Como observa Jerusalinsky, no autismo é comum: indiferença ao som ou a voz, indiferença ao alimento, resistência à introdução de objetos na boca, indiferença à perda das fezes, indiferença à separação corporal (da mãe por exemplo) (p.89). Em outras palavras nenhum objeto parece fazer falta à criança autista.

Na psicose a situação é oposta, todo contexto que coloque em questão o objeto e suas modalidade de falta pode ser imediatamente assimilado à instabilidade do ego e à ação delirante. A reatividade da criança psicótica ao objeto depende da sua posição de inserção na linguagem. É esta mesma posição o que regula as modalidades de gozo possíveis em cada caso.

11. A Linguagem na Psicose da Criança

Até agora abordamos o tema das psicoses na criança tendo por referência o campo da linguagem enquanto estrutura e meio da dialética do sujeito. No entanto existem certos indícios sobre a própria aparição da fala na criança que podem nos servir para entender alguns aspectos específicos da psicose infantil.

Podemos dividir a aparição da linguagem, como o fez Ajuriaguerra (1991), em três momentos: a pré-linguagem, a pequena linguagem e a aquisição da linguagem. Não gostaríamos de nos aprofundar nas complexas transformações envolvidas em cada um desses momentos mas apenas destacar, de cada um deles, um aspecto que nos parece diferencial para o tema em questão.

Durante a pré-linguagem (até os 13 meses), a criança antes mesmo de esboçar palavras parece estar inteiramente à vontade na estrutura dialógica. Ela capta e age de acordo com aquilo que os paralinguistas chamam de "turno" ou "tempo de fala". Emitindo sons, balbucios, ou fonemas relativos à todas as línguas existentes, a criança é capaz de discriminar que no interior de uma certa sucessão sonora, é num determinado tempo em que se deve falar, ou agir de forma equivalente. Em outras palavras, antes de aprender a articular oposições fonêmicas e semânticas, a fala se desenvolve numa alternância de tempos. Vê-se assim que antes da linguagem ser uma forma de descrever, representar, ou comunicar ela é pré-figurada por uma experiência com o tempo.

O segundo ponto que gostaríamos de destacar é o elemento central do que Ajuriaguerra (p.102) chama de "pequena linguagem", que vai aproximadamente dos 13 meses aos 2 ou 3 anos. Sua característica mais marcante é a presença da "palavra-frase". Isto é, determinados fonemas, geralmente muito simples, cuja significação depende do contexto gestual, mímico ou situacional. Assim "ca" pode significar "Quero um carro", "Dê-me um urso" ou "Vejo um doce", etc. É o que Spitz (1963) chama de "palavra global" e o que Vigotsky (1994) descreve como:

"... um período em que as palavras designam um complexo total de referentes, incluindo não apenas o objeto nomeado mas também os sentimentos da criança em face do objeto."
(p.31)

Outra designação para isso, de cunho mais linguístico, é "linguagem holofrásica". Não se pode deixar de assinalar a coincidência com a expressão utilizada por Lacan (Seminário III) para descrever o

que ocorre quando o ponto de bastreamento da cadeia significante não opera sua função de encerramento da significação: a holófrase significante. Paralelamente ao emprego da linguagem holofrástica, desenvolve-se na criança os primeiros indícios de negação ¹²⁴.

O terceiro momento da aquisição da linguagem parece estar coordenado pelo acesso ao **shifter** de primeira pessoa. Bem antes de empregá-lo, a criança refere-se a si mesma pelo nome próprio ou por expressões ostensivas como "bebê", etc. Parece necessária a combinação entre a negação do outro (o bebê, por exemplo) e a concentração da holófrase num ponto preciso para que a criança possa dizer "eu".

Essas três peculiaridades da aquisição da linguagem, a captação da temporalidade do turno de fala, a utilização da linguagem holofrástica e o emprego do **shifter** de primeira pessoa podem ser analisadas tanto do ponto de vista da produção de enunciados quanto da estrutura da enunciação.

Desde este último ponto de vista a responsividade ao turno da fala revela que a captação da criança humana ao ciclo código-mensagem é anterior ao próprio reconhecimento da relação significante-significado nos signos envolvidos nessas mensagens. A criança é capaz de ajustar seu tom de voz, a velocidade de seu balbuciar e até sua intensidade, tendo em vista o seu interlocutor. O que se esboça aí é a chamada função dêixica da linguagem, isto é, o modo de linguagem onde o que determina o valor e a significação dos signos no seu contexto que é a frase são as suas condições de enunciação e não a consistência ou correspondência do enunciado. Por exemplo, compare-se os seguintes enunciados:

A	B
"O camelo é um animal alado."	"Eu estive aqui."
"Freud morreu em 1939."	"Fiado só amanhã."

¹²⁴ Freud (1891) no seu estudo sobre as afasias divide a aquisição da linguagem em dois momentos: (1) o pós falar, quando a "imagem sonora da palavra" associa-se a "representação motriz da fala" e (2) o falar sintático (**zusammenhängender Sprechen**), momento em que cada palavra já traz consigo uma conexão antecipada com a palavra anterior e com a ulterior. Este artigo mantém uma grande proximidade com a tese da multiestratificação da linguagem na medida em que Freud argumenta (contra Broca e Wernicke) e a favor da pluralidade de inscrições da representação-palavra (a imagem sonora, a imagem visual, a imagem motriz da fala e a imagem motriz da escrita) de modo que não se poderia associar diretamente

Os enunciados do tipo (A) surgem como independentes de quem os enuncia e sugerem que seu valor de verdade (sua correspondência com a realidade) pode ser aferido. No caso dos enunciados do tipo (B), que são dêixicos, as condições de enunciação são decisivas e o valor de verdade deve ser aferido não mais no eixo representação verdadeira x representação falsa, mas no eixo fala verdadeira x fala mentirosa ou certeza x incerteza. Na psicose é como se os enunciados de tipo (b) fossem tratados como enunciados de tipo (A), isso porque a enunciação, que ancora os enunciados dêixicos, não é realizada como uma enunciação mas apenas como um enunciado ¹²⁵.

Quando Lacan (1958a) afirma que a questão fundamental no tema das psicoses é o estatuto da certeza e não o da realidade podemos supor que se trata justamente de enfatizar a função dêixica da linguagem em detrimento de sua função apofântica ¹²⁶. Isso combina com um momento teórico, como vimos, em que Lacan acentua a fala em detrimento da língua e a dialética do sujeito em detrimento da estrutura do Outro.

Bertolucci e Albers (1974, p. 131) mostraram que a criança psicótica apresenta uma perturbação da função dêixica da linguagem maior que qualquer outra. Rosenbaum e Sonne (1986), liderando um grupo dinamarquês que procurou extrair consequências da teoria das psicoses proposta por Lacan, constatou que a estrutura da enunciação se encontrava rompida na esquizofrenia do adulto. Uma novidade que estes pesquisadores introduziram foi a valorização da função dos **shifters** temporais e espaciais. Em Lacan os **shifters** de primeira e segunda pessoa possuem nítida primazia em relação aos de espaço e tempo. Isto provavelmente se deve aos termos que teoricamente os formalizam, Sujeito-Outro, ego-outro. No entanto quando Lacan fala em Outro como "lugar" da linguagem, reaparece a dimensão espacial escamoteada da função shifteriana. A esquematização proposta por Rozenbaum e Sonne (opus cit. p.52) é a seguinte:

uma representação-palavra a uma localidade cerebral, um engrama por exemplo. Podemos contrapor à tese da localização espacial o argumento da estratificação temporal se quiséssemos estender esta intuição primitiva de Freud.

¹²⁵ Realizar uma significação significa implica em aplicar a um enunciado a suposição de que ele possa ser mentiroso (e não apenas falso). Nesta linha é possível entender a seguinte afirmação de Lacan (Seminário XXII): "A diferença é portanto manifesta entre acreditar no sintoma ou acreditar 'nele'. É o que faz a diferença entre a neurose e a psicose. Na psicose, as vozes, tudo está lá, eles acreditam." (p.24). Não se trata de uma *crença falsa*, mas da impossibilidade de suspender a crença, aplicando a suposição de enunciação sobre os enunciados.

¹²⁶ Desse ponto de vista poderíamos formar a imagem da relação do sujeito psicótico com a enunciação como a de alguém que recebe uma mensagem no interior de uma garrafa boiando no mar. Nela se encontra escrito algo como: "Encontre-me aqui, amanhã e traga um pouco daquilo. ". Isto é, uma mensagem que chega a um destinatário, porta um saber e um apelo mas que não são utilizáveis pelo sujeito do ponto de vista da função dêixica..

discurso	enunciação
1. Outro	
2. Sujeito	
3. Significante --- (falo) ----	1. ego 2. outro 3. tempo/ espaço

Para Fillmore (1971), em quem Rosenbaum e Sonne se apoiam, a estrutura da enunciação pode ser resumida a: "Eu / Tu / Aqui - Agora" (**I/You/Now/Here**). Tendo em vista os três aspectos que consideramos quanto a aquisição da linguagem na criança poderíamos supor que:

tu - agora : está presente na pré -linguagem;

tu - aqui/agora : presente na linguagem holofrásica;

eu - tu - aqui/agora : presente na linguagem.

Além disso podemos pensar que o Nome-do Pai é uma espécie de ancoragem fundamental da função dêixica, aquilo que articula a enunciação ao discurso. Pela hipótese de Rosenbaum e Sonne (opus cit.), este articulador é o falo. Os autores argumentam que na psicose a articulação entre discurso e enunciação não se realizaria porque o "espaço de fala" não se conectaria com o "espaço de realidade" em virtude de uma falha no "espaço lógico". O espaço de realidade seria organizado a partir do corpo do falante e nele vigoraria uma linguagem de ação, com forte dêixis gestual. No espaço de fala predomina o **shifter** de segunda pessoa e uma dêixis fraca (anafórica). Finalmente o espaço lógico funcionaria como uma espécie de tradutor entre uma esfera e outra:

"De um lado está a linguagem, do outro o corpo, mas para o paciente corpo e linguagem não estão conectados nem lógica nem sexualmente." (p. 103)

O psicótico veria-se assim obrigado a construir um novo espaço conversacional que lhe proveria uma realidade compensatória. Notamos no texto de Rosenbaum e Sonne (opus cit.) uma nítida aproximação entre o espaço da realidade e a constituição da imagem corporal. Tudo se passa como se as distorções na forma de representar a realidade fossem simétricas às distorções na forma de representar o corpo. Isso combina com a espacialização que impregna as teses de Lacan sobre o

imaginário e especialmente as relações entre (i -- a) e (m -- a'), que configuram o campo da realidade no esquema R. Portanto, para Rosenbaum e Sonne (opus cit.) as posições "eu", "outro" na estrutura da enunciação dependeriam da espacialidade cuja matriz é o corpo. A constituição do falo imaginário, na medida em que este é uma espécie de fissura possível na imagem, uma cesura no espaço, representado pelo desaparecimento ou perda de uma imagem corporal é uma condição necessária mas não suficiente para a instituição do sujeito como efeito do significante.

"... nós notamos que alguns analistas referem-se a ele como falo. O significante primário em relação a outros significantes é frequentemente caracterizado como fálico porque é preciso assumir que a aquisição da linguagem - que tem como base o significante original - toma lugar sob condições de conflito onde a criança pequena perde sua reflexão imediata com a mãe e inversamente, vê a si mesma como submetida ao pai." (p.99)

Nesses termos torna-se difícil acompanhar Rosenbaum e Sonne (opus cit) na tese de que o conector entre discurso e enunciação é o significante fálico. Em primeiro lugar, por motivos de rigor teórico: Rosenbaum e Sonne identificam o falo ao falo imaginário, esquecendo sua vertente simbólica. Em segundo lugar por motivos lógicos pois a associação entre a aquisição da linguagem e a presença do significante original desconhece que a criança já habita a linguagem desde sempre, sob a qual a fala propriamente dita se erigirá. Em terceiro lugar porque o aspecto espacial do falo e a espacialização da linguagem que ele implica não é condição necessária e suficiente para a realização da conexão entre discurso e enunciação.

Segundo pensamos, o conector entre discurso e enunciação não é o falo mas o Nome-do-Pai. A diferença imediata entre os dois conceitos é que o falo é a posição ocupada por um significante no discurso e na fala, enquanto o Nome-do-Pai é a condição que torna possível a inscrição da posição do significante fálico no campo do Outro ¹²⁷. Isto significa dizer que o conector entre discurso e enunciação, em psicanálise, não deve operar uma comutação perfeita, como na acepção linguística, mas uma comutação instável. Seu meio de realização não é nem o espaço de realidade nem o espaço conversacional mas a simultaneidade introduzida pela metáfora.

¹²⁷ Nos seus últimos escritos Lacan (1973a) transforma esta posição do significante numa função, função proposicional, numa acepção próxima da empregada por Frege.

Retomemos neste ponto o nosso diagrama da multiestratificação linguística do psiquismo de modo a especificar as formações intermediárias que devem representar objeto de interesse direto da clínica (a começar pela perspectiva diagnóstica):

(1) linguagem sígnica como sustentação da função materna primária

- instituição do falo imaginário (ego/esquema corporal)

(2) linguagem como primazia do significante

- metáfora induzida pelo Nome do Pai

- articulação entre demanda e desejo

(3) discurso gramaticalmente estruturado

- fantasma como articulador entre gozo, satisfação e prazer

(4) dialética da enunciação/enunciado

- sujeito

Considerando a idéia de que as formações intermediárias se encontrariam desarticuladas na psicose, podemos pensar que:

a) na psicose a agressividade, uma circunstância da função sígnica da linguagem, se orientaria metonimicamente pelo objeto enquanto investido de valor significante (pelo desejo do Outro) e não sígnico (icônico ou indicial) como no autismo.

b) na psicose na criança (ao contrário do autismo) o sujeito se manteria em contextos metafóricos (discursos) sem no entanto reuni-los à dialética da enunciação.

c) na psicose da criança é possível falar em sujeito do inconsciente, ao contrário do autismo. Seria, no entanto, um sujeito “instável”, cujas condições de aparição dependeriam da articulação circunstancial entre os estratos de linguagem considerados.

d) na psicose na criança predominam fenômenos elementares mais próximos do pólo representado pela palavra do que do pólo representado pela voz, que seriam por sua vez predominantes no autismo.

Chegamos assim a um desenvolvimento teórico que se traduz em hipóteses clínicas. Resta-nos agora mostrar que tipo de descrição clínica pode se ajustar a estas hipóteses.

12. Aspectos de Filosofia da Linguagem: Lacan e a Descrição

Um exame pleno das implicações do pensamento de Lacan para a filosofia da linguagem ultrapassaria em muito nossos objetivos neste momento. Limitaremos nosso problema ao tema da descrição e a duas perguntas cruciais:

1. Uma descrição psicanalítica deve reunir necessariamente significante, significado e referente?
2. O contexto da descrição psicanalítica implica a intenção de quem descreve?

Entendemos que a resposta a essas questões tem implicações diretas não apenas para a viabilidade de nosso plano de pesquisa, mas para a avaliação do estatuto das falas numa supervisão clínica, por exemplo, ou ainda num relato de caso. Seriam estas situações, casos onde vigora um discurso descritivo? Mas o que seria um discurso descritivo?

Consideremos a descrição a partir do seguinte quadro conceitual, extraído de Ogden e Richards (1966) e Eco (1987, p. 21):

- a) aquilo que se está a descrever (o referente);
- b) o meio ou forma em que se dá a descrição (a referência, o significante);
- c) a representação mental ou conceito descrito (o símbolo, ou o significado).

Um discurso descritivo pode ser definido como aquele que reúne os três aspectos acima considerados. Por isso, uma descrição pode ser julgada a partir de sua veracidade (a correspondência com o referente), a partir de sua consistência (a adequação da referência) e a partir da sua legitimidade (a presença ou ausência de significado).

A relação entre o referente e o significado costuma ser chamada de sentido (**Sinn, sense, sens**) e é objeto de estudo da filosofia da linguagem. A relação entre referência e significado costuma ser denominada de significação (**Bedeutung, meaning, signification**) e é, via de regra, objeto de estudo da linguística. Na semiótica e na semiologia, costuma-se encontrar os dois tipos de preocupação conjugados.

Nossa questão preliminar visa estabelecer de que forma a psicanálise pode se relacionar com os estudos sobre o sentido e com os estudos sobre a significação. Normalmente, o tema da descrição

costuma estar comprometido com uma confiança exagerada no acesso ao sentido; como se poderá notar pelas definições tradicionais de descrição¹²⁸.

Segundo Lalande (1990) a origem do termo descrição remonta a gramática de Port-Royal onde seu sentido corresponde a um dos tipos de definição de coisas; isto é, é uma definição menos exata que

"...dá algum conhecimento duma coisa através de seus acidentes que lhe são próprios e que determinam o bastante para dar uma idéia que a distingue das outras". (p.284)

Mora (1982) acrescenta que a descrição constitui uma "definição insuficiente". A descrição não era, para o positivismo,

"... nem a formulação de um juízo pelo qual se responde à pergunta acerca do ser de um sujeito, nem a indicação de seu fundamento ou origem lógico ou ontológico, nem a manifestação conceptual de um desenvolvimento mas a indicação pura e simples daquilo que aparece numa coisa." (p.96)

A descrição possuía assim as características do modo de conhecimento postulado para todas as ciências. A fenomenologia acentuou o conteúdo intencional da descrição valorizando o papel da consciência na sua produção.

Outro importante tratamento dado à idéia de descrição pode ser encontrado em Russel (**apud** Mora, 1982). Para ele, há uma distinção essencial entre descrições e nomes. Só as primeiras podem nos conduzir a critérios de verdade e falsidade e mesmo assim desde que sejam descrições definidas e não ambíguas. Por descrições definidas, Russel entende expressões que se iniciam por um artigo e obedecem às seguintes condições:

- a) deve haver pelo menos um tal;
- b) deve haver em suma um tal;
- c) o tal em questão deve ser tal e qual.

Um balanço das noções apresentadas à luz dos três aspectos da descrição não se mostram convergentes. Para Russel e o positivismo, o centro do problema envolve o referente. Para Husserl (**apud** Mora, 1982), podemos dizer que a ênfase é dada ao significado. Podemos compreender a teoria

¹²⁸ É curioso que em termos etimológicos a palavra contenha uma carga semântica dupla, que nos remete tanto a significação quanto ao sentido. Descrever do latim do séc. XIV (**Descriptio**) é tanto narrar, expor, contar quanto produzir um movimento, perfazer uma ação (Faria, 1967 p. 316). O aparecimento tardio do seu antônimo "indescriptível" (primeira aparição no francês em 1881) provavelmente se associa a valorização literária da desproporcionalidade entre a unidade de tempo da história com a unidade de tempo da escritura (Cunha, 1994 p. 252). Tecnicamente "se nenhuma unidade de tempo da história corresponde a uma unidade de tempo da escritura, fala-se em digressão, ou suspensão do tempo. A digressão

lacaniana da linguagem como uma ênfase no caráter autônomo da referência em relação ao referente e ao significado. Portanto, a perspectiva de Lacan coloca-se, de saída, como crítica da efetuação de descrições no sentido estrito do termo. Mas, se como vimos, o próprio conceito de descrição varia de acordo com a perspectiva filosófica assumida, vale a pena supor uma versão psicanalítica do problema, uma versão capaz de responder à necessidade clínica de produzir descrições. Examinemos primeiramente quais seriam os pressupostos gerais desta teoria da descrição.

A primeira hipótese nos remete à idéia de que as descrições psicanaliticamente orientadas teriam seu fundamento no sujeito. Haveria uma espécie de ponto de vista privilegiado que autorizaria e legitimaria a descrição. Vejamos então se o sujeito em questão suporta de fato tal encargo.

Nos deteremos nesta revisão para separar a noção de sujeito em Lacan da de sujeito epistêmico e da de sujeito psicológico. Essa distinção é necessária aos nossos propósitos, uma vez que é, tendo em vista esse sujeito, que se afirma a imanência de certas descrições a certos universos de discurso.

No caso do sujeito psicológico, associar a descrição ao fato dela ser produzida por uma subjetividade particular, com suas idiossincrasias e vicissitudes é um argumento frequente a favor do relativismo nas teorias psicológicas. É ele que, de certa forma, concede autoridade à descrição cujo referente é a situação clínica e a transferência que a organiza.

Nesses termos a valorização da subjetividade do pesquisador tornou-se tolerada no cenário contemporâneo da pesquisa psicológica. Poderíamos justificar o uso de descrições observacionais simplesmente em função do apelo à subjetividade deste pesquisador e seu pendor para descrições desta ou daquela maneira. O argumento contra este tipo de relativismo é clássico: se tudo é relativo à subjetividade do pesquisador, essa mesma subjetividade não é relativa a nada mas é absoluta. Se todo conhecimento é relativo, como afirmar que esta afirmação também não o seja? Recusamos, nesses termos, a imanência entre a descrição e o sujeito psicologicamente fundado.

No extremo oposto, encontramos as perspectivas que procuram justificar a imanência das descrições na soberania do sujeito universal, atemporal e transcendente do conhecimento. O melhor exemplo deste caso é o sujeito que se funda a si mesmo pelo ato cogitativo. O sujeito que, após a

pode ter o caráter de uma DESCRIÇÃO (de lugar, pessoa, etc.) ou de uma REFLEXÃO (filosófica, etc.) “. (Ducrot , 1972 p. 286)

crítica da subjetividade, do recenseamento e exclusão do que nela é diferente de si mesmo e fonte de relatividade (a memória, a imaginação, a percepção etc.), encontra sua identidade no pensamento e no ato de reconhecê-lo como tal.

A crítica de Lacan a Descartes (presente nos Seminários XI e XIV) separa duas instâncias unificadas pelo cogito, isto é, "penso" não se liga inequivocamente ao "existo" ou "sou". Para tanto, Lacan separa o plano da enunciação do plano do enunciado¹²⁹, separação que permite falar em sujeito do inconsciente. Ora, se há algo que fundamenta a descrição, não é certamente a enunciação, mas o enunciado. A descrição, estrito senso, se caracteriza pela exclusão da enunciação e pela primazia do enunciado. A descrição seria assim uma espécie de discurso universal sobre os objetos.

A garantia da conformidade dos enunciados é dada, no caso de Descartes, pela consistência de um Outro (Deus) que garante a certeza do cogito como evidência verdadeira. É importante notar que nas *Meditações Metafísicas* (1973, p.123-136) e de modo menos claro no *Discurso do Método* (1973, p.55) a demonstração da existência de Deus (e de sua infinita bondade) se faz necessária justamente para garantir a imunidade da primeira evidência à passagem do tempo¹³⁰. Em outras palavras, na hipótese da inexistência de Deus (ou de sua malignidade), a afirmação "Penso logo existo" dependeria de sua enunciação para se verificar verdadeira. É só pela presença de Deus que é possível substituir a temporalidade da enunciação pela atemporalidade do enunciado. Assim, se levamos em conta a tese de Lacan sobre a enunciação, as descrições fundadas no sujeito da psicanálise seriam não antecipáveis e nem completamente aderentes a uma fixação por escrito, por exemplo.

Por outro lado, não haveria nenhuma possibilidade de descrever este sujeito pelo fato dele ser uma hipótese para explicar, entre outras coisas, a insuficiência das descrições. Portanto, constatamos assim que o mentalismo psicológico dificilmente seria um fundamento seguro para a legitimidade das descrições.

¹²⁹ Conforme a seguinte passagem do Seminário XI: "Notem de passagem que eludindo o *eu penso*, eludo a discussão que resulta do fato de que esse *eu penso*, para nós não pode ser certamente destacado de que ele só pode fornecê-lo *dizendo-o* para nós. . ." (p.39).

¹³⁰ Segundo Descartes, antes desta demonstração a verdade do **cogito** dependeria do ato de enunciá-lo, de acordo com a seguinte passagem: "Esta proposição - eu sou, eu existo - é necessariamente verdadeira sempre que eu a enuncio ou que eu a concebo em meu espírito." (*Meditações*, 1973, p.102).

Rorty (1987) nos oferece um quadro suficientemente amplo para esclarecer outras possíveis premissas que deveríamos examinar se quisermos situar Lacan em relação às perspectivas de descrição. Segundo Rorty, encontraríamos, no cenário das filosofias da linguagem contemporâneas, dois grandes projetos: filosofia da linguagem impura, e pura. Para a primeira, trata-se de associar o problema da linguagem ao problema do conhecimento, pensado como coerente conexão entre as três dimensões da descrição. Nesta tradição, o papel da filosofia da linguagem é preservar as condições de um conhecimento lógico ou psicologicamente fundado (p.204); nos termos de nossas categorias: ou de purificar o significado (versão mentalista) ou de purificar o significante (versão logicista) de forma a manter e justificar a relação desse conjunto com o referente. A teoria de Frege ¹³¹ é um exemplo do primeiro caso, a de Russel do segundo .

A segunda perspectiva descrita por Rorty recebe o nome de filosofia da linguagem pura. Nela abandona-se a referência e as pretensões epistemológicas. As distinções que ela traz consigo são relativizadas ou extintas, a saber a oposição forma/conteúdo, significado/fato, empírico/transcendental ou explicação/compreensão. Ao invés disso, ganha força a idéia de que é o uso o que pode determinar as relações que o significante, o significado e o referente mantém entre si. O percurso do pensamento de Wittgenstein parece ser a rota padrão da filosofia da linguagem pura; isto é, passa-se de uma teoria que vê a linguagem como espelho (lógico) do mundo, como no **Tractatus** (1980, p.47) para uma teoria que vê a linguagem como um contexto em que as determinações são dadas pelo uso, como nas *Investigações Filosóficas* (1973, p. 33).

Kusch (1991) trabalhando no cenário alemão do problema chega a uma distinção parecida com a de Rorty. Refere-se a duas formas de compreender a linguagem: a linguagem como um cálculo e a linguagem como ambiente. Husserl, que aceita a ligação entre representação e referente (o objeto intencionado) situa-se no primeiro caso. Os textos heideggerianos posteriores a *Ser e Tempo* (1993) são um exemplo do segundo caso. Neles, recusa-se a própria idéia de fundamentação, raiz da perspectiva antagônica.

¹³¹ Para Frege (1978, p. 61) a linguagem é uma função pluri-unívoca onde são possíveis sinônimos absolutos dado que estes se referem ao mesmo referente: "A conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a

Resumidamente, podemos dizer que a perspectiva da linguagem como cálculo supõe uma semântica acessível por intermédio de uma metalinguagem. O resultado deste formalismo é a possibilidade de expressões semanticamente diferentes se referirem ao mesmo objeto (Kusch, **opus cit.** p. 131). No quadro da filosofia de Husserl, é possível supor um modelo para efetivar traduções entre diversos universos de discurso sem que haja resto. Seriam exemplos de traduções totais, por assim dizer. Com isso, as determinações da cultura, da tradição e das subjetividades singulares ficam relativizadas como universos de discurso comensuráveis. Nos últimos escritos, os limites impostos pelo kantismo são superados com a postulação de que é possível o acesso do eu a qualquer objeto, inclusive à coisa em si (**Ding an Sich**) segundo a expressão de Kant. Portanto, a metalinguagem além de possível, é sobretudo o modo legítimo de conhecimento. A verdade se dá em termos de correspondência, isto é, pelo preenchimento perceptual da significação intencional. O formalismo encontra assim sua ligação com a hipótese do acesso semântico.

Na versão em que a linguagem é considerada como meio universal, versão esta representada especialmente por Heidegger, as teses são praticamente inversas. A semântica é inacessível, não é possível separar-se do mundo para examinar os processos autônomos de produção da significação. A relação entre linguagem e mundo não pode ser quebrada de modo a tornar possível o conhecimento de sua ligação (Kusch, **opus cit.**, p.225). Há, portanto, um relativismo irreduzível, um ponto de incomensurabilidade entre os universos de discurso (p. 226) que implicaria a inexistência de sinônimos radicais. O tratamento do problema da linguagem requer abrir mão da exatidão da conexão entre referente, significante e significado. Postula-se, assim, como alternativa uma atitude poética que renuncia a ser apenas uma versão, ou a descrição de um mundo possível (p.226), mas que é capaz de se movimentar no que resta de comensurabilidade na linguagem. O relativismo linguístico é aceito mas não em termos psicológicos e sim ontológicos. A verdade é relativa aos diferentes projetos do ser-no-mundo (**Dasein**); no entanto, ela não pode ser toda dita, pois é uma verdade imanente ao tempo. Aceita-se assim o limite kantiano imposto às possibilidades do conhecimento, mas não pelos mesmos

uma referência (a um objeto) não deve pertencer um único sinal.”(p.63). O projeto da semântica biológica psiquiátrica do século XIX, bem como o biologismo anglo-saxônico inscrevem-se plenamente nesta concepção de linguagem.

motivos. Quanto ao formalismo, ele será tolerado desde que suas pretensões não esvaziem o ponto de vista semântico (p. 228).

Ora, definir a linguagem como uma rede de contextos, ou uma rede de usos ou como meio universal é absolutamente vago e improdutivo, se não formos capazes de falar algo acerca das determinações e variações que comandam esses contextos ou que permitem explicitá-los como contexto. Compreende-se assim que uma segunda geração de leitores da filosofia da linguagem pura tenha se voltado para a história (Gadamer, 1982), para a psicologia (a partir do refinamento da idéia de intenção como em Davidson, 1982 e Ricoeur, 1988), para a sociologia (Habermas, 1986), para a filosofia da consciência (Frank, 1990) e para a crítica literária (Maingueneau, 1990). Estes autores, de diferentes áreas das ciências humanas, atestam um movimento gradual de substituição temática e metodológica do problema do conhecimento para questões mais próximas da estética e da ética.

Vejamos, diante deste panorama, como situar o pensamento de Lacan. A adoção e revisão do modelo linguístico de Saussure promove, num primeiro momento, a extinção do problema do referente. Em Saussure (1975), este tema é remetido à filosofia ou à psicologia o que constitui um grande passo para a constituição da linguística como ciência autônoma¹³². A língua pode ser estudada sem qualquer referência ao mundo ou à realidade que supostamente ela representa. O objetivo da disciplina se limita a compreender e explicar as relações entre significante e significado - partes componentes do elemento mínimo da linguagem: o signo.

A leitura que Lacan faz das teses saussureanas é facilmente contestada, tendo em vista o critério do rigor conceitual, por estudiosos da linguística (Arrivé, 1994). No entanto, isso não a impediu de ser esclarecedora para os psicanalistas. A exclusão do referente se prestava a localizar a dimensão do fazer psicanalítico, qual o estatuto do inconsciente e ... finalmente qual seria a proveniência epistemológica da psicanálise.

Neste aspecto, Lacan se alinharia às filosofias da linguagem pura, plenamente desligado de qualquer compromisso ontológico. A existência de traduções sem resto, o acesso do eu ao objeto, a

¹³² Os herdeiros de Saussure parecem ter tratado esta recusa do referente de duas maneiras: pelo formalismo rigoroso e dedutivista sustentado por uma vasta reflexão epistemológica, como na glossemática de Hjelmslev, ou pela ênfase no aspecto empírico da linguagem, como na fonologia de Trubetzkoy. Em ambos os casos a produção metodológica do objeto

legitimidade da metalinguagem, bem como a concepção de verdade por correspondência são pontos franca e insistentemente recusados pelo pensamento de Lacan. Além disso, são temas que ocupam espaço considerável na sua crítica aos pressupostos teóricos de outras leituras freudianas. O acesso do eu aos objetos é questionado a partir da alienação e desconhecimento constitutivos desta relação. A comunicação e a compreensão, dois casos em que o eu acessa os objetos, são duramente criticados por Lacan. A legitimidade da metalinguagem é posta em questão a partir da noção de Outro como irreduzível ao código. A verdade é pensada em termos da sua "estrutura de ficção" ou explicitamente como **alethéia**. A tradução ponto a ponto do significado ao seu lugar na estrutura significante é descartada. Todos estes gestos teóricos apontam na direção das premissas da filosofia da linguagem pura.

Isto não demonstra, é claro, uma adesão de Lacan às filosofias da linguagem como ambiente universal. No entanto, a proximidade das teses e das críticas é sugestiva. De imediato nos fica que se procurarmos extrair do pensamento de Lacan uma teoria da descrição, ela teoricamente deve convergir no sentido da linguagem como meio universal. Vejamos inicialmente algumas implicações da recusa em considerar, pelo menos nos moldes tradicionais, a relação entre signo e referente.

Note-se que esta é uma saída para uma questão relevante no quadro do pensamento de Freud. Se perguntássemos ao texto de Freud afinal sobre o que falamos nos sintomas, transferências e lapsos, isto é, o que encontraríamos "por trás" dos encobrimentos e deformações depois de decifrados, receberíamos sucessivas e inconvincentes respostas. Encontraríamos como referente, em síntese, o trauma, a fantasia e o falo. Cada uma dessas respostas levou Freud a novas perguntas: qual a realidade do trauma? - aconteceu de fato, ou é uma ficção, um **próton pseudos** histórico? Mas qual a "realidade" desta ficção? - não corresponderia ela a uma reedição modificada de algo que aconteceu de *fato*, por exemplo na aurora da civilização ou em nosso passado filogenético? Mas o fato dessas fantasias nos remeterem sistematicamente à castração não nos levaria a perguntar: qual é a realidade do falo? - e reencontrar aí a realidade como corpo?

linguístico tem como preço o descarte da questão filosófica relativa ao referente e da questão psicológica relativa à referência. Ver para isso Fontaine (1978, p.115).

As pesquisas de Gabbi(1994, 1995), vem apontando estritas relações entre as teorizações originais de Freud e a concepção de linguagem nelas embutidas. Assim, a "linguística" freudiana presente no texto sobre as afasias (1891) e mesmo no Projeto (1895a) supõe um referencialismo que é motivo teórico dos impasses acima descritos. Como afirma Gabbi (1995):

"Esta noção (de simbolismo) - devido a certos preconceitos herdados de Mill, até onde foi possível estabelecê-los, assimilou toda a função linguística à função de nomear objetos. Portanto, a pesquisa metapsicológica voltou-se para a pesquisa de uma referência última que justificaria os desvios de sentido." (p.229)

Lacan toma assim a opção menos "freudiana"; nem o mentalismo nem o referencialismo. A questão chave se situará na forma da descrição e na sua subversão pela introdução do sujeito como efeito das articulações significantes em sua lógica própria. Esta opção estará repleta de consequências para a teorização do simbólico. Enquanto as questões do compromisso ontológico e da referência não fossem tratadas apropriadamente, pairava a suspeita acerca da existência, por exemplo, de símbolos elementares, que funcionariam ao modo dos enunciados protocolares realizando a ligação entre as palavras e o mundo. A psicanálise seria, em última instância, uma técnica de redução dos enunciados meramente substituídos e encobridores por enunciados reveladores e enquanto tais seguros quanto ao seu valor epistêmico. Ao descrever psicanaliticamente algo, estaríamos praticando um modo de descrição parecido com o do positivismo ou da fenomenologia. Isso porque o tipo de sujeito seria semelhante (pela colonização epistemógena da psicanálise) e porque a descrição viria reunir o que acontece na realidade (o referente), a correta maneira de percebê-lo e representá-lo (seu significado) e o bom modo de expressá-lo (a referência). É exatamente com essa estrutura que as teses de Lacan se incompatibilizam e por isso não parece haver espaço teórico para descrições clínicas no sentido estrito.

A recusa do referente no entanto é ardilosa. Lacan terá que explicar porque, apesar de inexistente, ele aparece suposto por tantos discursos. Em outras palavras, qual a origem do próprio referencialismo? Este problema está na raiz da noção de falta. A falta da referência e a falta do referente serão contada e considerada no entendimento da linguagem. Isto significa que a sua inexistência não implica apenas numa ilusão (a ser erradicada) mas é, em si mesma, estruturante. A falta do referente dará origem a uma interpretação radical da teoria das pulsões freudiana. Para Lacan

não há o objeto da sexualidade, nem momento genital, e numa última versão não há "a relação sexual". Para falar da ausência do referente, Lacan introduz o conceito de objeto **a**.

As acepções deste conceito são inúmeras e a sua construção na obra de Lacan é complexa. Em vários sentidos, como mostramos num trabalho anterior (Dunker, 1994), a tematização do objeto **a** absorve a recusa subreptícia do referencialismo contida na teoria do significante. Um dos indícios deste movimento é o vocabulário filosófico que envolve suas diversas formulações: seja como objeto **a** *causa* de desejo (Seminário VI), como objeto elevado à dignidade de *Coisa* (Seminário VII), como **agalma** platônica (Seminário VIII), como objeto **a** *mais-de-gozar*¹³³ (Seminário XVII) ou ainda como resto inassimilável (Seminário XX), a noção de objeto **a** traz sempre consigo a negatividade do Ser e, em função disso do referente.

Por outro lado, há também em Lacan uma recusa do mentalismo, que se mostra na crítica da noção de entendimento e comunicação. Com isso, queremos dizer que o significado, supostamente uma representação mental impregnada de intencionalidade, é considerado como um efeito das articulações autônomas do significante e não a sua causa. Haveria portanto uma ilusão irreduzível de que falamos o que nossas disposições anímicas nos incitam a falar quando, na verdade, somos falados pela própria linguagem. Somos falados pela tradição que nos antecedeu, pela mitologia familiar e, no limite pela cultura. No entanto, a forma como somos falados não estaria sujeita às modificações e determinações que encontramos nessas esferas.

Nisso em que somos falados (e não na forma como o somos), podemos detectar uma falta ao nível do significado e da intencionalidade. Como representante desta falta, Lacan postulará o falo imaginário, que é também organizador da significação cuja estrutura é dada pela alternância unidade/fragmentação, paixão/agressividade, eu/imagem do objeto. Certas propriedades como o transitivismo, a simetria, a alienação e a consistência serão aproximadas deste modo de gerir a significação.

Finalmente, o próprio nível do significante se estruturará a partir da falta. Trata-se aqui de um modo de gerir a significação onde o próprio aspecto significante da linguagem se mostra portador desta

¹³³ Ao que tudo indica uma alusão a idéia de *mais-valia* em Marx.

falta. Este é o nível em que a forma em que somos falados pode ser descrita nos termos estruturais. Decorre daí uma teoria do sujeito e do desejo bem como o conceito de Outro. É porque ao Outro, enquanto alteridade radical na linguagem em relação ao seu habitante, falta, que se mostra possível falar em sujeito do inconsciente. O falo simbólico, a lei e o Nome do Pai são figuras teóricas cuja função é representar esta falta ¹³⁴.

Exemplifiquemos a presença dessas três dimensões da linguagem numa definição inicial que Lacan dá acerca do inconsciente:

"O inconsciente é este capítulo de minha história que está marcado por um branco ou ocupado por um embuste: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada, ao menos já está escrita em outra parte." (1953a, p.248)

Esta verdade se encontraria nos monumentos do corpo, nos documentos da recordação, na evolução semântica do vocabulário, na tradição mitificadora e nos rastros em que esta história se faz (p.248). O que Lacan chama de "embuste" só o é se sua função for a do falo imaginário, a de unificar, totalizar e antecipar o significado da história, representando a falta ao nível do significado. Se este é um "capítulo censurado", é porque seria próprio ao uso da linguagem a possibilidade da negação, seja sob forma de recalque, de renegação ou de forclusão. O "capítulo censurado" é o capítulo que não pode ser antecipado e que quando reconhecido como censurado projetará um novo conjunto de antecipações possíveis. Finalmente, a idéia de que "a verdade já está escrita em outra parte" pode ser interpretada como alusão à falta ao nível do referente. Essa interpretação não é condizente com o momento de elaboração teórica da época desta definição. Se a propomos é para conter a tentação, sugerida na frase, de pensar numa espécie de escritura original que fixaria o tempo, fazendo do passado um conjunto de acontecimentos e de sentidos a serem descobertos como se já estivessem lá e fossem independentes do sujeito que os enuncia e recria.

A partir disso, podemos dizer que serão descrições viáveis para a psicanálise aquelas que forem passíveis de historicização, no sentido acima examinado, isto é, capazes de conter em si a antecipação imaginária (futuro), a repetição do real (passado) e o não antecipável do simbólico (presente) - em outras palavras: descrições que combinam a possibilidade de leitura prospectiva com a leitura

¹³⁴ Pelo mesmo motivo o conceito de Outro em Lacan não corresponde ao de código, pois seria um código onde falta um elemento. Por exemplo no texto da 'Subversão do Sujeito. . .' (1960a) "...este elemento é grafado S/ (A) - significante da

retrospectiva do desejo e que contivessem em si o “arbitrário da nomeação”. Trataria-se então de uma descrição que não se pretendesse eternizar num vocabulário purificado nem que se perdesse na efemeridade da fala. Mas que descrição escaparia a isso? Que descrição seria imune à contingência que ela traz consigo e ao seu contexto de acolhimento? Poderíamos falar em dois tipos de descrições que se opõe às exigências em questão:

- a) as descrições que supõe o passado como gerador absoluto do futuro e que desconhecem o presente;
- b) as descrições que afirmam o império do presente e que desconhecem o passado e o futuro.

O primeiro caso pode ser exemplificado pelas descrições genéticas, que tem como orientador apenas aquilo que é antecipável ¹³⁵. O segundo caso é onde podemos localizar as descrições formalistas, de índole algébrica, geométrica ou linguística. Estas se orientam pela detecção daquilo que permanece o mesmo, necessariamente, em todos os universos possíveis. Esse lugar, negado no primeiro caso e expandido ao máximo no segundo, é o lugar do sujeito da ciência: o presente. O que permite dizer que tais descrições resistem à historicização é a possibilidade, que ambas sustentam, de que há uma descrição que seria *apesar* de quem descreve. As descrições genéticas como as que encontramos na psicanálise biologizante são apesar de quem descreve porque o mundo possuiria esta qualidade de independência, garantindo a identidade aferida pelos **sense data**. No caso da descrição formal, esta garantia de independência é dada pela confiança numa racionalidade interna, purificada e, só nessas condições, idêntica a si mesma.

O problema das descrições formais é que dificilmente se as poderia considerar a não ser como metalinguagem. Seu uso nos facilita a purificação do universo conceitual da teoria, diminuindo as ambiguidades e facilitando sua transmissão. Tudo se passa como se os conceitos reduzissem a diversidade empírica e a formalização reduzisse a diversidade conceitual. Estaríamos assim diante de uma densidade crescente das descrições. O problema é que, ao supor uma diferença qualitativa e não apenas quantitativa entre os modos de descrição, é preciso situar o ponto em que essas linguagens qualitativamente diferentes se articulariam. O resultado é uma hierarquia de linguagens, onde nos

falta no Outro” (p.798).

¹³⁵ A valorização de uma abordagem prospectiva, tal como pudemos notar nas teses de Bowlby (1984, capítulo 3) é um exemplo da presença subterrânea desta espécie de temporalidade na perspectiva biológica.

aproximaríamos sucessivamente do modo ideal de representação. Quanto menos representarmos, melhor é a qualidade da representação; até que representaremos perfeitamente nada.

Se entendemos por metalinguagem a possibilidade de traduzir a forma ou conteúdo de uma linguagem (leia-se descrição) em outra linguagem, ou mais simplesmente, traduzir sem equívoco, será necessário fixar um ponto em que o nível conceitual se ligue ao nível lógico ou em que o nível intuitivo se ligue ao nível conceitual. Ora, fazê-lo é certamente possível, mas contraria diretamente o que detectamos anteriormente como a recusa do referencialismo e do referente.

Em outras palavras, seria necessário explicitar o ponto em que a metalinguagem efetua a ligação entre o que Arrivé (1994, p. 115) chama de metadiscurso e metalíngua. Metadiscurso é o que se observa quando a fala aparece referida a sua dupla vertente de enunciado e enunciação, mostrado quanto a este aspecto algum descentramento. O paradoxo do mentiroso, a denegação, a citação e a alusão são exemplos de metadiscurso. Por metalíngua, entende-se um sistema formal de signos, suas regras de combinação, seus princípios lógicos ou linguísticos de simbolização cuja validade independe do referente, de sua existência empírica ou transcendental. A linguagem objeto, imaginada por filósofos da linguagem como Russel e Frege é um exemplo de metalíngua. Finalmente a metalinguagem pode ser entendida como compreendendo tanto o metadiscurso quanto a metalíngua. A metalinguagem realizada significaria o encontro do ponto de conexão, de proporcionalidade ou de comensurabilidade entre metadiscurso e metalíngua.

Dentro desta breve caracterização podemos interpretar a afirmação de Lacan de que “não há metalinguagem” (1965¹³⁶) como uma alusão ao aspecto problemático do ponto em que o metadiscurso intercepta a metalíngua. Este ponto aparece na própria frase “*não há metalinguagem*” que é ao mesmo tempo uma denegação (metadiscurso) e uma referência à linguagem como objeto de si mesma (metalíngua). Isso converge com a tese defendida no capítulo 4 de que o fulcro da relação entre clínica e teoria na psicanálise resolve-se na própria condição paradoxal em que está posto o pesquisador como

¹³⁶ A passagem completa é a seguinte: “Quer dizer sensivelmente que tudo o que há que dizer da verdade, da única, a saber que *não há metalinguagem* (afirmação feita para situar a todo positivismo-lógico), que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, posto que a verdade se funda no fato de que se fala, e posto que não há outro meio de fazê-lo.” (1965, p. 846).

analisante, que deve acrescentar aos enunciados teóricos e às descrições clínicas sua própria enunciação.

Ora, o que tanto o biologismo ostensivo quanto o formalismo metalinguístico afirmam é a possibilidade de uma “descrição nela mesma”, uma descrição capaz de escapar da contingência de sua enunciação uma vez que se realiza numa língua sem contingências (a língua artificial) ou porque se realiza na própria língua dos acontecimentos (a descrição objetiva). À luz das premissas que examinamos até aqui fica muito difícil aceitar a idéia de uma “descrição em si mesma” pois uma descrição seria tão tributária do contexto que a gerou (a transferência) que retirá-la do contexto é transformá-la em outra descrição. Como nunca se poderá descrever exhaustivamente a totalidade de um contexto, não há como falar numa “descrição em si mesma”. Uma descrição, como todo ato de linguagem, à luz da psicanálise é algo não idêntico a si mesmo ao longo do tempo.

No entanto, seria impossível teorizar a psicanálise sem fazer referência a alguma forma de descrição, mesmo que clínica. A solução deste problema nos envia assim ao afastamento em relação ao formalismo e ao biologismo ostensivo.

A interpretação que Zizek (1991, p. 211) nos oferece acerca do problema da descrição em Lacan nos ajuda quanto a este ponto. Trabalhando sobre as implicações da psicanálise em relação ao tema da ideologia, Zizek afirma:

"Longe de superar a oposição entre descritivismo e antidescritivismo por uma espécie de 'síntese' quase 'dialética' ela (a teoria de Lacan) demonstra como as duas posturas passam ao largo de um mesmo ponto: a contingência radical da nomeação. A prova disso é que ambas são forçadas a produzir um mito para defender sua solução: o mito da tribo primitiva em Searle e o mito do 'observador onisciente da história' em Donnellan." (p. 214)

A descrição nos termos de Searle e Donnellan se aproxima do que chamamos respectivamente de descrições biologista e descrições formalistas. A "contingência radical da nomeação" implica que ela é não antecipável ou não determinada **a priori**. É por isso que, apesar de estruturado como uma linguagem, o inconsciente não admite ser calculado e que a teoria da interpretação estará sempre às voltas com um irreduzível risco, já que não poderá calcular de antemão todos os seus efeitos.

O principal argumento, extra analítico, a favor da contingência radical da nomeação pode ser encontrado em Kripke (1992). Para Kripke, o feixe de descrições que compõe uma significação nunca

pode "cumprir" de maneira necessária o campo da sua referência. A descrição contém um poder instituinte cuja ligação com o objeto é arbitrária, o que não quer dizer aleatória. O esquema da tese kripkeana pode ser percebido no seguinte exemplo. Para muitas pessoas o nome "Freud" refere-se à descrição "O autor da Interpretação dos Sonhos". Suponhamos que fique estabelecido que não foi Freud quem escreveu "A Interpretação dos Sonhos" mas seu amigo (e para alguns analista) Fliess. Freud apenas se apropriou do trabalho de Fliess e depois fê-lo cair em descrédito, assumindo todas as honras. Neste caso, quando se fala em "Freud", qual seria a referência: Freud ou Fliess ?

Para os descritivistas quando falamos "Freud" estamos nos referindo a Fliess, pois é a ele que se liga a descrição: "O autor da Interpretação dos Sonhos". Para os antidescritivistas, continuamos a nos referir a Freud mesmo que a descrição não seja apropriada. Do ponto de vista psicanalítico, diríamos que a fala se refere à Freud e a Fliess e a toda a série associativa a eles ligada. Isto porque a referência fica representada pela falta e é como que produzida pelo desejo de nomear "O autor da Interpretação dos Sonhos". A referência da fala não é nem Freud nem Fliess mas o desejo que articula os dois termos.

O argumento kripkeano tem nitidamente por interlocutor aqueles que procuram investigar as condições de possibilidade da ligação entre o referente e seu significado; os teóricos do sentido portanto. Aos motivos apresentados por Kripke poderíamos acrescentar que na esfera da relação entre os nomes e as idéias também a conexão pretendida é problemática ¹³⁷.

É fundamental observar que se o argumento contra o descritivismo procede, ele provoca a seguinte questão metodológica: como postular que existam descrições que não sejam apropriadas ? E se não existirem descrições que não sejam apropriadas porque criticar as descrições biologizantes ou formalistas? Como é possível que uma descrição seja apropriada ou imprópria se a propriedade ou impropriedade de uma descrição estará sempre sob suspeita e dependerá dos significantes que posteriormente se agregarão a ela, transformando, produzindo e estabelecendo sua significação?

Em suma, como julgar descrições psicanalíticas? Afirmando que uma pode ser verdadeira e a outra falsa (se adotamos o descritivismo), ou que uma seria mais rica ou mais bela que outra (se

¹³⁷ Safouan (1987) reconhece esta dificuldade ao afirmar: "Eis sobre o que refletir a respeito do casamento de uma idéia e de um nome quando intervém este fator imprevisto, absolutamente ignorado na combinação filosófica: o tempo." (p.65)

adotamos o antidescritivismo estetizante) ou ainda procurando aquela que seria mais justa ou eficaz (se adotamos o antidescritivismo ético pragmático). A primeira posição é excessivamente referencialista, inclui na psicanálise pretensões científicas que ela é incapaz de sustentar. A segunda alternativa é demasiadamente contingencial e põe em risco a coletivização do saber psicanalítico. A terceira alternativa nos leva a uma espécie de tautologia contida na idéia de eficácia. Parece-nos que seria necessário desenvolver uma quarta posição para enfrentar o problema.

Segundo Žižek (p.216), a teoria de Lacan conteria o impossível a que chegamos pelo exame da tese descrecionista. De um lado, a figura do designador rígido, constituído pelo ato de nomeação ou batismo, que na teoria de Lacan se figura no [S1], o significante mestre, um significante privado de significado (assemântico), um significante "insensato" como diz Žižek. Além disso está presente aquilo que permaneceria o mesmo em todos os mundos possíveis, o que resiste à simbolização, o objeto **a**. Vimos que o S1 representa a falta da referência e o objeto **a** falta do referente. O que se obtém depois disso é que a linguagem permanecerá sempre, num certo sentido, paradoxal para o sujeito que fala.

Excluído o referente e a referência, pode-se argumentar que o fundamento da descrição seria dado pelo próprio ato de descrever, pela intencionalidade que o rege. Aprofundemo-nos nesta tese de que a descrição deve ser entendida pelo ato e não por qualquer atributo que a faça, de modo imanente, formal, biologizante, transferencial, psicanalítico ou qualquer outro adjetivo que procure fixar antecipadamente as formas de nomeação e garanti-la contra o tempo. Podemos comparar brevemente a posição de Lacan com a de Austin para verificar se é este o fundamento da sua eventual teoria da descrição. A comparação é necessária para situar o argumento de que haveriam descrições psicanaliticamente adequadas. Seriam aquelas em que o poder performativo da linguagem estivesse presente. Ficam de fora aquelas descrições de cunho apofântico, que tentam revelar ou representar de modo falso ou verdadeiro o mundo.

Austin (1991) distingue três funções para a linguagem: descrever estados de coisas, expressar motivos ou estados de coisas e fazer, realizar atos com a fala. Incluem-se nesta última categoria os chamados performativos. Estes não são nunca verdadeiros ou falsos mas felizes ou infelizes. Prometer, batizar, apostar são exemplos de verbos que, especialmente quando usados na primeira pessoa do

singular do presente do indicativo, realizam atos performativos. Os herdeiros de Austin, como Rice e Searle desenvolverão extensas pesquisas sobre as condições de performatividade ou de ilocução. Estas acabaram por levar este campo da filosofia da linguagem a enfrentar o problema da intencionalidade.

Ao contrário do que uma primeira impressão nos faz pensar, não há pleno acordo quanto à idéia de que dizer é fazer, nos autores em questão, Lacan e Austin. Diríamos que apesar de uma concordância geral (quanto à importância da performatividade da fala) há uma discordância específica quanto ao porque dizer é fazer. O performativo austiniano¹³⁸ seria um ato de fala capaz de reunir em si três condições:

- a) a intencionalidade do sujeito
- b) a realização efetiva do ato linguístico
- c) a ligação entre a intencionalidade e o acontecimento

Assim como no caso do contra exemplo de Kripke, pode-se demonstrar que a reunião destas três condições é impossível à luz das premissas da psicanálise.

Além disso colocam-se objeções quanto a idéia de intencionalidade. O campo da intencionalidade não recobre perfeitamente o campo dos seus efeitos. A tese psicanalítica acerca do desejo inconsciente é inconciliável com a unidade da intenção suposta pela teoria de Austin. Os problemas derivam aqui basicamente do mentalismo suposto na idéia de intencionalidade (ou nas crenças, desejos e motivos como quer a tradição pragmática). Nos termos da teoria de Lacan, o performativo puro deveria reunir integralmente o significante ao sujeito. A própria definição do significante como aquilo que representa um sujeito para outro significante (Seminário XX), torna impossível esta colusão exigida pelo performativo puro. Žižek (p.219, opus cit.) observa que o efeito de sinceridade e autenticidade que esta fala exigiria seria tamanho que ela deveria associar completamente a certeza (enquanto estado psicológico do sujeito) e a intencionalidade (como conjunto de crenças, desejos e motivações). Isso corresponderia a uma espécie de sujeito da vontade concêntrica e não diferente de si mesma, uma vontade unidimensional.

Isso é um obstáculo à teoria de Austin, um obstáculo que o oxfordiano tenderia a demonstrar contornável enquanto Lacan não cessaria de afirmar intransponível.

Ora, se nenhuma descrição realiza plenamente, nos termos de Lacan, quer a relação palavras-coisas, quer a relação sujeito-palavras isto implica que a justificação e legitimidade da descrição não se dará por critérios internos a ela mesma. Se os critérios não são internos torna-se incongruente falar em descrições biológicas, lógicas, etc. Na verdade, estaríamos nos referindo por intermédio desta tipologia, não à descrição nela mesma mas a seu contexto de acolhimento, o lugar em que esta descrição deve ser traduzida ou articulada. Mas nenhuma descrição pode conter em si as regras futuras de seu emprego, como mostrou Wittgenstein (1973) e num contexto mais amplo. Ricoeur (1986), que chega a conclusão semelhante:

"Nenhuma característica interna, independente do uso de uma frase, constitui um critério fidedigno de denotação. Por conseguinte, a dialética de sentido e referência não é de todo irrelacionada com a dialética anterior de evento e da significação ¹³⁹." (p. 32)

Portanto a regulação da tradução depende do uso posterior que acolhe ou repudia descrições sem poder explicitar completamente as regras de acolhimento ou repúdio, isto é, de pertinência.

Surge então o seguinte problema: como instalar-se junto às filosofias da linguagem puras, recusar o referencialismo, o mentalismo e o intencionalismo e mesmo assim preservar algo da noção de verdade? Como escapar ao relativismo que esta posição parece induzir?

Esta é uma questão que atravessa a teorização lacaniana desde o Seminário XVII até o Seminário XXII. Vale a pena assinalar que durante este período Lacan se dedicará muito mais a interpretação da teoria freudiana das pulsões do que ao tema do inconsciente. A presença do conceito de gozo como peça conceitual chave da teoria dos discursos e as fórmulas quânticas da sexuação ¹⁴⁰ são dois indícios dessa mudança de eixo temático. Outra característica deste período é o surgimento do conceito de letra em oposição ao de significante ¹⁴¹. Com ele Lacan parece retornar, num outro nível,

¹³⁸ Em momentos posteriores da obra de Autin o performativo é representado pela força do ato ilocucionário.

¹³⁹ A dupla dialética aqui indicada ocorre a) entre a fala como acontecimento e significação como identificação (face subjetiva) e predicação (face objetiva) (p.23) e b) entre a significação como sentido (face subjetiva) e referência (face objetiva) (32). O que Ricoeur partilha com a concepção de Lacan é a sobreposição problemática entre as esferas ou planos da linguagem, o que mantém ambos a uma certa distância, por exemplo de uma teoria da comunicação.

¹⁴⁰ Desenvolvidas especialmente durante o Seminário XX, as fórmulas da sexuação são a releitura lacaniana da vertente pulsional do problema freudiano da castração e da escolha de objeto. A partir de uma releitura dos quantificadores da lógica modal aristotélica, que versa sobre a contingência, necessidade, impossibilidade ou possibilidade de uma proposição, Lacan procura demonstrar a incomensurabilidade ou desproporcionalidade entre as posições masculina e feminina de acordo com a máxima de que "a relação sexual não existe".

¹⁴¹ Esquemáticamente esta oposição decorre a) do fato de que o significante é uma entidade puramente relacional, a letra sobrevive fora das relações b) o significante é pura diferença inqualificada, a letra preserva uma qualidade pelo seu referente material c) o significante é não idêntico a si mesmo, a letra é idêntica a si mesma d) o significante depende do seu lugar no

ao tema da referência e da verdade em psicanálise. Junto com isso a linguagem passa a ser apreendida menos em termos linguísticos e mais em termos lógicos. Por exemplo, no Seminário XVII afirma-se que:

“... - verdade não é uma palavra a ser manipulada fora da lógica proposicional, onde se lhe dá um valor reduzido à inscrição, ao manejo de um símbolo, que em geral é um V maiúsculo.” (p.52)

A firmeza dessa relação entre o plano da verdade e o da frase é tomada literalmente a Wittgenstein (p.55). Ora, para o Wittgenstein do **Tractatus Lógico-Philosophicus** (1980, p.34) a estrutura gramatical é equivalente a própria estrutura do mundo e os enunciados elementares seriam como os átomos, pictogramas do existente. Por tudo o que vimos até aqui Lacan não poderia acompanhar o filósofo austríaco neste ponto.

De fato, na sequência do texto em questão, Lacan aproxima o discurso de Wittgenstein ao discurso psicótico posto que é um discurso que recusa a verdade como efeito de linguagem (p.59) e que portanto exclui o inconsciente. Psicótico, posto nada querer saber do “recanto em que a verdade está em jogo”(p.60) e manter com esta uma atitude de estranhamento ou de descrença (**Unglauben**).

Apesar disso a idéia de que a verdade depende do nível da proposição não será abandonada. Ela está na proposição mas não na dimensão descritiva (pictográfica) da proposição mas no velamento constitutivo que o modo gramatical da proposição introduz na relação do sujeito com o gozo. O exemplo considerado é o “Uma criança é espancada” que captura o sujeito dividido pelo gozo em seu fantasma (p.62). Aquele que espanca e aquele que é espancado não se sobrepõe, seja qual for o modo em que a frase se enuncie, quando o sujeito se reconhece em um dos modos, o outro lhe escapa:

“Que o pai goze espancando-o, eis o que põe aqui o acento do sentido, como também o dessa verdade que está pela metade - pois além disso, aquele que se identifica com a outra metade, com o sujeito da criança, não era esta criança, salvo, como diz Freud, que se restitua o estádio intermediário - jamais, substancializado na lembrança, onde com efeito é ele.”(p.62)

Os principais atributos da verdade para Lacan estão contidos nessa afirmação, a saber:

- a) sua ligação com a proposição;
- b) sua figuração clínica no fantasma;

discurso, a letra é efeito de discurso e) o significante não pode ser destruído ou apagado, a letra sim. Ver para isso Milner (1996, p.104) e Darmon (1994, p.11).

c) sua parcialidade;

d) seu aspecto artificial (fictício), construído e alheio à lembrança.

Quais as consequências disso para uma teoria lacaniana da descrição ? A mais imediata implicação é de que a descrição clínica é na verdade uma construção clínica. Não uma construção qualquer mas uma construção que deve reter a estrutura da proposição sem ao mesmo tempo substantivar seu referente; uma construção que vise a verdade sabendo-a parcial. Nossa hipótese é de que estas quatro condições estão presentes num único elemento que pode ser assim ser uma condição geral das descrições clínicas: o tempo.

13. A Temporalidade como Condição de Tradução

Acompanhando a perspectiva assumida por comentadores como Zizek (1991), Forrester (1987) e Juranville (1987), notamos uma aproximação entre a teoria da linguagem em Lacan e a filosofia da linguagem pura. Com isso pudemos relativizar as condições de descrição. Nosso trabalho agora será o de explicitar as condições de tradução dessas descrições na presente pesquisa.

Laplanche (1994), analisando o problema da tradução de descrições psicológicas ao universo de discurso psicanalítico, enfatiza a falaciosa oposição entre o procedimento psicológico: sensível, objetivável e não inferencial e o procedimento psicanalítico: imaginativo, dedutível, decorrente de hipóteses heurísticas básicas (p.89). No entender de Laplanche, isso implica por um lado na redução do psicológico e por outro numa recaída no panpsicanalismo. Seu objetivo é tornar comensuráveis a criança psicológica e a criança psicanalítica. Se concordamos com o espírito da crítica de Laplanche não podemos dizer o mesmo quanto ao que a fundamenta. Em outras palavras, não há uma identidade ontológica entre a criança psicanalítica e a criança psicológica e justamente por isso as descrições são comensuráveis a partir da linguagem, e não como quer Laplanche porque haveria um elemento comum a ambas, qual seja o método observacional:

"Dizem-nos em geral: a criança psicológica é captada pela situação experimental, situação cujo artifício se conhece; a criança psicanalítica só é acessível em situação analítica, ainda que seja a situação de análise de criança. Mas, entre ambos, domínio comum ou **no man's land** há a observação que pode ser alternadamente orientada para os grandes aparelhos e montagens adaptativas, ou então para o nascimento do "psicanalítico" na relação espontânea." (p.92)

A condição da tradução não é portanto nem o sujeito nem a identidade do objeto observado, como vimos na seção anterior, e isso nos leva a recusar a observação como critério de tradução.

Poderíamos supor, em seguida, que a condição da tradução seria o conjunto de suposições¹⁴² ou premissas fundamentais organizadoras da teoria psicanalítica. No caso da teoria de Lacan este conjunto de suposições se concentra na idéia de estrutura. Estrutura da fala (o esquema L), estruturas clínicas, estrutura da transferência são apenas alguns exemplos de como questões clínicas se traduzem ao universo teórico. Analisar psicanaliticamente um conjunto discursivo seria realizar uma variante da análise estrutural?

Neste ponto poderíamos ser colhidos pelo seguinte contra argumento: como situar a noção de estrutura? Não seria ela uma herdeira dos "esquemas transcendentais" kantianos, uma espécie de intermediário epistêmico capaz de organizar, dividir e classificar os fatos do mundo ou as experiências do sujeito, conforme afirma Costa (1994) retomando a crítica feita por Quine, Davidson e Rorty? Se esta crítica se sustenta, nossa aproximação entre Lacan e as filosofias da linguagem pura fica comprometida. De certa forma, esta crítica explora uma fragilidade do estruturalismo já apontada por Eco (1980). Para Eco (p. 322) o estruturalismo haveria traído sua inspiração metodológica original e transformado a noção de estrutura numa entificação, num **Ur-código** (o código dos códigos ou código original), que não é mais uma suposição mas adquire existência real. Isso nos precipitaria numa metafísica das mais ardilosas porque revestida de tom científico. Sigamos mais de perto a crítica de Costa (1994) quanto a este ponto.

O conjunto das questões levantadas por Costa (p.34) tem em comum uma desconfiança quanto à tradução ou ligação entre o nível "invisível" da estrutura e os acontecimentos linguisticamente ou pragmaticamente considerados. Em outras palavras, como se passa da pura forma estrutural ao que é extra-estrutural? Notamos que esta dicotomia pode ser posta em termos de fixidez, transcendência de um lado e de mutabilidade e imanência do outro. Pergunta-se então:

- a) como passar do sentido dos atos de fala (conteúdo) à estrutura a-significante (forma)?
- b) como passar da semântica determinada pelos "usos em contexto" (conteúdo) para a sintaxe estrutural (forma)?
- c) como passar da totalidade (suposta pela visão sistêmica ou holista de linguagem) aos significantes simples, às partes?
- d) como passar do imaginário (fonte da significação dos atos de fala) ao simbólico (supostamente o campo autônomo onde gestam-se as significações)?

As questões são de extrema pertinência no quadro de nossa pesquisa onde perguntamos:

- a) como passar de um estrato de linguagem a outro? De que modo podemos combinar os diversos feixes de consideração da linguagem num estudo clínico?

¹⁴² Freud designava estas suposições conceituais primitivas de **Grundbegriffen** (conceitos básicos). Ver, acerca da peculiaridade semântica e da conotação epistêmica desta expressão, Assoun (1978, p. 130).

As objeções levantadas por Costa em relação a esta passagem mostra que ela é inútil senão inconsistente quanto às categorias de que parte (forma/conteúdo). Apoiado em Quine, constata-se que os juízos analíticos (formulados em linguagem natural) só são analíticos se pudermos contar com a relação de sinonímia, isto é, se existirem sinônimos confiáveis, ou se os sinônimos puderem ser equivalentes à igualdade (sinônimos absolutos). Como os sinônimos procedem de uma origem empírica (segundo Quine), uma vez que são aprendidos, os juízos analíticos se mostrariam assim originalmente sintéticos (p.31). O uso da distinção analítico (forma) e sintético (conteúdo) presta-se então apenas a uma tautologia inútil (as linguagens artificiais) ou então a uma categorização arbitrária.

O argumento é retomado de forma modificada com apoio em Davidson:

"Mas se é assim, como saber se o que vemos é um elemento de estrutura ou um elemento de conteúdo, exceto por uma estipulação preliminar do que é 'estrutural' ? E se reconhecemos a sinonímia, isto é, se sabemos sistematicamente reconhecer o que é um elemento de estrutura e o que não é, como podemos adquirir este tipo de conhecimento a não ser empiricamente? Eu tenho que ser treinado para reconhecer a identidade de um fato de estrutura e poder aplicar corretamente o termo. " (p.37)

É compreensível que a continuidade da argumentação tenha levado Costa (p.41) a discutir o problema da comunicação ou entendimento efetivo na linguagem. O que está em jogo é a impotência do raciocínio neo-estruturalista em explicitar seus critérios de tradução. Para justificar isto faz da fala e da coletivização da significação um "equivoco sistemático" (p.42) e do inconsciente "prova empírica e fundamento teórico" (p.42) para justificar a impossibilidade da comunicação.

A linha crítica de Costa se apoia portanto na inconsistência e inoperância da oposição entre forma e conteúdo ou entre analítico e sintético. Tais categorias procedem de uma nítida primazia conferida ao espaço e representariam uma espacialização da linguagem. São herdeiras de um platonismo que concebe a unidade geométrica das idéias como organizadora e unificadora da diversidade sensível. Em função disso, as idéias se mostram sobretudo eternas ou mesmo fora do tempo. Como afirma Gondar (1995):

“O que está em jogo numa estrutura é a lei de organização que define determinadas posições e o modo como se articulam. Essas posições são ocupadas por determinados elementos que podem variar no tempo; entretanto a lei que define as posições permanece a mesma. Neste sentido, qualquer estrutura deve ser entendida como atemporal, ainda que ela se atualize ou encarne-se em determinados elementos. ” (p.62)

Ora, mas e se pensarmos que a estrutura não é uma variante do platonismo calcada na primazia do espaço mas do tempo? Em outras palavras, e se a estrutura for pensada como um modo possível de distinguir e articular a temporalidade?

Isto representaria uma alteração substantiva em relação à metapsicologia freudiana. Vimos no capítulo 5 que a maioria dos modelos freudianos do aparelho psíquico são eminentemente espaciais ¹⁴³. Bastaria para marcarmos a origem de nossa hipótese valorizar a seguinte afirmação de Lacan, no Seminário XI:

“Onticamente então, o inconsciente é o evasivo mas conseguimos cercá-lo numa estrutura, uma *estrutura temporal*, da qual se pode dizer que jamais foi articulada, até agora, como tal.” (p.36)

Façamos um pequeno experimento teórico substituindo as categorias espaciais em que Costa delinea sua argumentação por categorias temporais. Concedamos hipoteticamente que o que Costa detecta do lado da "forma" possa ser substituído pelo termo "simultaneidade" (que representa as noções de sincronia, eixo paradigmático, seleção, etc., na linguística saussureana); além disso que a dimensão do "conteúdo" não queira dizer nada além de "sucessão" (que representa as noções de diacronia, eixo sintagmático, combinação, expressão, etc.). Observemos o resultado desta substituição nas questões levantadas:

- a) como passar dos sentidos dos atos de fala (dado pela sua sucessão ou pelo uso sucessivo em diferentes contextos) para a simultaneidade da estrutura?
- b) como passar da semântica (diacrônica, histórica, etc.) para a sintaxe (a simultaneidade que um mesmo grupo de jogos de fala está sujeito)?
- c) como passar da totalidade da linguagem (a simultaneidade absoluta) à singularidade dos significantes (ao aspecto não repetitivo de uma sucessão)?
- d) como passar do imaginário (da sucessão antecipada de significações) ao simbólico (da simultaneidade da significação e sua constituição retroativa)?

Ora, mas seria possível duvidar de que o tempo é ao "mesmo tempo" uma série de acontecimentos onde se pode falar em passado, presente e futuro e uma reunião de acontecimentos que se interligam não apenas no presente, mas no passado e no futuro também ? Perguntar então como

passar de uma para a outra dimensão, como se houvesse um abismo metafísico entre elas, é uma espécie de pseudo problema (como a tradição pragmatista costuma dizer). Seria o mesmo que perguntar se um jogo de futebol é melhor descrito como um campo de futebol + jogadores + regras + bola + o conjunto dos lances possíveis + ... n, *ou* um jogo de futebol é tudo isso acontecendo simultaneamente ? Qual das duas formas seria a mais adequada ou mais útil para descrevê-lo ? - um conjunto de fotografias ou um filme ? Uma locução pelo rádio ou uma holografia animada? Qual das duas formas é esteticamente mais atrativa? As duas, é claro, e não há ponto de vista privilegiado que possa sustentar o contrário. O que Costa faz é tornar duas descrições incomensuráveis, forçar uma escolha onde ela não é necessária.

Contudo a crítica de Costa permanece fundamental ao nos revelar o impasse por um lado da falácia formalista e por outro da primazia da espacialidade na compreensão da linguagem. Sua definição de sujeito (p.21) como uma rede de crenças, desejos e causas (ou motivos) que possui a propriedade de transformar-se a partir de redescrições (p.32) já capta a diferença entre a temporalidade subjetiva e a temporalidade dos objetos que não se transformam ao serem redescritos. Retomaremos esta distinção posteriormente para argumentar a favor da sua importância clínica.

Vejamos então se as condições de tradução que nossa pesquisa exige não podem se manifestar sob a forma de categorias ou conceitos que sejam de extração temporal. Como afirma Lacan (Seminário II):

"O poder de nomear os objetos estrutura a própria percepção. O **percepi** do homem só pode se manter numa zona de nomeação. (...) Não é a distinção espacial do objeto sempre pronta a se dissolver numa identificação ao sujeito que a palavra responde, mas sim à sua *dimensão temporal*." (p. 215)

Fica claro que se queremos pensar a relação entre o sujeito e a palavra (**parole**) não podemos deixar de incluir a sua essencial temporalidade.

O comentário de Juranville (1987) nos ajuda a compreender a crítica lacaniana do mentalismo e do referencialismo a partir da valorização da temporalidade. Observando que a questão da referência geralmente se associa à espacialidade do objeto, daí sua adesão histórica ao empirismo, Juranville escolhe apresentar a teoria de Lacan a partir de outro prisma: o tempo.

¹⁴³ Sobre a espacialização das instâncias psíquicas ver Monzani (1989, p.289).

O que o discurso positivista de inflexão psicanalítica teria de condenável, se seguimos a sistemática crítica de Lacan, é sobretudo sua capacidade de a partir de descrições transformar a subjetividade num ente puramente espacial, num estômago, num campo de batalha, numa máquina termodinâmica etc., para citar apenas as metáforas mais comuns. A entificação seria produzida pela deterioração da temporalidade que instituiu tais metáforas. Em outras palavras, pela incompreensão da “evasividade” do inconsciente e pela elevação da posição do teórico para além da de analisante. Em outras palavras, a filosofia, a ciência e mesmo a psicanálise positivista tem como projeto a totalização do saber em verdade e se ancora na unidade de um ente que escaparia ao tempo e permitiria assim ordenar a temporalidade do mundo.

"A unidade do ente seria dada como antecipável e fora do tempo (na idéia de ente divino tal como aparece em Aristóteles ou em Descartes), ou como produzida pelo advento do ser, como em Heidegger" (p.60)

O que nos faria crer na unidade do ente, (a partir da qual a oposição forma/conteúdo se coloca), se levarmos em conta a temporalidade, seria afinal a linguagem (p.66). É por meio dela que construímos os entes e não o contrário. Essa perspectiva permite que Juranville defina posteriormente o inconsciente como o não antecipável e as três dimensões da metapsicologia lacaniana: o Real, o Simbólico e o Imaginário, simplesmente como modalidades diversas de temporalidade:

"O real não é o desejável, é antes de mais nada o *tempo* durante o qual o desejável não surge." (p.78);

"A falta que se situa no imaginário prende-se à *antecipação*, feita pelo desejante, da plenitude cuja apropriação irá se realizar."(p.79);

"Vemos então que uma nova espécie de temporalidade se apresenta. (A simbólica). Não mais o advento puro do ser no real, nem a antecipação do imaginário, mas uma articulação cujas possibilidades, senão o acontecimento enquanto surge, são *não antecipáveis*." (p.81).

É em função disso que os conceitos-chaves para o entendimento do real fazem referência direta ao tempo: a repetição, a pulsão de morte e o que não cessa de não se escrever (Seminário XX). Do lado do simbólico, trata-se da conexão de duas dimensões temporais: a simultaneidade (sincronia) e a sucessão (diacronia). Finalmente é impossível apreender o imaginário sem recorrer a noções como a de antecipação, adiantamento ou espera. A antecipação da unidade corporal se mostra simétrica à

antecipação da unidade do signo, isto é, ao acomodamento do significante ao significado. Há assim um imaginário do corpo e um imaginário da palavra¹⁴⁴, que pode ser entendido agora como a duplicação da temporalidade dos objetos na linguagem.

Se reacomodamos a noção de estrutura valorizando sua dimensão temporal é porque pensamos captar tal dimensão nas descrições obtidas e traduzi-las assim numa forma de compreensão da psicose na criança. Se esta pode ser caracterizada por um modo particular de entrar na linguagem, diríamos que este modo particular pode ser apreendido pela temporalidade. Entrar na linguagem é entrar no tempo da linguagem. Tempo este que é próprio da subjetividade. Assim, o argumento de que o tempo é algo relativo ao espaço e todas as demais implicações que as teorias da física ou da filosofia poderiam ter para esta proposição não são aplicáveis à temporalidade de que estamos falando¹⁴⁵.

Tendo em vista esta premissa voltemos às descrições e a uma primeira tradução que realizaremos sobre elas. Trata-se de passar dos puros atos motores, a descrição de comportamentos, para a descrição de atos. As ações motoras são assim transformadas em eventos de fala. O tempo físico se altera em tempo da significação. Estamos supondo uma diferença que a própria língua parece pressentir, qual seja aquela entre ver e olhar, comportamento e ato, ouvir e escutar, falar e dizer, ação motora e gesto e tantas outras que capturam a dimensão de mensagem por trás do mundo em sua autonomia.

Geertz (1989) procurou sistematizar a diferença de que estamos falando. Como antropólogo, sua preocupação metodológica acabou por enviá-lo às teorias da linguagem. Geertz (p.12) enfrenta o problema da descrição recorrendo a categorias da filosofia de G. Ryle. Ryle (1973) propõe o seguinte problema: como distinguir uma piscadela de cumplicidade de uma piscadela causada por um tique nervoso? E como distinguir o tique nervoso de outro feito para imitá-lo? O movimento demonstra-se o mesmo supostamente. Podemos descrevê-lo, postula o oxfordiano, com uma descrição superficial: "contração rápida de uma pálpebra" ou com uma descrição densa; "ele está imitando o colega". A partir

¹⁴⁴ Nesse sentido, as teses de Lacan acerca do ego (**moi**) como unidade alienante se mostram próximas da idéia husserliana da consciência como um fluxo temporal de significações, isto é, como antecipadora dos objetos intencionados.

¹⁴⁵ Prigogine e Stengers (1992) mostraram que mesmo a temporalidade dos objetos físicos pode admitir propriedades inusitadas como a irreversibilidade se levarmos em conta certos sistemas termodinâmicos específicos (p.12). A transposição direta desta temporalidade ao campo da linguagem nos parece temerária. O mais provável é que a temporalidade da linguagem inclua a temporalidade do espaço (como é o caso dos objetos físicos) mas não se reduza a esta.

da distinção de Ryle, Geertz define a ação do antropólogo como: "um risco elaborado para uma descrição densa". Acentuamos na definição o termo "risco". Ele indica não apenas que a decisão de traduzir contém um elemento não integralmente redutível à racionalidade, mas que a escolha da descrição não pode conter todas as consequências de seu emprego. Geertz define as descrições como "ficções" ou como "experimentos de pensamento".

Descrever atos e descrever movimentos diferem essencialmente quanto a presença ou não de um sujeito suposto. Descrever atos não implica em saber o que se passa no mundo privado de um indivíduo mas em reconhecer quando a suposição da presença de um sujeito nesse ato é o próprio fundamento da descrição. Duas características são decisivas para que esta suposição aconteça: o reconhecimento no outro de uma temporalidade distinta da dos objetos e o reconhecimento de que o outro pode se apresentar de fato como outro e isto se dá quando ele, por exemplo é capaz de mentir, enganar, surpreender. Nestes casos ele se mostra não integralmente antecipável.

Um exemplo de como as descrições densas atravessam as próprias descrições psiquiátricas, normalmente atentas e apresentadas apenas como descrições superficiais, é a chamada síndrome de Ganser. Segundo Campbell (1986), esta síndrome pode ser descrita da seguinte forma:

"A síndrome de Ganser também é conhecido como "síndrome dos absurdos"; observa-se com frequência em presos que assim esperam ser tratados com benevolência pelo tribunal em virtude de sua enfermidade. O paciente raramente faz alguma coisa certa. Quando se mostra a ele um relógio que marca 3:30, o paciente pode dizer que está marcando 5:00, quando se mostra uma luva, ele diz que é uma mão (...) seu comportamento é bizarro, com episódios de excitação e estupor." (p.562)

Em outras palavras, o paciente imita aquilo que talvez imagine ser típico do "louco". A descrição psiquiátrica evita o termo subjetivista "*mentira*" para definir a síndrome em questão. No entanto, o termo que indica uma fissura na "descrição superficial" é justamente um termo relativo ao tempo: "...presos que assim *esperam*...". Suponhamos um paciente advertido pelos manuais psiquiátricos e que disponha-se a desenvolver a síndrome de Ganser, como diagnosticá-lo? Se a descrição em jogo fosse puramente superficial ou objetiva esse diagnóstico seria impossível; movimentos, ao contrário dos atos, não mentem. Mas o que seria mentir se não romper a relação temporal entre o significante e o significado? Dizemos que se trata de uma relação temporal porque as palavras evidentemente não possuem apenas um significado. Ora, se é possível a transferência de

significado é porque o significado nada mais é que o tempo de sobrevivência de uma conjuntura significante. É o que Lacan chama de primazia do significante na determinação do significado. Quando dizemos, por exemplo: "A palavra 'obsoleta' tornou-se obsoleta" o significado da primeira parte da frase ("A palavra 'obsoleta'...") se manteria estável, duraria no tempo, se isolássemos da segunda parte da frase ("...tornou-se obsoleta"). O que às vezes se chama de "mundo objetivo" nada mais é do que a estabilização da temporalidade de certos conjuntos significantes, de significações e de discursos. Investigar a natureza do tempo mostra-se assim diferente de investigar a temporalidade da linguagem.

A apreensão antropológica do problema é a que parece mais próxima de capturar a temporalidade de que estamos falando. Isto porque seu ponto de vista está menos interessado em pensar o tempo em si e por si e mais propenso a refletir sobre a incidência do tempo no ser falante. Leach (1953) propõe, neste sentido, que a noção de tempo seja considerada a partir de dois tipos de experiências diferentes e que seriam logicamente distintos: a repetição e a não repetição (p.193). Esses dois modos derivam antropológicamente de duas experiências básicas:

- a) que certos fenômenos da natureza se repetem;
- b) que as mudanças na vida são irreversíveis (p.193).

De um lado está o tempo cíclico, do outro o tempo como descontinuidade. As trocas rituais analisadas por Mauss (1988), o sistema de parentesco interligado, estudado por Lévi-Strauss (1969) se inscrevem na lógica da temporalidade cíclica. Os ritos de passagem, onde as diversas etapas da vida são simbolicamente transpostas, são um exemplo da temporalidade descontínua ¹⁴⁶.

A perspectiva de Leach (opus cit.) oferece, como modelo do ciclo, a natureza e, como modelo da irreversibilidade, a morte. Esses dois temas manteriam uma relação simbólica com a dupla inscrição do tempo sobre o homem. O mito do deus Cronos, bem como a análise platônica do tempo (contida no **Fédon**), estariam particularmente impregnados desse dualismo (p.200).

A análise de Leach (1956), num texto subsequente, afasta-se claramente das indagações sobre a natureza do tempo, mas detém-se no nível da "representação" do tempo. Nosso interesse não se dirige a essas formas de representação do tempo mas a tomar os indicativos de sua presença na

linguagem como orientadores para a descrição. Não nos interessa a forma como o sujeito fala do tempo mas como o tempo fala no sujeito e como ele o faz através da linguagem.

Heidegger, nas páginas finais de *Ser e Tempo* (1993) divide a questão do tempo na esfera ôntica e na esfera ontológica¹⁴⁷. Colocamo-nos na primeira destas perspectivas e por isso acreditamos que nosso fundamento metodológico está mais próximo da antropologia de Geertz do que, por exemplo, uma meditação sobre o tempo em si ou sobre a sua incidência enquanto sensação no sujeito¹⁴⁸.

Como exemplo desta última concepção podemos citar o artigo de Denis (1995) dedicado a relação entre a temporalidade e os modos de linguagem na psicanálise. O artigo pretende mostrar que a concepção psicanalítica do tempo ultrapassa a dicotomia entre tempo vivido e tempo transcendental. O auto-erotismo carregaria uma temporalidade simultânea, infinita e indefinida que estaria ligada às primeiras sensações de identidade (p.1100). Esse seria o modelo de uma temporalidade arcaica (**arcaic temporality**). Em casos como o autismo, os distúrbios psicossomáticos e a drogadicção, o acesso a esta temporalidade arcaica seria perdido¹⁴⁹. Junto com isso se daria um desligamento do sujeito (**deliaison subjectabe**) e a perda da sensação da vida.

Tempo e linguagem adviriam como modos de articulação desta sensação primária. A metaforização do ritmo no qual os objetos se propõe e se transformam para a criança seria o primeiro passo na entrada da criança na linguagem. A metáfora, como veículo da temporalidade arcaica, se opõe à linguagem sintática (**sintatic language**) como veículo da sucessão e linearidade temporal. A adesão que certos comportamentos narcísicos mostram a datas, horários e ao controle do tempo seria um exemplo de inflação da linguagem sintática (e do tempo linear) em detrimento da linguagem

¹⁴⁶ O tempo para os gregos era considerado essencialmente como um ciclo e poderia ser representado por um círculo, deste modo, sem início nem fim. A filosofia cristã, tematizando a noção de origem e fim dos tempos, valoriza a idéia do tempo como uma reta e é um exemplo de temporalidade descontínua.

¹⁴⁷ Dá-se a entender, em Heidegger (1993), a existência de dois modos do tempo, um originário e outro derivado: “Desta forma, é um modo originário da temporalização da própria temporalidade ekstática que deve tornar o projeto ekstático do ser em geral.”(p.252).

¹⁴⁸ A diferença entre descrições densas e descrições superficiais compreende, a nosso ver, a diferença entre comportamento e ato. Se pudermos no manter no campo das descrições densas, nossos relatos se tornam comensuráveis com a conceitografia psicanalítica relativa ao sujeito, caso contrário não.

¹⁴⁹ Concepção semelhante pode ser encontrada em Devito (1994) para quem a criança autista está situada numa atemporalidade, incapaz de traduzir os traços de lembrança em traços mnêmicos (a memória, nesse sentido é não desejanete). A perda do tempo originário é coligada, no artigo em questão, ao conjunto de reflexões relativas ao tema do originário em Freud (fantasias, cenas e recalque originário, por exemplo).

metafórica (da temporalidade arcaica) (p. 1113). Parodiando Proust, trataria-se na psicanálise de libertar-se do tempo ordinário para encontrar o tempo arcaico ¹⁵⁰

A tese de Denis (opus cit.) é, em suma, que o isomorfismo entre tempo e linguagem deriva de uma origem comum a ambos no estado de indiferenciação:

“A dificuldade de teorização sobre os temas da temporalidade e da linguagem tem relação com o fato de que ambos são ilusoriamente sentidos como constitutivos de nossa identidade. Antes dessa ilusão fundamental existe uma não organizada e traumática zona onde não há separação entre vida e morte, entre não representação e representação, entre tudo e nada.” (p.1114)

A superação da restrição kantiana quanto a conhecer o que viria antes do tempo e poderíamos acrescentar, antes da linguagem, não nos parece nem necessária nem útil para compreender os problemas clínicos levantados.

O interesse, por exemplo, da criança psicótica por modos de linguagem como a onomatopéia, os tons de voz que imitam os sentidos das palavras, por expressões figuradas, provérbios e aliterações (p.1145) é interpretado como a procura de algo que traga a vida. De fato, se todas estas circunstâncias da linguagem mostram um estreitamento entre o aspecto sonoro e o aspecto significativo, isso não implica que esta preferência se oriente no sentido da vida ou da morte. Seria o mesmo que dizer que a poesia, que em Aristóteles já era estreitamento da diferença entre sentido (**logos**) e som (**phoné**), se oriente necessariamente para a vida ou para morte. Talvez a criança psicótica se oriente para essas formações linguísticas simplesmente porque o que nós chamamos de psicose seja a instalação nesses modos da linguagem e do tempo. Talvez a criança psicótica mostre interesse por este modo de linguagem porque é neste modo de linguagem que ela habita e se subjetiva, talvez porque seja justamente esta forma de vida, enquanto forma de linguagem, o que nós chamemos de psicose.

Um problema da perspectiva assumida pelo artigo de Denis (opus cit.) é supor uma monoestratificação da linguagem; uma camada profunda - a linguagem tempo arcaica - e uma camada superficial - a linguagem tempo representacional. O esquema não aplica a si mesmo a idéia de onde parte, isto é, que o tempo é ao mesmo tempo simultaneidade e sucessão. O resultado é uma monoestratificação sucessiva da linguagem que impossibilita a inclusão do sujeito e obriga a

¹⁵⁰ Exemplos deste tempo arcaico seriam o tempo da música (o tempo em estado puro) e a desrealização temporal descrita por Freud no texto “O Estranho” (1919h).

hipotetizar uma “sensação da vida em si” sobre a qual deveríamos guardar silêncio posto que é “fora da linguagem”.

A concepção que apresentamos nos capítulos anteriores se opõe a do artigo em questão ao postular uma pluriestratificação da linguagem, isto é, ela se desenvolve em vários planos sem primazia de um sobre o outro. Concordamos com Denis (opus cit.) na tese de que as formas possíveis do tempo são as formas possíveis da linguagem. Acrescentamos a isto que também às formas impossíveis do tempo correspondem formas impossíveis de linguagem¹⁵¹. Essas formas impossíveis ou na verdade paradoxais são o que chamamos de intermediários de linguagem e que estamos colocando em primeiro plano em nossas investigações¹⁵².

Uma posição que parece bem mais próxima do que entendemos por temporalidade da linguagem é a que podemos depreender de Figueiredo (1994). Procurando algumas relações entre a psicanálise e o pensamento de Heidegger, Figueiredo (**opus cit.**) introduz o conceito de fala como acontecimento. Os atributos mencionados desta fala seriam seu caráter não antecipável, inesperado e portador de alteridade (p.153) atributos que detectamos em nossa leitura temporal da noção de inconsciente e simbólico em Lacan. A fala como acontecimento se opõe a fala representacional (narrativa ou historicizante), pelo fato de constituir em si mesma um evento e não uma fala *sobre* um evento. A fala como acontecimento carrega consigo uma temporalidade intrínseca (p.154) que aparece como quebra de sentido, angústia, enigma e se inscreveria no real (oposta aqui à realidade como morada da narrativa e da história).

O trauma, tema clínico escolhido para exemplificar o ponto em questão, seria nesses termos um “acontecimento inconcluso” que se eterniza atemporalizando a existência (p.164) e bloqueando a possibilidade de novos acontecimentos. O que se impõe clinicamente diante deste real é a tradução¹⁵³ capaz de restabelecer o trânsito, no sentido de quebra e restabelecimento de sentido, presente na fala como acontecimento e irrealizado no trauma.

¹⁵¹ Isso talvez explique porque se impõe a própria idéia de que exista algo, anterior e primitivo, fora do tempo e fora da linguagem.

¹⁵² Os atributos do inconsciente são claramente os indutores desta paradoxalidade, isto é, o fora do tempo, a ausência de contradição, de negação etc. Ver Freud, O Inconsciente (1915e).

¹⁵³ Figueiredo (1994) propõe a expressão “respostas metaforizantes” para distanciar-se da idéia de que haveria um “já algo a ser traduzido”. Mantemos a expressão tradução por motivos que se esclarecerão a seguir.

A convergência entre esta noção de temporalidade e a que vínhamos desenvolvendo é bastante grande. Ela se inscreve na perspectiva da linguagem como meio universal, reconhece o caráter interno do tempo a linguagem e encontra relações diretas com a clínica. Apesar dessa concordância quanto a aspectos gerais, não podemos acompanhar a tese específica de que a fala como acontecimento possa ser tratada como uma totalidade. Em outras palavras, parece-nos mais provável que a fala em questão seja o resultado da articulação e conjugação de processos relativamente independentes, como a própria psicose o parece mostrar. Escutar a fala como acontecimento se liga a continuidade da dialética da enunciação mas tal dialética depende do nível da linguagem como estrutura temporal e da linguagem como gramática da pulsão para se instituir ¹⁵⁴. Talvez seja na interligação desses estratos que possamos encontrar resposta ao enigma do que torna uma fala um acontecimento.

Visto que a condição de tradução clínica/teoria proposta é o tempo enquanto elemento indissociável da linguagem, podemos sugerir uma aproximação preliminar entre os modos do tempo e os modos da linguagem de acordo com o que examinamos até este momento:

- (1) linguagem sígnica → tempo espacializado
- (2) linguagem com primazia significante → simultaneidade/ sucessão
- (3) discurso gramaticalmente estruturado → tempo verbal e modos do verbo
- (4) dialética da enunciação/enunciado → momento de concluir (ato)
 - tempo para compreender (eternização)
 - instante não antecipável no Outro

¹⁵⁴ Clinicamente a posição de Figueiredo (**opus cit.**) parece implicar um “monismo interpretativo”, isto é, de que a um modo fundamental de fala (o modo acontecimental) deve corresponder um modo fundamental de escuta, e portanto um modo interpretativo. Pensamos, ao contrário, que o escutar deve dirigir-se ao nível de paradoxalidade proposto pelo discurso e este nem sempre se restringe a oposição entre fala como acontecimento e fala como representação.

14. Tempo e Espaço nas Descrições Psicanalíticas

Como forma de testar e avaliar a procedência das nossas condições de tradução, bem como de melhor exemplificá-las, tomaremos alguns exemplos de descrições clínicas procurando mostrar como nas próprias descrições tradicionais os indicativos temporais da linguagem ocupam um lugar importante.

a) S. Ferenczi:

À época da redação dos Três Ensaio (1905d) Freud solicitou a seus discípulos que realizassem observações sobre as crianças, especialmente sobre a sua sexualidade. Ferenczi envia-lhe então um material especialmente sugestivo. Na discussão das teses finais de Totem e Tabu (1912-1913), Freud faz concordar suas próprias conclusões acerca da castração e de sua incidência na neurose, com o caso apresentado por Ferenczi, "Um Pequeno Homem Galo" (1913).

O pequeno Arpad, cinco anos de idade é descrito como atravessando um desenvolvimento normal até que, durante uma viagem de férias, sua atenção passa a se concentrar num único contexto: o galinheiro. Ao amanhecer, corria para contemplar as aves da granja da família. Imitava seus cacarejos e posturas (p.61) ao ponto de sua mãe temer que ele perdesse a fala.

Suas conversas giram em torno de galináceos, seu brincar habitual passa a ser a modelagem de galos e a encenar a execução de tais aves. No entanto, manifestava medo diante de sua presença viva. Interrogado sobre a origem de tal medo responde que certa vez fora ao galinheiro urinar e lá um galo mordera seu pênis. Diz ainda que um curativo foi feito e que em seguida cortou-se o pescoço do galo.

Ferenczi indaga aos pais se no decorrer desses acontecimentos Arpad não fora ameaçado por manipular seus genitais, o que se confirma (p.62). Ao que tudo indica Ferenczi está às voltas com a reconstituição da sequência desencadeante da neurose infantil tal como fora descrita por Freud, isto é: ameaça de castração, angústia de castração e constatação da castração. Nesse ponto, solicita uma entrevista com o jovem Arpad que não se interessa em relatar o que se passava, Ferenczi conclui:

"A investigação psicanalítica direta não foi possível, e tive que limitar-me a pedir a esta senhora que se interessava pelo caso, como vizinha e conhecida da família, *observar* a criança durante horas, que anotasse para mim as falas e os comportamentos significativos do pequeno Arpad" (p.63)

Portanto a descrição que subsidia uma das mais célebres evidências clínicas do ponto teórico em questão foi obtida a partir de um sujeito que não era nem psicanalista, nem estava a par de suas premissas. Isto concorda com o que anteriormente concluímos em termos teóricos a partir do exame do problema de descrição e de sua eventual singularidade no caso da psicanálise. A mesma observação se mostraria pertinente se levássemos em conta o caso do pequeno Hans (1909b), onde a maior parte da descrição clínica é obtida junto ao pai da criança.

Alguns enunciados do relato produzido pela senhora em questão merecem, da parte de Ferenczi mais atenção, a saber, Arpad:

- a) tem um sonho agitado, sonha muito (com galináceos naturalmente);
- b) tem um prazer em fantasiar torturas cruéis com tais aves;
- c) beija e acaricia o animal (ou sua figuração);
- d) alimenta carinhosamente o animal ou seu equivalente.

O problema teórico decorrente destes enunciados é: como entender a presença de sentimentos opostos dirigidos ao mesmo objeto ou representação? Ferenczi pensa tratar-se aí de uma manifestação da ambivalência:

"Interpretar-se-ia em seguida os desejos de deparar e de cegar o animal como símbolos de intenções castradoras e o conjunto de sintomas seria entendido como uma reação à angústia que inspira ao doente a idéia de sua própria castração" (p.65)

O conceito de ambivalência supõe uma simultaneidade de afetos¹⁵⁵ diante de uma mesma representação. As outras equivalências interpretativas, tais como: bicadas-castração, pai-galo, etc. só ganham sentido a partir disso que situa o conflito em sua fenomenologia, a simultaneidade de afetos concorrentes e contraditórios. No entanto, esta não é uma simultaneidade rigorosa de primeira ordem. Não é, de fato, *ao mesmo tempo* que Arpad manifesta os dois afetos; há uma alternância efetiva, ora ele beija o animal ora o tortura. A suposição tácita para que se chegue à idéia de ambivalência é a de que a mesma representação deve sempre se ligar a um mesmo afeto. A partir da desconfirmação evidente desta idéia, o que torna o ponto significativo para a psicanálise, chega-se na tese de que o galo não é o mesmo nos dois casos (pois se encontra ligado a séries associativas diferentes). Mas o galo é "o

¹⁵⁵ É este o uso mais frequente em Freud, segundo Laplanche (1981, p.49).

mesmo", por outro lado, caso contrário o próprio Arpad não poderia reconhecê-lo. Logo a representação "galo" *é e não é*¹⁵⁶ a mesma (daí a oscilação do afeto). A captação dessa simultaneidade paradoxal mostra-se assim o pivô da descrição e de sua tradução ao universo teórico.

O restante do conjunto descritivo aponta para um outro aspecto: a conformação do ego em Arpad à imagem de um galináceo. Nessa linha as melhores descrições são as que mostram a imitação (conceito que vimos nos remeter à uma descrição densa) e as que mostram esta identificação ao nível do imaginário da palavra:

"Agora eu sou um pinto. Quando for maior serei uma galinha. Quando for ainda maior me tornarei um galo como meu pai. E quando for muito grande serei um cocheiro." (p.66)

Podemos dizer que o que há de espacializante nesta fala nos remete justamente a identificação que sustenta o ego a partir do imaginário avícola. Mas o que há de temporal no modo verbal ("Quando eu for...") nos põe na trilha da identificação simbólica ao pai e daí a perspectiva desejante neste sujeito. Há um enunciado muito semelhante a este no caso do pequeno Hans¹⁵⁷ (1909b) . Neste, como em Arpad, a enunciação deste ponto precede a queda dos sintomas fóbicos. Em ambos é esta construção de linguagem o que parece responder à incidência da castração e à angústia dela proveniente.

Vê-se neste exemplo uma aplicação do modelo da pluriestratificação linguística do psiquismo e da separação entre o plano gramatical, o plano da metáfora, o do significante e o da espacialização da linguagem.

b) M. Klein:

Uma outra autora que dedica-se à teorização fundada em descrições clínicas é Melanie Klein. Num artigo especialmente concernente ao tema da observação do comportamento de bebês (publicado em 1952) ela nos fornece algumas indicações de sua posição metodológica. Klein (1969) postula como condição da tradução psicanalítica a captação de algo além ou aquém da linguagem:

"...existem muitos detalhes do desenvolvimento emocional primitivo que podem ser colhidos por outros meios que não a linguagem. (precisamos) ... também de completa simpatia por ele (o bebê), baseado no íntimo contato do nosso inconsciente e o dele." (p.256)

¹⁵⁶ Neste ponto "galo" exemplifica a propriedade significante de ser diferente de si próprio.

¹⁵⁷ O diálogo de Hans com seu pai é o seguinte: " - Pai: 'Como é que virão seus filhos ? Você já sabe que um homem não pode ter filhos'. Hans: - Eu sei. Antes eu era a mãe, *agora eu sou o pai (Vatti)*.'. Pai: 'E quem é a mãe das crianças ?'. Hans: Bom, a mamãe, e você é o avozinho (**Großvatti**)"(p. 80).

As implicações dessas condições (a empatia e os meios extra-linguísticos) colocam a perspectiva kleiniana numa posição difícil quanto a justificativa de seu procedimento. Seria necessário uma teoria da percepção ou da compreensão muito embaraçosa (à luz das premissas psicanalíticas) para que se pudesse justificar uma observação nesses termos. Isso porque se trataria de justificar teoricamente, logo linguisticamente, algo que de saída é postulado como extra-linguístico.

Mas, vejamos como apesar desse paradoxo se organizam efetivamente as descrições kleinianas. No artigo em questão, Klein toma como ponto de observação fundamental a relação do bebê com o alimento. Apoiada num estudo comparativo realizado por Balint (com mais de cem crianças), e por sua própria experiência clínica, Klein afirma que a relação inicial com o alimento varia gradativamente da ausência de afeição à enorme voracidade (p.258). Onde os impulsos libidinais são predominantes notaria-se que o objeto é simultaneamente apto ao brincar e à nutrição, bem como estaria ausente a afeição. De fato a ausência ou presença da afeição é o pivô descritivo de onde partem as conclusões teóricas e o cálculo das interpretações clínicas. Nos seis casos apresentados o aspecto da afeição é central.

No caso A, a introdução da mamadeira dá início a afeição e aos transtornos de humor (p.265). No caso B, a demora da mãe é correlativa do surgimento da afeição (p.266). No caso C, a demora materna precede a afeição, que é substituída pelo chupar de dedos. Quando se restabelece o seio materno como seio bom, interrompe-se a afeição (p.268). Nos casos D e F, o tema da afeição combina-se com a sua eventual significação destrutiva em relação a integralidade do seio (p. 278 e p.281). Uma síntese da interpretação que Klein dá a esse conjunto de observações é a seguinte:

"A capacidade inata do ego para tolerar a ansiedade pode depender de uma coesão maior ou menor do ego no nascimento, isso por sua vez, facilita uma atividade maior ou menor dos mecanismos esquizóides e, correspondentemente, uma capacidade maior ou menor de integração. Outros fatores presentes desde o começo da vida pós natal são a capacidade de amor, a força da afeição e as defesas contra a mesma. " (p.283)

O único ponto desta interpretação que efetivamente pode ser entendido como apoiado numa descrição densa é a afeição. Comprovada a importância clínica da afeição, vejamos como considerá-la à luz de nossas condições de tradução. Segundo Ferreira (1973), afeição é:

1. desejo ardente, imoderado, veemente de alguma coisa;

2. ansiedade, sofreguidão;
3. cobiça, ambição;
4. voracidade, sede.

Fica evidente que o conjunto semântico compreendido pela idéia de avidez não pode ser objeto de uma descrição ostensiva. Não se pode dizer que "desejo" é o conjunto de contrações faciais, um tipo de olhar ou uma combinação do movimento dos braços. Isso quer dizer que "avidéz" é um termo que exige para seu emprego uma suposição, seja de um instinto, de uma alma, de uma vontade; a rigor não importa a localização ou consistência ontológica do objeto dessa suposição, o que é decisivo é a existência da suposição. A partir dela se efetiva a captação de uma temporalidade: a pressa, urgência, iminência ou demora de um acontecimento. De modo inverso, afirmar que a capacidade inata de tolerância a ansiedade determina a ação de mecanismos esquizóides não precisa de qualquer referência ao tempo, pois é uma descrição eminentemente espacial.

A própria Klein passa, sem atribuir destaque, pela importância da repetição da experiência da perda e à sua apresentação temporal na linguagem:

"O uso do 'adeus' e do aceno, e mais tarde, dizer 'até breve', 'até a volta' ou palavras semelhantes quando a mãe sai do quarto, prova ser uma prática útil e reconfortante. Conheço algumas crianças cujas primeiras palavras foram 'breve' e 'volta'." (o bebê B, por exemplo) (p.278).

Bem se poderia dizer que o pano de fundo de toda teoria kleiniana, do desenvolvimento infantil, é a integração do que se faz em ciclos de repetição com o que nessa repetição é novo e irreversível.

c) D. W. Winnicott:

Outro pioneiro no exame metodológico de descrições de interesse psicanalítico foi Winnicott. Num artigo de 1941, "A Observação de Bebês numa Situação Estabelecida" (1988), podemos acompanhar o percurso que vai da descrição à teorização. Boa parte dos problemas que procuramos enfrentar estão presentes, de forma direta ou indireta, neste texto.

A situação observacional proposta corresponde a uma entrevista onde uma mãe traz o seu bebê que é mantido no colo de modo a perceber a presença de uma espátula brilhante sobre a mesa. As reações da criança a esta espátula são minuciosamente descritas por Winnicott que a partir de um certo

padrão esperado intui alterações psicopatológicas e sua natureza específica. O perfil produzido compreende o período de cinco a treze meses de idade. Período no qual a fala apenas eventualmente se esboça: "Antes dos treze meses, no entanto, nesta 'situação estabelecida', a ausência da fala na criança não constitui um obstáculo" (p.143).

Note-se que o recurso à observação deriva aqui de motivos semelhantes aos nossos que, apesar de trabalharmos com uma faixa etária diferente, nos deparamos com a diminuição ou inexistência da fala propriamente dita.

Winnicott descreveu três estádios da reação da criança à espátula:

Estágio 1: " O bebê estende a mão para a espátula mas nesse momento descobre inesperadamente que a situação merece ser considerada. Está num dilema. Ou, com a mão na espátula e o corpo imóvel, ele olha para mim e para a mãe de olhos bem abertos, observa e espera, ou, em alguns casos, retira completamente seu interesse e enterra a cabeça na blusa da mãe." (p.141).

Estágio 2: "O momento exato da passagem desta primeira fase para a segunda é evidente, pois a aceitação da realidade do seu desejo pela espátula é anunciada na criança por uma transformação da boca, que se torna flácida, enquanto a língua se mostra espessa e macia e a saliva flui copiosamente. Logo, ele põe a espátula na boca e mastiga-a com as gengivas, ou parece estar imitando o pai fumando cachimbo" (p.141) (...) "Bate com ela na mesa ou na tigela de metal que está em cima da mesa próxima fazendo tanto barulho quanto possível, ou então leva a espátula à minha boca e à de sua mãe, ficando muito satisfeito se fingimos ser alimentados por ela." (p.142).

Estágio 3: "No terceiro estágio, o bebê inicialmente deixa cair a espátula como por engano. Se ela lhe é restituída, fica contente, brinca de novo com ela e a deixa cair mais uma vez, desta feita, porém de modo menos fortuito. Recebendo-a de volta, deixa-a cair de propósito e diverte-se enormemente, livrando-se dela com agressividade."(p.142).

Em seguida Winnicott aborda um caso onde, durante a observação, ocorre um acontecimento terapêutico. Tratava-se de uma menina de doze meses acometida de convulsões e de perturbações alimentares e de humor. A sequência significativa pode ser resumida da seguinte forma:

1. "Ela faz uma tentativa furtiva de morder o nó de meus dedos".
- 2a. "Ela morde o nó de meus dedos três vezes, tão fortemente, que a pele ficou machucada".
- 2b. "Ela joga a espátula no chão chorando o tempo todo".

3. "Mordeu de novo fortemente o nó de meus dedos, desta feita sem demonstrar qualquer sentimento de culpa, e então passou ao jogo de morder e jogar fora espátulas (...) Tornou-se capaz de *ter prazer no jogo*." (p.144).

Depois desse acontecimento, a mãe relata que o bebê tornou-se uma "criança diferente". As convulsões desapareceram bem como os demais transtornos. Um ano depois esta condição se mantinha. O estágio 2, em que a criança morde a espátula ao mesmo tempo que reconhece seu desejo por ela parece ter sido ultrapassado com a ajuda de Winnicott (que se dispôs a ser mordido).

No segundo caso abordado trata-se de uma menina de sete anos acometida por ataques de asma. O mesmo sintoma afligira a mãe e a avó, sempre por ocasião da maternidade. A seguinte sequência é descrita:

- 1a. hesitação quanto a pegar a espátula;
- 1b. nova hesitação quanto a pegar a espátula;
- 2a. hesitação quanto a pô-la na boca;
- 2b. suga a espátula com *avidez*;
3. deixa a espátula cair e brinca com seu retorno (p.147).

"A asma ocorreu em ambas as ocasiões, durante o período em que a criança hesitou em pegar a espátula" (p.147). O reconhecimento deste instante pela mãe, presente na "situação estabelecida" é marcado por Winnicott. Duas semanas depois os ataques de asma desaparecem, não retornando até os vinte e um meses, idade em que Winnicott parou de acompanhar a criança. O comentário deste caso ressalta que a criança parecia em dificuldades para manter-se numa relação com o pai e ao mesmo tempo com a mãe. Essa dificuldade reaparecia quando estava diante de duas pessoas (Winnicott e a mãe) e propensa a brincar com a espátula.

A discussão teórica se dá pela incorporação teórica da descrição. Assim a hesitação implica em conflito psíquico (p.148) e este em ansiedade (p.149). A ansiedade manifestaria a presença do superego. Winnicott argumenta que a criança espera produzir uma mãe vingativa ou zangada em função do prazer que se permitiu ter. A partir daí passa-se da hesitação à presença de uma fantasia, correspondente a uma recordação, (p.150); e à importância das relações entre o exterior e o interior

para a mente da criança. A hesitação é comparada então a outras formações etiologicamente semelhantes, isto porque a descrição da fantasia inconsciente pode ser a mesma para diversos sintomas, por exemplo:

"Da mesma forma, considerando-se a hesitação do bebê na situação estabelecida, pode-se dizer que, mesmo se o comportamento do bebê é uma manifestação de medo, ainda há espaço para a descrição da mesma hesitação em termos de fantasia inconsciente" (p.153)

Vemos nesta afirmação a idéia de que as descrições clínicas são perfeita e imediatamente traduzíveis em descrições teóricas. A teoria, neste caso é uma metáfora que generaliza (mas não universaliza) o que é fornecido pela observação. Assim, a espátula representa quer o seio (p.155), quer o pênis (p.154), quer as pessoas como uma totalidade.

Tomemos agora o artigo de Winnicott sob outro ponto de vista. Nota-se que a descrição preliminar (os três estádios) se aproxima do que chamamos de descrições densas e não de descrições superficiais. Podemos constatá-lo pela presença de termos que não se referem nem ao contexto espacial da situação nem propriamente a movimentos físicos, a descrição está centrada em termos que indicam quer um sujeito quer sua temporalidade, por exemplo:

1. o bebê descobre *inesperadamente* (E.1);
2. o bebê observa e *espera* (E.1);
3. parece estar *imitando* o pai (E.2);
4. fica satisfeito se *fingimos* alimentá-lo (E.2);
5. deixa a espátula cair *por engano* (E.3);
6. deixa a espátula cair *de propósito* (E3).

Os termos assinalados são cruciais para a descrição e todos eles emanam de uma significação densa. Nenhum deles emana de algo que pode ser propriamente observado, nem descrito ostensivamente, pois todos decorrem de uma suposição constitutiva de "intencionalidade". Não se pode saber se algo é inesperado ou se alguém está esperando algo a não ser que se suponha um sujeito ou pelo menos uma rede de possibilidades contextuais e contra-contextuais. Da mesma forma não se pode saber se alguém está fingindo ou imitando ou ainda fazendo algo de propósito ou por engano pela

mera observação. O mesmo ato motor está aberto a uma pluralidade de significações e é justamente esta abertura que a descrição de Winnicott capta.

Além disso, a temporalidade da descrição combina com a temporalidade atestada pelos problemas clínicos. No primeiro caso, trata-se da simultaneidade entre o morder e o *desejo* pelo objeto. No segundo, de captar a *hesitação* diante da espátula e associá-la ao impulso brônquico. Em ambas as situações, nota-se a tomada do corpo, supostamente atrelado à temporalidade dos objetos, em uma temporalidade de significação. Winnicott parece dar pouca importância ao fato que ele mesmo nota; "o reconhecimento deste instante pela mãe". Ora, reconhecer um *instante* tanto quanto uma *hesitação* é essencialmente distinto de reconhecer um *movimento brônquico*. Reconhecer uma hesitação é reconhecer um sujeito; reconhecer um "movimento brônquico" é reconhecer um objeto. Seria muito difícil explicar a transformação do quadro clínico sem por em jogo este reconhecimento. Afinal não há nenhuma intervenção que possa ser comparável ao deixar-se morder do primeiro caso. Mesmo que o brincar contenha uma dimensão terapêutica seria improvável que ele pudesse explicar a queda do sintoma neste caso. Em outras palavras, a simples criação e manutenção de um **setting** não é suficiente e necessária para alterar a posição do sujeito. É preciso, além disso, a inclusão de um ato que transforme a temporalidade deste contexto.

Na parte teórica do artigo podemos separar duas perspectivas - de um lado a tentativa de traduzir os acontecimentos num código atemporal cuja matriz é o corpo (seio, pênis etc.); do outro a aguda colocação do problema em termos das relações entre sucessão e simultaneidade. Por exemplo:

"... ele inconscientemente teme coisas mais específicas que existem em outro lugar para ele. 'Algum lugar' significa ou dentro ou fora dele mesmo - geralmente tanto dentro como fora." (p.153)

Que algo possa estar sucessivamente dentro e fora do corpo é uma das mais cativantes possibilidades que se mostra na erotização do corpo e nas teorias sexuais infantis. No entanto esta reciprocidade e reversibilidade do objeto, no plano espacial é levada ao paradoxo quando se afirma que algo é "*tanto dentro como fora*". Se entendermos isso como uma sucessão: dentro/fora/dentro... a afirmação de Winnicott se torna repetitiva em relação ao dualismo inicial. Contudo, tendo em vista os desenvolvimentos posteriores da obra de Winnicott (O Brincar e a Realidade, 1975 - por exemplo), nos

parece lícito supor que a idéia proposta é a de que algo está *ao mesmo tempo*, dentro e fora. Como no exemplo do neto de Freud (1921) que ao jogar o carretel repetindo "**Vor-Da**", elabora a perda da mãe (representada pelo carretel) mas ao mesmo tempo incluía-se como sujeito e agente da repetição desta perda.

O próprio Winnicott nota a importância deste ponto, mas sem aparentemente extrair disso consequências teóricas, por exemplo:

"Parecem considerar o interesse simultâneo em dois objetos mais natural (...) se possui a capacidade de fazê-lo descobre-se a lidar com duas pessoas de uma só vez, a mãe e eu (...). Este passo no desenvolvimento da criança, através do qual ela se torna capaz de conduzir um relacionamento com duas pessoas que são importantes para ela, é, ao mesmo tempo muito importante e, até que seja transposto, a criança não conseguirá ocupar satisfatoriamente seu lugar na família ou em um grupo social." (p.157)

Portanto podemos concluir que o modo descritivo empregado por Winnicott é compatível com o que pretendemos conduzir em nossa pesquisa, no entanto, a forma de justificá-lo e as condições de tradução teórica são essencialmente distintas. Em outras palavras, quando Winnicott apoia a descrição na observação direta e constrói um perfil preditivo a partir disso a partir do qual as variações se tornam patognômicas, nem a observação é de fato direta (pois inclui uma escuta temporal) e nem o perfil é de fato preditivo nos termos em que se pretende (posto que se apoia em descrições densas).

e) R. Lefort:

Consideremos agora a descrição de um caso clínico apresentado no interior do Seminário de Lacan (Seminário I, p. 105-127). Trata-se do chamado "Menino Lobo", atendido por Rosine Lefort que pessoalmente descreve os acontecimentos dos dois primeiros anos de atendimento.

A situação inicial é relatada tendo como referência o desenvolvimento precário de Roberto a altura dos seus três anos e nove meses de idade. A nutrição e limpeza haviam sido negligenciadas pela mãe, aliás interna num hospital psiquiátrico. Sofrendo de anorexia, Roberto fora alimentado por uma sonda. Passara por inúmeras hospitalizações, sofrendo, numa delas uma adenoidectomia sem uso de anestésico. Apresentava grande descoordenação motora, hiperagitação, perturbações do sono, agitações convulsivas, agressividade (especialmente dirigida a outras crianças) e ausência de contato significativo com adultos (p.111). Proferia gritos dilacerantes em situações como despir-se, alimentar-se e usar o penico. A preensão mostrava-se incoerente:

"(...) jogava o braço para a frente a fim de pegar um objeto e, se não o atingisse, não podia retificar e devia começar o movimento desde o início" (...) Em certos momentos mostrava-se prostrado, olhando sem finalidade, como depressivo". (p.111).

Quanto a linguagem destacava-se a presença de gritos e risos discordantes; só proferia duas palavras: "Dona" e "Lobo".

Essa descrição preliminar se enquadra no perfil de uma anamnese psicológico-psiquiátrica. Apesar de relatar uma história, a história das internações e separações sofridas por Roberto, em nenhum momento a temporalidade associa-se a suposição de um sujeito. O conjunto aparece como uma sucessão infinitizável dos acontecimentos e seus atributos. Trata-se de descrever comportamentos e não atos. O sujeito desta narração é potencialmente universal e a tradução de seu discurso é, hipoteticamente, sem falhas, sem perda de sentido.

Lefort passa então à descrição e seus encontros com Roberto. Destaca de saída a alternância de certos movimentos que aparecem como enigmáticos. Roberto pulava no ar e caía agachando-se, abria e fechava a porta, acendia e apagava a luz. Não ousava se aproximar da mamadeira (p.112) e quando o fazia soprava antes nela. Era tomado de pânico quando se aproximava de uma bacia contendo água.

A abertura e fechamento de portas era intercalada por um grito: "O lobo !". Lefort interpreta tratar-se das sucessivas mudanças de lugar, presentes em sua história de vida. Vê-se aqui como a descrição inicial não é anódina, ela serve para significar, a partir de um relato não temporal uma situação temporal. A hipótese que comanda este movimento é teoricamente pertinente, isto é, de que os acontecimentos presentes ganham sentido a partir da história do sujeito. O que é problemático é que esta hipótese só se aplica se a suposição da história precedente do sujeito não se mostrar, em termos descritivos, heterogênea com a situação presente.

Na sequência, Roberto abre a porta e comporta-se como se houvessem crianças ao seu redor, oferecendo-lhes sua mamadeira. A sucessão - abre/fecha portas - é intercalada portanto, ou pelo grito "O Lobo !" ou por algo que muito provavelmente seria da ordem da alucinação.

A hipótese que orienta o entendimento do caso se refere, de modo geral, à construção progressiva de um corpo próprio e de um ego viável (p.117, p.119). As descrições que referendam isso podem ser resumidas em três grupos.

Um primeiro grupo de descrições indica que a constituição do ego ao nível do corpo é uma questão relativa à unificação de sua superfície. Roberto repete, três vezes, durante o tratamento, o que se pode chamar de um "batismo". Despejava leite (p.113) e água (p. 117 e p.118) sob seu corpo. Depois disso, as crises de pânico se interrompiam. Quando tentava-se tirar a roupa de Roberto, sucediam-se crises (p. 115). Neste caso, Lefort associa as crises e o pânico à experiência de fragmentação do corpo. A água, assim como as roupas conferem ao corpo uma superfície unificada.

Um segundo feixe de descrições aponta para o problema do ego mas agora lido a partir de um corpo capaz de exterioridade e interioridade, portanto a partir dos pontos de ruptura da sua superfície (boca, olhos, ânus, etc.), isto é, um corpo capaz de reter e expulsar. A ingestão de alimentos geravam situações evocadoras de pânico e agressividade. Assim ele :

"Só podia fazê-lo (as fezes) apertado contra mim, sentado sobre o penico, segurando com uma mão meu avental e, com a outra, a mamadeira ou o lápis. " (p.113)

De fato, ele era tomado pelo pânico toda vez que a relação conteúdo-continente estava em jogo. Lefort interpreta que todos os conteúdos estão unidos sob o sentimento de destruição permanente (p.115). Uma das descrições que subsidia isso é a relativa ao episódio onde Roberto reúne areia, água, urina, os restos de mamadeira e um pequeno bonequinho dentro do penico, como se tudo o que pudesse ser contido fosse um equivalente das fezes, logo da agressividade e da destruição.

Finalmente um terceiro conjunto de eventos testemunha a constituição do ego a partir da relação entre a palavra e a imagem, isto é, da espacialização da palavra. Ao deixar cair, certa vez, um punhado de areia, da "massa" acima descrita, Roberto é tomado pelo pânico:

"Foi preciso que pegasse o menor pedacinho de areia, como se fosse um pedaço dele mesmo, e berrava - 'O lobo !, O lobo !' Roberto se representava assim, ele era 'O lobo'". (p.114)

No plano das relações entre o ego e o objeto imaginário, a palavra interfere nomeando um complexo total de referentes que incluem não apenas o objeto mas os sentimentos e contextos ligados a ele. É como se o corpo do psicótico incluísse o meio ambiente que o cerca, o que fica mais nítido no autismo. A palavra não é, neste caso, função de significação mas de nomeação. Obteria-se assim um bom modelo para o que Lacan chama de "holófrase do significante". Se esta é uma possibilidade da psicose caberia mostrar que sua procedência não é um processo alheio a todo imaginário. Se é pelo

desgarramento da palavra deste complexo reversível entre o ego e o objeto que se obtém o esquema corporal, vale a pena supor que antes deste desgarramento a organização entre os signos é holofrásica, em outras palavras, para-gramatical.

No caso de Roberto, duas situações parecem ir nesta direção. Na primeira, depois de ser frustrado (Lefort não especifica como), ele dirige-se para uma janela e diante de seu reflexo exclama: "O lobo ! O lobo !".

Na segunda, ele deixa alimentar-se pela analista e diz, apalpando-se "Roberto". Depois tocando nela: "Não Roberto". Ao que Lefort comenta: "Tinha visivelmente adquirido a idéia da permanência de seu corpo." (p.115)

Para os três níveis do problema clínico proposto, a saber, a constituição do ego, encontramos necessidades descritivas diferentes. Para descrever a questão da superfície corporal uma descrição puramente espacial é suficiente. Quando o problema é a relação conteúdo e continente ou interioridade e exterioridade, a descrição precisa incorporar a idéia de sucessão de modo a figurar diferentes situações como a repetição de um mesmo suceder. Finalmente, quando a descrição deve captar a presença da palavra como intermediário organizador das imagens, o tipo de descrição incorpora a idéia de simultaneidade contida na de "permanência do corpo".

O entendimento teórico do caso infelizmente não replica os diferentes níveis descritivos. Em primeiro lugar supõe-se que as fantasias de Roberto haviam se tornado realidade (p.121), isto é, que as vicissitudes de sua vida familiar e institucional realizaram aquilo que, de certa forma, Roberto já temia: a destruição de seu corpo como punição por suas fantasias orais-sádicas (p.121). O que se ignora é que são as próprias vicissitudes de sua história que fornecem o imaginário para estas fantasias, elas não estavam já ali, prontas para colidirem com a realidade. O "batismo" é entendido assim como um "novo nascimento" (p.120), a corda que pende de seu umbigo até o balde é o cordão umbilical (p.120). Os fragmentos que passam por seu corpo adquirem significações precisas:

"O leite é o que se recebe. O cocô é o que se dá e o seu valor depende do leite que se recebeu. O xixi é agressivo" (p.115)

Essa redescritção da ação da criança, a partir do neo-código psicanalítico, supõe que certos eventos puramente espaciais (quanto a sua descrição) possam ser traduzidos ao universo teórico. Se

assim o fazemos, o que se obtém é uma espécie de mecânica, isto é, uma teoria do movimento (mesmo que metaforizada na idéia de "movimento psíquico"). A concepção de linguagem que se encontra suposta nesta teoria nos conduz ao referencialismo. Cada ponto do comportamento da criança pode ser remetido a um significado fantasístico que se liga a um significante expresso no quadro da teoria. Teorizar, neste sentido, é traduzir essa rede de ligações até seu referente, é ajustar palavras, conceitos e coisas. Essa concepção, como já discutimos, supõe uma imanência entre a descrição e o descrito, isto é, que entre o objeto e sua palavra exista uma ligação estável o suficiente para que se possa confiar na descrição e para que o objeto mantenha-se na sua significação.

Ora, o comentário de Lacan ao referido relato destaca exatamente o aspecto em que a palavra faz com que o objeto e sua suposta significação adstrita entrem numa espécie de desacordo:

"Vemos a criança se conduzir com a função mais ou menos nítida do continente e, somente no fim, poder suportá-lo vazio, como notou a Sra. Lefort. Poder suportar a sua vacuidade é identificá-lo como um objeto propriamente humano, quer dizer, um instrumento capaz de ser destacado de sua função." (p.125)

Toda a atividade lúdica da criança poderia ser sintetizada nisso, subverter a função (suposta) dos objetos, e isso deste o seio. A entrada na ordem humana se associa à representação da ausência do objeto (o significante como morte da coisa) e a perda da sua funcionalidade (o significante aberto a uma pluralidade de significações). Considerando o estatuto mítico do que envolve este acontecimento, na sua origem, poderíamos dizer que o que nele ocorre é a entrada na forma temporal da linguagem. Temporalidade que implica que a palavras e os objetos não possuam uma significação intrínseca mas estejam, num dado momento, numa significação.

A argumentação de Lacan (p.127) com relação ao diagnóstico enfatiza a dimensão psicótica dos fenômenos em questão. Cauteloso quanto às possibilidades efetivas de diagnóstico, Lacan fala num retardo do plano do eu enquanto função imaginária. A alteração do sono, da apreensão e da maturação sensório-motora são aproximados da esquizofrenia, sem no entanto revelar assertividade.

A fenomenologia que encontramos nas crianças de nossa pesquisa se aproxima muito de perto da que Lefort relata no caso Roberto. Passemos então a análise de alguns aspectos da linguagem e da temporalidade nas crianças em questão.

15. A Agressão como Metonímia

Sob diversos aspectos, a agressividade se encontra articulada à linguagem. Em primeiro lugar porque ela parece estar modulada pela presença de signos. Em segundo lugar, porque ela é um valor atribuível a um conjunto destes signos. Em terceiro, porque, segundo nossa hipótese, ela conteria uma temporalidade indissociável da linguagem e que pode ser pensada como uma temporalidade metonímica, portanto como algo que se passa na contiguidade entre signos.

A modulação sígnica da agressividade em animais foi demonstrada fartamente pelos estudos etológicos. A exposição do pescoço entre os lobos (Lorenz, 1986) e a catação de piolhos (**grooming**) entre os primatas superiores são apenas dois exemplos de signos que no interior de uma espécie são poderosos inibidores da agressão. Por outro lado, signos que rompem a ordem territorial, hierárquica ou acasalatória são, em geral, desencadeadores da agressão ¹⁵⁸.

No caso do ser humano, não apenas podemos encontrar signos funcionalmente semelhantes (o sorriso, a face, o tom de voz etc.) mas a própria agressividade é um valor que se atribui a um conjunto de signos. Isto é, no caso do ser humano, não é necessária e suficiente a presença de determinados signos para que se possa verificar uma agressão. É preciso além disso uma atribuição, isto é, um juízo que investe tais signos de intencionalidade ¹⁵⁹. Portanto toda agressão deriva de uma espécie de interpretação, tanto do lado de quem a sofre quanto de quem a exerce.

É por ser uma significação, e não um objeto ou uma tendência ligada a um sexo, povo, raça ou época transcendentemente, que a agressividade depende para se efetivar da suposição de que o outro é na verdade um outro sujeito. Daí a ligação não necessária da agressividade com os contextos acima assinalados. Neles, a assunção do outro como sujeito é provavelmente o maior inibidor da agressividade. Neste sentido, a redução do outro à condição de objeto, isto é, não um outro sujeito mas o mesmo ego duplicado, é claramente associada à agressividade. Essa reduplicação depende para se efetivar do tratamento espacial da imagem do outro tornada recíproca, simétrica e inversa à do ego,

¹⁵⁸ Quando a tensão de um desses contextos aumenta demasiadamente é comum, entre animais, o aparecimento de signos de outros contextos. Por exemplo, uma tensão hierárquica pode ser apaziguada, entre primatas, pelo aparecimento de um signo acasalatório como a exposição genital. Uma tensão do contexto acasalatório entre antílopes pode se resolver com um signo territorial, a pastagem (Ester, 1969) e assim por diante.

¹⁵⁹ Ver para isso Costa (1984, p.9-61) para uma distinção crítica entre agressividade e sua significação como violência.

propriedades, como vimos no capítulo 7, internas ao imaginário. É o que o atesta a tese V do texto de Lacan sobre a agressividade em psicanálise (1948):

“Semelhante noção de agressividade como uma das coordenadas intencionais do eu humano, e especialmente relativa a categoria de espaço, faz conceber seu papel na neurose moderna e no mal estar na civilização.” (p.112)

A agressividade liga-se portanto ao contexto de humanização e de simbolização do que Lacan (Seminário IV) chama de objeto imaginário. Há pelo menos uma forma de agressão no ser humano que leva em conta o que o outro representa através do plano significante e não apenas o que ele apresenta no plano do signo. Poderíamos, segundo este critério, distinguir dois modos de agressividade:

a) A agressão como restituição da estabilidade sgnica, no espaço de contiguidade entre a imagem do eu e do outro, ou de ruptura desta contiguidade. Enquanto o ego mantém-se substituível, recíproco e antecipante do objeto a agressividade mantém-se inibida. Quando isto se interrompe, a agressividade intervém para restabelecer a situação original.

b) A agressão como ataque ao que a vítima representa ou o que seu desejo indica e que é aparentemente mais letal do que a que se obtém quando os esquemas etológicos de inibição intervém.

Nos dois casos a agressividade precisa, para se realizar, de uma substituição. No primeiro caso, trata-se da substituição de um *signo* por outro, no segundo caso da substituição de um *significante* por outro. Lacan (Seminário XX) especifica a diferença entre um signo e um significante da seguinte forma: um signo é algo que representa alguma coisa para alguém, um significante é o que representa um sujeito para outro significante.

O objeto, enquanto conjunto sgnico, representa a totalidade unificada do ego, e só por isso ele preserva-se como objeto. A temporalidade antecipatória incide exatamente neste ponto. A agressividade estaria assim sempre ligada ao momento em que se sabe demasiadamente bem o que é o outro, quais são seus motivos e suas razões, enfim quando seu desejo é convertido em mesmidade. A agressividade antecipa um sentido que não é construído da mesma forma nos dois casos.

A substituição envolvida na agressão seria um caso de captura e redução do outro a um signo que o representa. E mais, implica a totalização do outro neste signo. Em função disso, vemos motivos para postular que a agressividade possui uma estrutura antecipatória e metonímica.

Isso pode ser entendido tanto do ponto de vista gramatical, onde a metonímia é tomar a parte pelo todo, o conteúdo pelo continente, etc. , quanto do ponto de vista da própria estrutura da metonímia tal como proposta por Lacan (1957), a saber:

$$f(S \dots S') S = S (-) s$$

Onde se afirma que a função metonímica (f) especifica-se por um deslizamento e por uma contiguidade entre um significante e outro (S... S'). O sinal (=), representa a congruência desse deslizamento com a manutenção da barra (-) que separa significante e significado, representando o recalçamento. Portanto a metonímia por excelência é a elipse, a manutenção do significado apesar da substituição significante. Por isso Lacan (p.495) afirma que não há transposição da barra que os separa.

Lacan associa a metonímia ao desejo porque o desejo também funciona por uma substituição de significantes que portam e deslocam a falta. No entanto se o desejo tem estrutura de metonímia nem toda função metonímica é uma função desejante. Basta que se suponha ao invés de uma falta (no caso do desejo, falta do significado) a presença deste significado para que a função metonímica se mostre não ligada ao desejo. É o que podemos supor para os códigos sem fissura sígnica onde transcorre boa parte da agressividade da criança psicótica.

Isso explicaria a presença dos contextos “equivocos”, de emergência retardada, que indicamos no capítulo 2 (p.16). A parte do outro não o representa mas vale como parte do ego. Funciona como um signo-imagem no campo do ego. Isso combina com um detalhe sugestivo acerca da forma da agressividade nestas crianças: é comum que o olhar dirija-se para a parte do corpo que executa ou sofre a agressão e não para a face do outro. Como se a agressão não fosse tomada de intencionalidade subjetiva, dependente portanto de uma interpretação, mas se desse como uma reação para restabelecer ou romper uma sucessão de signos-imagem.

Isso implica dizer que a antecipação do desejo do outro estaria ausente nesse modo de manifestação agressiva. De fato, a interação de crianças psicóticas mostra uma espécie de

incoordenação da antecipação agressiva. Muitas crianças não “percebiam” ou adiantavam a iminência de uma agressão por parte de outra criança. Desta forma manifestavam nítida surpresa diante do acontecimento e pareciam incapazes de reagir prontamente a ele.

De modo inverso, havia em alguns casos um retardamento da ação agressiva em relação ao seu suposto desencadeador. Isso gerava um duplo equívoco de interpretação para o corpo clínico. Pensava-se uma série de agressões como imotivadas e outra série de agressões como surpreendentemente não respondidas. Nossa observação permitiu supor que, pelo menos em alguns casos, a criança respondia com uma posterioridade contextual, isto é, passado o episódio, quando os seus integrantes já se engajaram em outra relação, a criança psicótica interrompe este contexto e efetiva uma agressão, de toda forma surpreendente. O resultado final é a transposição metonímica de um signo de um contexto e seu aparecimento deslocado em outro. No caso da metonímia do desejo isso implica no movimento de retroação e ressignificação, no caso da metonímia do objeto isso implica em estranhamento e incompreensão. Mas além disso implica numa imunidade a toda forma de contra significação ou de detenção do sentido. Supondo-se que a agressividade psicótica se realiza desta maneira podemos compreender ainda porque a agressão muitas vezes é tomada por uma sucessão infinitizante. Em outras palavras, uma espécie de fúria na qual a criança agride sem parar até que algo ou alguém a contenha fisicamente.

Podemos representar esta metonímia do objeto da seguinte maneira:

$$F(Sx \dots Sy) O = S_n (-) O$$

Onde F representa a função metonímica, Sx e Sy correspondem a contextos sígnicos que se sucedem sustentados pelo mesmo objeto (O). S_n representa a infinitização ou retardamento do ego em relação ao objeto agressivo ao qual não se substitui como significante mas como signo. A barra (-) não indica aqui recalçamento mas adesão, colusão da série significante em signo e daí a fixação (no sentido não freudiano) ao objeto. Isso implica em ler a barra (-) não como separação mas como reunião.

Introduzimos para esta leitura a noção de contexto que pode ser brevemente definido como o conjunto de possíveis articulados por um significante. Um contexto é ao mesmo tempo uma certa realidade de discurso e um conjunto de antecipáveis que esta realidade propõe. Um contexto se

dissolve ou se transforma no tempo pelo aparecimento no seu interior de uma espécie de significação de densidade negativa, isto é, de uma possibilidade discursiva não antecipável ¹⁶⁰.

Contextos sígnicos sustentados pelo mesmo objeto é o que se verifica pela própria função do ego como instância de alienação, de inibição e conjunto de identificações estratificadas. O ego, como objeto por excelência, é o que permanece o mesmo ao longo do tempo, é o que persevera. A desestruturação do ego na criança psicótica pode ser lida então como a preservação do signo em sua correspondência espacial ao objeto. Assim a fragmentação atestada pelas produções gráficas, lúdicas e relacionais da criança psicótica combina e pode nos reservar relações a pesquisar com esta forma de aparição retardada de signos fora de seus contextos originários que propomos para interpretar a agressão na criança psicótica, como efeito da metonímia de objeto. Contexto originário, neste caso, não remete a contexto natural, mas aos pontos absolutamente contingentes que se oferecem como identificatórios ao ego e ao qual este se adere em sua formação, signos-imagem desinvestidos, até certos ponto, de qualquer intencionalidade.

¹⁶⁰ A noção de contexto fica assim entre o nível do discurso, tal como proposto por Lacan no Seminário XVII e o nível do discurso tal como proposto em Função e Campo da Palavra e da Linguagem (1953 a).

16. A Brincadeira Turbulenta como Metáfora

Vimos no capítulo 2 a definição e a importância etológica da brincadeira turbulenta. Uma série de argumentos que demonstram sua universalidade, precocidade e interespecificidade foram apresentados. Podemos dizer que a brincadeira turbulenta seria uma forma lúdica suficientemente incipiente, do ponto de vista do progresso de simbolização da criança, para que a analisássemos como uma formação intermediária entre a primazia dos códigos sógnicos formadores do ego e a instituição do campo significante e a presença do sujeito no sentido próprio do termo. Ela seria uma forma de propiciar o que chamamos de fissura sógnica ou como o denomina Lacan (Seminário I, p.125), perda de funcionalidade do objeto, característica da dimensão humana. Assim como a agressão institui um corpo necessário, consistente e ancorado ao objeto, a brincadeira turbulenta institui um corpo possível, capaz de ser o que ele não é e de expressar nos seus gestos o componente metafórico que caracteriza toda forma de brincar.

Segundo Callois (**apud** Ajuriaguerra, 1991, p 170) o brincar pode ser dividido em quatro espécies:

1. o **agon**: onde predomina a competição;
2. o **aléa**: em que o motivo lúdico é o acaso;
3. o **mimicismo**: domínio do ficcional e do "como se";
4. o **ínlix**: onde o transe, a vertigem e o espasmo alimentam o jogo.

De acordo com esta classificação, a brincadeira turbulenta se situa entre o **ágon** e o **mimicismo**. Ela é o próprio **mimicismo** do **ágon**. A sua presença na psicose da criança contraria a afirmação de Ajuriaguerra (1991), para quem na psicose infantil:

"Dois componentes parecem assim estar completamente ausentes: o **agon** e o **aléa**. Os jogos de competição, pela dimensão social que implicam e a necessária presença do outro, reconhecido como uma pessoa distinta, parecem situar-se fora do campo de preocupação da criança psicótica." (p. 174)

Ora, a constatação da presença da brincadeira turbulenta nos sujeitos de nossa pesquisa faz com que a afirmação de Ajuriaguerra se veja, pelo menos em parte, relativizada. Além disso a sua presença pode ser considerada como um esboço de simbolização na medida em que implica no acesso a um contexto ficcional, regida pelo "como se" e do contexto agonístico, regido pela competição simulada.

Haveria para Ajuriaguerra, no caso da psicose na criança, um predomínio do **ínlix**, girar como um pião ou balançar-se, por exemplo. O **ínlix** é a única das formas lúdicas consideradas que se define por uma sensação e não por uma forma de interpretar e estar com o outro num jogo de linguagem. O **ínlix** corresponde à indução de um estado de transe pela repetição de uma circunstância perceptiva, cenestésica ou corporal. Examinaremos este aspecto no próximo capítulo. Por ora fica atestada a presença da brincadeira turbulenta como um modo de brincar importante e frequente nas crianças com quem tivemos contato.

Ao dizer que o brincar é uma atividade tão séria para a criança quanto o fantasiar é para o adulto, Freud (1908e) aponta para uma instabilidade central no campo lúdico. Ela é séria porque supõe o risco, a surpresa ou a decepção. Brincar implica um contexto de linguagem. Neste sentido não se pode brincar sozinho. O **ínlix**, sob este aspecto é a única forma de brincadeira que não contém um risco, justamente porque seu fundamento é uma sensação. Mas a afirmação freudiana de que o brincar é um derivativo da fantasia nos permite dizer que ela pode ser analisada de duas formas: pela sua estrutura gramatical e pelo revezamento da posição de enunciação (se enfatizamos a vertente pulsional) e pela estrutura de substituição significativa (se enfatizamos a vertente inconsciente).

Vejamos agora como a brincadeira turbulenta pode ser compreendida como uma metaforização do objeto-signo em curso na agressividade. Ela essencialmente substitui a posição do corpo do semelhante de modo a por em jogo uma significação não prevista inicialmente para este. Talvez o argumento possa ser expandido para o campo lúdico em geral (à exceção do **ínlix**). No caso do **ágon**, do **aléa** e do **mimicismo**, o decisivo para a constituição do contexto lúdico é a transformação de um conjunto sígnico a partir da suposição de um sujeito e da simultaneidade entre o contexto atual e o contexto futuro.

No texto "Escritores Criativos e Devaneios" (1908e), Freud define a atividade de criação literária aproximando-a da brincadeira da criança. Em ambos os casos trata-se de uma utilização da fantasia, fora do seu contexto de origem. Freud afirma ainda que o desejo mostra-se neste caso mais uma vez como uma espécie de fio que vai do presente ao passado e termina por nos apontar para o futuro. Se resumirmos a estrutura temporal do desejo a partir desta afirmação e notarmos que ela surge

no contexto da teorização da atividade lúdica, podemos supor que a metaforização lúdica contempla esta estrutura temporal pois tem por fundamento a simultaneidade. O passado, o presente e o futuro figurados simultaneamente - esta poderia ser uma definição da brincadeira, mas também uma definição (não formal) de metáfora.

Quando falamos em usos precedentes de um determinado signo, isto nos remete ao passado. Quando falamos em suposição de um sujeito na interpretação de um conjunto de significantes isto nos remete ao presente. Finalmente quando falamos da criação, subversão e do campo de possibilidades aberto pelo brincar isto nos remete ao futuro ¹⁶¹. Contextos metafóricos como a brincadeira turbulenta são contextos capazes de sustentar esta temporalidade, ou a simultaneidade das três perspectivas temporais.

As teses freudianas da perda da realidade psíquica e lacaniana da irrealização da metáfora paterna apontam para a ruptura dessa simultaneidade, tanto no nível da figuração do desejo quanto no nível da simultaneidade temporal. Podemos considerar a metáfora paterna como um caso especial da função metafórica da linguagem, na qual se incluiria a brincadeira. A função metafórica é apresentada por Lacan da seguinte forma:

$$\begin{array}{ccccccc}
 f(S') & S = (+) & s & \text{ou} & S & S' (2) & (1) \\
 \text{-----} & & & & \text{-----} & \cdot & \text{-----} \rightarrow S \text{ -----} \\
 (S) & & & & S' (1) & \times & (s'')
 \end{array}$$

A primeira formalização remonta ao texto sobre a Instância da Letra (1957) e é comentado desta forma:

"...indicando que é a substituição do significante pelo significante onde se produz um efeito de significação que é de poesia ou de criação, dito de outra maneira, de advento da significação em questão. O signo + colocado entre parênteses manifesta aqui o

¹⁶¹ Arendt (1995) numa análise da história das considerações filosóficas sobre a vida do espírito nota que a metáfora foi a condição da sua colocação como problema e que as suas principais faculdades, a memória, o pensamento e a vontade são inteiramente associadas às dimensões temporais do passado, presente e futuro, contendo portanto cada teoria das faculdades do espírito, subrepticamente uma teoria do tempo. Freud não escaparia a esta regra e a complexidade da noção de desejo contida na sua obra deriva talvez do fato dela ser simultaneamente uma teoria da memória, do pensamento e da vontade.

franqueamento da barra para a emergência da significação. (...) S' designa o efeito produtivo do efeito significante (ou significância); se vê que este termo está latente na metonímia e patente na metáfora." (p.496)

A formulação do artigo, A Metáfora do Sujeito (1961) é comentada a partir de um exemplo que nos esclarece o sentido deste franqueamento de significação. Trata-se da metáfora: "... um oceano de falso ensinamento" (p.868) que aparece representado na metáfora da seguinte forma:

um oceano	falso	(1)
-----	de	----- → um oceano -----
ensinamento	x	(?)

"Falso ensinamento" é comparado a "oceano". No interior desta comparação, o significado específico de "oceano", bem como o de "falso ensinamento" fica sujeito ao que Lacan chama de "sem sentido" e o compara ao **απειρου** ¹⁶². Em seguida (p.869), Lacan refere-se à passagem de O Homem dos Ratos (Freud, 1909d, p. 161) onde o paciente lembra-se de ter, num ataque de raiva, atacado seu pai chamando-o pelos termos mais disparatados ("Seu lâmpada ! Seu toalha ! Seu prato !") uma vez que não conhecia palavras insultantes. As duas observações convergem no sentido de que a metáfora vale mais pela estrutura de substituição que ela impõe do que pela novidade de significado que ela traz consigo. O segundo caso é de imediato interesse pois se trata justamente de um equivalente verbal da brincadeira turbulenta. A prova é que a reação do pai do homem dos ratos é de perplexidade ,ele comenta em relação ao filho: "Será ou criminoso ou um gênio", descartando assim parcialmente a intencionalidade agressiva e transformando-a numa espécie de chiste.

A metaforização por intermédio da brincadeira turbulenta subverteria assim a suposta funcionalidade biológica do corpo. Este, enquanto espaço de inscrição da cultura e da pulsão deve ser apreendido como um corpo possível e não como um corpo necessário.

Considerando-se esta forma de considerar a função metafórica podemos dizer que os seus três elementos constitutivos encontram-se alterados no caso da psicose na criança, a saber: a simultaneidade de significação (em termos de um contexto compartilhado), a gramática de enunciação

(em termos do revezamento posicional do sujeito) e a simbolização da agressividade (em termos de uma figuração substitutiva).

A brincadeira turbulenta enquanto contexto ficcional compartilhado evolui sistematicamente para a agressão. Por outro lado, é bastante comum que uma criança mantenha-se no interior de uma brincadeira turbulenta enquanto o outro parece participar de um contexto agressivo. Essa dissonância contextual pode ser traduzida como irrealização de uma simultaneidade de significação.

Do ponto de vista da gramática da enunciação, uma das características mais salientes da brincadeira turbulenta na criança psicótica é que raramente invertem-se as posições dos parceiros. Isso significa, por exemplo, que aquele que persegue raramente deixa-se perseguir, aquele que bate raramente deixa-se bater. Como se a inversão, comum em crianças de modo geral, das posições ativa e passiva, não se efetivasse com a mesma desenvoltura na criança psicótica. Assim haviam crianças que sempre se encontravam em posição ativa e outras que sempre se apresentavam como passivas. Mais do que um estilo lúdico, isso nos parece caracterizar a sedimentação da gramática enunciativa a um ou outro modo da pulsão.

Do ponto de vista da simbolização da agressividade a brincadeira turbulenta se mostrou especialmente significativa em crianças que podemos aproximar da psicose propriamente dita, e não nas crianças mais claramente autistas. Isso combina com a idéia de que na psicose propriamente dita é a realização da função metafórica o que é diferencial.

Encerraremos nossas observações sobre a importância do processo metafórico, como condição da metáfora paterna, nos referindo ao atendimento de uma criança cuja fenomenologia psicótica não correspondia de fato a uma psicose, do ponto de vista estrutural, justamente pela presença constante e organizativa da função metafórica.

Trata-se de um menino de oito anos que é trazido para tratamento em função de crises convulsivas não responsivas à medicação. Durante as sessões mantinha uma atividade lúdica absolutamente turbulenta: atirava brinquedos pela sala, jogava tinta nas paredes, ria disruptivamente. Sua fala era fragmentada, haviam palavras mas a estrutura sintática era precária e no geral

¹⁶² **Apeiron**, termo derivado do pensamento de Anaximandro cujo sentido remete à idéia de ilimitado ou de infinito. Segundo Peters (1974, p. 32), aplica-se primordialmente à duração ilimitada do tempo própria da concepção cosmológica

incompreensível. Chamava a atenção como ele nos recebia antes de cada sessão, com a face interrogativa em expressão amaneirada, quase caricata, indagava: “Mas quem é você ? “ E continuava respondendo interrogativamente: “Márcio? ... Flávio? ... Christon? ...”. Repetia meu nome e ele repetia a mesma sequência de interrogações. Em mais de uma sessão trazia o seguinte ritual: punha suas mãos em volta do pescoço, retorcia os olhos e jogava-se ao chão. Era uma espécie de brincadeira turbulenta solitária ¹⁶³. O maior indício disso era como interrompia esse ritual com uma larga risada.

Nas entrevistas com a mãe revelou-se uma situação bastante difícil em que ele vivia do ponto de vista subjetivo. Ele havia sido adotado pela senhora que o trazia. Esta senhora era negra e ele branco. Ela no entanto não conseguia dizer ao rapaz que ele fora adotado dadas as condições da adoção. Na verdade meu paciente fora uma criança indesejada por sua mãe biológica que tentara estrangulá-lo logo depois do nascimento. Para não revelar-lhe tal fato, sua mãe adotiva hesitava em falar sobre a adoção. Com oito anos, ele indagava sistematicamente a mãe acerca da diferença entre ele e os outros garotos quanto a relação da cor da pele de pais e filhos. A mãe respondia que isso se devia ao fato dela ter lhe dado muito leite quando ele era pequeno, daí ele ter ficado branco ... como o leite. Ocorria que nos diversos contextos que ele habitava, perguntas e fatos denunciativos faziam com que ele descreditasse no que a mãe lhe dizia, mas não totalmente na medida em que algo aí havia de absolutamente verdadeiro. Esta mãe lhe restituía o signo de amor que lhe faltara ... e o teria feito em demasia. Ouvindo fragmentos de falas de tios, amigos etc. ele parecia ter construído um saber que demandava à mãe que sancionasse. As convulsões e o ritual (que agora soava como uma auto-estrangulamento) eram uma forma de dizer e de efetuar um compromisso entre o saber e o não sabido, forma que de fato respondia a uma conjuntura (mas não a uma estrutura) psicótica. Os dois contextos, filho de uma e de outra, a simultânea veracidade e mentira do dito materno eram sustentados por este sujeito na e pela função metafórica contida na brincadeira turbulenta. Quando a história de sua filiação pode ser reconstituída, mas não de modo a despi-la de toda possibilidade de re-tradução, suas convulsões cessaram e nenhum outro traço psicótico permaneceu.

grega à época do pensamento pré-socrático.

¹⁶³ Segundo a classificação de Callois (**opus cit.**) trataria-se de algo entre o **ínlix** o o **ágon**.

17. O Olhar: Prazer, Satisfação e Gozo

Lefort e Lefort (1989) assinalaram em torno da psicose uma oscilação entre um olhar estranho e inquietante e um olhar fascinado e de adoração. Esta oscilação é pensada pelo casal de pesquisadores em função de um dualismo que domina a criança psicótica: entregar-se ao Outro, fazendo uma totalidade, e separar-se deste numa bolha solipsista. Encontramos em nossas descrições, algo que podemos chamar de "transe escópico" e que situamos entre a inquietude e a fascinação descritas acima.

Várias crianças com que tivemos contato apresentavam momentos em que seu olhar parecia se desvanecer, perdia o foco sem configurar nada em particular. Como interpretar esta "experiência"? Que forma de montagem pulsional poderia ser associada a este olhar? E sob que termos esta associação seria legítima?

Pensamos que há, pelo menos, três modos de nomear o efeito das praticamente infinitas montagens pulsionais que a sexualidade humana admite. Podemos dizer que nelas podem predominar o gozo, o prazer ou a satisfação. Sumariamente podemos definir o gozo como a parte não convertida em libido da pulsão de morte, o prazer como o efeito obtido ao nível da descarga pulsional e a satisfação como o efeito obtido pelo adiamento do prazer nos circuitos de rememoração.

Procurando as inflexões temporais deste três conceitos¹⁶⁴ podemos dizer que a temporalidade do gozo tem por horizonte a eternização, um tempo que pede mais tempo para se concluir. Daí a ligação intrínseca entre gozo e repetição¹⁶⁵. Em termos da fala, o delírio é a melhor expressão do gozo. Um delírio é uma fala onde não podemos vislumbrar seu horizonte de encerramento; uma fala que visa totalizar a significação. A atração exercida pelo gozo é a atração da totalidade, seja no sentido temporal ou espacial.

¹⁶⁴ Nisso seguimos a indicação de Freud (1924c) que no quadro da teorização clínica da pulsão de morte se vê obrigado a abandonar a identificação do eixo prazer/desprazer com o aumento ou diminuição da quantidade de excitação. A passagem precisa é a seguinte: "Estaríamos muito mais adiantados na psicologia se pudéssemos indicar este fator qualitativo. Talvez seja o ritmo, o ciclo temporal das alterações, subidas e quedas da quantidade de estímulo, não sabemos."(p.166)

¹⁶⁵ O conceito de repetição é certamente um dos mais complexos da psicanálise. Ao tratar o tema da repetição Lacan (Seminário XI, p. 56) procura diferenciá-lo do retorno (do recalado por exemplo), da rememoração (pela reminiscência) e da reatualização (como na transferência). A repetição surge assim como a repetição do que resiste a se inscrever nas redes mnêmicas e representacionais, daí ser ela repetição do "representante representacional" (**Vorstellungrepräsentanz**) (p.63). A repetição se mostra, por assim dizer, sob forma da insistência significante (o **autômaton**) e do encontro com o real (a **tiqûe**) (p.55) mas é ela em si mesma algo que "não cessa de não se inscrever" como o destaca o Seminário XX. No

Se o gozo é o fundo de ilimitação e totalização permitido na e pela linguagem¹⁶⁶, o prazer será uma primeira forma de configuração, um primeiro relevo no contínuo de gozo. O prazer limita o gozo pois isola e circunscreve uma parte do corpo, o que Freud (1905d) chamava de zona erógena. O prazer é assim o gozo ilhado, preso a uma parte, ligado portanto não apenas a uma temporalidade restrita mas a uma espacialidade própria.

Podemos conceber assim a erotização do corpo infantil como um processo de fixação do gozo a certas porções corporais que se tornam aptas a partir daí ao prazer. Esta fixação se dá por intermédio de imagens. A formação do eu, no interior da dialética de identificações do estágio do espelho, nos fala justamente desta tradução do gozo em prazer através da captação libidinal da imagem.

O ponto em que o prazer limita o gozo corresponde ao que Lacan chama de fantasma. Este contém o sujeito na sua exterior intimidade, no seu ponto de estranheza analisado por Freud no texto sobre o Homem de Areia (1919h). O sujeito se constitui, neste ponto, como uma resposta ao Real, a versão refinada de Lacan sobre a pulsão de morte freudiana. Aquilo que não se subjetiva do real permanece como gozo. O que se realiza se transforma em satisfação e pode ser indicada em um significante da demanda. Daí a afirmação de Lacan de que o fantasma torna o prazer apto ao desejo (1962, p.753). No caso da psicose, o retorno da libido mantém o sujeito preso entre os dois modos da pulsão: isto se exemplifica claramente no transe escópico. Nem olhar, nem ser olhado, nem ver-se olhando mas uma espécie de curto circuito do olhar.

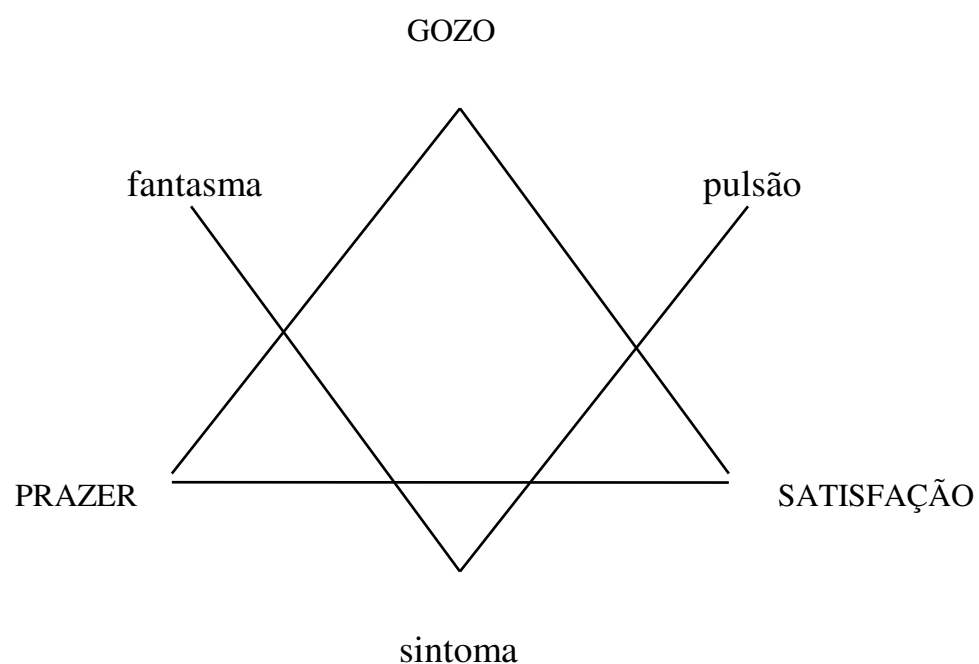
Uma segunda forma de limitação do gozo é a que se produz ao nível da satisfação. A satisfação supõe uma dupla limitação, do gozo e do prazer. Sua temporalidade corresponde mais perfeitamente ao que vínhamos indicando com a expressão temporalidade da linguagem. A satisfação é um efeito ao nível do significante, tributária da possibilidade de representar a ausência de gozo e a falta de prazer. A satisfação implica num efeito de separação em relação ao Outro, e não de inclusão como no gozo, ou de alienação como no prazer. O gozo, e sua sucessão infinitizante, bem como o prazer, e sua sucessão

Seminário XVII, a identificação entre gozo e repetição é nominal: “A repetição, o que é ? (. . .) É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição.” (p. 43)

¹⁶⁶ As relações entre gozo e linguagem são complexas e por vezes contraditórias em Lacan. Miller (1989) comentando a afirmação de Lacan de que: “o gozo é o *momento* que não posso dizer” (p. 66) acentua o gozo como certeza deste “indizível”, ao contrário do prazer e da dor que seriam sempre incertos. Preferimos destacar o aspecto temporal do gozo de modo a tentar aclarar sua relação com a linguagem.

finita, se resolvem na linguagem apenas se esta se prestar à uma dimensão sincrônica da simultaneidade.

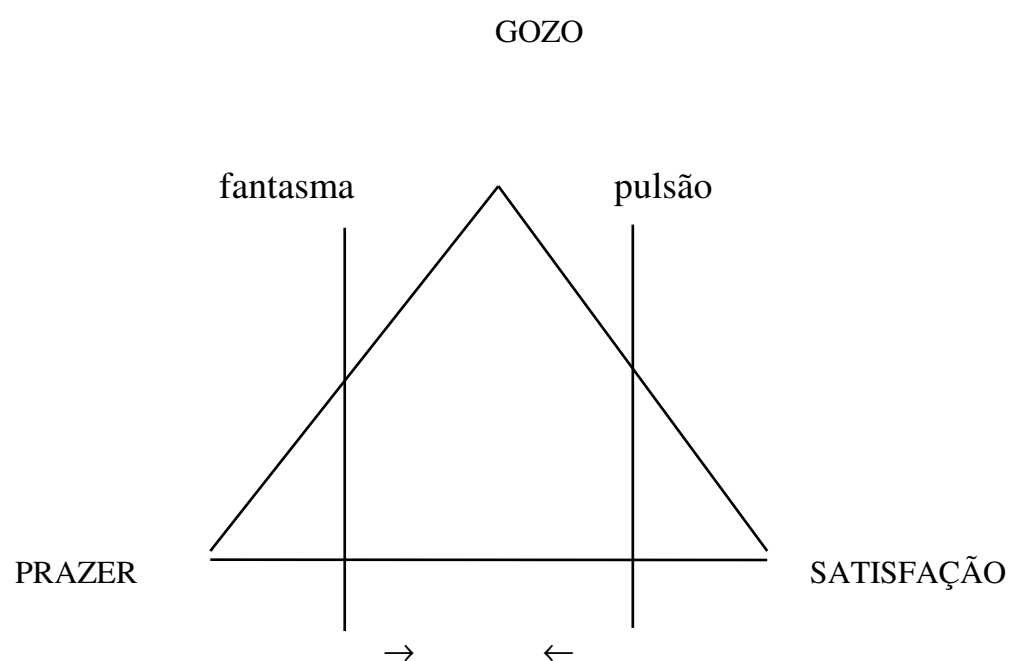
Encontramos assim uma mútua limitação entre satisfação, prazer e gozo. Para Leguil (1993) esta seria uma diferença fundamental e básica para refletir sobre a reinterpretação lacaniana da teoria das pulsões. A própria clínica psicanalítica teria nascido da realização neurótica da diferença entre o que dá prazer e o que satisfaz (p.87). O esquema proposto por este autor é bastante elucidativo para ilustrar a diferença em questão:



O esquema reúne e organiza algumas teses de Lacan sobre a vertente econômica de explicitação de conceitos psicanalíticos. Ele permite explicitar a posição do fantasma como uma interface entre prazer e gozo bem como a pulsão (como demanda) como um agenciador entre gozo e satisfação. Cada um dos eixos de intersecção nos remete a distintas formas de considerar a divisão do sujeito: pelo fantasma, pelo sintoma e pela própria pulsão. Na neurose, há uma identificação da falta do Outro com a demanda do sujeito (Lacan, 1960a, p. 806), isso quer dizer que a divisão do sujeito, e a própria estrutura do sujeito neurótico dependem deste emparceiramento das demandas com a falta do Outro; demanda que se mostra assim aresta constitutiva e sustentadora do sintoma. A forma em que o

fantasma pode ser apreendido é a gramática que rege a reversibilidade (de ativo a passivo por exemplo) de uma determinada montagem pulsional ¹⁶⁷.

Como pensar este esquema no caso da psicose onde por princípio não há nem empareiramento das demandas nem formação de compromisso equivalente ao sintoma ? Propomos a seguinte variante do esquema de Leguil:



Os dois eixos verticais devem ser entendidos como móveis permitindo representar a sobreposição ou separação entre fantasma e pulsão bem como a possibilidade de manejo clínico do limiar entre gozo e prazer e do limiar satisfação e gozo, o que representa duas vertentes importantes no tratamento possível de crianças psicóticas. No conjunto, isto converge para a tese de que na psicose haveria uma identificação (e não uma suposição) do gozo no lugar do Outro. Como observou Bruno (s/d), a disjunção entre gozo e o campo do Outro é o que torna um corpo um corpo desejante; no caso da psicose esta disjunção se mostraria instável ou vacilante.

O transe escópico equivaleria assim a um curto circuito entre fantasia e pulsão que em termos da gramática do fantasma fixa o sujeito a uma posição intermediária entre a atividade e a passividade.

Um olhar que não olha nem se dá a ver ¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Conforme o Seminário XVI: “É muito precisamente por isso que o fantasma não é outra coisa senão uma montagem gramatical onde se ordena, seguindo diversas inversões, o destino da pulsão, de forma que não há nenhuma maneira de fazer funcionar o eu (**Je**) na sua relação ao mundo senão fazendo-o passar por esta estrutura gramatical, mas também o

Em termos da metapsicologia da Carta 52 (1896b) e ao modelo da pluriestratificação linguística, esta posição corresponde a uma retenção que não equivale nem ao movimento progressivo da descarga nem ao movimento regressivo da alucinação. Nem **Lust-Ich** nem **Real-Ich**, se nos referimos à posição do ego em relação às pulsões (Freud, 1911b). A formação intermediária, entre a gramática da pulsão e o plano da enunciação não se dá, o resultado é uma montagem pulsional sem um efeito de sujeito.

Laznik-Penot (1994), interpretando certas afirmações de Lacan, acerca da teoria das pulsões, vê motivos para caracterizar o autismo a partir da irrealização de um terceiro tempo pulsional:

“... um primeiro ativo indo em direção a um objeto interno, um segundo reflexivo tomando como objeto uma parte do corpo próprio, e um terceiro, dito passivo, onde a pessoa concernida se faz ela mesma objeto de um outro, esse famoso novo sujeito ¹⁶⁹.”(p.44)

O aparecimento de um novo sujeito, coextensivo ao campo do Outro é, segundo nossa interpretação, o que fracassa no “transe escópico”, daí ele aparecer como um olhar privado de demanda. Tustin (1975, 1981) ao descrever as formas de encapsulamento autístico nos dá a fenomenologia completa de formações pulsionais similares as que encontramos aqui. Tudo se passa como se a alienação no campo do Outro não se completasse do ponto de vista pulsional; apesar de que do ponto de vista significante (ou do signo) esta alienação é indiscutível. Laznik-Penot nos acompanha neste ponto:

“Esta hipótese poderia certamente dar conta do fato de que se constata às vezes neles (nos autistas) uma linguagem que não se encarna, e que parece depender de uma tomada num Outro-simbólico puro código, sem poder se articular a um *Outro Real* que poderia encarná-lo, sem que exista tampouco no mesmo movimento acesso ao estágio do espelho e a constituição de um eu...”(p.47-48)

Reforça a hipótese de que o transe escópico implica na eternização de gozo; a presença deste transe também em crianças psicóticas não autistas. Nestas, no entanto, o transe é intermitente ao passo

sujeito enquanto eu (**Je**), está excluído do fantasma, como se vê no ‘Bate-se numa criança’ onde o sujeito só aparece como sujeito espancado na segunda fase, e esta segunda fase é uma reconstrução significativa da interpretação. “ (p.189)

¹⁶⁸ Freud (1921b) ao analisar uma série de fantasias, encontradas especialmente na clínica de mulheres, nota que elas podem ser reunidas num enunciado comum: “Bate-se numa criança”. O agente desta ação é difuso e em geral não localizável pelo paciente. A análise do recalco conduz Freud à idéia de que trata-se do pai que bate numa menina, provavelmente uma irmã. O que gostaríamos de isolar deste texto é a hipótese de que seria justamente no lugar intermediário, ou de passagem, da atividade à passividade, ou do masoquismo ao sadismo, ou do olhar ao ser olhado que o sujeito se mostra causado pela pulsão como um “novo sujeito”.

¹⁶⁹ Alusão ao “**Driten Person**”, (terceira pessoa), sujeito terceiro mencionado em Chistes e sua Relação com o Inconsciente (1905c) como condição de possibilidade para a eficácia humorística do dito espirituoso e também à passagem

que no autismo ele é apenas raramente interrompido. Nos primeiros o transe aparecia, por exemplo, após a criança deixar-se manipular intensamente por um colega. Durante o transe, a criança parecia não sentir dor, ou ser mesmo capaz de reagir a qualquer estímulo externo.

Se entendemos que a experiência de dor é correlativa e dependente da presença do ego (Projeto, p. 368) podemos identificar estes momentos, mas apenas estes momento, com um “desligamento” da função imaginária do ego. Se atentarmos para a ligação entre ego e a produção de um modo de temporalidade (o da antecipação) podemos entender os rituais autísticos como a tentativa de reconstruir uma temporalidade pela marcação de elementos espaciais que lhe poderiam garantir a sua consistência. O transe escópico assinalaria a ruptura deste formação egóica artificial e conseqüentemente a reaparição de um estado de eternização temporal.

Vê-se assim que a tese de Lacan (1958) de que o fantasma fixa a relação do sujeito com o tempo é aplicável à psicose na criança:

“O fantasma na perversão é apelável. Ele está no espaço. Sustenta uma relação essencial. Não é atemporal, mas está fora do tempo. Na neurose, ao contrário, a própria base das relações do sujeito com o objeto ao nível do fantasma é a relação do sujeito com o tempo. O objeto carrega-se desta significação que é buscada no que chamo de hora da verdade. O objeto sempre está uma hora antes ou depois dela.”(p.59)

O descompasso entre objeto e sujeito no fantasma é representado, por exemplo, no esquema de Leguil (**opus cit.**) pelos dois eixos não sobrepostos do fantasma e da pulsão. Nossa idéia de que na psicose da criança estes eixos encontram-se em paralelo e eventualmente sobrepostos permite dizer que o transe escópico equivale à ultrapassagem do descompasso fantasmático da relação entre sujeito e objeto. Este emparceiramento ao objeto coaduna-se além disso à leitura de Laznik-Penot acerca da irrealização do “novo sujeito” na psicose. Na psicose, não se está nem na espacialização do fantasma, como na perversão, nem no descompasso temporal, como na neurose, mas na eternização da posição do sujeito diante do objeto ¹⁷⁰.

de Pulsão e suas Vicissitudes (1915c) onde Freud alega que a transposição do sadismo originário ao masoquismo implica na emergência de uma terceira pessoa diante da qual o sujeito, identificado ao objeto, encontrará o gozo masoquista.

¹⁷⁰A relação entre a temporalidade da pulsão e a produção do sujeito foi tematizada por Freud (1920g) a partir da observação de seu neto. A criança jogava um carretel para fora e para dentro do berço fazendo acompanhar a ação pela vocalização de um “**Vor**” (se foi) e “**Da**” (aqui, voltou). A interpretação de Freud conduz à idéia de que se trata nesse momento de elaboração da ausência da mãe. Além de representá-la no carretel, que ia e vinha, há um outro elemento fundamental. Ao produzir o jogo, a criança subjetiva a falta da mãe, substitui sua posição passiva pela implicação direta como agente repetidor da cena. É esse tempo que parece falta à montagem pulsional da criança psicótica.

Gostaríamos de ilustrar a eternização do gozo na psicose a partir da sobreposição entre fantasma e pulsão e de sua manifestação no transe escópico a partir de um pequeno fragmento clínico. Trata-se de um rapaz de treze anos, com quem me encontrei em algumas entrevistas e que tudo me levava a pensar no diagnóstico de psicose. Ele apareceu certa vez num serviço de plantão psicológico onde estagiava, trazendo o seguinte pedido: queria que lhe examinassem a garganta pois havia algo de muito errado com ela. Não sabia dizer ao certo mas apontava para ela e fazia interjeições de mal estar. Repetia de modo fragmentário e quase inaudível expressões como: “Está ruim !”, “Está ficando pior !” e “Remédio!”. Os pais o acompanhavam, silenciados e atônitos imploravam algo com os olhos, mas eram interrompidos energicamente pelo filho quando tentavam falar.

Depois de muita insistência chegou-se a seguinte sequência: o que havia de errado é que sua voz estava ficando grossa e isso significava que ele podia deixar de ser uma criança e tornar-se um adulto, mais especificamente um homem. Isto ele não estava disposto a admitir e queria lutar com todas as suas forças contra este destino. Queria continuar a ser criança para sempre e por isso pedia uma espécie de remédio para que sua voz continuasse fina, como de criança.

Tratava-se evidentemente da imagem de uma criança que ele procuravam manter. Ele vasculhava seu corpo a procura de pelos nascentes os quais arrancava meticulosamente. Permanecia sempre com a mão sobre a face, temendo que algo aí surgisse repentinamente. Na segunda entrevista, fica claro que o que se opunha a “criança” só podia ser abordado alusivamente¹⁷¹ através de expressões como: “Aquilo vai acontecer ... “ ou “Adulto ? “. Quando ele se tranquilizava aparecia sistematicamente aquilo que depois vim a chamar de transe escópico. Ele era correspondente a realização imaginária deste ideal de eternização.

Percebe-se neste fragmento o que poderia ser um discurso possível sobre a eternização da relação ao objeto, no caso, representado sobretudo pela voz. Toda pulsão deve ser drenada ao fantasma que neste caso pode ser suposto relacionado ao “transformar-se em ¹⁷²” ou no possível

¹⁷¹ A alusão é um caso de linguagem dependente da função dêixica, portanto da dialética da enunciação. Pela desarticulação entre esta e o estrato da gramática pulsional podemos supor que a adesão a alusividade (patente na criança psicótica e quase ausente na autista) não se veria acompanhada, em nenhum caso, do transe escópico.

¹⁷² Tausk (1990) já notara a importância disso para a determinação da psicose no adulto, como o mostra a seguinte afirmação: “Partindo daí, estaríamos no ponto de admitir que o aparelho de influenciar é o ponto final da evolução do sintoma que teve início com um simples sentimento de transformação.” (p.43)

“fazer-se homem para”. Quando esta enunciação se obtura, separa-se pulsão e fantasma tornando possível a imaginarização e falicização do corpo-criança. Ali onde a neurose faria um sintoma, que permitiria o acesso escamoteado pelo recalque à posição masculina, a psicose faz um buraco cujos traços são a alusividade, a angústia e a retenção no tempo pulsional anterior à causação do sujeito.

17. O Olhar: Prazer, Satisfação e Gozo

Lefort e Lefort (1989) assinalaram em torno da psicose uma oscilação entre um olhar estranho e inquietante e um olhar fascinado e de adoração. Esta oscilação é pensada pelo casal de pesquisadores em função de um dualismo que domina a criança psicótica: entregar-se ao Outro, fazendo uma totalidade, e separar-se deste numa bolha solipsista. Encontramos em nossas descrições, algo que podemos chamar de "transe escópico" e que situamos entre a inquietude e a fascinação descritas acima.

Várias crianças com que tivemos contato apresentavam momentos em que seu olhar parecia se desvanecer, perdia o foco sem configurar nada em particular. Como interpretar esta "experiência"? Que forma de montagem pulsional poderia ser associada a este olhar? E sob que termos esta associação seria legítima?

Pensamos que há, pelo menos, três modos de nomear o efeito das praticamente infinitas montagens pulsionais que a sexualidade humana admite. Podemos dizer que nelas podem predominar o gozo, o prazer ou a satisfação. Sumariamente podemos definir o gozo como a parte não convertida em libido da pulsão de morte, o prazer como o efeito obtido ao nível da descarga pulsional e a satisfação como o efeito obtido pelo adiamento do prazer nos circuitos de rememoração.

Procurando as inflexões temporais deste três conceitos¹⁷³ podemos dizer que a temporalidade do gozo tem por horizonte a eternização, um tempo que pede mais tempo para se concluir. Daí a ligação intrínseca entre gozo e repetição¹⁷⁴. Em termos da fala, o delírio é a melhor expressão do gozo. Um delírio é uma fala onde não podemos vislumbrar seu horizonte de encerramento; uma fala que visa totalizar a significação. A atração exercida pelo gozo é a atração da totalidade, seja no sentido temporal ou espacial.

¹⁷³ Nisso seguimos a indicação de Freud (1924c) que no quadro da teorização clínica da pulsão de morte se vê obrigado a abandonar a identificação do eixo prazer/desprazer com o aumento ou diminuição da quantidade de excitação. A passagem precisa é a seguinte: "Estariamos muito mais adiantados na psicologia se pudéssemos indicar este fator qualitativo. Talvez seja o ritmo, o ciclo temporal das alterações, subidas e quedas da quantidade de estímulo, não sabemos."(p.166)

¹⁷⁴ O conceito de repetição é certamente um dos mais complexos da psicanálise. Ao tratar o tema da repetição Lacan (Seminário XI, p. 56) procura diferenciá-lo do retorno (do recalado por exemplo), da rememoração (pela reminiscência) e da reatualização (como na transferência). A repetição surge assim como a repetição do que resiste a se inscrever nas redes mnêmicas e representacionais, daí ser ela repetição do "representante representacional" (**Vorstellungrepräsentanz**) (p.63). A repetição se mostra, por assim dizer, sob forma da insistência significante (o **autômaton**) e do encontro com o real (a **tiqûe**) (p.55) mas é ela em si mesma algo que "não cessa de não se inscrever" como o destaca o Seminário XX. No

Se o gozo é o fundo de ilimitação e totalização permitido na e pela linguagem¹⁷⁵, o prazer será uma primeira forma de configuração, um primeiro relevo no contínuo de gozo. O prazer limita o gozo pois isola e circunscreve uma parte do corpo, o que Freud (1905d) chamava de zona erógena. O prazer é assim o gozo ilhado, preso a uma parte, ligado portanto não apenas a uma temporalidade restrita mas a uma espacialidade própria.

Podemos conceber assim a erotização do corpo infantil como um processo de fixação do gozo a certas porções corporais que se tornam aptas a partir daí ao prazer. Esta fixação se dá por intermédio de imagens. A formação do eu, no interior da dialética de identificações do estágio do espelho, nos fala justamente desta tradução do gozo em prazer através da captação libidinal da imagem.

O ponto em que o prazer limita o gozo corresponde ao que Lacan chama de fantasma. Este contém o sujeito na sua exterior intimidade, no seu ponto de estranheza analisado por Freud no texto sobre o Homem de Areia (1919h). O sujeito se constitui, neste ponto, como uma resposta ao Real, a versão refinada de Lacan sobre a pulsão de morte freudiana. Aquilo que não se subjetiva do real permanece como gozo. O que se realiza se transforma em satisfação e pode ser indicada em um significante da demanda. Daí a afirmação de Lacan de que o fantasma torna o prazer apto ao desejo (1962, p.753). No caso da psicose, o retorno da libido mantém o sujeito preso entre os dois modos da pulsão: isto se exemplifica claramente no transe escópico. Nem olhar, nem ser olhado, nem ver-se olhando mas uma espécie de curto circuito do olhar.

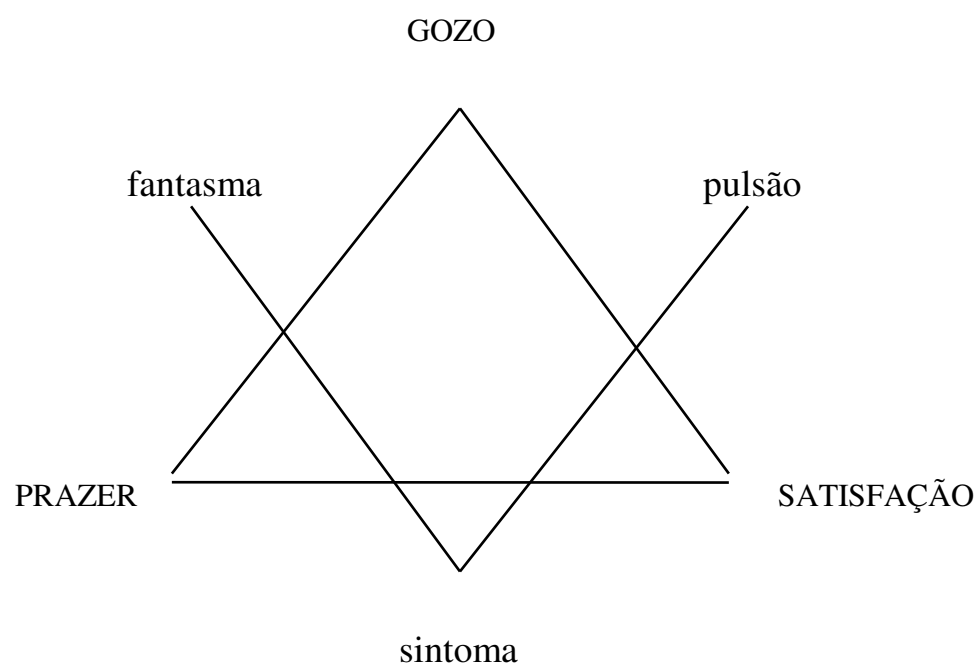
Uma segunda forma de limitação do gozo é a que se produz ao nível da satisfação. A satisfação supõe uma dupla limitação, do gozo e do prazer. Sua temporalidade corresponde mais perfeitamente ao que vínhamos indicando com a expressão temporalidade da linguagem. A satisfação é um efeito ao nível do significante, tributária da possibilidade de representar a ausência de gozo e a falta de prazer. A satisfação implica num efeito de separação em relação ao Outro, e não de inclusão como no gozo, ou de alienação como no prazer. O gozo, e sua sucessão infinitizante, bem como o prazer, e sua sucessão

Seminário XVII, a identificação entre gozo e repetição é nominal: “A repetição, o que é ? (. . .) É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição.” (p. 43)

¹⁷⁵ As relações entre gozo e linguagem são complexas e por vezes contraditórias em Lacan. Miller (1989) comentando a afirmação de Lacan de que: “o gozo é o *momento* que não posso dizer” (p. 66) acentua o gozo como certeza deste “indizível”, ao contrário do prazer e da dor que seriam sempre incertos. Preferimos destacar o aspecto temporal do gozo de modo a tentar aclarar sua relação com a linguagem.

finita, se resolvem na linguagem apenas se esta se prestar à uma dimensão sincrônica da simultaneidade.

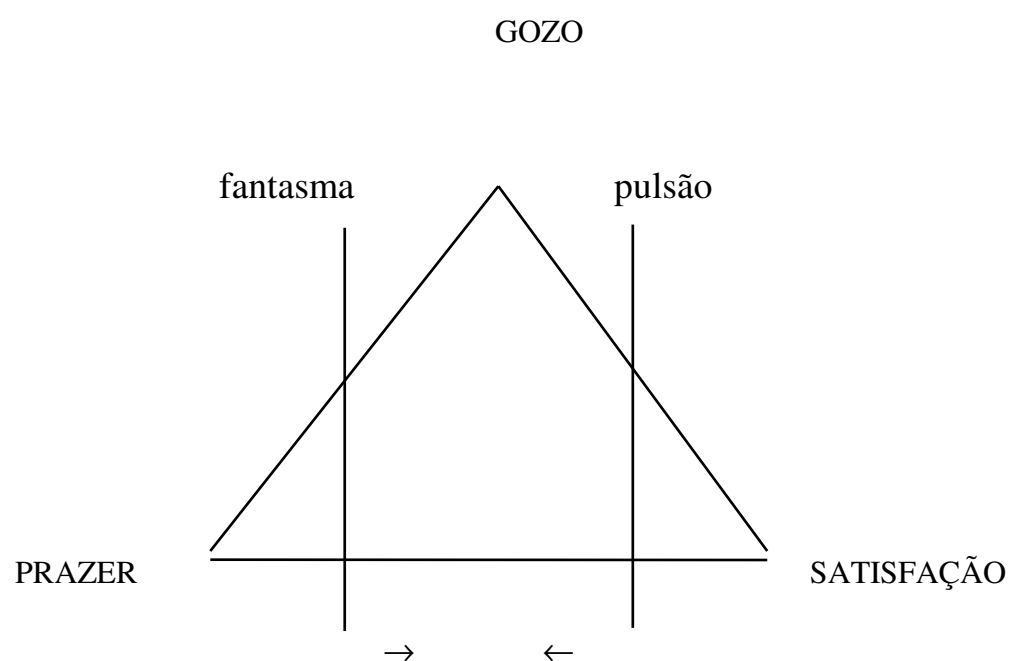
Encontramos assim uma mútua limitação entre satisfação, prazer e gozo. Para Leguil (1993) esta seria uma diferença fundamental e básica para refletir sobre a reinterpretação lacaniana da teoria das pulsões. A própria clínica psicanalítica teria nascido da realização neurótica da diferença entre o que dá prazer e o que satisfaz (p.87). O esquema proposto por este autor é bastante elucidativo para ilustrar a diferença em questão:



O esquema reúne e organiza algumas teses de Lacan sobre a vertente econômica de explicitação de conceitos psicanalíticos. Ele permite explicitar a posição do fantasma como uma interface entre prazer e gozo bem como a pulsão (como demanda) como um agenciador entre gozo e satisfação. Cada um dos eixos de intersecção nos remete a distintas formas de considerar a divisão do sujeito: pelo fantasma, pelo sintoma e pela própria pulsão. Na neurose, há uma identificação da falta do Outro com a demanda do sujeito (Lacan, 1960a, p. 806), isso quer dizer que a divisão do sujeito, e a própria estrutura do sujeito neurótico dependem deste emparceiramento das demandas com a falta do Outro; demanda que se mostra assim aresta constitutiva e sustentadora do sintoma. A forma em que o

fantasma pode ser apreendido é a gramática que rege a reversibilidade (de ativo a passivo por exemplo) de uma determinada montagem pulsional ¹⁷⁶.

Como pensar este esquema no caso da psicose onde por princípio não há nem emparelamento das demandas nem formação de compromisso equivalente ao sintoma ? Propomos a seguinte variante do esquema de Leguil:



Os dois eixos verticais devem ser entendidos como móveis permitindo representar a sobreposição ou separação entre fantasma e pulsão bem como a possibilidade de manejo clínico do limiar entre gozo e prazer e do limiar satisfação e gozo, o que representa duas vertentes importantes no tratamento possível de crianças psicóticas. No conjunto, isto converge para a tese de que na psicose haveria uma identificação (e não uma suposição) do gozo no lugar do Outro. Como observou Bruno (s/d), a disjunção entre gozo e o campo do Outro é o que torna um corpo um corpo desejante; no caso da psicose esta disjunção se mostraria instável ou vacilante.

O transe escópico equivaleria assim a um curto circuito entre fantasia e pulsão que em termos da gramática do fantasma fixa o sujeito a uma posição intermediária entre a atividade e a passividade.

Um olhar que não olha nem se dá a ver ¹⁷⁷.

¹⁷⁶ Conforme o Seminário XVI: “É muito precisamente por isso que o fantasma não é outra coisa senão uma montagem gramatical onde se ordena, seguindo diversas inversões, o destino da pulsão, de forma que não há nenhuma maneira de fazer funcionar o eu (**Je**) na sua relação ao mundo senão fazendo-o passar por esta estrutura gramatical, mas também o

Em termos da metapsicologia da Carta 52 (1896b) e ao modelo da pluriestratificação linguística, esta posição corresponde a uma retenção que não equivale nem ao movimento progressivo da descarga nem ao movimento regressivo da alucinação. Nem **Lust-Ich** nem **Real-Ich**, se nos referimos à posição do ego em relação às pulsões (Freud, 1911b). A formação intermediária, entre a gramática da pulsão e o plano da enunciação não se dá, o resultado é uma montagem pulsional sem um efeito de sujeito.

Laznik-Penot (1994), interpretando certas afirmações de Lacan, acerca da teoria das pulsões, vê motivos para caracterizar o autismo a partir da irrealização de um terceiro tempo pulsional:

“... um primeiro ativo indo em direção a um objeto interno, um segundo reflexivo tomando como objeto uma parte do corpo próprio, e um terceiro, dito passivo, onde a pessoa concernida se faz ela mesma objeto de um outro, esse famoso novo sujeito ¹⁷⁸.”(p.44)

O aparecimento de um novo sujeito, coextensivo ao campo do Outro é, segundo nossa interpretação, o que fracassa no “transe escópico”, daí ele aparecer como um olhar privado de demanda. Tustin (1975, 1981) ao descrever as formas de encapsulamento autístico nos dá a fenomenologia completa de formações pulsionais similares as que encontramos aqui. Tudo se passa como se a alienação no campo do Outro não se completasse do ponto de vista pulsional; apesar de que do ponto de vista significante (ou do signo) esta alienação é indiscutível. Laznik-Penot nos acompanha neste ponto:

“Esta hipótese poderia certamente dar conta do fato de que se constata às vezes neles (nos autistas) uma linguagem que não se encarna, e que parece depender de uma tomada num Outro-simbólico puro código, sem poder se articular a um *Outro Real* que poderia encarná-lo, sem que exista tampouco no mesmo movimento acesso ao estágio do espelho e a constituição de um eu...”(p.47-48)

Reforça a hipótese de que o transe escópico implica na eternização de gozo; a presença deste transe também em crianças psicóticas não autistas. Nestas, no entanto, o transe é intermitente ao passo

sujeito enquanto eu (**Je**), está excluído do fantasma, como se vê no ‘Bate-se numa criança’ onde o sujeito só aparece como sujeito espancado na segunda fase, e esta segunda fase é uma reconstrução significativa da interpretação. “ (p.189)

¹⁷⁷ Freud (1921b) ao analisar uma série de fantasias, encontradas especialmente na clínica de mulheres, nota que elas podem ser reunidas num enunciado comum: “Bate-se numa criança”. O agente desta ação é difuso e em geral não localizável pelo paciente. A análise do recalco conduz Freud à idéia de que trata-se do pai que bate numa menina, provavelmente uma irmã. O que gostaríamos de isolar deste texto é a hipótese de que seria justamente no lugar intermediário, ou de passagem, da atividade à passividade, ou do masoquismo ao sadismo, ou do olhar ao ser olhado que o sujeito se mostra causado pela pulsão como um “novo sujeito”.

¹⁷⁸ Alusão ao “**Driten Person**”, (terceira pessoa), sujeito terceiro mencionado em Chistes e sua Relação com o Inconsciente (1905c) como condição de possibilidade para a eficácia humorística do dito espirituoso e também à passagem

que no autismo ele é apenas raramente interrompido. Nos primeiros o transe aparecia, por exemplo, após a criança deixar-se manipular intensamente por um colega. Durante o transe, a criança parecia não sentir dor, ou ser mesmo capaz de reagir a qualquer estímulo externo.

Se entendemos que a experiência de dor é correlativa e dependente da presença do ego (Projeto, p. 368) podemos identificar estes momentos, mas apenas estes momento, com um “desligamento” da função imaginária do ego. Se atentarmos para a ligação entre ego e a produção de um modo de temporalidade (o da antecipação) podemos entender os rituais autísticos como a tentativa de reconstruir uma temporalidade pela marcação de elementos espaciais que lhe poderiam garantir a sua consistência. O transe escópico assinalaria a ruptura deste formação egóica artificial e conseqüentemente a reaparição de um estado de eternização temporal.

Vê-se assim que a tese de Lacan (1958) de que o fantasma fixa a relação do sujeito com o tempo é aplicável à psicose na criança:

“O fantasma na perversão é apelável. Ele está no espaço. Sustenta uma relação essencial. Não é atemporal, mas está fora do tempo. Na neurose, ao contrário, a própria base das relações do sujeito com o objeto ao nível do fantasma é a relação do sujeito com o tempo. O objeto carrega-se desta significação que é buscada no que chamo de hora da verdade. O objeto sempre está uma hora antes ou depois dela.”(p.59)

O descompasso entre objeto e sujeito no fantasma é representado, por exemplo, no esquema de Leguil (**opus cit.**) pelos dois eixos não sobrepostos do fantasma e da pulsão. Nossa idéia de que na psicose da criança estes eixos encontram-se em paralelo e eventualmente sobrepostos permite dizer que o transe escópico equivale à ultrapassagem do descompasso fantasmático da relação entre sujeito e objeto. Este emparelhamento ao objeto coaduna-se além disso à leitura de Laznik-Penot acerca da irrealização do “novo sujeito” na psicose. Na psicose, não se está nem na espacialização do fantasma, como na perversão, nem no descompasso temporal, como na neurose, mas na eternização da posição do sujeito diante do objeto ¹⁷⁹.

de Pulsão e suas Vicissitudes (1915c) onde Freud alega que a transposição do sadismo originário ao masoquismo implica na emergência de uma terceira pessoa diante da qual o sujeito, identificado ao objeto, encontrará o gozo masoquista.

¹⁷⁹A relação entre a temporalidade da pulsão e a produção do sujeito foi tematizada por Freud (1920g) a partir da observação de seu neto. A criança jogava um carretel para fora e para dentro do berço fazendo acompanhar a ação pela vocalização de um “**Vor**” (se foi) e “**Da**” (aqui, voltou). A interpretação de Freud conduz à idéia de que se trata nesse momento de elaboração da ausência da mãe. Além de representá-la no carretel, que ia e vinha, há um outro elemento fundamental. Ao produzir o jogo, a criança subjetiva a falta da mãe, substitui sua posição passiva pela implicação direta como agente repetidor da cena. É esse tempo que parece falta à montagem pulsional da criança psicótica.

Gostaríamos de ilustrar a eternização do gozo na psicose a partir da sobreposição entre fantasma e pulsão e de sua manifestação no transe escópico a partir de um pequeno fragmento clínico. Trata-se de um rapaz de treze anos, com quem me encontrei em algumas entrevistas e que tudo me levava a pensar no diagnóstico de psicose. Ele apareceu certa vez num serviço de plantão psicológico onde estagiava, trazendo o seguinte pedido: queria que lhe examinassem a garganta pois havia algo de muito errado com ela. Não sabia dizer ao certo mas apontava para ela e fazia interjeições de mal estar. Repetia de modo fragmentário e quase inaudível expressões como: “Está ruim !”, “Está ficando pior !” e “Remédio!”. Os pais o acompanhavam, silenciados e atônitos imploravam algo com os olhos, mas eram interrompidos energicamente pelo filho quando tentavam falar.

Depois de muita insistência chegou-se a seguinte sequência: o que havia de errado é que sua voz estava ficando grossa e isso significava que ele podia deixar de ser uma criança e tornar-se um adulto, mais especificamente um homem. Isto ele não estava disposto a admitir e queria lutar com todas as suas forças contra este destino. Queria continuar a ser criança para sempre e por isso pedia uma espécie de remédio para que sua voz continuasse fina, como de criança.

Tratava-se evidentemente da imagem de uma criança que ele procuravam manter. Ele vasculhava seu corpo a procura de pelos nascentes os quais arrancava meticulosamente. Permanecia sempre com a mão sobre a face, temendo que algo aí surgisse repentinamente. Na segunda entrevista, fica claro que o que se opunha a “criança” só podia ser abordado alusivamente¹⁸⁰ através de expressões como: “Aquilo vai acontecer ... “ ou “Adulto ? “. Quando ele se tranquilizava aparecia sistematicamente aquilo que depois vim a chamar de transe escópico. Ele era correspondente a realização imaginária deste ideal de eternização.

Percebe-se neste fragmento o que poderia ser um discurso possível sobre a eternização da relação ao objeto, no caso, representado sobretudo pela voz. Toda pulsão deve ser drenada ao fantasma que neste caso pode ser suposto relacionado ao “transformar-se em ¹⁸¹” ou no possível

¹⁸⁰ A alusão é um caso de linguagem dependente da função dêixica, portanto da dialética da enunciação. Pela desarticulação entre esta e o estrato da gramática pulsional podemos supor que a adesão a alusividade (patente na criança psicótica e quase ausente na autista) não se veria acompanhada, em nenhum caso, do transe escópico.

¹⁸¹ Tausk (1990) já notara a importância disso para a determinação da psicose no adulto, como o mostra a seguinte afirmação: “Partindo daí, estaríamos no ponto de admitir que o aparelho de influenciar é o ponto final da evolução do sintoma que teve início com um simples sentimento de transformação.” (p.43)

“fazer-se homem para”. Quando esta enunciação se obtura, separa-se pulsão e fantasma tornando possível a imaginarização e falicização do corpo-criança. Ali onde a neurose faria um sintoma, que permitiria o acesso escamoteado pelo recalque à posição masculina, a psicose faz um buraco cujos traços são a alusividade, a angústia e a retenção no tempo pulsional anterior à causação do sujeito.

18. O Sujeito e o Ato

Neste capítulo procuraremos examinar o estatuto do sujeito na psicose da criança privilegiando a aparição deste sujeito em momentos específicos que chamaremos de atos irruptivos. O valor destes momentos é ao mesmo tempo diagnóstico e prognóstico. Diagnóstico pois verifica-se um sujeito estruturalmente distinto do da neurose e prognóstico uma vez que é justamente por ocasião desses atos irruptivos que a criança se mostra mais aberta e responsiva a intervenções terapêuticas.

Uma característica das crianças que observamos era a sua capacidade de nos surpreender. Ao contrário de outros tipos clínicos onde era possível antecipar certas ações e rituais, avaliar o que elas conseguiriam ou não fazer, no caso de crianças psicóticas parecia imponderável. Nunca se sabia o que esperar. Aquilo que parecia completamente impensável num dia se realizava com desenvoltura na ocasião seguinte.

Wahlens (1990), criticando a definição em negativo que atravessa a história psiquiátrica e psicanalítica da psicose, fazendo com que ela coincida sempre com a falta, ausência ou perturbação do esperado, propõe que justamente esta possibilidade de realizar ações inesperadas seja valorizada como critério diagnóstico:

"... é quase impossível prever as tarefas de que um dado esquizofrênico será ou não capaz, e impossível também esperar que os fracassos de hoje se repitam amanhã. É isso que, entre outras coisas, diferencia radicalmente o esquizofrênico, mesmo o mais deteriorado, do débil mental, em que o nível dos desempenhos é ao mesmo tempo previsível e constante."
(p.22)

Uma criança habitualmente hipotônica ou com problemas de coordenação motora pode subitamente adquirir agilidade e realizar um ato até então tido como improvável pelos que a cercam. O mesmo pode ocorrer do ponto de vista da linguagem. Certas crianças podiam ficar dias murmurando palavras desconexas e ininteligíveis até que num determinado momento proferiam uma frase complexa, sincronizada com o contexto e, via de regra recebida como altamente significativa.

No caso do menino lobo (Lefort e Lefort, 1989), esse momento pode ser isolado da seguinte forma: o menino fora forçado a receber água açucarada para não gritar, durante uma circunstância particularmente trágica de sua existência; ele manifestava, algum tempo depois, interesse por tudo aquilo que cercava a idéia de "mamadeira". Quando no entanto se faz uma intervenção que o faz se

defrontar com o significante "mamadeira" e sua eventual disposição a recusar a experiência a ele associada sua resposta se dá por uma ação irruptiva, uma passagem ao ato, ele tenta cortar seu pênis com uma tesoura (p.96).

O significante "mamadeira" bem como a montagem pulsional a ele articulado parece imune a uma apropriação, ele não instaura uma separação (entre passado e presente por exemplo) mas funciona ou de modo a causar um sujeito Uno ou a totalizar o Outro, alternativa na qual seu pênis deve ser oferecido como objeto. O que determina a passagem ao "delírio atuado" é um endereçamento de desejo, proposto pela intervenção. O significante "mamadeira" é recebido isolado de seu S2, o que o transforma num imperativo de gozo. Em função disso, os Lefort falam da presença de um pai Real, figura primaz do Outro na psicose.

Laznik-Penot (1989) descreve algo muito semelhante ao que chamamos de atos irruptivos. No contexto dos transtornos institucionais causados por essas ações, ela destaca que a criança surge: "subitamente tomada de uma destreza, de uma agilidade extraordinária" e que um "enorme sorriso de beatitude domina a figura". Além disso a criança sai de sua hipotonia habitual e mostra-se dotada de uma força incomum na execução deste cenário jubilatório:

"Frederique se precipita, arrebatada-lhe o rolo das mãos e, em alguns segundos o desenrola sobre dezenas de metros do corredor, inutilizando-o completamente." (p.59)

Sua interpretação do acontecimento é sugestiva. Tratariam-se de delírios atuados. Pensamos que mais que uma atuação do delírio, este ato é uma forma de reunir o sujeito que no mais permanece disperso pelos diversos pontos representados pelas montagens pulsionais.

Nessas ações, as crianças psicóticas parecem concluir um ato; o que se atesta pela procura do olhar do outro logo que sua ação chega ao fim. É um olhar que demanda reconhecimento. Tais atos põem fim ao transe escópico, ou à repetição delirante. Tais atos associam-se muitas vezes à experiência de dor. Vimos nos capítulos 6 e 7 como a teoria do sujeito em Lacan visa compatibilizar domínios heterogêneos e redundam numa concepção do próprio sujeito dividido e representado em paradoxalidades. Uma dessas paradoxalidades é figurada pela própria estrutura do sujeito como equivalente à banda de Moebius (1958a, p. 535). Ora, nada nos leva a crer que também na psicose esta

equivalência seja mantida. Pelo contrário, o ponto de torção da banda de Moebius dá lugar a duas bandas (m e M) não articuladas e infinitizáveis pelo movimento assintótico do delírio.

No caso da criança psicótica, esta infinitização se realiza pela dispersão ou pela fragmentação dos objetos. Como o descreve Tustin (1975):

“Faz isso geralmente através da ilusão de que está espalhando pedaços de seu corpo por ele, pedaços que fragmenta tanto quanto pode, num esforço de diminuir ainda mais a dor que a percepção de sua individualidade corporal lhe traz.”(p.137)

O apego à fragmentação pode ser atestado diferencialmente nas crianças psicóticas não autísticas como o apego ao espalhamento dos objetos e do corpo e nas crianças autistas como a diminuição, pela decomposição ou estreitamento do limiar perceptivo do estímulo. Nas duas circunstâncias, o sujeito está abolido e encontramos apenas o ego como sistema inibitório-perceptivo. Vimos que esta situação pode ser rompida pelo transe escópico ou seja pela instabilidade das relações entre fantasma e pulsão. Agora, trata-se de uma possibilidade diferente, trata-se de um sujeito em ato.

Devemos entender para isso que se o sujeito é um efeito de linguagem ¹⁸², ele é efeito não apenas da estrutura da linguagem mas também do ato de linguagem. Um ato de linguagem não é necessariamente um ato de fala se bem que suponha em alguma medida a estrutura dialogal da linguagem para tanto. Ora, podemos definir um ato como uma descontinuidade no tempo da linguagem. Um ato, desde o artigo sobre o Tempo Lógico (1945) institui uma anterioridade e uma posterioridade a partir de então (a partir do ato) tornadas irreversíveis. O ato constrói assim um vazio de significação retrospectivamente preenchido. O sujeito psicótico é estruturalmente diferente do sujeito neurótico porque a estrutura da significação é nos dois casos diversa. Calligaris (1989, p. 55) traz uma representação muito feliz desta diferença. Este autor fala na ausência de uma referência fálica, organizadora do saber na psicose e ilustra a estrutura deste saber da seguinte maneira:

¹⁸² Um efeito de sentido real, ou, o ponto em que o real aparece na linguagem, como observa Lacan em L'Étourdit (1973a).

					→
		D	E		
A	B	C			

(p.55 adaptado)

Os entroncamentos (A, B etc.) correspondem a pontos de significação que vão se acumulando pela errância psicótica, isto é, pelo seu caminhar dentro de um sistema de reendereçamentos de significação não organizados pelo Nome-do-Pai. Calligaris (p.17) menciona como exemplo dessa errância um paciente aderido pelo delírio ao sistema ferroviário francês. Vale a pena acrescentar que o que parece tônico na escolha do suporte imaginário para a confecção do delírio é a presença de uma temporalidade homogênea, típica do tempo entificado de certos objetos, como máquinas, sistemas informáticos, eletrônicos e códigos de comunicação. É a descontinuidade com este modo temporal que se coloca nos atos irruptivos da psicose na criança. Em oposição a tais atos, coloca-se justamente um sistema de autoremissões que Jerusalinsky (1984) chamou de ação delirante. Podemos localizar nos interstícios desse mapa de entroncamentos tanto a angústia como o abismo de significação que se mostra na alusividade e no estranhamento psicótico. O sujeito psicótico é efeito desta estrutura organizativa produzida pela errância. É por intermédio desta que ele constrói para si mesmo uma ordem para as relações temporais capaz de lhe fornecer uma história, uma identidade e um destino possível.

Há circunstâncias, no entanto, em que este sistema, a metáfora delirante do adulto, fracassa. Nestes momentos, o sujeito se interpõe como substituto do elemento faltante na série dos entroncamentos de significação. É o caso dos atos irruptivos. O sujeito se põe no ato de modo a recobrir a falta com que se encontra no interior da metáfora delirante. Trata-se pois de um sujeito não

dividido pelos efeitos do inconsciente, pelo intervalo entre S1 → S2, mas reunido pela ausência deste intervalo.

É o que pudemos pensar diante do caso que apresentamos brevemente no capítulo 2. Tratava-se de um menino de nove anos que sistematicamente quebrava vidros e perfurava uma parte de seu corpo com este fragmento cortante. Alternava com estes atos, períodos de grande dispersão; de espalhamento dos objetos e de seu corpo, de enfim diluição da unidade do ego na infinitização da realidade. No ato havia como que uma inversão, ponto a ponto dos elementos predominantes nestes períodos. Passava da hipotonia a uma grande destreza motora. Passava da dispersão escópica a um olhar que demandava acolhimento. Ao invés de gritar disruptivamente, pedia, demandava auxílio. Antes da dor parecia tomado por um júbilo unificador, talvez derivado da junção ou reunião corporal que a dor pode propiciar. Depois desses atos, ele parecia particularmente sensível à fala de outras pessoas e rompia temporariamente seu encapsulamento.

19. Signo, Significante, Som

Examinaremos neste capítulo algumas implicações clínicas da idéia explorada no capítulo 5 acerca da pluriestratificação da linguagem e de seu isomorfismo com certos processos psíquicos e temporais.

O ponto clínico a destacar inicialmente é a sensibilidade particularmente aguçada da criança psicótica à prosódia interrogativa e exclamativa. Em relação a nossas crianças, pudemos acompanhar várias situações onde se cantava uma música, se entoava uma melodia ou um ritmo mas onde o canto surgia sem entonação, como se faltasse a presença de alguém por trás da cantiga, lembrando a fala dos afásicos. Também observamos que em diversos diálogos entre crianças e destas com adultos, o essencial retido pelo sujeito era a prosódia e não a significação produzida. A criança psicótica costuma intercalar momentos de plena articulação da palavra com momentos de balbúcio ou articulações fônicas ininteligíveis. Tustin (1975) refere-se a situação da fala em crianças psicóticas da seguinte forma:

“A fala pode ser muito limitada a uma “algaravia” no A.P.A. (Autismo Primário Anormal); não existir de todo (mudez), ou ser como um eco nas crianças com A.S.E. (Autismo Secundário Encapsulado) , que às vezes se apresentam como uma espécie de linguagem privativa (seja como for, quando elas chegam a falar, fazem-no muito mais para aliviar a tensão do que para comunicar); e ser indistinta e mal organizada ou então prolixa e confusa, no A.S.R. (Autismo Secundário Regressivo).”(p.102)

O que a descrição de Tustin reforça é a existência e a importância de condições intermediárias da fala na psicose da criança ¹⁸³. Essas condições intermediárias entre a palavra e o som foram destacadas por Czermak (1991). Este autor afirma que na psicose há por um lado o desdobramento da voz, sem palavra, de outro da palavra desconectada da voz. A classificação proposta por Czermak, tendo em vista o delírio do presidente Schreber é a seguinte:

- as "vozes" sujeitadas inteiramente a um código, expedindo mensagens articuladas nos quais se verá significantes desinvestidos de significação;

¹⁸³ Tkach (1991) refere-se à instabilidade dos estratos de linguagem da seguinte forma: “O fenômeno em questão consiste na produção constante de uma série que vai de gritos e ruídos amorfos, sons, até músicas canções, palavras. Esta produção não é linear ou cronológica. Ao contrário vai e vem constantemente, mas em linhas gerais creio ver um movimento que vai do amorfo, desorganizado e insuportável , até a forma, a harmonia e o significado.”(p.121)

- os "barulhos" sujeitos inteiramente à ordem de uma significação, o fenômeno participa da significação sem ter significação própria;
 - as "cintilâncias" cuja formulação primaz é musical e à qual o sujeito se entrega em automatismo.
- (p.236)

Poderíamos replicar esta classificação, em face da psicose na criança da seguinte forma:

- os fenômenos ligados ao ritmo, e ao campo de sons contido na voz humana e na musicalidade;
- os fenômenos ligados à esfera do fonema como primeira circunscrição da sonoridade ¹⁸⁴;
- os fenômenos ligados à estrutura da enunciação e a prosódia e da função dêixica;
- os fenômenos ligados à estrutura do significante e da língua.

Vejamos um exemplo da instabilidade desses diversos estratos da linguagem na sequência interativa de uma criança que retomamos do capítulo 2 . Nele, trata-se de uma criança que passa da reprodução de alguns sons que parecem emissões sonoras sem significação à construção de um enunciado significativo: “O carro é de papai”; como se os diferentes estratos de linguagem se encadeassem num determinado momento e em seguida se desarticulassem; como se os diferentes estratos da linguagem fosse se perfilando na ordem inversa reconstituindo a situação original de entretenimento com os sons.

A ação delirante da criança psicótica está muito mais próxima da dimensões sonora do que da significante. Trata-se de uma sucessão sonora de um acúmulo que do ponto de vista temporal mantém-se como uma sucessão não diferencial.

No caso da criança autista parece predominar a dimensão sígnica da linguagem. De acordo com a hipótese da fissura sígnica induzida pela metáfora, pode-se entender porque o desgarramento do significante em relação ao significado na psicose redonda da produção de fenômenos como a alusividade e a adesão à enunciação interrogativa.

De modo inverso, no autismo, a ausência de fissura sígnica associa-se à ausência de contextos metafóricos e à paralização da reversibilidade pulsional. O som, recebido no plano da pulsão

¹⁸⁴ Tustin (1975) descreve um fenômeno similar da seguinte forma: “Só posso compará-la às palavras em eco de algumas crianças psicóticas, que “apanham” as palavras “no ar”, isto é, repetem o que ouvem de objetos externos como se fossem

evocatória em relação ao fantasma (psicose) tem um estatuto diferente do som como signo icônico fechado no interior de um sistema de linguagem. Compreende-se assim porque este sistema de linguagem é muito mais estável, do ponto de vista da composição de temporalidades envolvidas, do que o sistema de linguagem na psicose.

A criança psicótica mostra-se indiferente às alterações de espaço e sensível às variações na temporalidade significativa (especialmente as relativas à função dêixica), a criança autista é muito responsiva a qualquer ingerência naquilo que compõe o seu universo de linguagem, mesmo que este universo seja tido como eventualmente muito restrito, mas pouco sensível às variações significativas (relativas a demanda e ao desejo). Esse universo de linguagem não deve ser confundido com um universo de fala e nem de comunicação.

Temos então de um lado uma dimensão onde predomina a referência ao espaço e de outro uma referência ao tempo. A integração entre a imagem (especialmente a corporal) e o tempo (especialmente o linguístico) poderia servir para situar a tônica dos projetos clínicos no tratamento da psicose da criança¹⁸⁵. A temporalidade que pode ser associada ao plano sonoro da linguagem é assim uma temporalidade contínua, isomorfa à temporalidade dos objetos, isto é, à temporalidade espacializada.

A produção de porções discretas neste contínuo sonoro depende de duas condições: o estabelecimento da estrutura da enunciação e a realização da função sígnica na qual a criança enquanto ser da espécie humana está aderida. A intencionalização dos primeiros fonemas é um indício desta conjugação. Na psicose da criança, é possível que uma dessas duas condições falte mas o mais comum é que elas estejam presente mas não articuladas. Daí a responsividade às situações onde a enunciação parece ser destacada de seu contexto enunciativo e a função sígnica parece se impor a qualquer outra forma de linguagem.

um papagaio, ou seja, sem entender o sentido delas, passando a usá-las como uma espécie de fachada por detrás da qual se escondem.” (p.55)

¹⁸⁵ As técnicas de nomeação das partes do corpo são uma tônica na história da psicanálise de crianças. Dolto (1988) pedia a confecção de uma boneca-flor. Klein (1967) propõe uma tática de interpretação que joga basicamente com a nomeação do sentido de pedaços fundamentais do corpo. Manonni (1987) valoriza a exploração do corpo diante do espelho incluindo a nomeação. Pankow (1989) associa esta nomeação à produção expressiva por meio de modelagens e pinturas. De fato, tais procedimentos, aqui resumidos ao extremo, visam estabelecer uma simultaneidade de imagens e palavras cujo cruzamento e dispersão se atestam na fragilidade do esquema corporal na psicose. A passagem do som ao sentido e deste à significação compõe parte essencial do programa clínico para a psicose na criança.

A produção de significações que decorram da estrutura da sentença é por fim instável como o mostram a maior parte dos dados clínicos. Sua produção parece associar-se à forte presença da prosódia e da musicalidade. Curiosamente a sensibilidade à consonância de certas “expressões linguísticas” não foi sistematicamente explorada pelos que se dedicam a pensar tratamentos com a psicose na criança. Indicamos aqui a possibilidade de que os processos poéticos, justamente onde se estreita a separação entre o som e o sentido, sejam utilizados para viabilizar o acesso de crianças psicóticas à construção de significações.

Seria o caso de propor a exploração de uma forma lúdica que partisse do plano de consonâncias e aliterações e a partir disso procurar estabelecer formas retóricas mais complexas como a metáfora e a metonímia. Utilizaria-se, assim a própria propensão da criança psicótica a brincar com os aspectos sonoros da fala, valorizando nesse sentido a implantação da criança na linguagem.

20. Conclusão

Nossa pesquisa não se realizou pelo teste de um conjunto organizado de hipóteses mas pelo desenvolvimento de uma perspectiva cuja principal característica é considerar os problemas clínicos do ponto de vista da linguagem e da temporalidade nela contida. A linguagem foi usada de duas formas neste trajeto, como um modelo considerado teoricamente isomórfico ao psiquismo e como manifestação captada em atos concretos de fala e de produção de significação. Uma vantagem deste modelo é garantir uma certa homogeneidade entre os modos clínicos e os modos teóricos envolvidos na apreensão psicanalítica do tema das psicoses na criança. Essa relação entre clínica e teoria foi tratada a partir de três ângulos: a posição do sujeito que realiza esta relação, os problemas epistemológicos que historicamente esta relação traz consigo, e a especificidade da descrição, relato ou narrativa que se realiza no interior desta relação.

A incompatibilidade fundamental entre a descrição etológica, em vários aspectos semelhante à descrição psiquiátrica, e a descrição psicanalítica reside, como pudemos mostrar, na espacialização das primeiras em relação à temporalidade exigida pela segunda. As próprias descrições psicanalíticas podem ora se aproximar ora se distanciar da descrição psiquiátrico-etológica. Identificamos assim duas concepções de linguagem como que embutidas nas diferentes leituras psicanalíticas: uma que pensa a linguagem como meio de expressão ou representação de uma substância extra linguística e que em função disso se alimenta de descrições espacializantes e outra que atribui à linguagem o papel de mediador universal no interior do qual os próprios jogos ou formações da linguagem constituem e modulam o que chamamos de realidade e que a tradição metafísica ocidental costuma considerar como uma substância extra linguística. Neste segundo caso, a temporalidade é constitutiva do valor da descrição. No entanto, a forma de realização desta temporalidade não foi examinada a fundo. Isto exigiria um aprofundamento nas versões da temporalidade presentes na história biográfica, no contexto antropológico e na duração psicológica que encontra-se apenas esboçado até aqui. Gostaríamos de salientar que o problema da descrição clínica não nos parece passível de solução até que as pesquisas sobre a temporalidade se estendam a este ponto.

A recusa da incorporação direta da descrição espacializante nos obrigou a examinar uma segunda condição para a efetuação de descrições em psicanálise. Postulamos que esta condição seria a colocação do pesquisador na posição de analisante, fazendo do texto uma alteridade capaz de interrogá-lo e propiciar o avanço da questão colocada. Recusa-se desta maneira quer a posição que caberia ao sujeito da ciência no sentido tradicional do termo, quer a posição de sujeito psicológico. Aqui novamente somos levados à fronteira de uma nova rede de problemas cujo centro é a própria especificidade da posição de analisante e suas possíveis relações com a produção de saber e com a escrita ¹⁸⁶. Em função dessa investigação, estabelecemos como base a idéia de que as condições de efetuação de uma descrição psicanalítica seriam a posição de analisante (do ponto de vista do descritor) e a temporalidade (do ponto de vista do descrito).

Escolhemos o modelo de aparelho psíquico contido na Carta 52 como ponto de partida para a avaliação teórica das relações entre a psicose e a linguagem. Acabamos por extrair deste texto uma leitura que preparava o terreno para a análise clínica da psicose na criança. Chamamos esta leitura de modelo da multiestratificação linguística do psiquismo. Nele, considerou-se presentes simultaneamente três planos de consideração da linguagem:

- (1) a linguagem como sistema de signos estruturados pela primazia do significante.
- (2) a linguagem como conjunto de proposições, juízos, frases ou sentenças estruturados pelo que se pode chamar de gramática ou de lógica.
- (3) a linguagem como ato de enunciação estruturado pela situação dialogal e por sua subversão constituinte contida na idéia de inconsciente.

A estes planos de linguagem corresponderiam possibilidades temporais distintas. A simultaneidade e a sucessão (1), o tempo verbal e sua produção nas reviravoltas dos enunciados (2) e a antecipação, a espera e o atraso (3). Ainda de acordo com o modelo da multiestratificação linguística vimos a importância fundamental das formações híbridas, compósitos intermediários entre os

¹⁸⁶ Juranville (1987), nos capítulos finais de seu texto nos dá indicações preciosas acerca da eventual ligação entre o que chama de "estrutura existencial da sublimação" (p.368) e a escrita.

diferentes estratos e que decorriam de obstruções e compromissos de tradutibilidades ¹⁸⁷. Esse parasita ou forma linguística mutante contempla a idéia de formações do inconsciente ¹⁸⁸.

A condição do sujeito na psicose se especificaria pela ausência dessas formações intermediárias quer pela ausência de empecilho à tradução, quer pela paralisação do processo tradutivo. Isto se verificaria pela presença dos três planos considerados de linguagem mas sem a sua plena articulação.

Ora, localizar o sujeito nesta encruzilhada é supô-lo como um elemento de heterogeneidade linguístico-temporal, o que combina com vários aspectos das teorizações de Freud e Lacan a este respeito. A noção de sujeito em Lacan bem como a de eu em Freud seriam tributárias dessa temporalidade que é ao mesmo tempo regressiva e progressiva, reversível e irreversível. Nossa hipótese é de que isso explicaria, por exemplo, a tensão entre estrutura e dialética que atravessa a reflexão de Lacan acerca do sujeito. Isso combina ainda com a insistente paradoxalidade que acompanha a teorização do sujeito, seja ela evidenciada na procura de modelos topológicos, como a banda de Moebius, seja pela tematização da contradição revelada entre pares conceituais como interior/exterior, enunciado/enunciação, estrangeiro/familiar ou desejo/demanda.

Em relação ao tema da psicose na criança, o modelo da multiestratificação linguística foi capaz de nos oferecer uma contribuição etiológica. Postulamos a existência de psicoses deficitárias a partir da irrealização da função sgnica que podemos localizar na ligação etológica que organiza a relação da prole humana com sua figura de cuidado ou na função materna que a inclui e humaniza. No caso das psicoses autísticas, o nó etiológico se encontraria na não fissura desta função sgnica, a manutenção numa proporcionalidade estável da relação entre significante e significado. Finalmente no caso das psicoses propriamente ditas haveria uma irrealização da simultaneidade própria à função metafórica da qual a metáfora paterna seria um caso entre outros. Nas duas últimas circunstâncias (a psicose autística e a propriamente dita), constata-se uma alteração da função dêixica, especialmente dos meios de

¹⁸⁷ Dois temas parecem corresponder em Lacan mais diretamente a esta idéia de intradutibilidade ou de resistência e repetição de uma não inscrição: o nome próprio e a letra. Nesse sentido, eles seriam a face Real das formações inconscientes; o que, ao que tudo indica, atravessa a teorização de Lacan no Seminário XXIII - O Sinthoma.

¹⁸⁸ Que fique claro não tratar-se aqui da idéia, por exemplo, contida em Habermas (1987) de que a psicanálise seria apenas a reconstrução de um texto original pela retirada de seus equívocos de tradução e censura e pelo restabelecimento da perfeita comunicação de acordo com o ideal de autonomia e transparência do sujeito, que no geral marca a perspectiva deste autor. Nossa tese é de que estes equívocos e resistências de tradutibilidade não precisam nem da suposição de um "texto original" (bastaria a suposição de um outro texto) nem que a ética do entendimento comunicativo universal é a que melhor contempla o que a psicanálise teria a dizer sobre este ponto.

marcação da enunciação (a função shifteriana por exemplo). No caso da psicose propriamente dita, ao contrário dos outros dois casos, haveria a instalação de contextos metafóricos incipientes (a brincadeira turbulenta, por exemplo).

Pensamos estas três situações clínicas a partir de implantações diferentes da idéia de linguagem e de temporalidade contida no modelo da pluriestratificação linguística. Isto é, definimos a estrutura de quatro modos distintos o que parece responder a diferentes acentos desta noção nos comentadores e na obra de Lacan. Nos parece, apesar de tudo, que as duas formas clínicas que mereceriam propriamente constituírem-se como estruturas são a psicose e o autismo, sendo a psicose deficitária algo mais próximo de um estado de transição.

A presença de contextos metafóricos como a brincadeira turbulenta pode ser pensada como uma vertente para um tratamento possível. De certa forma, as perspectivas que procuram incluir a criança numa história que a precedeu e constituiu contam com o fortalecimento de contextos metafóricos como forma de sustentação de uma subjetividade viável. O ponto a acentuar no caso das psicoses autísticas seria outro, a saber, mais as formações próximas da voz e do som do que as que visam trabalhar sobre a produção da significação ao nível da frase e do signo instabilizado. A agressividade, especialmente no caso da psicose autista estaria organizada por uma espécie de temporalidade em retardo e se colocaria como um momento bastante fecundo para trabalhar a instalação de contextos metafóricos.

Ao nível das relações entre gozo, satisfação e prazer propusemos como fenômeno representativo o transe escópico, indubitavelmente mais presente no autismo do que na psicose propriamente dita. Este corresponderia a um momento de conjugação entre o plano do fantasma e o plano da pulsão, portanto de transformação extrema da satisfação e do prazer em gozo. Aqui o manejo clínico a conjecturar aponta para práticas que possam veicular a alteração da passividade em atividade e da atividade em passividade, práticas que possam convidar o sujeito a variar sua posição enunciativa.

Outro ponto a valorizar seriam certos atos irruptivos que parecem reunir o sujeito num ato. O valor deste ato é menos o que ele veicula como significação e mais o ato de enunciação que ele permite. Trata-se de uma sequência que para se realizar necessita de elementos precisos e

provavelmente dependentes da singularidade de cada criança. No exemplo que abordamos mais de perto, o ato de enunciação dependia do ataque a objetos capazes de reflexão ótica. Trataria-se de permitir, sem os riscos evidentes contidos nesta contingência, a reatualização desses atos de enunciação, pontos de sujeito e de descontinuidade temporal em relação a ação delirante (que seria aqui o oposto clínico do ato irruptivo).

O modelo da multiestratificação linguística encontrou sua aplicação mais direta quando abordamos a fala de crianças psicóticas e seu movimento de conjugação e ruptura entre os planos do som, da voz, do significante, da frase e da enunciação. Destacamos neste caso algumas instâncias ou contingências que podemos pensar como articulatórias entre estes diversos planos: o ritmo, a interrogatividade e a prosódia são os três exemplos mais sólidos. A valorização clínica destes aspectos poderia trazer algumas contribuições à estabilização e articulação das instâncias de linguagem e conseqüentemente para a organização do sujeito.

Pensamos que o modelo da pluriestratificação linguística poderia acolher ainda outras formas ou planos de consideração da linguagem. Destacamos neste estudo apenas aqueles que nos pareceram mais representativos nas investigações contemporâneas sobre o assunto. Outro ponto a questionar é o nível de exposição e aprofundamento descritivo e conceitual de cada um destes estratos que infelizmente ficou longe da exaustão.

Uma implicação que pensamos como imediata deste modelo, para além do tema específico da psicose na criança, é relativa ao problema da interpretação na clínica da neurose. Neste caso, também a temporalidade nos parece um elemento a ser reconsiderado e incluído nas teorizações sobre a interpretação. Essa intuição equivaleria pensar que a multiestratificação da linguagem implica em uma escuta pluriarticulada, isto é sujeita a diferentes planos de inserção.

21. Bibliografia

- Ajuriaguerra, J. & Marcelli, D. - Manual de Psicopatologia Infantil, Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.
- Aldis, O. - Play Fighting, Academic Press, Nova York, 1975.
- Altman, J. - “*Observational study of behaviour, sampling methods*”, in **Behaviour**, 49, 227-267, 1974.
- Alexander, F.G. - *Desarrollo de los conceptos fundamentales del psicoanálisis*, in Psiquiatria Dinâmica, Paidós, Buenos Aires, 1978.
- Alexander, F.G. & Selnsnick, T. - História da Psiquiatria - Uma avaliação do Pensamento e da Prática Psiquiátrica desde os Tempos Primitivos até o Presente, IBRASA, São Paulo, 1980.
- Allers, R. - Freud - estudo crítico da psicanálise, Tavares Martins, Porto, 1979.
- Ancelmo, S. - *Monólogo*, in Coleção **Os Pensadores**, Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- Arendt, H. - A Vida do Espírito - o pensar, o querer, o julgar, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1995.
- Ariès, P. - História Social da Criança e da Família, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1981.
- Arrivé, M. - Linguística e Psicanálise - Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os Outros, Edusp, São Paulo, 1994.
- Assoun, P.L. - Freud a Filosofia e os Filósofos, Francisco Alves, São Paulo, 1978.
- Freud e Wittgenstein, Campus, Rio de Janeiro, 1990.
- Austin, J.L. - Quando Dizer é Fazer, Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.
- Barthes, R. - Elementos de Semiologia, Cultrix, 1979, São Paulo.
- Bender, L. - “*Childhood schizopheneia: a clinical study of 100 schizophrenic children*”, **American Journal of Orthopsychiatry**, 17, 40-56, 1947.
- Benveniste, E. - *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, in Problemas de Linguística Geral, Nacional/Edusp, São Paulo, 1966.
- Bercherie, P. - Os Fundamentos da Clínica - história e estrutura do saber psiquiátrico, Jorge Zahar Rio de Janeiro, 1989.

- Bertolucci, G. & Alberts, R.J. - "*Deictic categories in language of autistic children*", in **Journal of Autism and Childhood Schizophrenia**, 4: 131-141, 1974.
- Bick, E. - "*Notes on infant observation in psycho-analytic training* ", in **International Journal of Psychoanalysis**, Vol 45, 4, 558-566, 1984.
- Blurton Jones, N - *Categorias de Interação criança-criança*, in Estudos Etológicos do Comportamento da Criança, Pioneira, São Paulo, 1972.
- (1967) "*An ethological study of some aspects of social behaviour of children in nursery school*", in Primate Ethology, Desmond Morris, Weidenfeld and Nicolson, London.
- Bourguignon, A. - *Alguns problemas epistemológicos*, in O Conceito de Renegação em Freud, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1991.
- Bowlby, J. - Apego, vol 1 da Trilogia **Apego e Perda**, Martins Fontes, São Paulo, 1984.
- Boyer, P. - Distúrbios da Linguagem em Psiquiatria, Zahar, Rio de Janeiro, 1982.
- Brauer, J. F. **et alli** - A Criança nos Discurso do Outro, Iluminuras, São Paulo, 1994.
- Brazelton, T.B. & Cramer, B.G. - As Primeiras Relações, Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- Bruno, P. - Satisfação e Gozo, Tahl, Belo Horizonte, s/d.
- Bussab, V.S.R. - *Comportamento humano: origens evolutivas*, in Etologia de Animais e de Homens, Ades, C. (org), Edicon/Edusp, São Paulo, 1989.
- Cabas, A. G. - A Função do Falo na Loucura, Papirus, Campinas, 1988.
- Calligaris, C. - Hipótese sobre o Fantasma, Artes Médicas, Porto Alegre, 1986.
- Introdução à Clínica Diferencial das Psicoses, Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
- Campbell, R.J. - Dicionário de Psiquiatria, Martins Fontes, São Paulo 1986.
- Cassierer, E. - Ensaio sobre o Homem - introdução a uma filosofia da cultura humana, Martins Fontes, São Paulo, 1994.
- Chervert, B. - *Des acquets réduits a la communauté. Mis temps therapeutique avec des enfants psychotiques*, in **Information Psychiatrique**, Sp, Vol 64(7) 937-943, 1988.
- Chnaiderman, M. - O Hiato Convexo: literatura e psicanálise, Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, 1987.

- Chomsky, N. - *Aspectos de Teoria da Sintaxe*, in Coleção **Os Pensadores**, Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- Corominas, J. & Viloca, L. - *Ansietat de separacion en un nen con un trauma precoz*, in **Revista Catalana de Psicoanalisi**, Spr. Vol 6(1), 41-54, 1989.
- Costa, J.F. - *Pragmática e processo analítico - Freud, Wittgenstein, Davidosn, Rorty*, in Redescrições da Psicanálise, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1994.
- Violência e Psicanálise, Graal, Rio de Janeiro, 1984.
- Cox, M.I.P. - *Benveniste e a Subjetividade - trajeto e nuances*, in **Cadernos de Subjetividade** V 3 n 2, 289-304, Set./Fev. 1995.
- Creak, E.M. - “*Childhood psychosis*”, in **British Journal of Psychiatry**, 109, 84-89, 1963.
- Cunha, A.G. - Dicionário Etimológico, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1994.
- Czermak, M. - Paixões do Objeto - estudo psicanalítico das psicoses, Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.
- Damon, M. - Ensaio sobre a Topologia Lacaniana, Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.
- Davidson, D. - *Paradoxes of irrationality*, in Wohlheim (org.) Philosophical Essays on Freud, Cambridge University Press, Cambridge, 289-305, 1982.
- Derrida, J. - *Freud e a Cena da Escrita*, in A escritura e a Diferença, Perspectiva, São Paulo, 1971.
- Denis, A. - “*Temporality and modes of language*”, in **International Journal of Psychoanalysis**, 76, 1109-1118, 1995.
- Descartes, R. - *Meditações Metafísicas*
- *Discurso do Método*
- in Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- Devito, G.R. - “*Le temps de l'autisme*”, in **La Cause Freudienne**, Paris, Fev. 1994.
- De Waelhens, A. - A Psicose - ensaio de interpretação analítica e existencial, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.
- Descombes, V. - L'Inconscient malgré lui, Paris Minuit, 1977.
- Diatkine, R. - “*L'enfants pré-psychotique*”, in **Psychiatrie Enferm**, XII, 2, p. 413-446, 1969.

- Di Pietro, J.A. - "*Rough and tumble play: a function of gender*", in **Development Psychology**, 17, 50-58, 1981.
- Dolto, F. - Psicanálise e Pediatria, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1988.
- Dor, J. - Estrutura e Perversões, Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.
- Introdução à Leitura de Lacan - o inconsciente estruturado como uma linguagem, Artes Médicas, Porto Alegre, 1988.
 - A-cientificidade da Psicanálise - tomo 1 a alienação da psicanálise, Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.
- Dosse, F. - História do Estruturalismo - Vol 1 o campo do signo, Ensaio/Unicamp, Campinas, 1993.
- DSM III-R - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, A.A.P., Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
- Ducrot, O. & Todorov, T. - Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem, Perspectiva, São Paulo, 1988.
- Dunker, C.I.L. - O Lúdico e o Agressivo na Psicose Infantil: contribuições da etologia à psicopatologia, Dissertação de Mestrado, IPUSP, São Paulo, 1991.
- *Desejo, Pulsão e Fantasia*, in A Criança no Discurso do Outro - exercícios de psicanálise, Iluminuras, São Paulo, 1994.
- Eco, U. - Semiótica e Filosofia da Linguagem, Ática, São Paulo, 1991
- A Estrutura Ausente, Perspectiva, São Paulo, 1980.
- Estes, R.D. - "*The comparative behavior of Grant's and Thomson's gazelles*", in **Journal of Mamalogy**, 48, 189-209, 1968.
- Faria, E. - Dicionário Latino-Português, DNE/MEC, Rio de Janeiro, 1967.
- Ferenczi, S. - (1913) *Um Pequeno Homem Galo*, in Obras Completas de Ferenczi Vol 4, Martins Fontes, São Paulo, 1991.
- Ferreira, A.B.H. - Novo Dicionário Aurélio, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1973.
- Figueiredo, L.C. - Escutar, Recordar, Dizer - Encontros Heideggerianos com a Clínica Psicanalítica, Escuta/EDUC, São Paulo, 1994.

- A Invenção do Psicológico - quatro séculos de subjetivação 1500-1900, Escuta/EDUC, São Paulo, 1992.

Fillmore, C. - Santa Cruz Lectures on Deixis, UCLA Press, California, 1971.

Fontaine, J. - O Círculo Linguístico de Praga, Cultrix/Edusp, São Paulo, 1978.

Forrester, J. - Seduções da Psicanálise, Papirus, Campinas, 1987.

Frank, M. - Zeitbewusstsein, Neske, Tübingen, 1990.

Frege, G. - *Sobre o sentido e a referência*, in Lógica e Filosofia da Linguagem, Cultrix/Edusp, São Paulo, 1978.

Freud, S. - (1891) A Interpretação das Afasias, Edições 70, Lisboa, 1977.

Freud, S. - (1893a) *Estudos sobre Histeria*

- (1894a) *As Psiconeuroses de Defesa*

- (1895a) *Projeto para uma Psicologia Científica para Neurólogos*

- (1895b) *Manuscrito G* *

- (1895c) *Manuscrito H* *

- (1896a) *Carta 46 a Fliess* *

- (1896b) *Carta 52 à Fliess* *

- (1900a) *Interpretação dos Sonhos*

- (1901b) *Psicopatologia da Vida Cotidiana*

- (1905c) *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente*

- (1905d) *Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade*

- (1905e) *Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria - o caso Dora*

- (1907a) *Delírio e Sonho na “ Gradiva” de W. Jensen*

- (1908e) *Escritores Criativos e Devaneios*

- (1909b) *Análise da Fobia de um Menino de Cinco Anos - O Pequeno Hans*

- (1909d) *A Propósito de um Caso de Neurose Obsessiva - o Homem dos Ratos*

- (1910c) *Uma Recordação Infantil de Leonardo Da Vinci*

- (1910e) *Sobre o Sentido Antitético das Palavras Primitivas*

- (1911b) *Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico*
- (1911c) *Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranóia (Dementia Praecox) Autobiograficamente Descrito - o caso Schreber*
- (1912-1913) *Totem e Tabu*
- (1914c) *Introdução ao Narcisismo*
- (1915c) *A Pulsão e suas Vicissitudes*
- (1915e) *O Inconsciente*
- (1915f) *Um caso de Paranóia que Contradiz a Teoria Psicanalítica*
- (1916-1917) *Conferência 26 - Teoria da Libido*
- (1916-1917) *Conferência 23 - Os Caminhos da Formação de Sintomas*
- (1917d) *Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos*
- (1917e) *Luto e Melancolia*
- (1918b) *História de uma Neurose Infantil - O Homem dos Lobos*
- (1919e) *Bate-se numa Criança - uma contribuição ao estudo das perversões*
- (1920g) *Além do Princípio do Prazer*
- (1921c) *Psicologia das Massas e Análise do Ego*
- (1923a) *Dois Artigos de Enciclopédia - Psicanálise e Teoria da Libido*
- (1923b) *O Ego e o Id*
- (1924b) *Neurose e Psicose*
- (1924c) *O Problema Econômico do Masoquismo*
- (1924d) *Declínio do Complexo de Édipo*
- (1924e) *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*
- (1925a) *Nota sobre o Bloco Mágico*
- (1925h) *A Negação*
- (1925j) *Algumas Conseqüências Psíquicas das Diferenças Anatômicas entre os Sexos*
- (1927e) *Sobre o Fetichismo*

- (1932a) *Sobre a Aquisição e Controle do Fogo*

- (1937c) *Análise Terminável e Interminável*

- (1939a) *Moisés e a Religião Monoteísta*

in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Amorrortu, Buenos Aires, 1985.

Edições de controle: **Studienausgabe**, Fischer, Frankfurt, 1989.

Obras Completas de Sigmund Freud, Imago, Rio de Janeiro, 1987.

* in Masson, J. M. - A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm

Fliess(1877-1904), Imago, Rio de Janeiro, 1986.

Fry, D.P. - "*Diferences between playfighting and serious fighting among Zapotec children*" in **Ethology and Sociobiology**, 4, 285-306, 1987.

Fonagy, P. - *A Importância do desenvolvimento do controle metacognitivo sobre representações mentais para o desenvolvimento do bebê*, in **Revista Brasileira de Psicanálise**, Vol. XXXIX (2): 235-252, 1995.

Foucault, M. - *Nietzsche, Freud & Marx* in Theatrum Philosophicum, Princípio, São Paulo, 1987a.

- As Palavras e as Coisas - uma arqueologia das ciências humanas, Martins Fontes, São Paulo, 1987b.

- O Nascimento da Clínica, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1987c.

- A Ordem do Discurso, Loyola, São Paulo, 1996.

Fry, D.P. - "*Differences between Playfighting and Serious Fighting among Zapotec Children*" in **Ethology and Sociobiology**, 4, 285-306, 1987.

Gabbi, Jr. O.F. - *Sobre a Conceção da Afasia e da Histeria: notas sobre a anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana*, in Filosofia da Psicanálise, org. Bento Prado Jr, Brasiliense, São Paulo, 1991.

- Sentido, Racionalidade e Referência, Unicamp, Campinas, 1995.

Gadamer, H.G. - L'Art de Comprendre - herméutique et tradition philosophique, Aubier/Montaigne, Paris, 1982.

Garcia-Roza, L.A. - Introdução a Metapsicologia Freudiana, Vol. 1, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1991.

- Geertz, C. - *Descrições Densas e Descrições Superficiais* in, A Interpretação das Culturas, Edusp, São Paulo, 1989.
- Gould, S.J. - Darwin e os Grandes Enigmas da Vida, Martins Fontes, São Paulo, 1987.
- Guattari, F. - O Inconsciente Maquínico - ensaios de esquizoanálise, Papirus, Campinas, 1988.
- Guéguen, P. G. - *Observações sobre o conceito de fixierung em sua relação com o tempo*, in **Opção Lacaniana**, Março 1994.
- Geissman, C. e P. - A Criança e sua Psicose, Casa do Psicólogo, São Paulo, 1991.
- Gellner, E. - O Movimento Psicanalítico, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985.
- Genevieve, H. - “*Entre les angoisses et depressions "pre-depressives" et le niveau oedipien genital: un moment technique*” in **Revue Française de Psychanalyse**, May-Jun Vol53(3) 965-981, 1989.
- Goldschmidt, V. - *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos*, in A Religião de Platão, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1963.
- Gondar, J. - Os Tempos de Freud, Revinter, Rio de Janeiro, 1995.
- Granon-Lafont, J. - A Topologia de Jacques Lacan, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.
- Habermas, J. - Conciencia Moral y Acción Comunicativa, Península, Barcelona, 1985.
- Conhecimento e Interesse, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1987.
- Hartup, W.W. - “*Agression in childhood: development perspectives*”, in **American Psychologist**, 29, 336-341, 1974.
- Hegel, G.W.F. - Fenomenologia do Espírito - Parte I, Vozes, Petrópolis, 1992.
- Heidegger, M. - Ser e Tempo, (2 vol) Vozes, Petrópolis, 1993.
- Hinde, R.A. & Bateson, P.P.G. - Growing Points in Ethology, Cambridge Press, Londres, 1976.
- Hirsch, S.R. & Leff, J.P. - Abnormalities in parents Schizophrenics: a review of the literature and a investigation of communication defects and deviances, Oxford Press, Londres, 1975.
- Hjemslev, L.T. - *A Estratificação da Linguagem*, in Coleção **Os Pensadores**, Abril Cultural, São Paulo, 1974.

- Husserl, E. - La Crise des Sciences Européenes et la Phénoménologie Transcendantale, Gallimard, Paris, 1976.
- Hyppolite, J. - *Fenomenologia de Hegel e Psicanálise*, in Ensaio de Psicanálise e Filosofia, Timbre-Taurus, Rio de Janeiro, 1989.
- Jakobson, R.- (1969) *Fonema e Fonologia*, in Coleção **Os Pensadores**, Abril Cultural, São Paulo, 1978.
- (1957) *Los conmutadores, las categorias verbales y el verbo russo*, in Ensayos de Lingüística General, Seix Barral, Barcelona, 1975.
- (1969) *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, in Linguística e Comunicação, Cultrix/Edusp, São Paulo, 1976.
- Jacobi, R. - Amnésia Social, Zahar, Rio de Janeiro, 1980.
- Jerusalinsky, A. - Psicanálise do Autismo, Artes Médicas, Porto Alegre, 1984.
- Julien, P. - Pour Lire Jacques Lacan - le retour à Freud, Seuil, Paris, 1990.
- Jung, C.G. - Símbolos de Transformacion, Paidós, Buenos Aires, 1962.
- Juranvile, A. - Lacan e a Filosofia, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987.
- Kavaler, A.S. - “*Emily Dickinson and the sibject of seclusion*”, in **American Journal of Psychoanalysis**, Março Vol 51 (1) 21-38, 1991.
- Katz, C.S. - Freud e as Psicoses - primeiros estudos, Xenon, Rio de Janeiro, 1994.
- Klein, M. - (1955) Psicanálise da Criança. Mestre Jou, 1981 Rio de Janeiro.
- (1952) *Sobre a Observação de bebês* in Os Progressos da Psicanálise Ed. Mestre Jou, Rio de Janeiro, 1969.
- Kanner, L. - “*Autistic disturbance of affective contact* “ , in **Nervous Children**, 2, 217-250, 1943.
- Konner, M. - *Etologia de um Povo que Vive da Caça e da Coleta*, in Blurton Jones, N. Estudos Etológicos do Comportamento da Criança, Pioneira São Paulo, 1981.
- Konner, M.J. ; Bakeman, R.; Adamson, L.B. & Barr, R.G. - “*Kung infancy*”, in **Child Development**, 61, 794-809, 1990.
- Kripke, S. - Name und Notwendigkeit, Suhrkamp, Frankfurt, 1992.

- Kuhn, T.S. - A Estrutura das Revoluções Científicas, Perspectiva, São Paulo, 1989.
- Kusch, M. - Language as Calculus vs. Language as Universal Medium - a study in Husserl, Heidegger and Gadamer, Kluwer, Londres, 1989.
- Lacan, J. - (1932) Da Psicose Paranoíca e suas Relações com a Personalidade, Editora Forense Universitária, R.J., 1987.
- Lacan, J. - O Seminário, livros:
- (1953) I. Os Escritos Técnicos de Freud, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988.
 - (1954) II. O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987.
 - (1955) III As Psicoses, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1986.
 - (1956) IV A Relação de Objeto, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1995.
 - (1958) VI O Desejo e sua Interpretação, in Hamlet por Lacan, Escuta/Liubliú, São Paulo, Campinas, s/d.
 - (1959) VII A Ética da Psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1989.
 - (1960) VIII A Transferência, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1992.
 - (1964) XI Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1989.
 - (1966) XV O Ato Analítico *
 - (1967) XIV A Lógica do Fantasma *
 - (1969) XVII O Averso da Psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1993.
 - (1972) XX. Mais Ainda ..., Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985.
 - (1974) XXII RSI *
 - (1975) XXIII. O Sinthoma *
- (*) exemplar mimeografado.
- Lacan, J. - (1945) *O Tempo Lógico e a asserção da certeza antecipada*
- (1946) *Acerca da Causalidade Psíquica*
 - (1948) *A Agressividade em Psicanálise*

- (1949) *El estádio del espejo como formador de la funcion del yo (je) tal como se nos revela en la experiência psicanalítica.*
- (1951) *Intervenção Sobre a Transferência*
- (1955) *Seminário sobre a Carta Roubada*
- (1953a) *Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise*
- (1953b) *Resposta ao Comentário de Jean Hyppolite sobre a **Verneinung** de Freud*
- (1957) *A Instância da Letra no Inconsciente ou a razão desde Freud*
- (1958a) *Questão Preliminar a Todo Tratamento Possível da Psicose*
- (1958b) *Direção da Cura e os Princípios de seu Poder*
- (1958c) *A Significação do Falo*
- (1959) *Seminário sobre a Carta Roubada*
- (1960a) *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*
- (1960b) *Posição do Inconsciente*
- (1961) *A Metáfora do Sujeito*
- (1962) *Kant com Sade*
- (1965) *A Ciência e a Verdade*
- (1966) *De nossos Antecedentes*

in **Escritos**, Siglo XXI, Barcelona, 1988.

Edições de controle: **Écrits**, Seuil, Paris, 1985.

Escritos, Perspectiva, São Paulo 1997.

Lacan, J. - (1973a) *L'Étourdit*, in **Scilicet**, 1973, 4.

Lacan, J. - (1973b) Televisão, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1994.

Lacan, J. - (1973c) “*Proposition du 9 Octobre 1967 sur le psychanalyse de l'École*”, in **Silicet 1**, aux Editions du Seuil, Paris, 1973c.

Lacan, J. - (1933) *O Crime das Irmãs Papin* in Da Psicose Paranóica e suas Relações com a Personalidade, Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1987.

Lacan, J. - (1969) *Dois Notas sobre a Criança*

- (1953d) *El Mito Individual del Neurótico*
in Intervenciones e Textos, Manantial, 1988.
- Lacan, J. - (1938) A Família, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1995.
- Ladrière, J. - A Articulação do Sentido, EPU/Edusp, São Paulo, 1977.
- Lalande, A. - Vocabulário da Filosofia, Res, Lisboa, 1988.
- Lantéri-Laura, G. - *O empirismo e a semiologia psiquiátrica*, in A Querela dos Diagnósticos, Lacan, J.,
Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1986.
- Laplanche, J. - O Inconsciente e o ID, Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- Novos Fundamentos para a Psicanálise, Martins Fontes, São Paulo, 1994.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B.- Vocabulário de Psicanálise, Martins Fontes, São Paulo, 1981
- Laurent, E. - Versões da Clínica Psicanalítica, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1995.
- Laznik-Penot, M.C. - *Seria a criança psicótica "carta roubada"*, in Psicanálise da Criança, Souza,
A.M. (org.), Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
- *Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito
pulsional - Quando a alienação faz falta*, in O Que a Clínica do Autismo pode Ensinar aos
Psicanalistas, Laznik-Penot (org.), Ágalma, Salvador, 1991. Leboyer, M - Autismo Infantil,
Papyrus, Campinas, 1995.
- Leach, E. R. - (1953) *Cronos e Crono*
- (1956) *O tempo e os narizes falsos*
in Repensando a Antropologia, Perspectiva, São Paulo, s/d.
- Leclaire, S. - *En busca de los principios de una psicoterapia de las psicosis*, in Acto Analítico, J.D.
Nasio (org.), Nueva Visión, Buenos Aires, 1974.
- Leguil, F. - (1994) A Entrada em Análise e sua Articulação com a Saída, Fórum Iniciativa Escola-
Fundação Gregório de Matos, Bahia,
- (1993) *L'impitoyable objurgation de la mesure*, in *La Cause Freudienne*, Paris, Fev.,
1994.

- Leite, M.P.S. - *Clínica Diferencial das Psicoses*, in Circulação Psicanalítica, Imago, Rio de Janeiro, 1992.
- Lefort, R. & Lefort, R. - *Sujeto del inconsciente e sujeto de la psicosis. Fantasma o no fantasma*, in Ninos en Psicanalis, Manantial, Buenos Aires, 1989.
- Nascimento do Outro, Fator, Bahia, 1983.
- Lévi-Strauss, C.- O Pensamento Selvagem Papirus, Campinas, 1989.
- *A estrutura dos mitos*, in Antropologia Estrutural, Forense, 1969.
- Lorenz, K. - Sobre la Agression: el pretendido mal, Siglo Veintiuno, México, 1986.
- Lucas, G. - *Ponto de vista sobre os estudos catamnésicos. A evolução das psicoses infantis tratadas em hospital dia*, in Autismo e Psicoses da Criança, Mazet e Lebovici (org.), Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.
- Lucas, R. - *Puerperal psychosis: vulnerability and aftermath*, in **Journal of Psychoanalytic-, Psychoterapy**, 1994 Vol (8) (3), 257-272.
- Luria, A. - *Vigotskii*, in Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem, Ícone/Edusp, 1988.
- Mahler, M. - (1955) *Sobre a psicose infantil simbiótica: aspecto genético, dinâmico e de restituição*
- (1952) *Sobre a psicose infantil e a esquizofrenia: psicose autística e simbiótica da infância*
in As Psicoses Infantis, Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
- Maingueneau, D. - Pragmatique pour le Discours Littéraire, Dunod, Paris, 1990.
- Mannoni, M. - *A Criança sua "Doença e os Outros"*, Zahar, Rio de Janeiro, 1971.
- Mauss, M. - Ensaio sobre a Dádiva Edições 70, Portugal, 1988.
- Mélega, M.P. - *A supervisão da observação da relação mãe-bebê: ensino e investigação*, in **Revista Brasileira de Psicanálise**, Vol. XXXIX (2): 263-282, 1995.
- Merleu-Ponty, M. - Resumo de Cursos - filosofia e linguagem, Papirus, Campinas, 1990.
- Miller, J.A. - *Acción de la estructura*, in Matemas I, Manantial, Buenos Aires, 1994.
- Miller, G. - *O ato falho por excelência é o ato sexual*, in Lacan, Miller, G. (org.), Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1989.

- Milner, J. C. - A Obra Clara - Lacan, a ciência, a filosofia, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1996.
- Mises, R. - *Quelques apports de la psychanalyse a la clinique psychiatrique*, in **Psychologie Medicale**, Feb. Vol 20 (2), 1987-194, 1988.
- Monzani, R. - Freud - o movimento de um pensamento, Unicamp, Campinas, 1989.
- *A Fantasia Freudiana*, in Prado Jr., B. (org.), Filosofia da Psicanálise, Brasiliense, São Paulo, 1990.
- Mora, J.F. - Dicionário de Filosofia, Dom Quixote, Lisboa, 1982.
- Nasio, J.D. - Os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988.
- Neil, S.R. - “*Agressive and non aggressive fighting in twelve-to-thirteen year old pre-adolescent boys*”, in **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 17, 213-220, 1976.
- Newton, I. - *Princípios da Física*, in Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1974.
- Ogden, C.K. & Richards I.A. - The Meaning of the Meaning, Routledge, Londres, 1966.
- Olgivie, B. - Lacan - a formação do conceito de sujeito, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988.
- Otta, E. **et alli** - “*Brincadeira turbulenta e agressão - limiares entre brincadeira turbulenta e agressão*” in **Anais da XVIII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**, 1988.
- Peters, F.E. - Termos Filosóficos Gregos - um léxico histórico, Calouste Gulbekian, Lisboa, 1983.
- Prado, J.L.A. - Comunicação e Gozo: teoria da linguagem em Habermas e Lacan, Tese de Doutorado, PUC-SP, 1994.
- Prado Jr, B.-*Lacan, Biologia e Narcisismo (Ou a Costura entre o Real e o Imaginário)* in Prado Jr, B. (org.) Filosofia da Psicanálise, Brasiliense, São Paulo, 1990.
- Pankow, G. - O Homem e sua Psicose, Papyrus, Campinas, 1989.
- Papousek, H & Papousek M. - “*Ontogeny of Social Interactions in Newborn Infants*”, in Euler, C. **et alli** (eds.) Neurobiology of Early Infant Behavior, cap. 19, p. 217-225, 1984.
- Pommier, G. - O Desenlace de uma Análise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1994.
- Una Lógica de la Psicosis, Paradiso/Point Hors Ligne, Barcelona, 1994.
- Porge, E. - Psicanálise e Tempo - o tempo lógico de Lacan, Campo Matêmico, Rio de Janeiro, 1994.

- Prigogine, I. & Stengers, I. - Entre o Tempo e a Eternidade, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- Quetel, C. & Postel J. - História de la Psiquiatria, Fundo de Cultura Econômica, México, 1987.
- Ritvo, L.B. - A Influência de Darwin sobre Freud, Imago, Rio de Janeiro, 1992.
- Rosenbaum, B. e Sonne, H. - The Language of Psychosis, University Press, Nova York, 1986.
- Ricoeur, P. - De l' Interpretation - essai sur Freud, Seuil, Paris, 1965.
- Discurso da Ação, Edições 70, Portugal, 1988.
- Teoria da Interpretação, Edições 70, Portugal, 1986.
- Ryle, G. - *Expressões Sistemáticamente Enganadoras*, in Coleção **Os Pensadores**, Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- Rorty, R. - A Filosofia e o Espelho da Natureza, Dom Quixote, Lisboa, 1987.
- Roudinesco, E. - Jacques Lacan - Esboço de uma Vida, História de um sistema de Pensamento
Companhia das Letras, São Paulo, 1994
- História da Psicanálise na França - A Batalha dos Cem Anos Jorge Zahar, Rio de Janeiro , 1986.
- Roustan, F. - Lacan - do equívoco ao impasse, Campus, Rio de Janeiro, 1988.
- Rutter, M. - *The development of infantile autism*, in **Psychologie Medicale**, 4, 147-163, 1974.
- Safouan, M. - O Inconsciente e seu Escriba, Papirus, Campinas, 1987.
- Sampson, R. - Linguagem, Significado e Realidade, Edusp, São Paulo, 1979.
- Santaella, M.L. - A Percepção, Educ, São Paulo, 1994.
- Sartre, J.P. - *Questão de Método* (1957), in. Col. **Os Pensadores**, Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- Saussure, F. - Curso de Linguística Geral, Cultrix, São Paulo, 1975.
- Schmidt, H. - Philosophisches Wörterbuch, Kröner, Stuttgart, 1965.
- Shuttleworth, J. - *A Relação entre Métodos e Modelos da Psicanálise e os da Psicologia do Desenvolvimento*, in **Revista Brasileira de Psicanálise**, Vol XXIX (2): 219-223, 1995.
- Schreber, D.P. - Memórias de um Doente dos Nervos, Brasiliense, São Paulo, 1985.
- Simanke, R.T. - A Formação da Teoria Freudiana das Psicoses Editora 34, R.J., 1994.

- Smith, P. & Lewis - “*Does play matter - functionary aspects of mind and human play*” in **The Behavioural and Brain Sciences**, 5, 139-158, 1983..
- Soller, C. - Variáveis do Final de Análise, Papirus, Campinas, 1995.
- Spence, D.P. - A Metáfora Freudiana - para uma mudança paradigmática da psicanálise, Imago, Rio de Janeiro, 1992.
- Spitz, R. - The First Year of Life, International University, Nova York, 1967.
- A Formação do Ego: uma teoria genética e de campo, Martins Fontes, São Paulo, 1979.
- Strayer, F.F. & Strayer, J. - “*An ethological analysis of social agonism and dominance relations among preschool children*”, in **Child Development**, 47, 980-989, 1976.
- Tausk, V. - *Da gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia*, in Tausk e o Aparelho de Influenciar na Psicose, Escuta, São Paulo, 1990.
- Trevarthan, C. - *Universal co-operative motives: how infants begin to know the language and culture of their parents*, in Jahoda & Lewis (Eds.) Acquiring Culture: Cross Cultural Studies in Child Development, 37-90, Cron & Helm, Londres, 1984.
- Tkach, E.C. - *Emiliano: del dolor a la satisfacion*, in Ninos en Psicanalisis, op cit.
- Tustin, F. - *Autismo e Psicose Infantil*, Imago, Rio de Janeiro, 1975.
- Estados Autísticos em crianças, Imago, Rio de Janeiro, 1984.
- Vidigal, M.J. - *Que Psicose ?*, in **Revista Portuguesa de Psicanálise**, 1987, Dec. n. 5, 75-92.
- Vygotsky, L.S. - *A Formação Social da Mente*, Martins Fontes, São Paulo, 1994.
- Vincent, M. - *Pour une psychiatrie du developpement*, **Journal of Social Psychiatry**, 1989, Mar Vol 17 (1) 59-66.
- Wittgenstein, L. - *Investigações Filosóficas*, in Col. **Os Pensadores**, Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- Tractatus Logico-Philosophicus, Alianza, Madri, 1980.
- Winnicott, D.W - (1971) O Brincar e a Realidade. Imago, Rio de Janeiro, 1975.
- (1941) *A Observação de Bebês em uma situação estabelecida*, in Da Pediatria a Psicanálise. Francisco Alves São Paulo, 1988.
- Zizek, S. - O Mais Sublime dos Históricos - Hegel com Lacan, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988.

- Eles Não Sabem o que Fazem - o sublime objeto da ideologia, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1992.